



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL

MEMÓRIAS DA OCUPAÇÃO INDÍGENA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO:  
UM ESTUDO DE CASO DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA  
SAMBAQUI DA TARIOBA

RENATA DE ALMEIDA OLIVEIRA

RIO DE JANEIRO  
SETEMBRO/2011

MEMÓRIAS DA OCUPAÇÃO INDÍGENA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO:  
UM ESTUDO DE CASO DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA  
SAMBAQUI DA TARIOBA

RENATA DE ALMEIDA OLIVEIRA

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Memória em Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito final para a obtenção do grau de mestre em Memória Social.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Regina Abreu

RIO DE JANEIRO  
SETEMBRO/2011

MEMÓRIAS DA OCUPAÇÃO INDÍGENA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO:  
UM ESTUDO DE CASO DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA  
SAMBAQUI DA TARIOBA

RENATA DE ALMEIDA OLIVEIRA

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA  
Defesa de Dissertação de Mestrado

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Regina Abreu – Orientadora  
(Programa de Pós-Graduação em Memória Social  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)

---

Prof. Dr. José Ribamar Bessa Freire  
(Programa de Pós-Graduação em Memória Social  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marcia Bezerra de Almeida  
(Programa de Pós-Graduação em Antropologia – Universidade Federal do Pará)

*Dedico à minha mãe Sirlene e ao meu pai Cecílio,  
pela luz, inspiração e sonhos realizados.*

## AGRADECIMENTOS

Depois de uma jornada de pouco mais de dois anos cursando o mestrado em Memória Social na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro somados a outros quatro no curso de História nesta mesma universidade – cursados consecutivamente –, com certeza tenho muito a agradecer. Foram anos de conquistas e conhecimento.

Antes de mais nada, pode parecer clichê, mas é o mais importante, devo agradecer à Deus. Uma luz que ninguém vê, mas sente e que move e orienta cada passo nosso. Ele escreve nosso destino e, sim, devo agradecer por todas as conquistas em minha vida estudantil, profissional, pessoal, pelos meus amigos e, primordialmente, pela minha família, base de minha vida, que apóia, torce e orienta meus passos.

Por falar em família, preciso tanto agradecer à minha mãe, Sirlene. Ela foi a grande incentivadora para que eu cursasse o mestrado. Sempre com todo amor me ajudando no decorrer desse caminho. Essa realização é um sonho nosso!

Agradeço ao meu pai, Cecílio. Foram tantas horas de espera pela minha falta de hora para voltar para casa. Um orgulho discreto no olhar e um apoio incondicional para que eu pudesse ir e voltar da faculdade, tão distante de casa, em segurança.

Ao meu irmão Rodrigo, grande incentivador para que eu realize meus sonhos, apoiando em novos caminhos que surgiram em minha trajetória.

Aos meus primos, Thaís (obrigada pelas revisões e traduções de sempre), Thiago, Felipe, Fernandinho, Paula, Marcos e o caçula, Matheus. Às minhas tias e tios Sirleida, Solange, Sandra, Celso, Fernando, Paulo. Uma base familiar, exemplos de vida.

À minha avó Marisa, sempre orgulhosa!

Aos meus bichinhos, que me dão tanta alegria e me acompanharam nas madrugadas de escritas. São meus cachorros Théo, Dora, Duque e Luque e os gatos

Gabi, Perdido, Jane, Tina, Biel, Joanna e Cris. Todos os gatos e dois cachorros foram adotados, pois estavam na rua.

A UNIRIO me trouxe pessoas muito especiais. Minha amiga de todas as horas Juliana, no curso de História e grande apoiadora no Mestrado e o Fabio, que além de cursar História comigo também cursa o mestrado em Memória Social em outra turma. Mesmo assim, continuamos unidos, grandes amigos. Muito obrigada por ficar até 22h imprimindo minha qualificação, pelas tantas revisões, desabafos e, simplesmente por ser meu amigo.

Agradeço aos meus professores do curso de História, parte muito importante de minha trajetória. Sempre me apoiaram, se preocuparam e estavam dispostos a ajudar.

Não poderia então, deixar de agradecer à minha orientadora Regina Abreu, Desde a graduação, orientando, incentivando e acompanhando meus passos. Muito obrigada por todos esses anos de dedicação e por termos trilhado esse caminho juntas.

Agradeço aos professores do PPGMS que fizeram parte dessa trajetória: Diana Pinto, Francisco Farias, Vera Dodebei, Evelyn Orrico, Leila Beatriz Ribeiro, Mario Chagas, Amir Geiger, Edlaine de Campos Gomes, Andréa Lopes e a todos que integram e, juntos, constroem os cursos do PPGMS, tornando-os melhores e atuais.

Agradeço ao professor José Ribamar Bessa Freire, pelo apoio desde a graduação, sempre auxiliando e indicando referências para enriquecer o trabalho. Muito obrigada pelo incentivo de sempre e por ter aceito fazer parte desse momento tão importante que é a defesa de minha dissertação.

À professora Marcia Bezerra, que veio de longe, muito obrigada por ter aceito fazer parte da minha banca de defesa de dissertação de mestrado.

Não poderia deixar de agradecer à professora Marília Xavier Cury, que tanto contribuiu para este trabalho com muito carinho. Suas indicações e apoio foram muito importantes.

Tratando-se de contribuição, agradeço imensamente à toda a equipe do Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba, sempre me recebendo e recebendo a equipe do projeto “Memória, Cultura, Transformação Social e Desenvolvimento: Panorama Museal do Estado do Rio de Janeiro” com maior carinho. Muito obrigada a Jorge Pinheiro, grande narrador deste trabalho. Agradeço aos alunos do curso de Produção Cultural da Universidade federal Fluminense localizada em Rio das Ostras, à Regina Muniz, moradora da cidade e à Mara Fróes pelas entrevistas e atenção.

Agradeço às professoras Júlia Belesse e Tereza Serrano, que sempre me apoiaram e incentivaram, participando dos passos de minha formação desde a graduação.

Agradeço às amigas que ganhei no PPGMS, Tainá e Ana Paula. Conhecer vocês foi um grande presente.

Falando dos amigos que fiz, não poderia deixar de agradecer a Adriana Russi, que me hospedou com maior carinho em sua casa para que eu pudesse realizar a pesquisa de campo, além de todas as dicas e incentivo.

Aos amigos que fiz durante o curso, os que foram da minha turma e os que não foram, muito obrigada pelas risadas, pelas companhias nas viagens e por tornarem essa trajetória mais prazerosa.

Agradeço aos bolsistas, sempre presentes, auxiliando o trabalho, as transcrições e, com certeza, a amizade que ficou será para sempre. Muito obrigada Heloísa Magalhães, Thiago Lopes, Simone Bessa, Mariana Serrão e Renato Vallone.

Agradeço aos amigos de sempre, de infância, de colégio. Aqueles amigos que você conhece e que ficam na vida para sempre. Thiago, Michelle e Rosi, obrigada pela torcida de sempre.

Não poderia deixar de agradecer a novos amigos e grandes companheiros de trabalho: Marcinho, Jean, Renato, Dhiego, Piriquito, Flavinho, Léo e Perez, meus amigos da Banda Casaca. Por que agradecer à uma banda? Porque além de ser a trilha

sonora da minha vida nos últimos dez anos, há um ano trabalho na produção deles com muita alegria. Além disso, cederam algumas de suas músicas para os filmes produzidos no projeto “Memória, Cultura, Transformação Social e Desenvolvimento: Panorama Museal do Estado do Rio de Janeiro” desenvolvido pelo PPGMS em parceria com o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Esse projeto foi a grande inspiração para a realização desse trabalho.

Agradeço aos meus novos colegas de trabalho pelo apoio no final dessa jornada: Isabel, Jorge, Paulo, Luciana, Uhelinton, Rafael, Ana Paula e, principalmente, o Secretário de Cultura e Turismo de Duque de Caxias, Gutemberg Cardoso.

Muitas pessoas passaram pelo meu caminho durante esses anos. Muitas ficaram, outras, deixaram sua marca, sua contribuição, seu ensinamento e, com certeza eu jamais conseguiria agradecer à todas elas em algumas linhas e folhas de papel. Agradeço então a todos que consegui descrever, mesmo que brevemente, e os que não estão aqui. Todos estão guardados em minha memória. Agradeço àqueles que de alguma forma fizeram ou fazem parte da minha história



*É importante saber que não é  
só a escrita em papel que é válida.  
Sabe por quê?  
Porque nosso povo já viveu muitos  
anos sem participar da escrita e  
diretamente comunicaram  
uns com os outros através da voz,  
dos gestos ou dos desenhos.  
(Nelson Xacriabá)*

## RESUMO

Este trabalho pretende refletir acerca de memórias da ocupação indígena no Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba em Rio das Ostras. Esta reflexão insere-se numa temática mais ampla que visa detectar re-significações e novas leituras sobre a presença indígena no Estado do Rio de Janeiro, particularmente em museus fluminenses. Parto da suposição de que estaria havendo uma valorização de vestígios, traços e fragmentos da ocupação indígena em território fluminense, o que parece não ter ocorrido no passado. Estes indícios levariam a supor que memórias antes subterrâneas estariam agora emergindo a partir da ação de agentes da memória em contextos locais ou regionais. Estes agentes são museólogos, historiadores, arqueólogos, cronistas, professores, produtores culturais e ativistas que estariam compartilhando da visão de que contar histórias e discorrer sobre memórias do Rio de Janeiro. Valorizar a ocupação indígena neste território é algo que vale a pena e deve ser pesquisado.

**Palavras-chave:** Memória e Patrimônio; Museu de Arqueologia; povos indígenas e sambaquieiros

## **ABSTRACT**

The purpose of this research is to analyse the memories of native takeover held in the Sambaqui da Tariobi Archeology Museum, in Rio das Ostras. This analysis is a part of a broader theme, which aims at detecting new meanings and new readings about the native presence in Rio de Janeiro state, particularly in local museums. It starts with the assumption that there would be a better recognition of remains, traces and pieces of native presence in the area, which didn't use to occur in the past. These vestiges would lead one to assume that underground memories are now emerging due to the agents of memory in local or regional contexts. These agents are museologists, historicists, archeologists, chronicists, professors, culture producers and activists, who share the "tell your story" and "talk about your memories" point of view. Valuing native takeover in this territory is something that is worth the attempt.

**Keywords:** memory and estate; archeology museum; native people and sambaquieiros

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	15
2. A VALORIZAÇÃO DA OCUPAÇÃO INDÍGENA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: UM SINTOMA CONTEMPORÂNEO? .....	31
2.1. Apresentando a questão .....	31
2.2. Museus com temática indígena no estado do Rio de Janeiro: breve Mapeamento .....	32
3. O MUNICÍPIO DE RIO DAS OSTRAS E SEUS EQUIPAMENTOS CULTURAIS .....	51
3.1. Dados sobre Rio das Ostras hoje .....	51
3.2. Ocupação Indígena e Sambaqueira em Rio das Ostras: Conhecendo alguns povos que circulavam na região .....	55
3.3. Equipamentos Culturais de Rio das Ostras - A Fundação Rio Das Ostras de Cultura: Múltiplas ações e vertentes culturais e sociais .....	61
3.4. Casa de Cultura e Memória da Cidade .....	71
3.5. Breve etnografia da Casa de Cultura .....	73
4. MUSEU DE ARQUEOLOGIA SAMBAQUI DA TARIوبا: A MUSEALIZAÇÃO DE UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO .....	93
4.1. Musealização de sítios arqueológicos .....	93
4.2. A “descoberta” do Sambaqui da Tarioba .....	96
4.3. Etnografia da visita ao Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba .....	101
4.4. O Narrador .....	133
4.5. Outras visitas e o ritual de visita de professores .....	143
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	151
6. REFERÊNCIAS .....	154

ANEXOS .....	161
ANEXO A – Transcrição das filmagens - pesquisa de campo no Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba em 03 de abril de 2009. – Jorge Pinheiro .....	161
ANEXO B – Transcrição das filmagens - pesquisa de campo no Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba em 04 de setembro de 2010 – Jorge Pinheiro .....	183
ANEXO C – Transcrição das filmagens - pesquisa de campo no Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba em 05 de setembro de 2010 – Jorge Pinheiro .....	189
ANEXO D – Transcrição das filmagens - pesquisa de campo no Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba em 06 de setembro de 2010 – Entrevista com Juliana Ramos .	192
ANEXO E – Transcrição das filmagens - pesquisa de campo no Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba em 06 de setembro de 2010 – Ana Luiza .....	210
ANEXO F – Transcrição das filmagens - pesquisa de campo no Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba em 04 de setembro de 2010 – Regina Muniz .....	218
ANEXO G – Transcrição das filmagens - pesquisa de campo no Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba em 04 de setembro de 2010 – Regina Muniz .....	225
ANEXO H – Quadro de visitantes da Casa de Cultura em 2004 .....	239
ANEXO I – Quadro de visitantes da Casa de Cultura em 2005 .....	239
ANEXO J – Quadro de visitantes da Casa de Cultura em 2006 .....	240
ANEXO L – Quadro de visitantes da Casa de Cultura em 2007 .....	241

ANEXO M – Quadro de visitantes da Casa de Cultura em 2008 .....	242
ANEXO N – Quadro de visitantes da Casa de Cultura em 2009 .....	243
ANEXO O – Quadro de visitantes da Casa de Cultura em 2010 .....	244
ANEXO P – Quadro de visitantes do Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba .	244
ANEXO Q – Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos .....	245

## **1. INTRODUÇÃO**

Este trabalho pretende refletir acerca de memórias da ocupação indígena no Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba em Rio das Ostras. Esta reflexão insere-se numa temática mais ampla que visa detectar re-significações e novas leituras sobre a presença indígena no Estado do Rio de Janeiro, particularmente em museus fluminenses. Parto da suposição de que ocorre atualmente um fenômeno de valorização de vestígios, traços e fragmentos da ocupação indígena em território fluminense, o que parece não ter ocorrido no passado. Estes indícios levariam a supor que memórias antes subterrâneas estariam agora emergindo a partir da ação de agentes da memória em contextos locais ou regionais. Estes agentes são museólogos, historiadores, arqueólogos, cronistas, professores, produtores culturais e ativistas que compartilham da visão de que contar histórias e discorrer sobre memórias do Rio de Janeiro, valorizando a ocupação indígena neste território, é algo que vale a pena e deve ser pesquisada. Esta visão se contraporia a outra que, privilegiando o ideário de Estado Moderno progressista e civilizado, ocultava ou dava pouca importância à história da ocupação indígena no território por considerá-la associada a culturas arcaicas e que pouco contribuíam ao desenvolvimento do Estado do Rio de Janeiro.

O fenômeno aqui descrito vem sendo trabalhado de uma forma mais ampla no Grupo de Pesquisa “Memória, Cultura e Patrimônio” da linha de pesquisa Memória e Patrimônio do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e, particularmente em pesquisa coordenada pela professora Regina Abreu, minha orientadora, intitulada “Memória, Cultura, Transformação Social e Desenvolvimento: Panorama Museal do Estado do Rio de Janeiro”. Nesta pesquisa, da qual participo como integrante da equipe, tivemos oportunidade de visitar alguns museus do Estado do Rio de Janeiro. Aos poucos, fomos observando que muitos museus colocam em destaque o tema da ocupação indígena no estado do Rio de Janeiro ou chamam a atenção para a “herança” e o “legado” indígenas em diferentes regiões do Estado.

Antes de descrever quais são estes museus e de que maneira focalizam esta “herança” ou “legado” indígena, é importante chamar a atenção para o contexto dos museus no Estado do Rio de Janeiro.

O estado do Rio de Janeiro está localizado na região litorânea da região Sudeste do Brasil. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>1</sup>, o estado possui uma área de 43.696,054 km<sup>2</sup> e está dividido em 92 municípios com população estimada em 2009 de 16.010.429 habitantes. Neste trabalho, adotamos uma divisão por “Regiões de Governo”<sup>2</sup> que são: Médio Paraíba, Costa Verde, Centro-Sul Fluminense, Serrana, Noroeste Fluminense, Norte Fluminense, Baixadas Litorâneas e Metropolitana.



09

<sup>1</sup> Para maiores informações sobre características econômicas, políticas e sociais acessar o site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística no link: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=rj> – Acesso em: 11/06/2010.

<sup>2</sup> SIMÕES, Ricardo Simões. Atlas Geográfico do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora Entorno, 2010. (CD-Rom)



O “Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba” está localizado no município de Rio das Ostras, na região das Baixadas Litorâneas, também conhecida como Costa do Sol, que possui 5.427,9 km<sup>2</sup> de área e uma população de aproximadamente 266.501 habitantes. É composta por 13 Municípios, são eles: Araruama, Armação de Búzios, Arraial do Cabo, Cabo Frio, Cachoeiras de Macacu, Casimiro de Abreu, Iguaba Grande, Maricá, Rio Bonito, Rio das Ostras, São Pedro da Aldeia, Saquarema e Silva Jardim.

De acordo com pesquisa realizada, tomando como base o Cadastro Nacional de Museus<sup>3</sup> em junho de 2010, constatamos que no estado do Rio de Janeiro estão situados 249 museus dos quais 138 estão localizados na capital do estado, ou seja, mais de 50% das instituições museais. Na Costa do Sol, existem 11 museus distribuídos em 6 municípios. São eles: Centro de Memória Municipal e Museu Arqueológico de Araruama (Araruama), Museu Oceanográfico do Instituto do Mar Almirante Paulo Moreira (Arraial do Cabo), Museu do Surf e Museu de Arte Religiosa e Tradicional (Cabo Frio), Casa de Casimiro de Abreu e Casa de Cultura Estação Casimiro de Abreu (Casimiro de Abreu), Museu Histórico de Maricá (Maricá), Museu Ferroviário Rocha Leão, Museu Sítio Arqueológico Sambaqui da Tarioba e Casa de Cultura Dr. Bento Costa Jr.<sup>4</sup> (Rio das Ostras).

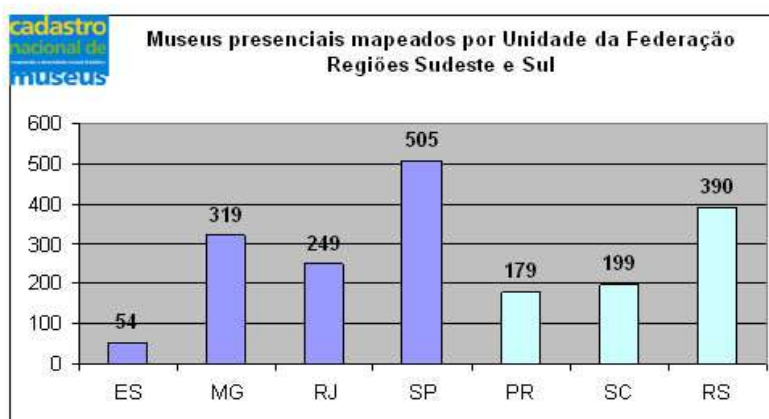


Figura 1<sup>5</sup> – Museus presenciais mapeados por Unidade da Federação – Regiões Sul e Sudeste

<sup>3</sup> Maiores informações no site do Cadastro Nacional de Museus:

[http://museus.ibram.gov.br/sbm/cnm\\_apresentacao.htm](http://museus.ibram.gov.br/sbm/cnm_apresentacao.htm) - Acesso em 11/06/2010

<sup>4</sup> As três instituições cadastradas pelo Cadastro Nacional de Museus são administradas pela Fundação Rio das Ostras de Cultura, como veremos mais adiante.

<sup>5</sup> Dados retirados da base de dados do Cadastro Nacional de Museus:

[http://museus.ibram.gov.br/sbm/cnm\\_estatistica.htm](http://museus.ibram.gov.br/sbm/cnm_estatistica.htm) - Acesso em 11/06/2010

De acordo com informações do Instituto Brasileiro de Museus, o Ministério da Cultura, durante a gestão de 2003-2006, propôs uma nova política nacional voltada para o setor museológico brasileiro, apresentando sete eixos programáticos que norteiam as ações a serem seguidas: Gestão e configuração do campo museológico; Democratização e acesso aos bens culturais; Formação e capacitação de recursos humanos; Informatização de museus; Modernização de infra-estruturas museológicas; Financiamento e fomento para museus e Aquisição e gerenciamento de acervos museológicos.

“O objetivo da política, disposto no documento, é ‘promover a valorização, a preservação e a fruição do patrimônio cultural brasileiro, considerado como um dos dispositivos de inclusão social e cidadania, por meio do desenvolvimento e da revitalização das instituições museológicas existentes e pelo fomento à criação de novos processos de produção e institucionalização de memórias constitutivas da diversidade social, étnica e cultural do país’.” (IBRAM, web)<sup>6</sup>

Sendo assim, percebemos que o crescente número de museus no estado do Rio de Janeiro está inserido neste novo contexto de valorização dessas instituições implementado pelo Ministério da Cultura, particularmente o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), em todo o país.

Com essa política de incentivo à criação de mais museus, percebe-se no Estado do Rio de Janeiro a valorização de histórias e memórias regionais através destas instituições. Esta característica reafirma dois importantes contextos em que a história do Estado está inserida: o primeiro diz respeito à história regional, uma vez que em um país de tradição federalista como o Brasil construiu-se fortes tradições de identidades regionais na maior parte dos casos marcadas pelas delimitações estaduais. O estado do Rio de Janeiro neste sentido tem uma longa tradição de cronistas e historiadores regionais ocupados com a escrita de suas histórias e memórias e os museus fazem parte deste processo. O segundo contexto relacionado ao tema da história do Rio de Janeiro tem relação com o fato de que o Rio de Janeiro mantém uma dupla inserção na história do país, de um lado como estado e de outro lado como região onde se localiza a cidade, também com o nome de Rio de Janeiro, que foi durante muito tempo capital do país. Estes dois contextos fomentaram memórias e histórias regionais, locais e nacionais com

---

<sup>6</sup> IBRAM, Instituto Brasileiro de Museus. Disponível em: [http://museus.ibram.gov.br/sbm/politica\\_apresentacao.htm](http://museus.ibram.gov.br/sbm/politica_apresentacao.htm) Acesso em: 11/06/2010.

diferentes ênfases. Entretanto, um dos pontos convergentes tem sido o da representação do estado do Rio de Janeiro como lócus por excelência de construção do processo civilizador do Estado-Nação no Brasil. De sede do Governo colonial, passando por sede do Vice-Reino de Portugal e Algarves, de capital do Império (1822) e de um longo período republicano (de 1889 a 1960), o Rio de Janeiro (e isto vale tanto para o estado e quanto para a cidade) tem sido representado como sede do cosmopolitismo, das ideias novas, do crescimento econômico, da construção das bases de um Estado de direito democrático e de uma nação civilizada.

Assim, no Rio de Janeiro, as memórias acionadas e legitimadas em primeiro plano têm sido as memórias dos grandes governantes e dos processos hegemônicos que foram pouco a pouco transformando o território em lugar de progresso e desenvolvimento. É sob este prisma que podemos falar em “memórias subterrâneas”. Este conceito formulado pelo historiador Michael Pollak refere-se a memórias que teriam ficado soterradas em narrativas e discursos de histórias hegemônicas ou oficiais. Pollak refere-se a grupos marginalizados no processo político e que manteriam por meio de narrativas orais, vínculos identitários e de inserção em memórias específicas. No caso dos povos sambaquieiros, houve o desaparecimento físico de toda a população. A memória subterrânea pode apenas ser encontrada em vestígios da cultura material e de fragmentos de ossadas humanas. Esta especificidade leva a que esta memória subterrânea possa ser acessada apenas por meio de mediadores, especialmente pesquisadores das áreas de arqueologia, museologia, história e afins<sup>7</sup>.

Os museus com suas exposições e conjuntos de acervos são importantes agentes narrativos. No caso do estado do Rio de Janeiro, os museus enquanto agentes narrativos acompanharam esta representação de um estado progressista e civilizador que visava irradiar para os outros estados os ares iluminados adquiridos ao longo de vários séculos à frente do poder. Os primeiros museus foram criados pelos governantes como, por exemplo, o Museu Nacional criado pelo próprio D. João VI com a “Casa dos Pássaros” e estimulado como uma grande casa de saber enciclopédico pelos demais governantes, incluindo dotes imperiais como a Coleção da Princesa Leopoldina, nossa imperatriz austríaca. Mais tarde, já durante a República, surgiram os grandes museus históricos, de

---

7 Ver POLLAK (1992, p.03)

ciência e de arte, em sua maioria voltados para a enunciação do projeto civilizatório brasileiro. Foi apenas no contexto dos anos oitenta que começaram a proliferar pequenos museus no estado relacionados a temáticas específicas e locais. Em alguns casos, surgiram inicialmente centros culturais que mais tarde converteram-se em museus. A pesquisa sobre o Panorama Museal do Estado do Rio de Janeiro está justamente refletindo sobre este processo de criação de museus e seus diferentes significados no contexto do estado do Rio de Janeiro.

A questão da memória sobre a ocupação indígena no estado do Rio de Janeiro, ou mesmo a memória sobre os índios em museus sediados no Rio de Janeiro, foi desde sempre tímida e localizada. Os grandes museus históricos, por exemplo, em suas exposições permanentes ao longo dos anos vêm tratando o tema da ocupação indígena no Rio de Janeiro como parte de um processo sem muita importância para explicar a trajetória desta região no contexto da história do país. O caso mais expressivo é o Museu Histórico Nacional, criado em 1922 e considerado um dos mais importantes museus do estado e do país, que mantém um pequeno acervo de objetos indígenas sem muita expressão.

Mesmo com relação à inserção da temática indígena nos museus do estado do Rio de Janeiro, esta tem sido pontual e localizada. Os grandes destaques são: o Museu do Índio, criado na década de 1950 como desdobramento do Serviço de Proteção ao Índio e ligado a uma campanha de combate ao preconceito contra os índios liderada pelo antropólogo Darcy Ribeiro<sup>8</sup>; o Museu Nacional com acervos e exposições antropológicas e arqueológicas sobre os índios no Brasil. Tanto num caso como no outro há muitas lacunas sobre a presença dos índios em território fluminense. Só muito recentemente, nestas e em outras instituições, os pesquisadores começaram a estudar sobre a ocupação indígena no estado do Rio de Janeiro. O professor José Ribamar Bessa Freire realizou neste sentido trabalho pioneiro pesquisando a ocupação indígena no Estado do Rio de Janeiro em seu projeto intitulado “Guia de Fontes para a História Indígena e do Indigenismo em Arquivos Brasileiros - Os acervos da cidade do Rio de Janeiro” e tinha como objetivo mapear a documentação relativa à história indígena e do indigenismo existente em arquivos das capitais brasileiras, criando um instrumento de pesquisa - um guia de fontes, que foi publicado posteriormente pela USP. O trabalho

---

<sup>8</sup> Ver ABREU (2007), ABREU (2005) e COUTO (2007).

realizado em 25 arquivos do Rio de Janeiro foi publicado pela UERJ: "Os Índios em Arquivos do Rio de Janeiro"<sup>9</sup>. Outro importante projeto coordenado por Freire nesse sentido tinha como título "Fontes manuscritas para a História Indígena em arquivos paroquiais, cartoriais e municipais. Os acervos do Estado do Rio de Janeiro"<sup>10</sup> cujo objetivo era mapear a documentação manuscrita existente em arquivos paroquiais, cartoriais e municipais do Norte Fluminense e do Médio Paraíba, onde até a segunda metade do século XIX funcionavam ainda 15 aldeias indígenas. Este projeto foi desenvolvido entre os anos de 1996 e 1997 e teve como resultado a elaboração de um livro paradigmático "Os Aldeamentos Indígenas do Rio de Janeiro"<sup>11</sup>.

Destaca-se ainda algumas pesquisas de caráter arqueológico, entre elas, desenvolvidas por Ondemar Ferreira Dias Júnior no âmbito do Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB) dentro os quais está inserido o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), realizado entre 1965 e 1970. O objetivo principal deste programa estava em estabelecer linhas de povoamento em regiões litorâneas brasileiras, usando como referencial as bacias hidrográficas localizadas nos locais onde possivelmente haveria sítios arqueológicos (CHAMUM, 2004, p. 33). Um dos resultados importantes desse programa foi o estabelecimento da denominada Tradição Itaipu. Dias Junior propôs a existência de grupos distintos de caçadores-coletores associados aos sítios da região dos lagos, no Rio de Janeiro. A Tradição Itaipu subdividida em Fases "A" e "B" congrega sambaquis, sítios sobre dunas e sítios acampamentos (Dias Junior, 1992).

Ainda tratando-se de pesquisas de caráter arqueológico, pode-se destacar pesquisa desenvolvida pela arqueóloga Maria Dulce Gaspar, curadora do acervo arqueológico que se encontra localizado na Casa de Pedra, no Museu Nacional/UFRJ e é formado por quatro coleções arqueológicas que guardam importantes informações sobre a ocupação nativa pré-colonial no território brasileiro. Desenvolve também projeto de pesquisa intitulado "Do litoral ao interior: padrão de assentamento,

---

<sup>9</sup> FREIRE, José R. Bessa. **Os Índios em Arquivos do Rio de Janeiro** (2 vols.). Rio de Janeiro: Pró-Índio/NAPE/UERJ, 1996.

<sup>10</sup> O desenvolvimento do projeto contou com recursos do MEC/FNDE e da UERJ (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro).

<sup>11</sup> FREIRE, José Ribamar Bessa e MALHEIROS, Maria Fernanda. *Aldeamentos Indígenas do Rio de Janeiro*. Programa de Estudos de Povos Indígenas. Departamento de extensão/SR-3. UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1997.

colonização das populações nativas dos estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo”, financiado pelo CNPq de 2006 a 2008 e tinha como objetivo continuar os estudos sobre a sociedade sambaquiana, visando caracterizar não só os processos de interação sociocultural, mas também, ampliar o modelo para áreas ainda não estudadas como o caso do Complexo Lagunar de Saquarema e de Araruama. A autora tem produção acadêmica voltada, especialmente, para a compreensão dos sambaquis da costa sudeste e sul do Brasil. Suas pesquisas envolvem reflexões sobre a construção desses sítios, espaço, identidade social e a sua função cerimonial (Gaspar, 2000).

Lima (1999-2000) propôs a emergência de organização social complexa, considerando os sambaquis de Santa Catarina como núcleo dessa mudança. Para autora, há um fenômeno distinto que se inicia no centro-sul do país.

Tanto Lima (op.cit.) quanto Tenório (2003) desenvolveram estudos sobre grupos de caçadores-coletores assentados em ilhas do Rio de Janeiro. Além desses pesquisadores, Kneip (1977) mapeou e pesquisou diversos sítios arqueológicos na região de Cabo Frio e arredores.

Em contrapartida, a pesquisa empreendida por nós no projeto “Panorama Museal do Estado do Rio de Janeiro a partir de 2008 nos permitiu observar um incremento do número de museus que focalizam a temática da ocupação indígena no território fluminense: o movimento de defesa de sambaqui recém descoberto no museu Vivo do São Bento em Duque de Caxias; o Museu do Índio; o museu de Arqueologia de Itaipu; o museu arqueológico de Araruama e o Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba em Rio das Ostras.

Na presente dissertação analisaremos o caso específico do “Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba”, em Rio das Ostras. A partir deste caso procuraremos indagar algumas das razões que vem impulsionando este fenômeno de “redescoberta dos índios do Rio de Janeiro”, associando-o a uma possível busca de novos significados que proporcionam uma re-leitura do passado e novos elementos nas disputas pela memória. O “Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba” é um dos museus fluminenses que evidenciam a valorização do tema da ocupação indígena no Rio de Janeiro no contexto da memória local.

Cabe ainda assinalar que este trabalho insere-se no contexto de uma trajetória mais ampla de pesquisa que se iniciou com um projeto de Iniciação Científica quando eu cursava a graduação em História na UNIRIO. Neste projeto, também orientado pela prof.<sup>a</sup> Regina Abreu, comecei a me interessar pelo tema da ocupação indígena no Rio de Janeiro. Junto com outros bolsistas realizamos uma pesquisa analisando narrativas de viajantes e outras fontes historiográficas procurando compreender como se deu a ocupação indígena na região do Rio de Janeiro, bem como as diversas etnias que aqui viveram e foram dizimadas. O projeto compreendeu também em pesquisa de campo na Costa Verde junto aos índios guarani mbyá procurando refletir sobre o retorno deste grupo a esta região configurando uma volta da presença dos índios no Rio de Janeiro no contemporâneo<sup>12</sup>. Segundo Freire (2001) os índios desapareceram do Estado do Rio de Janeiro gradativamente de diversas formas como, por exemplo, as guerras entre as tribos rivais, medidas tomadas no processo de colonização iniciado no Rio de Janeiro a partir de 1530, quando a Coroa Portuguesa tomou as primeiras medidas de povoamento, sendo muitas vezes destribalizados e reunidos em missões religiosas e aldeamentos. Ainda segundo Freire, não se tem informações precisas sobre esse processo de “desaparecimento”, tendo em vista que, após a Proclamação da República os registros de batismo, nascimento e óbito passaram a omitir a condição indígena, ou seja, durante a primeira metade do século XX, os índios deixam de figurar no mapa e de fazer parte da documentação oficial da cidade. Entretanto, a partir dos anos 1940 foram registradas algumas presenças de grupos guarani mbyá no Rio de Janeiro. Estes índios já não habitavam mais a região, mas em função de sua cultura de sucessivos deslocamentos e migrações, alguns grupos retornaram ao Rio de Janeiro alegando que por ali haviam passado seus ancestrais. Passaram a viver nos locais que eram anteriormente ocupados por índios Goianá, no alto da Serra da Bocaina. Já em 1972, com a abertura da estrada Rio-Santos, grupos indígenas guarani mbyá foram identificados vivendo em três aldeias nas cidades de Paraty e Angra dos Reis. Recentemente, uma família Guarani mbyá do grupo oriundo de Paraty Mirim deslocou-se para Camboinhas na região oceânica de Niterói e, essa nova ocupação territorial teria como objetivo principal o desejo do grupo de preservar três Sambaquis situados na região.

---

<sup>12</sup> Para maiores informações sobre este tema ver: FREIRE e MALHEIROS (1997), FREIRE (2001), LADEIRA (1992), LADEIRA (2008), OLIEVIRA (2009, *mimeo*)

No Rio de Janeiro, na atualidade, os índios Guarani mbyá estão divididos, basicamente, em seis aldeias localizadas em Paraty-Mirim, Angra dos Reis e Camboinhas (Região Oceânica de Niterói), “que acabaram formando, como resultado do intenso intercâmbio com as demais aldeias do litoral, um grande complexo territorial, com uma relativa unidade cultural, onde os índios desenvolvem relações de reciprocidade”. (FREIRE, 2001, p. 03)

Não há, entretanto nenhum outro grupo indígena dos que outrora habitaram o Estado do Rio de Janeiro. Como ilustração da enorme presença indígena no Estado, anexo abaixo o Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendaju<sup>13</sup> onde se percebe que era uma região ocupada por diversos grupos.



<sup>13</sup> IBGE. Mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju. Fundação Instituto Nacional de Filosofia e Estatística em colaboração com a Fundação Nacional Pró-Memória. Rio de Janeiro: IBGE, 1987. 94p.:mapa.



Abaixo, tabela<sup>14</sup> listando alguns grupos que viveram no Estado do Rio de Janeiro entre os séculos XVI e XIX.<sup>15</sup>

<b>GRUPO</b>	<b>LOCALIZAÇÃO</b>	<b>TRONCO LINGUÍSTICO</b>	<b>FAMÍLIA</b>	<b>OUTRAS INFORMAÇÕES</b>
<b>Ararape ou Arary</b>	Vale do Paraíba	Tupi	Tupi ou Tupi-guarani	
<b>Bacunin</b>	Rio Preto e próximo á atual cidade de Valença	Macro-Jê	Puri	
<b>Bocayú</b>	Rios Preto e Pomba	Macro-Jê	Puri	
<b>Botucudo, Aimoré ou Batachoa</b>	Vales do rio Itapaboana, e na região do rio Macacu.	Macro-Jê	Botucudo (composta por 38 dialetos)	O nome Botocudos foi dado pelos portugueses por causa da forma dos pedaços de madeira que usavam nas orelhas e no lábio inferior semelhantes a um tampo de tonel (batoque)
<b>Caxiné</b>	Rios Preto e Paraíba	Macro-Jê	Puri	
<b>Coroados</b>	Ramificações da Serra do Mar e nos vales dos rios Paraíba, Pomba e Preto	Macro-Jê	Puri	O nome Coroados foi primitivamente dado pelos portugueses, por causa do penteado de seus chefes, que cortavam os cabelos de maneira a formar uma espécie de coroa enrolada no alto da cabeça. Mas,

<sup>14</sup> Para maiores informações ver STADEN (1975), THEVET (1978), LÉRY (1980), RIBEIRO (1986), RIBEIRO (1987), FREIRE (1997), FAUSTO (2000), MELATTI (2007).

<sup>15</sup> Trabalho desenvolvido em pesquisa de Iniciação Científica que resultou no Trabalho de Conclusão de curso intitulado “A memória visual do patrimônio musical Guarani mbyá” em 2008.

				muitos deles usavam a cabeleira caída sobre os ombros. Eram muitas vezes confundidos com os Coropós.
<b>Coropó</b>	rio Pomba e na margem sul do Rio Paraíba	Macro-Jê	Puri	Desapareceram sem deixar vestígios. muitas vezes confundidos com os Coroados, pois apresentam semelhanças e unem-se a eles para fazer guerra contra os Puris.
<b>Goiana, Guiana ou Guaianã:</b>	Ilha Grande, Angra dos Reis e Parati	língua não-classificada		não possuía domicílio fixo, andam carregando as mulheres e as crianças. São ágeis, apanham a caça com arco e flecha e outros apetrechos, como laços e armadilhas, com que a apanham. Estão completamente integrados com a natureza, conhecendo o grito de cada animal, o canto dos pássaros, e, tiram vantagem disso na hora da

				caça.
<b>Goitacá, Guitacá, Waitaka ou Aitacaz</b>	Lagoa Feia e a boca do Rio Paraíba	Macro-Jê	Puri	Estão subdivididos em quatro grupos: Goitacá-Mopi; Goitacá-Jacoritó; Goitacá-Guassu; Goitacá-Mirim.
<b>Guaru ou Guarulho</b>	Serra dos Órgãos e também nas margens dos rios Piabanha, Paraíba e afluentes, incluindo Muriaé	Macro-Jê	Tupi	
<b>Maxakalí ou Mashakali</b>	rio Carangola, nas atuais fronteiras do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais	Macro-Jê	Maxakalí ou Mashakali	Não usam nenhum tipo de roupa, nem mesmo em estado de civilização, alimentavam-se da caça e comiam carne assada extremamente tostada.
<b>Miramomi ou Miramomim</b>	Missão Barnabé	Tupi	Tupi-guarani	Autores como o padre Serafim Leite consideram um sub-grupo dos Guarulho.
<b>Paraíba</b>	Vale do Médio Paraíba	Macro-Jê	Puri	
<b>Pitá</b>	Rio Bonito	Macro-Jê	Puri	
<b>Puri, Telikong ou Paqui</b>	Vales do Itabapoana e Médio Paraíba e nas serras da Matiqueira e das Frecheiras, entre os rios Pomba e Muriaé	Macro-Jê	Puri	O nome Puri se originou da língua dos Coroados e significa audaz ou bandido. Considerado um nome insultante, os

				Coroados os denominaram assim por causa da guerra contínua travada entre eles. Deste modo, os Puris, indignados com isso, também chamam os Coroados de Puris para injuriá-los. Desapareceram sem deixar registros.
<b>Sacarú</b>	Vale do Médio Paraíba	Macro-Jê	Puri	
<b>Temiminó ou Maracajá</b>	Baía de Guanabara	Tupi	Tupi-guarani	
<b>Tupinambá ou Tamoyo</b>	Zonas de lagunas e enseadas do litoral, de Cabo frio até Angra dos Reis	Tupi	Tupi-guarani	
<b>Tupinikim ou Margaya</b>	Litoral Norte Fluminense	Tupi	Tupi-guarani	
<b>Xumeto</b>	Serra da Mantiqueira	Macro-Jê	Puri	

Deste modo, este trabalho está dividido em três capítulos, além das considerações finais e dessa introdução. No primeiro denominado “A Valorização da Ocupação Indígena no Estado do Rio de Janeiro: Um Sintoma Contemporâneo?” descrevo algumas características principais de alguns museus localizados no estado, tais como o “Museu do Índio”, “Museu de Arqueologia de Itaipú”, “Museu Vivo do São Bento”, “Museu de Arqueologia de Araruama” e o próprio “Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba”, no sentido de construir a hipótese deste trabalho, percebendo tais museus

como instituições fundamentais nesse processo contemporâneo de valorização e re-significação de memórias e histórias da ocupação indígena no estado.

Início o segundo capítulo denominado “A valorização da ocupação indígena no estado do Rio de Janeiro: um sintoma contemporâneo?” revelando algumas características principais da cidade de Rio das Ostras, tais como geografia, localização, surgimento da necessidade de construção de uma identidade local, além de explicar como surge a Fundação Rio das Ostras de Cultura dentro da chave “cultura”; como surge o Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba; como o museu acaba ganhando grande importância para a cidade, para os intelectuais locais e para a museologia, ressaltando que é um museu inserido dentro da Fundação Rio das Ostras de Cultura, tanto administrativamente quanto com relação ao espaço físico, em um contexto de construção da identidade local/regional da cidade: tensões, conjugações, múltiplas ações, questões referentes à cultura e a arqueologia.<sup>16</sup>

Já no terceiro capítulo denominado “O município de Rio das Ostras e seus equipamentos culturais” fiz a análise da visita ao museu, tratando-se tanto de uma visita individual, quanto visita guiada ou para instituições, como a própria UNIRIO, por exemplo. Para o desenvolvimento deste capítulo, a pesquisa etnográfica foi fundamental. Além das visitas, as entrevistas com pesquisadores locais, funcionários da Fundação Rio das Ostras de Cultura, moradores e estudantes do curso de Produção Cultural do campus da Universidade Federal Fluminense na cidade foram fundamentais. O primeiro entrevistado foi Jorge Pinheiro, Coordenador de Eventos da Fundação Rio das Ostras de Cultura, que foi o principal narrador da visita ao museu no dia 03 de abril de 2009. Nesta etapa foi importante ver como neste caso de narradores locais esta narrativa articula-se com a história local e regional. A segunda etapa da pesquisa etnográfica foi muito importante e ocorreu entre os dias 03 e 07 de setembro de 2010. Além de ter a oportunidade de visitar novamente o museu, a cidade e entrevistar Jorge Pinheiro, fazendo perguntas pontuais, pude entrevistar também moradores e estudantes do curso de Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense que trabalharam no museu ou fizeram trabalhos tanto sobre o museu, quanto sobre a Fundação Rio das

---

<sup>16</sup> Para maiores informações sobre os museus e suas narrativas ver: CHAGAS (ORG., 2005), ABREU, CHAGAS E SANTOS (org.,2007), BENOIT (2007), ABREU E DODEBEI (org.,2008), ABREU E CHAGAS (org.,2009).

Ostras de Cultura. Em um último momento de pesquisa etnográfica, no dia 14 de maio de 2011, pude acompanhar uma visita de professores que realizavam um curso de História Regional pelo Instituto Federal Fluminense, campus de Cabo Frio, onde ministrei uma palestra sobre o tema em questão. Os dados coletados nessas pesquisas foram muitos e não pretendo dar conta de realizar uma análise profunda de todos eles. As entrevistas realizadas com moradores e estudantes foram grandes e trouxeram muitas questões que pretendo analisar em trabalhos futuros.

Sendo assim, espero estar contribuindo para a produção de conhecimento em torno da memória da ocupação indígena no Rio de Janeiro, bem como em torno das reflexões sobre processos de construção da memória social – objeto do mestrado que realizo. Como objetivos secundários, este trabalho pretende ainda contribuir para o estudo sobre museus, especialmente sobre os museus no Rio de Janeiro, e também contribuir para o Museu Sambaqui da Tarioba que configura o lócus do estudo de caso aqui realizado.

## 2. VALORIZAÇÃO DA OCUPAÇÃO INDÍGENA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: UM SINTOMA CONTEMPORÂNEO?

### 2.1 Apresentando a questão

O Rio de Janeiro é um estado de múltiplas faces. Percorrendo suas regiões pode-se perceber um imaginário amplo com diversas referências. Nos percursos que fizemos no âmbito da pesquisa sobre os museus do Rio ([www.museusdorio.com.br](http://www.museusdorio.com.br)), foi possível observar uma pluralidade de cenários e características que expressam e contam muitas histórias de um território que passou por mais de cinco séculos de ocupação. A região foi palco de diferentes processos de colonização desde a chegada dos primeiros portugueses que ali realizaram os primeiros empreendimentos econômicos visando o comércio de mercadorias na Europa. É bastante conhecido o fato de que passou por diferentes processos econômicos como o comércio do pau-brasil, do ouro que vinha das Minas Gerais, o cultivo do açúcar, o cultivo do café, a pecuária e a produção agrícola. Estes empreendimentos implicaram também em distintas formas de trabalho e relação com a mão-de-obra prioritariamente baseada no trabalho compulsório de nativos indígenas e, posteriormente, negros vindos da África. Também foram diversificados os planos de urbanização e os modelos de cidades implementados. Em outro momento da história, pela proximidade com a capital do Império e depois da República, esta região, que hoje é definida administrativamente como o Estado do Rio de Janeiro, foi alvo de rápidas e importantes transformações nas políticas públicas e empreendimentos econômicos e sociais. Quando os colonizadores chegaram à região, esta era ocupada por grupos indígenas, a maior parte do tronco tupi<sup>17</sup>. Durante o processo de colonização estes desapareceram<sup>18</sup> dando lugar a novos agentes sociais. Os poucos grupos indígenas sobreviventes do período foram aqueles que conseguiram migrar para outras regiões do país, como o grupo guarani, por exemplo. Em idade ainda mais remota, viveram na

---

<sup>17</sup> O Tronco Tupi abrange várias famílias em todo o Brasil, mas a mais extensa é a família Tupi-guarani, representante do Tronco Tupi no Rio de Janeiro.

<sup>18</sup> Existiam duas formas de transformar os índios em escravos: a chamada “guerra justa” (consistia na invasão armada dos territórios indígenas; estes aprisionados, tornavam-se propriedade ou eram vendidos como escravos – tais expedições foram realizadas em grande quantidade e escaparam ao controle oficial, o que acabou por exterminar grande número de indígenas, fazendo se tornar escassa a mão-de-obra); e os resgates (uma operação comercial realizada entre portugueses e índios, onde os portugueses davam mercadorias européias e recebiam em troca índios prisioneiros de tribos aliadas, que haviam sido capturados durante as guerras tribais).

região, principalmente nas áreas do litoral, povos sambaquieiros que foram completamente esquecidos tanto na memória regional quanto na historiografia oficial.

O imaginário desta região quase sempre aparece associado a representações sobre as épocas áureas do ouro, do açúcar, do café, da pecuária, ou mesmo de processos de modernização que trouxeram pontes, trens e pavimentaram as vias públicas. Ou seja, embora a região tenha sido ocupada em tempos idos por diferentes grupos indígenas, a memória e a história até muito recentemente pareciam ter banido para sempre as referências a estes períodos e à contribuição destes grupos. Isto fica muito evidente quando pesquisamos os museus e monumentos do estado do Rio de Janeiro: a maior parte são museus-casa de personagens da história de construção do Estado-nação; museus ferroviários; fazendas de café; pontes criadas por engenheiros renomados; museus de arte sacra relacionados estritamente a expressões do catolicismo; imponentes fortes militares construídos para a defesa do território conquistado; museus que buscam enaltecer o progresso e as manifestações das ciências e das artes. Em suma, ao que tudo parecia indicar, a construção do que comumente é conhecido como o “imaginário fluminense” estaria predominantemente referenciado às aquisições do progresso e da civilização na região. E, certas memórias e histórias estariam fadadas ao esquecimento.

Entretanto, em nossa pesquisa sobre os museus do Rio percebemos pequenos sinais de que algumas mudanças estariam ocorrendo. É sobre estas mudanças que este trabalho pretende refletir. Aos poucos nos deparamos com algumas iniciativas de criação de museus ou monumentos ou ainda singelas referências sobre a ocupação indígena no estado do Rio de Janeiro. Ainda que estas iniciativas sejam esparsas e não correspondam à hegemonia das representações correntes no Estado, ao nosso ver, apontam novidades interessantes que veremos no decorrer deste trabalho.

## **2.2 Museus com temática indígena no estado do Rio de Janeiro: breve mapeamento**

Com relação à temática indígena no contexto do estado do Rio de Janeiro, o grande destaque museológico é o Museu do Índio, relacionado ao Estado brasileiro, diretamente ligado à Fundação Nacional do Índio – FUNAI. Os demais museus com



temática indígena no estado não tem esta abrangência nacional, alguns estão relacionados a entidades estaduais, outros a entidades municipais e algumas iniciativas partiram de movimentos sociais. É importante fazer a ressalva que nem todos os museus com temática indígena no contexto do estado do Rio de Janeiro expressam prioritariamente a memória da ocupação indígena local. O Museu do Índio, por exemplo, por sua abrangência nacional, não privilegia este tema, optando por trabalhar a questão indígena em um contexto mais amplo. De qualquer modo, possui rico acervo documental, bibliográfico, audiovisual e de cultura material, o que possibilita pesquisas com referência a esta memória de ocupação indígena. Principalmente na capital, existem outros museus onde se verifica a presença desta memória no país ou no estado, mas diluída no conjunto de outras referências históricas, como o Museu Nacional e o Museu Histórico Nacional. O Museu do Índio é o único voltado exclusivamente para esta temática.

No interior do Estado, onde predominam os pequenos museus, encontramos algumas instituições museológicas que focalizam o tema. Sem pretender fazer um inventário completo, citamos aqui alguns deles: Solar do Colégio em Campos dos Goitacazes, Museu de Arqueologia de Itaipú, Museu Arqueológico de Araruama, Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba em Rio das Ostras e Museu Vivo do São Bento em Duque de Caxias.

Durante a pesquisa sobre os museus do Rio, percebemos que alguns destes museus começaram, a partir de determinado momento em suas trajetórias, a olhar com mais atenção e enfatizar a passagem e o legado dos povos indígenas no território do Rio de Janeiro. Este novo enfoque despertou nossa curiosidade. Estaria ocorrendo uma mudança na maneira de tratar a temática indígena nos museus do estado do Rio? Que mudanças seriam estas? Quais os agentes sociais envolvidos? Que pesquisas e que concepções de história e memória estariam embasando estas mudanças?

Apresento a seguir um breve mapeamento dos museus do estado do Rio de Janeiro com temática indígena. Num primeiro momento, focalizo o Museu do Índio, por sua notável expressão. Num segundo momento, focalizo os museus efetivamente pesquisados pelo projeto “museus do Rio”. Não é minha intenção esgotar o assunto e

deixo para outro momento a possibilidade de realizar um inventário mais completo no contexto do estado.

O Museu do Índio foi inaugurado no dia 19 de abril 1953 no bairro do Maracanã, comemorando o Dia do Índio, sendo o antropólogo Darcy Ribeiro um dos principais representantes de sua idealização. A criação deste museu relacionou-se a um movimento de valorização do indígena no contexto da representação da nação, podendo ser considerado

“(…) um marco de uma museologia engajada no contexto antropológico brasileiro. O museu era visto com um instrumento de luta para a afirmação de um lugar para os povos indígenas. Além disso, percebe-se uma visão antropológica humanista e universalista, em que a ênfase estaria mais nos aspectos de igualdade entre os povos e de pertencimento das etnias indígenas ao conjunto da humanidade do que propriamente em suas diferenças culturais. É interessante perceber como, nessa modalidade de museu, o tema da arte era colocado em evidência. A estetização das culturas indígenas serviria para atribuir um valor positivo aos objetos que os arautos do cientificismo evolucionista haviam relegado ao lugar de ‘fósseis’ de estágios inferiores de evolução humana. Darcy propunha a inversão do sinal diacrítico na apresentação das contribuições culturais, especialmente da cultura material indígena.” (ABREU, 2007, p. 148)

De acordo com Brandão (2011, p. 53) o museu surgiu como setor da Seção de Estudos (SE) do antigo Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Dez anos depois de sua criação, em 1963, o Decreto nº 52.665 determinou que o Museu se constituísse em um setor da Seção de Documentação e Divulgação do Conselho Nacional de Proteção aos Índios (CNPI). Em 1967, a instituição passou a integrar a recém-criada Fundação Nacional do Índio (FUNAI), adequando-se à reforma administrativa que ocorreu no país e determinou o agrupamento de todos os órgão relacionados à causa indígena. Deste modo, foram extintos os órgão assistenciais indígenas CNPI e SPI. Atualmente, o Museu permanece ligado à FUNAI, órgão do Ministério da justiça.



**Figura 2 - Placa Museu do Índio<sup>19</sup>**

O Museu do Índio talvez seja a instituição que atualmente representa mais fortemente as ações pela guarda da memória dos povos indígenas no país, atravessando diversas fases ao longo de sua existência.

“O museu deveria privilegiar informações sobre as condições de vida dos povos indígenas na sociedade brasileira, os graves problemas sociais e o fato de os índios não terem a propriedade de suas terras asseguradas, Darcy propunha que a exposição fugisse da tendência a mostrar os objetos indígenas como exóticos para se fixar na idéia de que esses objetos integrariam o elenco de soluções encontradas pelo indígenas para os problemas com que se defrontavam diante das necessidades de subsistência em florestas tropicais ou regiões áridas.” (ABREU, 2007, p. 147-148)

Em 1978, o prédio foi desativado e o museu transferido para a Rua das Palmeiras no bairro de Botafogo, endereço que o abriga até os dias de hoje. O atual prédio do Museu do Índio foi construído por João Rodrigues Teixeira, empresário da indústria alimentícia do Rio de Janeiro para sua residência no século XIX. O prédio é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e sua construção é um exemplar arquitetônico bastante representativo do período de urbanização do bairro.

---

<sup>19</sup> Fotografia do acervo do projeto “Memória, Cultura, Transformação Social e Desenvolvimento: Panorama Museal do Estado do Rio de Janeiro”, Laboratório de Memória e Imagem, UNIRIO.



**Figura 3 - Estátua e pátio do Museu do Índio<sup>20</sup>**

Quando José Carlos Levinho assumiu a direção do museu iniciou uma nova maneira de se pensar e realizar as exposições que “trazia uma política absolutamente nova, ou pelo menos, rara, para um grande museu etnográfico: incluir a participação dos índios na montagem de uma exposição” (ABREU, 2007, p. 169). Neste momento, o índio deixa de ser “personagem” e assume o papel de agente.

“Segundo o atual diretor, José Carlos Levinho, em entrevista à revista da FUNAI “Brasil Indígena” (Ano I, nº6, 2006, p. 19), o Museu do Índio, historicamente, sempre teve uma participação importante nas ações das agências oficiais de proteção ao índio – SPI e FUNAI. Primeiro, assumindo um papel de vanguarda em relação à implantação de novos conceitos museográficos, científicos e acadêmicos, além de inovar no relacionamento com o público. E segundo, em tempos recentes, através dos trabalhos realizados em seus acervos, assumiu uma participação fundamental no processo de demarcação das terras indígenas. O diretor esclarece que com a consolidação da automação da instituição, patrocinada pela FUNAI, é possível tornar acessível a grande massa de informações nela reunida, atendendo, assim a uma demanda cada vez maior das sociedades indígenas no sentido de garantir os seus direitos.” (BRANDÃO, 2011, p; 54)

Deste modo, no início do ano 2000, foi inaugurada uma emblemática experiência de uma exposição sobre os wajãpi realizada por antropólogos, museólogos e os próprios índios o que “expressa que uma nova configuração entre museus e

---

<sup>20</sup> Idem 19

antropologia estava em curso” (ABREU, 2007, p. 168). O grupo vive no Amapá em uma terra demarcada com 604 mil hectares totalizando 13 aldeias, já que cada grupo vive separadamente<sup>21</sup>.

O Museu do Índio, que foi criado para representar o índio no cenário nacional, vem realizando exposições sobre o índio no Rio de Janeiro como a exposição denominada "Tape Porã, impressões e movimento - Os Mbya no Rio de Janeiro", realizada em dezembro de 2009 e dedicada ao grupo guarani. Percebemos, então, um redirecionamento da representação do índio no contexto nacional para o índio em contextos específicos e particularmente algum foco na ocupação indígena no estado, o que antes não ocorria, pois o museu estava voltado para questões referentes à valorização e luta contra o preconceito dos povos indígenas, e, por muito tempo, os grupos Guarani do Rio de Janeiro foram esquecidos.

Sendo assim, constatamos que este tipo de museu é uma instituição governamental que possui uma proposta de trabalho baseada na parceria com os povos indígenas. Além das exposições realizadas, os visitantes podem contar também com ricos acervos: o bibliográfico na Biblioteca Marechal Rondon, o etnográfico, o audiovisual e o textual. Além disso, estão sendo adotadas novas formas de fazer contato com o público disponibilizando informações pela internet, criando espaços alternativos de exposição, como o Muro do Museu, que abriga constantemente exposições fotográficas, e enfatizando o trabalho com as escolas e as crianças.

Em um contexto regional, encontramos na cidade de Campos dos Goitacazes<sup>22</sup> (Região Norte Fluminense), o Solar do Colégio. Este prédio foi construído pelos padres jesuítas que ali chegaram ainda no período colonial.

---

<sup>21</sup> Para a realização da exposição, o diretor do museu convidou a antropóloga Dominique Gallois (Professora-doutora do Departamento de Antropologia e coordenadora do núcleo de História Indígena e do Indigenismo da Universidade de São Paulo) que trabalha com os índios wajãpi há mais de vinte anos que firmou o compromisso de incorporar o ponto de vista do grupo sobre sua própria cultura, tomando-se o cuidado para que todas as aldeias fossem contempladas e integradas na produção da mostra. O grupo participou da confecção de objetos – por exemplo, alguns objetos de cerâmica tradicionais não eram mais produzidos – e da organização e montagem da exposição, inclusive na construção da Juruá, uma casa tradicional wajãpi. A exposição foi entendida pelo grupo como um extensão da aldeia, levando-os a fazer colocações tradicionais importantes para aproximar o museu de suas tradições.

<sup>22</sup> O Município de Campos dos Goytacazes, localizado no litoral leste do Estado do Rio de Janeiro, a 234 km de sua capital, é o maior município em extensão territorial do Estado, com uma área de 4.469km<sup>2</sup>.

“A fachada principal está voltada para leste propiciando boa ventilação natural e recebe os raios solares matinais. É composta por: solar, torre e capela, formando um só corpo linear. Todo o conjunto com telhado em duas águas apresenta o beiral tipo “beira-seveira”. Sob a administração dos Jesuítas, pelos vastos capinzais, nasciam manadas numerosas. Foram também os padres abriram canais e valas saneadoras.” (Museus do Rio, *mimeo*)

Serviu de sede para uma fazenda produtora de gado e alimentos (arroz, feijão, milho, farinha, açúcar e aguardente). Os Jesuítas foram responsáveis por um dos primeiros aldeamentos indígenas com os índios goytacazes que habitavam o local. Além da utilização da mão de obra indígena, fizeram uso também da mão de obra de escravos vindos da África. O prédio é um dos mais antigos remanescentes da memória da ocupação indígena e da colonização na região. Ao longo de séculos, teve vários usos e testemunhou muitas transformações. O atual diretor, Carlos Roberto Bastos Freitas, que foi entrevistado para a pesquisa sobre os Museus do Rio, demonstra grande interesse em realizar pesquisas sobre estas diferentes fases da história do prédio e, em particular, sobre a história dos povos indígenas e sua dizimação.

“O Solar do Colégio insere-se, de uma forma mais ampla na história de ocupação e exploração da terra, da mão de obra indígena e africana, sobretudo em razão da aliança firmada entre a coroa portuguesa e a Companhia de Jesus<sup>23</sup>. Ele testemunha a eficácia de um plano de ação missionário, militar e colonizador cujos aldeamentos, missões, colégios e fazendas são as marcas deixadas ao longo do caminho trilhado pelos padres da Companhia em terras brasileiras.” (Museus do Rio, *mimeo*)

Tombada pelo IPHAN<sup>24</sup> em 1945, hoje a antiga sede da fazenda da Companhia de Jesus recebe o nome de Solar do Colégio. Atualmente no local, funciona também o Arquivo Público da Cidade de Campos, onde se encontram reunidos os documentos mais antigos do local. O professor Carlos Roberto vem liderando um trabalho de preservação e de pesquisa, onde o tema indígena é priorizado. Entretanto, o prédio encontra-se num estado muito deteriorado e com poucos apoios financeiros para o empreendimento de preservação e pesquisa. Mas, a riqueza do acervo e do próprio prédio como documento vem chamando a atenção e certamente poderá atrair

---

<sup>23</sup> Ibidem

<sup>24</sup> Imóvel tombado pelo IPHAN em 24/07/46. Código de identificação: Casa e Capela do Engenho do Colégio **CPG-CA-009**. Insc. 243, f 1 s 41 Livro de Tombo nº 2  
Propriedade: Próprio Estadual cedido ao Município.

pesquisadores, principalmente levando-se em conta a proximidade com a UENF – Universidade Estadual do Norte Fluminense.



**Figura 4 - Prédio e Terreno do Solar do Colégio**

De acordo com Carlos Roberto, esse edifício pertence atualmente ao Governo do Estado, mas está sob a guarda da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) e cedido para a prefeitura para abrigar o Arquivo Público Municipal. Antes disso, foi iniciado um projeto que visava utilizar o edifício como sede da Escola Nacional de Cinema, que não foi à frente por uma série de problemas ocorridos na época<sup>25</sup>. Deste modo, o prédio permaneceu fechado sem ser finalizada a restauração na metade da década de 90. Em 2001, quando surgiu a possibilidade de se implantar o arquivo público a restauração foi finalizada sendo realizadas algumas adaptações para que o prédio pudesse funcionar com tal finalidade.

O professor Carlos Roberto afirmou que trabalhar com a questão da memória local é fundamental, ressaltando que o Arquivo Público de Campos pode ser

---

<sup>25</sup> Tais problemas não foram elucidados por Carlos Roberto.

considerado um “lugar de memória”<sup>26</sup>. Acredita que com a criação do arquivo e por meio de pesquisas que estão em andamento, a história da região poderá ser escrita com mais detalhes, seu processo de ocupação, suas atividades econômicas e os ciclos que foram marcantes e característicos.

No cenário do estado do Rio de Janeiro, existem ainda outros museus que remetem a ocupação indígena através das fontes materiais, notoriamente os achados arqueológicos encontrados em sambaquis, tais como restos de alimentos, artefatos, enterramentos, material malacológico e feições. É o caso do Museu de Arqueologia de Itaipú (MAI) situado no município de Niterói<sup>27</sup>, Museu Vivo do São Bento no município de Duque de Caxias, Museu Arqueológico de Araruama e Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba no município de Rio das Ostras, objeto de pesquisa deste trabalho.

O Museu de Arqueologia de Itaipu está localizado em Itaipu que configura uma região litorânea, distante do centro comercial e urbano do Município de Niterói.

“A cidade está localizada a 13 km de distância da capital do Estado. Niterói, que em tupi guarani significa “água escondida”, é a antiga capital do Estado do Rio, antes da fusão do antigo Estado do Rio de Janeiro e do Estado da Guanabara, ocorrida em 1975. Também chamada carinhosamente de “Cidade Sorriso”, localiza-se do outro lado da baía de Guanabara, sendo muito conhecida pela Ponte Presidente Costa e Silva (Ponte Rio-Niterói) e pelo seu famoso cartão postal, o prédio do Museu de Arte Contemporânea (MAC), projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer. Possui como característica o grande desenvolvimento socioeconômico à partir dos anos 1970, comprovado pelos índices elevados de IDH, estando entre as quatro melhores posições do Brasil (segundo a Organização das Nações Unidas – ONU). É também o município mais escolarizado do país, segundo dados do INEP (Ministério da Educação/2000). Com uma população aproximada em 474.002 habitantes (dados de 2007 – IBGE), uma área de cerca de 129 km<sup>2</sup> e 11 km de praia no litoral, Niterói tem grande importância econômica no Estado do Rio de Janeiro e figura uma posição estratégica para o desenvolvimento da indústria naval e petrolífera fluminense.” (Museus do Rio, 2010, *mimeo*)

Segundo Alejandra Saladino (2010, p. 235) o MAI é um exemplo entre outros museus arqueológicos que fazem parte de um processo de

---

<sup>26</sup> NORA, Pierre. “Entre Memória e História: a problemática dos lugares”, In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.



“...recepção e valorização do patrimônio arqueológico – fundantes da sua própria preservação – têm nos museus estratégicos espaços para o seu desenvolvimento. Nestes lugares operam diversos grupos mobilizados por objetivos e metas específicas que contribuem para a conformação daqueles processos.” (SALADINO, 2010, p; 235)

O MAI está localizado na margem esquerda da praia de Itaipú, espaço ocupado pela colônia de pescadores Z-7, RJ – antiga Z-10 – e por outras habitações muito próximas que contrariam disposições legais, no que se refere ao entorno de sítios tombados.

“Ainda que a Lei n ° 3.924/61 não indique objetivamente a distância a ser guardada entre monumentos tombados e novas construções e tampouco seja regulamentada a área *non aedificandi* há uma indicação de que novas construções devem respeitar uma distância desses sítios suficiente para não interpor-se sobre eles, nem interferir na paisagem.” (SALADINO, 2010, p; 235))

À direita ao MAI está o canal de Itaipu e o local dos extintos sítios arqueológicos Sambaqui de Camboinhas e Duna Pequena, que foram destruídos por grandes obras de urbanização da região e pela construção uma estrada e de um apart-hotel. Há na região ainda diversos outros sítios destruídos total ou parcialmente, como por exemplo, o Sítio Arqueológico do Sossego e o Sítio Arqueológico do Condomínio Ubá Itacoatiara, composto pelos remanescentes de capela e cemitério do século XVIII. (SALADINO, 2010, p. 238).

O Museu ocupa uma antiga construção do século XVIII, datada de 1716. O prédio servia a uma instituição chamada de “Recolhimento de Santa Tereza”, dedicada a receber mulheres alijadas da sociedade. As primeiras chegaram em 1764 e, de acordo com a museóloga e diretora do MAI, Maria de Simone Ferreira, “essas mulheres pagavam algum tipo de culpa, seja por questões amorosas, gravidez indesejada, famílias que iam viajar ou ainda, eram prostitutas. A prática de se criar espaços para mulheres era muito comum durante este período” (Museus do Rio, 2010, *mimeo*). O “Recolhimento” funcionou até as primeiras décadas do século XIX, período marcado pelo processo de decadência de sua função original e acabou se tornando um asilo para menores. Em 1830, o prédio foi abandonado, fato que gerou sua degradação até tornar-se uma ruína. No início do século XX, os moradores da colônia de pescadores de Itaipu passaram a habitar o espaço construindo pequenas casas e, utilizando o local para

tingimento de suas redes de pesca. O pedido de tombamento do local ocorreu em 1940 e partiu da própria colônia de pescadores da região que, entendendo a importância da construção, enviaram “*correspondências ao Governo do Estado e à então Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN), para que o bem fosse tombado e servisse de sede à Colônia de pescadores*” (Museus do Rio, 2010, *mimeo*). O processo foi finalizado em 1955, quando o prédio foi escrito no livro de tombos de Belas Artes e as famílias que viviam no local passaram a residir nos seus arredores. Apesar do prédio ter sido tombado em 1955, as obras de conservação da Capela e das paredes do “Recolhimento” começaram somente em 1968 quando foi iniciado o processo de criação do museu, idealizado pelo arquiteto Edgard Jacintho do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

A partir de então, o projeto de criar um Museu de Arqueologia emergiu, considerando os sítios arqueológicos da região, e o material coletado por pescadores. Deste modo, o Museu foi inaugurado em 1977, com a coleção Hildo de Mello Ribeiro, que era um fiscal de pesca, morador de Itaipu e arqueólogo amador e tinha por prática coletar material proveniente da Duna Grande e dos sítios arqueológicos da região.

“A coleção Hildo de Mello Ribeiro (HMR) conta com cerca de quase mil peças, compostas por machados de pedra, restos de alimentos, pontas de ossos, lascas de quartzo, polidores, peças cerâmicas, conchas. Há registros de povos sambaquieiros na região de 6 mil anos A.C aproximadamente. No entanto, a Coleção HMR não foi considerada científica por ser coletada por um morador da região, sem nenhuma pretensão acadêmica, o que influenciou na exposição permanente durante anos. Segundo a diretora do Museu, a antiga exposição suprimia a história de Itaipu, expondo acervos de outras instituições, como o Museu Nacional e o Instituto de Arqueologia Brasileira, sem dar destaque para a histórica local. No entanto, a nova exposição permanente, tem como enfoque a representação da história local, a construção de uma memória da região, do prédio histórico, da formação do acervo, da criação do museu, do contato com a colônia, da participação da colônia no processo de tombamento e do processo de construção de acervo. Além da coleção inicial, o acervo do Museu conta também com achados de fragmentos de porcelana do Recolhimento de Santa Teresa, os blocos-testemunhos retirados da pesquisa de salvamento de Camboinhas (realizada na região e coordenada pela Prof<sup>a</sup> Lina Kneip do Museu Nacional em 1979, por causa da construção da Estrada de Camboinhas, que viria a deteriorar os sítios arqueológicos da Duna Pequena e do Sambaqui ali localizados) e uma canoa de jequitibá do século XIX, utilizada como cocho para tingimento de rede de pesca, doada por moradores da localidade. (Museus do Rio, 2010, *mimeo*)



**Figura 5 - Ruínas do Museu de Arqueologia de Itaipú**

Desde sua inauguração, o MAI passou por diversos momentos, tendo fechado suas portas em algumas ocasiões em decorrência de obras de readequação do espaço, falta de pessoal e de vigilância. O período de fechamento mais recente foi entre 2008 e 2009, quando foram executadas reformas, restaurações, reestruturação e criação de novas exposições, no intuito de construir uma memória local: do prédio histórico, da formação do acervo, da criação do museu, do contato com a colônia, da participação da colônia no processo de tombamento, no processo de construção do acervo entre outros fatores. Foram realizadas obras de restauro na Capela para que a mesma abrigasse a nova exposição permanente, onde atualmente é exibida a Canoa Caiçara, uma das principais peças do acervo. O MAI passou a integrar o conjunto dos museus do Instituto Brasileiro de Museus, após a criação deste em 2009. A atual direção tem se preocupado em manter viva a relação da instituição com os moradores da região, especialmente os integrantes da colônia de pescadores, uma vez que foram eles que reivindicaram o tombamento e a preservação do prédio. Além disso, há um esforço em realizar pesquisas sobre a ocupação indígena na região e especialmente levantar maiores informações sobre os povos sambaquieiros no entorno. A exposição permanente fornece algumas informações sobre estes povos e sobre outros grupos indígenas que ocuparam aquele território.

O Museu Vivo do São Bento, localizado em Duque de Caxias não é especificamente um Museu de Arqueologia. É considerado, na verdade, um museu de percurso que transita por diversos momentos ao longo da história do Brasil. Desse modo, não se trata efetivamente de um espaço para a realização de exposições como estamos habituados a encontrar em Instituições Museais “convencionais”, mas também, um conjunto de construções históricas que compõem a região. “O percurso concebido é extremamente revelador de uma longa cronologia histórica daquela localidade deixando entrever marcas, vestígios e inscrições deixadas por diferentes períodos da história de ocupação humana na paisagem.” (NUNES, 16, 2010)

É possível localizar no percurso vestígios da presença de diferentes grupos que viveram no local entre os séculos XVII e XIX, tais como: grupos Tupinambá, ocupação lusitana e resistência quilombola. Quem decide visitar esse museu é recepcionado por um grupo de professores de História que fazem parte do Centro de Referência e Patrimônio Histórico da Cidade e do Centro de Pesquisa em Memória e História da Educação da Baixada Fluminense da Cidade de Duque de Caxias. Esse grupo de professores, especialistas em História da Baixada Fluminense, exercem grande influência na criação de políticas públicas na cidade, auxiliando nas pesquisas dos patrimônios materiais e imateriais locais, visando seus tombamentos e registros.

“Trabalhando com a história do Brasil e ativos militantes políticos, eles perceberam muito cedo a importância de fazer um trabalho de revitalização da história da própria região, uma vez que toda aquela área vinha sofrendo contínuo processo de decadência e de desvalorização. O importante para eles era encontrar um meio de construir para os alunos e moradores do entorno da Faculdade uma visão positiva do lugar onde moravam e estudavam criando um vínculo mínimo capaz de fazer brotar uma auto-estima da população com relação ao espaço por eles ocupado. Foi assim que eles tiveram a idéia de pesquisar sobre a região e encontrar vestígios que possibilitassem a construção de um percurso que revalorizasse para seus alunos e para a população local a história da região e do município de Duque de Caxias.” (NUNES, 2010, p. 15-16)

Por se tratar de um museu considerado de percurso e pelo fato do local abrigar vestígios de diversos momentos da história não apenas da região, mas também do Estado e do país, encontra-se ao final do percurso um Sítio Arqueológico denominado

“Sambaqui do São Bento”, um vestígio da ocupação de povos indígenas e sambaquianos na região.

“Esses primeiros habitantes, foram mais tarde catalogados como os povos das conchas ou sambaqueiros, devido à característica predominante de acumularem os rejeitos alimentares e os restos mortais de seus antepassados em pilhas de conchas e ossos. Essas montanhas ricas em cálcio solidificaram-se com o passar de alguns milhares de anos, tendo sido então cobertas pelo substrato de outras eras, como areia das praias trazida pelo vento, matéria orgânica proveniente da decomposição dos restos de plantas e animais mortos. Assim constituíram alterações na paisagem e no relevo de boa parte da costa brasileira, antes mesmo da presença de grupos indígenas com padrões de organização social bem definidos que a arqueologia tem conhecimento, como os tupinambá e os guarani.” (NUNES, 19, 2010)

O local do sambaqui trata-se de uma região visivelmente degradada e com construções que remetem a uma favelização, onde encontramos terrenos ocupados por um processo de especulação imobiliária irregular. O proprietário de grande parte do terreno em que o sítio arqueológico foi encontrado fazia uma nova divisão do espaço para que pudesse vendê-lo em lotes diferentes. Por sua vez, os compradores construíram suas residências sobrepostas ao sítio arqueológico, o que ocasionou o desaparecimento de grande parte. Em 2005 o grupo de professores tentou fazer com que o governo retirasse ou remanejasse as pessoas do local, mas não conseguiram, então, professores de diversas instituições públicas e privadas que visitavam as terras sugeriram criar a campanha “SOS Sambaqui do São Bento”. Foi assim que conseguiram comprar dois terrenos com a contribuição financeira de professores, alunos e sindicatos. No entanto, ainda assim, os terrenos continuam sofrendo forte degradação com a ação das pessoas que vivem na vizinhança.



**Figura 6 - Sambaqui no Museu Vivo do São Bento**

IA presença indígena está relatada também em diversos documentos que fazem parte do acervo do Instituto Histórico de Duque de Caxias além de documentos adquiridos pelos professores-pesquisadores os quais descobriram que muitos desses indígenas chegaram a trabalhar como capatazes e administradores e, documentos que comprovam a realização de diversos casamentos entre índios e escravos. Este museu é um exemplo de luta e força de vontade de valorizar a memória indígena na região, mas, principalmente, de preservar a memória, a história e o patrimônio local, que tenta aos poucos, conquistar seu espaço e interferir nas políticas públicas do município.

Saindo da região metropolitana do Estado, tratando-se de vestígios arqueológicos, percebemos que a região das Baixadas Litorâneas possui muitas pesquisas, havendo um forte processo de valorização dessas memórias da ocupação indígena na região que abriga dois importantes museus: o Museu Aqueológico de Araruama e o Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba, em Rio das Ostras, representantes singulares desse processo, ambos contam com o apoio das respectivas prefeituras locais.

O museu que se localiza em Araruama<sup>28</sup> é uma instituição municipal, fundada em abril de 2006, e está situada na sede da Fazenda Aurora fundada em 1862, por um português chamado Francisco Pereira da Costa Vieira. O prédio do Museu é tombado pelo INEPAC (Instituto Estadual do Patrimônio Cultural)<sup>29</sup> por ser considerado um

---

<sup>28</sup> As informações aqui relatadas são provenientes de entrevista com a funcionária do museu Simone Berada, em abril de 2009.

<sup>29</sup> Tombamento provisório de 14/08/2001. Processo nº E-18/000.251/2000

exemplar da arquitetura civil do século XIX, em estilo Neoclássico. Os primeiros registros da história de Araruama datam de 1615, em consequência da fundação da cidade de Cabo Frio.

“As terras de Araruama integravam a sesmaria doada a Manuel Riscado, permanecendo, porém, despovoada por muito tempo. Foi criada, em 1799, a freguesia de São Sebastião de Araruama, tendo como centro a primitiva Matriz de São Sebastião, fundada pelos frades capuchinhos. Esta freguesia pertenceu ao município de Cabo Frio até 1852, quando passou a fazer parte do município de Saquarema emancipando-se em 1859. O declínio da agricultura cafeeira no Estado do Rio de Janeiro provocou profundas alterações na economia de Araruama. A cultura da cana-de-açúcar, que já existia anteriormente, teve um novo impulso. A função portuária e a produção salineira diversificaram a economia da cidade. Com a construção da rodovia RJ-106 o município de Araruama passou a atrair um elevado número de turistas e veranistas. A partir daí o município passou a ter outra vocação, o turismo, que hoje é a sua principal atividade econômica.” (INEPAC, web)



**Figura 7 - Prédio do Museu Arqueológico de Araruama**

O Museu localizado no km 27 da Rodovia RJ 124 apresenta dois temas principais tendo suas exposições divididas entre as histórias do Brasil Colonial e da ocupação indígena e sambaquieira na região. É dado destaque a três grupos: os povos Sambaquieiros (Saquarema), os Goitacá (Campos) e Tupinambá (Araruama). São poucos os objetos expostos, visto que, parte dos vestígios encontrados nos sítios arqueológicos existentes na região tem como destino o Museu Nacional. Nas exposições

do Museu em Araruama, encontramos quadros explicativos, com fotos dos objetos e dos grupos indígenas, além das escavações realizadas nos sítios arqueológicos da região. O Museu faz parte de um Projeto de Turismo Cultural que não termina no museu, continua em Morro Grande no 2º Distrito, local onde são realizadas as escavações e pesquisas arqueológicas (Buarque, 1999).

Toda a área foi adquirida pelo Governo Municipal que instalou o complexo Cultural e Educacional Leonel de Moura Brizola composto por uma unidade de ensino de tempo integral, uma capela e o museu. É um complexo que faz parte da Prefeitura de Araruama. Tem uma Escola Municipal que funciona em horário Integral, possui aproximadamente 300 alunos do pré-escolar ao 9º ano do Ensino Fundamental I. Na Escola Municipal Honorino Coutinho foi construída uma oca Tupinambá, réplica de uma oca indígena, aliás, o Estudo da Cultura Tupinambá foi inserido na Grade Curricular da escola.

Finalizando a construção da hipótese de que contemporaneamente está se iniciando um movimento por parte de pesquisadores, museólogos, historiadores e cientistas sociais, sobretudo através da criação de algumas instituições museais que possuem o intuito de valorizar a memória e a história da ocupação indígena e sambaquieira no estado do Rio de Janeiro, apresento brevemente o museu que será o objeto de pesquisa deste trabalho: o “Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba”, localizado em Rio das Ostras. Trata-se de um museu singular, que o acaso foi fator fundamental para sua criação e fortalecimento das pesquisas e tentativas de construção de histórias e memórias locais. O museu é um dos diversos equipamentos culturais criados no âmbito da Fundação Rio das Ostras de Cultura (FROC), fortalecendo o turismo e os laços dos moradores com a cidade.

É um dos poucos museus considerados “*in situ*” no país, ou seja, o material que está exposto permanece da maneira como foi encontrado. Estão expostas no sítio arqueológico restos humanos dos grupos sambaquieiros que viveram na região e carapaças de moluscos que contam um pouco da pré-história local. Além da exposição principal, existem também mapas que representam algumas teorias que tentam desvendar como esses povos chegaram à América do Sul, maquetes que representam



como deveria ser a paisagem do território na pré-história e, objetos que foram encontrados na região e estão expostos em vitrines.

Há um sítio musealizado em Saquarema conhecido por “Sambaqui da Beirada”, cujo projeto foi concebido pela arqueóloga Lina Kneip<sup>30</sup>.



Figura 8 - Placa Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba

Esses são alguns emblemáticos exemplos de museus que visam valorizar a memória e a história indígena no estado do Rio de Janeiro, muitas vezes impulsionados por movimentos sociais, incluindo os próprios grupos indígenas, pesquisadores de diversas áreas das ciências humanas e professores das redes pública e privada de ensino e, de Universidades.

Não pretendo com este trabalho fazer uma análise exaustiva da memória da ocupação indígena no estado do Rio de Janeiro como um todo, mas apenas sinalizar para este tema, mostrando que existem pesquisadores e instituições interessadas em contribuir para a construção dessas memórias e histórias que pareciam por muito tempo

<sup>30</sup> Com. pessoal Marcia Bezerra em setembro de 2011.

fadadas ao esquecimento. O que pretendo neste trabalho é fazer um estudo de caso sobre um museu em particular que vem focalizando a ocupação dos povos sambaqueiros em Rio das Ostras. Com este estudo de caso específico, pretendo levantar questões para futuros desdobramentos.

### **3. O MUNICÍPIO DE RIO DAS OSTRAS E SEUS EQUIPAMENTOS CULTURAIS**

#### **3.1. Dados sobre Rio das Ostras hoje**

Quando pensamos em Rio das Ostras lembramos de sol, praia, férias, enfim, múltiplas sensações que remetem ao que tradicionalmente a cidade representava: um local de passagem, onde turistas se instalavam no verão para aproveitar belas paisagens e a tranquilidade que a cidade proporciona. No entanto, com o desenvolvimento das pesquisas e descobertas de Petróleo na Região Norte Fluminense, bem próxima à cidade, o cenário mudou: pessoas de diversos lugares do estado e do país mudaram-se para Rio das Ostras em busca de oportunidades de emprego e negócios na região, ocasionando um aumento populacional na cidade. Outro fator que contribuiu para a mudança deste cenário foi a criação de um campus da Universidade Federal Fluminense que levou muitos jovens universitários a passarem a morar no local, sobretudo com a criação do curso de Produção Cultural, um sintoma do crescimento da preocupação em transformar a cidade não apenas em local de passagem no verão mas, também levando atrativos e equipamentos culturais tanto para os moradores e os turistas.



**Figura 9 - Praia da Baleia<sup>31</sup>**

---

<sup>31</sup> Fotografia de Renata de Almeida Oliveira em pesquisa de campo, dia 04 de setembro de 2010.

Não se pode negar que as belas paisagens e praias favoreceram pela escolha dos novos moradores que mudaram-se para a região em busca de novas oportunidades de trabalho. Muitos moradores de hoje eram turistas na infância e optaram por viverem na cidade, como Regina Muniz, entrevistada em pesquisa de campo no dia 04 de setembro de 2010 e que costumava freqüentar a cidade com sua família na infância. Ao se aposentar, escolheu o local como moradia, fixando um comércio na região. No entanto, não escondeu o receio do crescimento desordenado da cidade, já perceptível em algumas áreas. Assim como a entrevistada, em um vídeo produzido pela Fundação Rio das Ostras de Cultura chamado “Terras de Peixes III” – por causa do apelido da cidade “Terra de Peixes” pela abundância de peixes para pesca – diversos moradores depõem sobre as transformações ocorridas na cidade. Entre eles está Lúcia Muniz:

“Eu me lembro que foi uma infância muito legal, muito feliz, livre. A gente vinha prá cá era chegar, colocar o biquíni, sair, curtir natureza, curtir essas pedras. A gente morava em uma casa beirando a praia mesmo, então a gente descia uma escadinha estava ali na areia e, como era muito próximo, a gente acordava exatamente três, quatro horas da manhã com um barquinho saindo, a gente já ficava vigiando. A volta a gente já ia lá ver como é que era. Era tudo muito solto. A gente via os peixes, a gente perguntava, comprava ali mesmo.” (FROC, Terra de Peixes III, DVD)

Essa tendência para o turismo não é exclusividade da cidade Rio das Ostras. Está localizada em uma região especialmente atrativa. Trata-se da região conhecida como “Baixadas Litorâneas”, composta por 13 Municípios rodeados de praias: Araruama, Armação de Búzios, Arraial do Cabo, Cabo Frio, Cachoeiras de Macacu, Casimiro de Abreu, Iguaba Grande, Maricá, Rio Bonito, Rio das Ostras, São Pedro da Aldeia, Saquarema e Silva Jardim.



Figura 10 - Adaptado de: SIMÕES, Ricardo Simões. Atlas Geográfico do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora Entorno, 2010. (CD-Rom)

A cidade de Rio das Ostras possui uma área de 231 km<sup>2</sup> e estimativa populacional em 2010 de 105.676 habitantes<sup>32</sup>. De acordo com informações do site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) foi criado um Distrito com denominação de Rio das Ostras, pelo decreto-lei nº 225, de 01 de março de 1970. Sede no povoado de Rio das Ostras, desmembrado do distrito de Barra de São João, subordinado ao município de Casimiro de Abreu. Em divisão territorial datada de 01 de janeiro de 1979, o distrito de Rio das Ostras integra o município de Casimiro de Abreu.

O município foi recentemente emancipado pela lei estadual nº 1.984, em 10 de abril de 1992 quando se desmembrou política e administrativamente do município de Casimiro de Abreu. Passou então a ter orçamento próprio, possibilitando investimentos necessários para o crescimento da cidade e suas inevitáveis transformações urbanísticas. Passou também a contar com secretarias administrativas e outros órgãos político-administrativos.

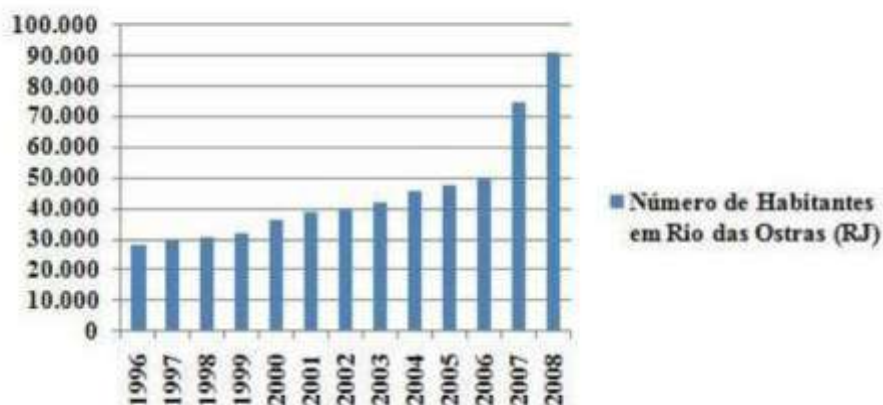
Segundo Mariah Guedes, que escreveu uma monografia que teve como objetivo principal traçar um breve panorama comentado dos programas, projetos, eventos e ações culturais organizados pela Fundação Rio das Ostras de Cultura (FROC), até os anos 1980, a população local oscilava de acordo com as estações do ano: grande número de pessoas durante o verão e redução deste contingente populacional a menos da metade nas outras estações. No entanto, de acordo com a autora com a virada do século, o cenário da cidade se alterou:

“No contexto demográfico, Rio das Ostras possuía 28.106 habitantes no ano de 1992, de acordo com dados de anos intercensitários do IBGE, fornecidos no biênio 1995-1996. Após a efetivação da exploração de petróleo e gás natural pela Petrobras (Petróleo Brasileiro S/A) na Bacia de Campos, criando sedes administrativas na cidade vizinha de Macaé, e, paralelamente tendo se tornado pólo turístico, o município passou a ter mais destaque no cenário nacional, atraindo pessoas de diversas regiões do Brasil tanto em busca das benesses econômicas quanto de lazer. Com o aumento de interesse pela região da Bacia de Campos, dados referentes ao ano de 2002 indicam que 40.248 habitantes já moravam à época em Rio das Ostras. Entre a pesquisa citada de 1996 e a de 2002, o aumento populacional foi de 43,2%.” (GUEDES, 2009, p. 19)

---

<sup>32</sup> Dados do site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Para maiores informações acessar: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=330452#> - Acesso em: 10/05/2011.

Segundo dados do IBGE, durante o período de 1996 a 2008, houve um crescimento populacional expressivo, passando de 28.106 habitantes em 1996 para cerca de 91.085 habitantes em 2008. Ou seja, em 12 anos registrou-se um crescimento na ordem de 60.000 habitantes, o que equivale a um quantitativo de mais do dobro de habitantes neste intervalo.



Fonte: Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Ainda segundo o IBGE, se levarmos em conta o percentual de crescimento populacional anual, foram registradas taxas significativas de ano para ano. A mais expressiva correspondeu ao crescimento verificado de 2007 para 2008, quando a taxa anual atingiu 21,85%, e a cidade de Rio das Ostras passou de 74.750 habitantes para 91.085 habitantes.

ANO	HABITANTES	TAXA ANUAL (%)
1996	28.106	Não disponível
1997	29.569	5,21
1998	30.802	4,17
1999	32.036	4,01
2000	36.419	13,68
2001	39.046	7,21
2002	40.248	3,08
2003	42.024	4,41
2004	45.755	8,88
2005	47.819	4,51
2006	49.868	4,28
2007	74.750	49,9
2008	91.085	21,85

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Assim, com o crescimento populacional, a economia de Rio das Ostras, que antes era basicamente voltada para o turismo, conquistou novas vertentes, fazendo com que a prefeitura investisse em mudanças na infra-estrutura da cidade e dedicando parte de suas preocupações ao campo das atividades culturais, com o intuito de se adequar aos novos habitantes. É neste contexto que se insere a Fundação Rio das Ostras de Cultura.

### **3.2 Ocupação Indígena e Sambaquieira em Rio das Ostras: Conhecendo alguns povos que circulavam na região**

A história da ocupação populacional da região onde hoje se encontra o município de Rio das Ostras está relatada em algumas fontes. Apresento aqui algumas dessas fontes, pesquisas realizadas por instituições do governo e pesquisadores que tem se empenhado em realizar estudos acerca da ocupação do estado do Rio de Janeiro, sobretudo, a ocupação dos povos sambaquieiros e indígenas. Pretendo neste momento apresentar um breve panorama da história dessa ocupação e dos povos que viveram na região.

Uma das fontes pesquisadas é o portal do Instituto Estadual do Patrimônio Artístico e Cultural (INEPAC). Lá encontramos informações sobre o processo de colonização quando, no século XVIII, mais precisamente no ano de 1761, em território anteriormente ocupado pelos índios Guarulhos originou-se a primeira freguesia denominada Sacra Família de Ipuca. Desta primeira freguesia até o processo que culminou no estabelecimento do município de Rio das Ostras como município autônomo política e administrativamente, passaram-se três séculos e muitas histórias:

“De uma antiga aldeia de índios Guarulhos, originou-se a freguesia denominada Sacra Família de Ipuca, em 1761. Com a transferência da sede da freguesia para a foz do Rio São João e o desenvolvimento da região, foi criado o município de Barra de São João em 1846, cujo território foi desmembrado do município de Macaé. Durante todo esse período, a estrutura econômica do futuro município de Casimiro de Abreu esteve baseada na agricultura. O isolamento físico associado à ausência de atividades agrícolas dinâmicas no município foi responsável pela pequena expansão do núcleo, que iniciou acentuado declínio a partir de 1888, com a libertação dos escravos. O desajustamento da economia do município ocasionado pela Lei Áurea deu motivo a repetidos deslocamentos de sua sede entre Barra de São João e Indaiáçu, antiga denominação da sede de Casimiro

de Abreu. Já a localidade de Rio das Ostras, como rota de tropeiros e comerciantes rumo a Campos e Macaé, teve um progressivo desenvolvimento com a atividade da pesca, que foi o sustentáculo econômico da cidade até meados do século XX. Rio das Ostras constitui-se em núcleo recente, da década de 1950. A construção da Rodovia Amaral Peixoto, a expansão turística da Região dos Lagos e a instalação da Petrobras foram de extrema importância para o crescimento e desenvolvimento de Rio das Ostras, que viu sua população crescer, até chegar ao momento de sua emancipação político-administrativa do município de Casimiro de Abreu, em 1992.” (INEPAC, web)

Outra fonte que se destaca neste tema consiste na pesquisa realizada pela historiadora Maria da Glória D’Almeida Lima, apoiada pela Fundação Rio das Ostras de Cultura através do “Projeto Memória” que tem como objetivo institucionalizar pesquisas de pessoas preocupadas em escrever e pesquisar a memória e a história do município. Esta pesquisa notabiliza-se por apresentar algumas informações sobre o processo de ocupação populacional da região num período anterior ao século XVIII. Nesta obra, a autora reuniu diversos documentos, leis, tratados, cartas e instruções, fontes primárias e secundárias, em uma tentativa de fazer o levantamento da história de Rio das Ostras. Enumera motivos que levam a cidade a ser considerada um lugar privilegiado para a pesquisa de um historiador. Um primeiro argumento relatado pela autora se dá no sentido em que a cidade se encontra próxima a outros centros historicamente e economicamente importantes, tais como Macaé, Campos, Barra de São João e Cabo Frio. A autora argumenta ainda que a cidade se localiza em uma fronteira nunca estabelecida definitivamente das Capitânicas Hereditárias e de diversas sesmarias. E, por último por Rio das Ostras ter sido um local tardiamente elevado a condição de cidade, o que fazia com que não fosse incluída em relatórios oficiais, aparecendo sempre como pertencente às cidades ao redor, tais como Macaé, Casimiro de Abreu e às Capitânicas de São Vicente e São Tomé. Segundo a autora ainda, tal fato dificultou que seus documentos fossem reunidos em um único arquivo público, com referência própria. (págs 13 e 14)

“Rio das Ostras sempre apareceu incluída na história de outras cidades próximas a ela, na medida em que seus interesses se entrelaçavam. Por isso, é fundamental se procurar traçar o plano para uma história própria da cidade. Isso não a desvincula dos acontecimentos locais, regionais ou da macrohistória. Muito pelo contrário, ao inserir Rio das Ostras na história fluminense, não apenas se fala da cidade, mas também da história do país. Nas referências sobre locais como Macaé, Campos, Barra de São João e Cabo Frio encontramos as fontes, primárias ou secundárias, que nos permitiram trabalhar a história de Rio das Ostras.” (LIMA, 1998, p. 13)



Em seu trabalho, a autora tentou identificar os grupos indígenas que habitaram a região, afirmando existir uma certa dificuldade para identificar exatamente quais eram esses povos, visto que grande parte dos indígenas que habitavam a costa brasileira eram nômades.

“... não se fixavam num mesmo lugar por muito tempo. Esse tempo era definido de acordo com as estações do ano, com a abundância da caça e da pesca na região e mesmo pelas lutas entre tribos, o que torna a definição do território indígena pouco precisa. As tribos sempre procuraram regiões férteis e próximas dos rios.” (LIMA, 1998, p. 15)

No entanto, a autora assinala prioritariamente a presença de dois grupos: os Tamoios ao Sul e os Goitacazes ao norte. A historiadora afirma ainda, que havia também outros povos indígenas circulando pelo norte fluminense, possivelmente estão entre eles grupos como Sacarús, Coroados, Puris, Botocudos e Guarulhos.

Por fim, a autora de Pérola entre o Rio e o Mar: história de Rio das Ostras destaca não ser possível determinar com precisão quais foram exatamente os grupos indígenas que viviam em Rio das Ostras quando se deu a chegada dos colonizadores europeus. Houve diversos aldeamentos jesuíticos na região e nestes casos, havia a prática recorrente de transferir indígenas de um local para outro. Muitos destes aldeamentos eram compostos de indígenas de diversas procedências. Esta prática se justificou em muitos casos com o intuito de enfraquecer os indígenas, mantendo-os sob o poder do colonizador.

É importante observar que a autora em questão não faz referência a períodos mais remotos da história de ocupação populacional em Rio das Ostras. Sua pesquisa e sua reflexão dizem respeito ao Período que se inicia com a chegada dos colonizadores à região. O tema da ocupação indígena é relatado neste contexto, deixando de lado outros povos que viveram em Rio das Ostras e regiões adjacentes em períodos anteriores, como os povos sambaquieiros, e que foram dizimados por vários fatores, entre eles, as guerras tribais.

Uma fonte que se refere especificamente à história da ocupação indígena anterior à chegada dos portugueses, focalizando os povos sambaquieiros em Rio das

Ostras consiste nos estudos realizados pela arqueóloga Maria Dulce Gaspar, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Interessada em estudar povos sambaquieiros no litoral brasileiro, esta pesquisadora trouxe mais algumas referências, principalmente no que tange ao período em que os povos sambaquieiros viveram na região. Em artigos produzidos com seu grupo de pesquisa, foram realizadas análises que revelaram aspectos importantes do modo de vida dos povos sambaquieiros e de sua relação com o meio ambiente, estudos sobre indicativos de gênero em sociedades sambaquieiras a partir dos acompanhamentos funerários, estudos sobre rituais funerários entre outros.

A arqueóloga assinala que “os pesquisadores que estudam a evolução do litoral brasileiro informam que por volta de 7 mil anos AP<sup>33</sup> o mar estava recuado e que esse ambiente, hoje coberto pelas águas, pode ter sido local de moradia dos primeiros sambaquieiros”. Entretanto, a autora assinala ainda que a ausência de pesquisas especificamente sobre este tema e que trouxesse maiores informações sobre esta ocupação remota. Segundo ela, sabe-se apenas que “as oscilações marinhas têm especificidades regionais”, o que possibilitaria a investigação de áreas onde pudessem haver “sítios mais antigos, locais elevados que não foram cobertos pelo mar ou águas tranquilas que possam guardar sítios submersos”. A autora assinala também, junto à costa, sítios sobre morros que se fossem estudados e datados, forneceriam novas pistas sobre o início do processo de colonização do litoral brasileiro. No seu livro, ela cita três hipóteses sobre este temas: “ou os mais antigos sítios conhecidos foram construídos por uma população que já tinha o hábito de explorar ambientes costeiros; ou essa população veio de um ambiente semelhante ao encontrado na costa do Brasil; ou desenvolveu o seu modo de vida no litoral há muito tempo.” (Gaspar, 2004:32) Seus estudos, sobre povos que viveram na faixa litorânea do país tentam remontar o modo de vida desses povos.

“Os sambaquis tem em média 2 m de altura por 30 m de largura e 50 m de comprimento. Não se sabe ao certo quando seus primeiros construtores chegaram à costa, já que, em decorrência da variação do nível do mar, os

---

<sup>33</sup> AP significa “Antes do Presente”, que, por convenção, é 1950. Trata-se de uma menção à descoberta da técnica de datação através do carbono 14, que se deu em 1952. Assim, o evento mencionado ocorreu 6.500 anos antes de 1950. As referências cronológicas obtidas através de métodos físicos são sempre acompanhadas de suas respectivas margens de erro, que são expressas com o sinal positivo e o negativo. Para muitos o nascimento de Cristo é a principal referência cronológica e o tempo é dividido entre antes de depois de Cristo. A data mencionada equivale a 4550 anos a.C. (págs 8 e 9 citação)

registros mais antigos dos sambaqueiros teriam sido inundados.” (GASPAR, 2007, p. 167)

De acordo com Maria Dulce Gaspar, esses povos provavelmente possuíam algum tipo de embarcação para garantir as rotineiras idas e vindas entre os diferentes pontos do continente e as ilhas, visto que algumas eram distantes da costa, e a grande quantidade e diversidade de restos de fauna aquática encontrados nos vestígios deixados por esses povos demonstram grande intimidade com o mar. “A presença de peixes grandes entre os restos faunísticos, inclusive diferentes espécies de tubarão, indica destreza a familiaridade com as águas. Suspeita-se que pescavam em águas profundas.” (GASPAR, 2004, p. 48)

Os ossos humanos encontrados nos sambaquis talvez sejam os principais vestígios que guardam informações sobre os modos de vida desses povos. De acordo com Maria Dulce Gaspar, “a robustez que caracteriza essa população parece estar relacionada ao uso de embarcação, sendo que hábito de mergulhar também deixou seus traços.”

Para que se chegasse a essa conclusão, foram encontrados nos sambaquis um “eficiente arsenal tecnológico para a captura de pescado, formado por uma variedade de pontas ósseas que eram presas à extremidade de hastes de madeira, algumas com a função de perfurar o animal caçado, outras com a extremidade arrebitada para auxiliar na fixação do peixe tal qual uma farpa de arpão.” Para a fabricação desses artefatos eram usados materiais como espinhos de peixe, esporões de raia e ossos longos de aves e de mamíferos, como macacos, porcos-do-mato e veados. (GASPAR, 2004, p. 45-49)

A autora assinala que as mudanças sócio culturais sofridas por esses povos se deram por causa do contato com outras culturas, fazendo com que a sociedade sambaqueira se adaptasse aos diferentes e dinâmicos ambientes. Esse contato, explicaria também uma desestruturação da sociedade sambaqueira.

“Os estudos sugerem que inicialmente os sambaquis estabeleceram relações de troca com ceramistas do interior. É esse intercâmbio que explica a presença de cacos de cerâmica nos últimos níveis de ocupação de muitos sítios sem que tenha havido mudanças significativas em outros aspectos da vida social. Em um segundo momento, por volta do início da era cristã, os

ceramistas, superiores tecnologicamente e em processo de expansão territorial, passaram a colonizar o litoral e, dessa forma, desestruturaram o sistema social que durante longo tempo havia sido soberano. Ceramistas que migraram para o litoral foram identificados como tradição Tupiguarani e Uma, no Espírito Santo e Rio de Janeiro; como Itararé no Paraná e no norte e centro de Santa Catarina; e como Taquara, no sul de Santa Catarina e centro do Rio Grande do Sul. Considerando as características dos grupos que estavam na costa brasileira quando os europeus chegaram, os sambaquieiros devem ter sido incorporados ou eliminados. Trata-se de um tema que só pode ser apresentado em linhas gerais, já que não existe pesquisa sistemática sobre o assunto.” (GASPAR, 2004, p. 68)

A autora considera que a unidades social representada pelos sambaquis pode ser identificada através da caracterização de um “sítio”, “um espaço diferenciado que, pelo seu volume, destaca-se na paisagem”. Para ela, “no sambaqui ocorreria a associação espacial de três importantes domínios da vida cotidiana: o espaço da moradia, o local dos mortos e o de acumulação de restos faunísticos relacionados com a dieta de seus contrutores.” O sambaqui era “um lugar particular, resultado da concentração de material orgânico que certamente tinha implicações no desenrolar do dia-a-dia”. Em geral, segundo a autora, estes “sítios” constituem “um lugar bastante peculiar, construído principalmente com conchas de moluscos e apresentando condições especiais no que se refere a textura, relevo e odores”. (GASPAR, 2004, p. 33-34)

Além dos vestígios materiais encontrados nos sambaquis, tais como, restos de alimentos e adornos, Maria Dulce Gaspar assinala os rituais funerários. Segundo a autora, o tratamento dado aos mortos é um assunto que já está melhor estudado, sendo uma via de acesso para que se possa compreender a vida social dos povos sambaquieiros. (GASPAR, 2010, p. 74)

Apesar dos sepultamentos seguirem um determinado padrão, não são idênticos nem mesmo tratando-se de um mesmo “sítio”. “É difícil estabelecer se o programa mortuário sofreu mudanças através do tempo, mas é certo que houve tratamento especial para certos indivíduos e que estas especificidades não se restringiam às diferenças de idade e de sexo.” (2004, pág 70) O estudo dessas diferenças, podem indicar ainda categorias estruturantes para essas sociedades. Um exemplo é a questão dos arranjos de gênero, da maneira como se apresentam no ritual funerário. Segundo a autora, essa apresentação pode “representar uma ideologia de gênero que corresponda, ou não, à prática real. É o contexto mais amplo que poderá fornecer elementos para se

distinguir entre uma coisa e outra e indicar, ainda, se o gênero era, ou não, uma categoria estruturante para uma determinada sociedade.” (GASPAR, 2010, p. 75)

### **3.3. Equipamentos Culturais de Rio das Ostras - A Fundação Rio Das Ostras de Cultura: Múltiplas ações e vertentes culturais e sociais**

Com o crescimento da cidade de Rio das Ostras, foram construídos diversos programas e projetos culturais e sociais. Podemos observar neste contexto, a criação de uma instituição voltada para dinamizar e difundir atividades culturais na cidade. A Produtora Cultural Mariah Guedes que se dedicou a analisar este processo de formação das instituições culturais da cidade, descreve que:

“De acordo com entrevistas realizadas com funcionários da Fundação Rio das Ostras de Cultura que participaram do processo de formação desta unidade, a Prefeitura Municipal de Rio das Ostras criou no ano de 1992, assim que o município de Rio das Ostras foi emancipado, a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, visando organizar ações para o setor.

Ainda segundo os entrevistados, a iniciativa de criar esta secretaria surgiu como uma contrapartida à realidade econômica municipal, voltada majoritariamente para o mercado de trabalho petrolífero. Um dos principais objetivos quando da criação do órgão era organizar uma secretaria que articulasse cultura e educação e que integrasse turismo e cultura local.

A Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Rio das Ostras, já extinta para a criação automática da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), deu lugar também em 10 de outubro de 1997, à Fundação Rio das Ostras de Cultura (FROC), com o intuito de valorizar o morador local, o artista riostrense e sua cultura.” (GUEDES, 2009, p. 30)

A Fundação Rio das Ostras de Cultura é uma autarquia da Prefeitura de Rio das Ostras, ou seja, um organismo autônomo da administração pública local, no entanto, depende de repasses orçamentais da Prefeitura (no caso de Rio das Ostras, trata-se de 1% do orçamento municipal). Dada instituição tem como “principal objetivo preencher uma lacuna do setor cultural, pretendendo dar vazão aos projetos que estavam sendo elaborados no município, mas não tinham sustentabilidade.” (GUEDES, 2009, p. 29)

Segundo Guedes uma das primeiras ações realizadas pela FROC foi a de iniciar uma pesquisa sobre o perfil do morador riostrense e, conseqüentemente, principais visitantes do museu. Observou-se então que inicialmente haviam três perfis principais para esses moradores: o morador “Nativo”, nascido em Rio das Ostras (antes da emancipação da

cidade, quando o município pertencia a Casimiro de Abreu); “Classe Média Veranista” e “Trabalhadores do Setor Petrolífero” que se dirigiam à cidade de Macaé em busca de profissionalização (década de 1990 e início do século XXI). Existe ainda um outro grupo de pessoas que saem dos grandes centros urbanos, sobretudo da Região Metropolitana, para habitarem Rio das Ostras alegando “fuga da violência” instaurada em suas cidades-natal.

Deste modo se fez necessária a criação de equipamentos culturais na cidade, que estão localizados nas proximidades da Praça São Pedro e da Praça José Pereira Câmara, circuladas pelo comércio local, sendo a primeira, a principal praça da cidade. (CHAMUM, 2004, p. 37). Em pesquisa Guedes (2009) constatou:

“De acordo com entrevistas realizadas com funcionários da Fundação Rio das Ostras de cultura que participaram do processo de formação desta unidade, a Prefeitura Municipal de Rio das Ostras criou no ano de 1992, assim que o município de Rio das Ostras foi emancipado, a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, visando organizar ações para o setor. Ainda segundo os entrevistados, a iniciativa de criar esta secretaria surgiu como uma contrapartida à realidade econômica municipal, voltada majoritariamente para o mercado de trabalho petrolífero. Um dos principais objetivos quando da criação do órgão era organizar uma secretaria que articulasse cultura e educação e que integrasse turismo e cultura local. A Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Rio das Ostras, já extinta para a criação automática da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), deu lugar também em 10 de outubro de 1997, à Fundação Rio das Ostras de Cultura (FROC), com o intuito de valorizar o morador local, o artista riostrense e sua cultura.” (GUEDES, 2009, p. 37)

Não cabe neste trabalho apresentar uma discussão acerca do funcionamento da Fundação Rio das Ostras de Cultura e sim, o que a Instituição tem realizado em prol do crescimento da cidade e da valorização de suas culturas, memórias e histórias, investindo no registro da identidade cultural do riostrense através de ações que valorizam do morador, como cursos de formação específicos para diferentes linguagens artísticas, e o debate em torno das diferentes formas de se produzir cultura e ao fomento de ações relacionadas à economia da cultura

“com foco na qualificação profissional e na geração de trabalho e renda. A Fábrica de Bonecas e Tapetes da Praça do Trem em Rocha Leão é atualmente o maior Programa de Geração de Trabalho e Renda da FROC, mas não foram cedidos pela fundação dados que corroborassem essa informação.” (GUEDES, 2009, p. 35)

Deste modo, acredito ser importante apresentar os Equipamentos Culturais<sup>34</sup> administrados pela Fundação Rio das Ostras de Cultura são<sup>35</sup>:

UNIDADE	LOCALIZAÇÃO
Biblioteca Pública de Rio das Ostras	CENTRO
Casa da Cultura Dr. Bento da Costa Júnior	CENTRO
Centro de Formação Artística de Música, Dança e Teatro	CENTRO
Centro Ferroviário de Cultura Guilherme Nogueira	ROCHA LEÃO
Fábrica de Bonecas e Tapetes da Praça do Trem	ROCHA LEÃO
Fundição Escola de Artes e Ofícios	COLINAS
Museu de Sítio Arqueológico Sambaqui da Tarioba	CENTRO
Sede Administrativa	CENTRO
Teatro Popular de Rio das Ostras	CENTRO

- **Biblioteca Pública de Rio das Ostras:** foi fundada em 1998 através de um convênio entre a Fundação Rio das Ostras de Cultura e o Ministério da Cultura. Possui um acervo com cerca de quarenta mil títulos de obras literárias, didáticas e referenciais, além de material escrito em Braile, visando promover a integração de deficientes visuais, além de material em CD-Rom e Videoteca. No ano 2000 passou a funcionar em uma sede própria com áreas mais amplas, atendendo a cerca de 200 usuários diariamente. Dentre as novas instalações estão espaços específicos para leitura e pesquisa: Sala da Memória Fluminense, que guarda e preserva jornais micro-filmados; sala infanto-juvenil; “gibiteca”; sala de informática com acesso à Internet; e uma área de conveniência. Além disso, a biblioteca promove diversos tipos de eventos, tais como exposições, oficinas, cursos, palestras, encontros, seminários, rodas de leitura e eventos com contadores de histórias.

<sup>34</sup> É importante ressaltar, que neste capítulo, especificamente, as principais unidades a serem pesquisadas são a Casa de Cultura Bento Costa Júnior e o Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba, no entanto, considero importante destacar ações realizadas pela Fundação Rio das Ostras de Cultura e outros centros, por isso, optei por apresentar brevemente as outras unidades administradas pela Fundação, como ações sociais importantes para a comunidade e para divulgar e valorizar o turismo na região.

<sup>35</sup> Informações oficiais retiradas do site da Fundação Rio das Ostras de Cultura: <http://www.culturariodasostras.com.br/> Último acesso em: 06/04/2010.



Figura 11 - Biblioteca Pública de Rio das Ostras (interior)<sup>36</sup>

- **Casa da Cultura Bento Costa Júnior:** o imóvel que hoje abriga a Casa de Cultura foi construído no final do século XIX para abrigar material de pesca e, posteriormente, se transformou em depósito de sal, sendo transformada em residência somente em meados de 1940, quando foi comprada pela família do médico Bento Costa Júnior. O imóvel, considerado uma das mais antigas construções de Rio das Ostras, guarda em seu interior diversas histórias e memórias da cidade<sup>37</sup>. Foi desapropriado em 1997 para se tornar a Sede da Cultura de Rio das Ostras, por seu valor histórico e por sua típica construção colonial. Pouco depois, o INEPAC (Instituto Estadual do Patrimônio Cultural), a considerou oficialmente patrimônio histórico e cultural da cidade.



Figura 12 - Casa de Cultura Bento Costa Júnior (vista lateral esquerda)<sup>38</sup>

<sup>36</sup> Retirado do Trabalho de Conclusão de Curso de Mariah Guedes “Gestão Cultural no Município de Rio das Ostras (RJ). Fotografia de Mariah Guedes.

<sup>37</sup> A história da Casa será aprofundada no item 2.2, denominado “Casa de Cultura e Memórias da Cidade”

<sup>38</sup> Retirado do Trabalho de Conclusão de Curso de Mariah Guedes “Gestão Cultural no Município de Rio das Ostras (RJ). Fotografia de José Francisco Veiga Coutinho.



- **Casa de Formação Artística de Música, Dança e Teatro:** a área onde hoje funciona a casa foi Sede do Clube Esportivo e Recreativo de Rio das Ostras – CERRO, o primeiro clube de entretenimento construído na década de 60 por turistas que ocupavam a cidade no verão. Era neste clube que aconteciam grandes bailes de carnaval e concursos de fantasia. Após sua desativação se tornou Sede da Câmara Municipal – instalada após a emancipação político-administrativa de Rio das Ostras – da Junta Militar e da primeira agência bancária da cidade. O prédio foi demolido para dar espaço à Casa de Formação Artística, inaugurada em 1º de dezembro de 2004 pela Prefeitura e pela Fundação Rio das Ostras de Cultura. O principal motivo que levou à criação desta Instituição foi atender à necessidade de se criar novos espaços para se instalarem cursos de música, dança e teatro, tais como o curso de Música Geraldo Carneiro (criado no mês de março de 2000), o curso de Dança Helba Nogueira (criado no mês de julho de 1999) e o curso de Teatro Mario de Oliveira.



Figura 13 - Centro de Formação Artística de Música, Dança e Teatro (Fachada)<sup>39</sup>

---

<sup>39</sup> Idem 38

- **Centro Ferroviário de Cultura Guilherme Nogueira:** O Centro Ferroviário de Cultura funciona na antiga Estação Ferroviária de Rocha Leão, no centro desse distrito. Sua construção se iniciou em 1877 e levou 10 anos para ser concluída. Para tal, foi utilizada mão-de-obra escrava que levantou as paredes, feitas de blocos de pedra bruta e fixadas com estreme. A cobertura do prédio foi disposta de telhas francesas vindas de Marseille (França), e estão preservadas, constituindo parte importante para a conservação das principais características do Centro Ferroviário. Quando sua construção foi concluída, a estação passou a integrar a linha que ligava as cidades de Barão de Mauá e Vitória, tornando o trajeto essencial para o escoamento da produção local. Em 1944, durante a Segunda Guerra, a linha foi utilizada pelo exército brasileiro para o transporte de soldados. Em agosto de 1999 o prédio histórico, após restauração realizada pela Prefeitura, transformou-se num espaço cultural. Em seu interior funciona um Museu Ferroviário com exposição permanente de peças e documentos da antiga Estrada de Ferro Leopoldina Railway, uma Biblioteca com mais de cinco mil títulos e uma Sala de Cinema, o Cine Estação, com 68 lugares. Em 2006, foi realizada uma revitalização que valorizou o Museu Ferroviário com nova pintura externa, nova iluminação e nova organização e melhor disposição das peças pertencentes à antiga Estrada de Ferro Leopoldina Railway.



Figura 14 - Centro Ferroviário de Cultura Guilherme Nogueira<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup> Idem 38

- **Fábrica de Bonecas e Tapetes de Rocha Leão:** a Fábrica foi criada pelo Programa de Geração e Renda da Fundação Rio das Ostras de Cultura, onde mulheres residentes na cidade foram qualificadas nos cursos e deram início à produção de tapetes e bonecas para movimentar o comércio e o turismo da região, gerando oportunidades de sustentabilidade para a população. A Fábrica funciona na Praça do Trem, espaço pertencente à Prefeitura e foi inaugurada em 19 de dezembro de 2005, como um novo ambiente que reúne atividades esportivas, culturais e de geração de renda.



Figura 15 - Tipos de produtos da Fábrica de Bonecas e Tapetes da Praça do Trem<sup>41</sup>

- **Fundição Escola de Artes e Ofícios:** a Escola foi inaugurada em 29 de setembro de 2004, proporcionando a formação de jovens artesãos por meio do Programa de Capacitação de Mão-de-Obra da Fundação Rio das Ostras de Cultura, produzindo diversas peças, tais como, troféus entregues em eventos de grande porte da cidade, instrumentos musicais, artesanato etc. O projeto visa qualificar jovens monitores acima de 18 anos que, inseridos no programa, desenham, modelam, fundem peças de cerâmica, alumínio, bronze, resina, sob a orientação de professores, artistas plásticos e, muitas vezes, ex-alunos da escola que após formados, colaboram para a educação profissional de outros jovens.

---

<sup>41</sup> Idem 38



Figura 16 - Fundação Escola de Artes e Ofícios<sup>42</sup>

- **Museu de Sítio Arqueológico Sambaqui da Tarioba:** O Sítio Arqueológico foi registrado com o nome Tarioba (CNSA RJ00373)<sup>43</sup> pelo Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB) em 1967, quando foi identificado por Ondemar Dias, seu atual presidente. Apesar disso, apenas em 1998 ocorreu sua inauguração e abertura para visitação pública. O Museu consiste em exposições permanentes, tais como o Sítio Arqueológico musealizado com peças organizadas por período, origem e tipo pelos arqueólogos do IAB. Além de maquetes, artefatos expostos em vitrines, mapas e reconstituições. Na área escavada, são encontrados restos humanos, adornos, carapaças de moluscos, material lítico (batedores e quebra-coquinhos), que caracterizam uma ocupação estimada entre 4 mil e 2 mil anos a.p.



Figura 17 - Museu de Sítio Arqueológico Sambaqui da Tarioba (Fachada)<sup>44</sup>

<sup>42</sup> Idem 38

<sup>43</sup> CNSA – Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos. IPHAN. Disponível em [http://sistemas.iphan.gov.br/sgpa\\_desenv/cnsa\\_detalhes.php?8979](http://sistemas.iphan.gov.br/sgpa_desenv/cnsa_detalhes.php?8979). Acesso em 30 de julho de 2011.

<sup>44</sup> Idem 38

- **Sede Administrativa:** o imóvel localizado na orla da Praia do Centro foi adquirido pela Prefeitura no ano de 2002. O local abriga as principais instâncias da Fundação Rio das Ostras de Cultura, reunindo a Presidência, as Superintendências e todo o Setor Administrativo, onde são gerados e gerenciados projetos e programas da Instituição, que hoje conta com um quadro pessoal composto por 41 funcionários.



Figura 18 - Sede Administrativa da Fundação Rio das Ostras de Cultura<sup>45</sup>

- **Teatro Popular de Rio das Ostras:** a construção de um teatro se deu após reivindicação do movimento artístico da cidade, que destacavam a necessidade de um espaço onde pudessem realizar suas apresentações. Deste modo, a Fundação Rio das Ostras de Cultura entendeu que a criação de um espaço alternativo poderia ser uma forma dinâmica de divulgar e valorizar as atividades culturais da cidade, atraindo mais turistas e, inaugurando assim, o Teatro Popular no dia 15 de outubro de 2003. A direção do espaço e suas programações são coordenadas pela Fundação Rio das Ostras de Cultura, que o utiliza, na maioria das vezes, com produções locais e apresentações de alunos dos Cursos de Dança, Música e Teatro do Centro de Formação Artística, como as que ocorrem no final do ano para marcar o encerramento das atividades dos cursos.

---

<sup>45</sup> Idem 38



**Figura 19 - Teatro Popular de Rio das Ostras<sup>46</sup>**

Além de coordenar as Instituições listadas anteriormente, a Fundação Rio das Ostras de Cultura investe ainda em diversas atividades para a sociedade e na criação de projetos e programas formando um corredor cultural e sedimentando seu trabalho na cidade. Existe um calendário oficial de eventos a serem realizados, como por exemplo, o Festival Nacional de Dança, o Festival de Música e o Encontro Latino-Americano de Poetas. Além dos festivais, a Fundação apóia também eventos produzidos e encenados por artistas locais, tais como a Paixão de Cristo e o Auto de Natal. O mesmo ocorre com a literatura, com o apoio à publicação de obras de escritores e pesquisadores da cidade, na coleção Rio das Ostras Literatura e Memória.

“A FROC tem dentre os seus objetivos promover eventos contemplando diferentes linguagens artísticas. Os meses que mais recebem eventos organizados pela FROC estão no último trimestre do ano, em especial após o aniversário da autarquia, em Outubro, quando ocorrem os festivais de dança e teatro do município.” (GUEDES, 2009, p. 35)

Deste modo, percebemos que há uma grande preocupação tanto da Prefeitura de Rio das Ostras, no âmbito da Fundação Rio das Ostras de Cultura, quanto da população

---

<sup>46</sup> Idem 38

local em valorizar os aspectos históricos e culturais da cidade, inovando para atrair não apenas turistas, mas também, dinamizando ainda mais a economia da região, que cresce com a chegada de grandes empresas nacionais e internacionais devido à extração de Petróleo na região Norte Fluminense, que está historicamente ligada à Rio das Ostras.

### **3.4. Casa de Cultura e Memória da Cidade**

Este imóvel onde atualmente encontra-se a Casa de Cultura Bento Costa Júnior foi desapropriada pela Prefeitura por se tratar do imóvel mais antigo da cidade além de possuir uma localização privilegiada: em frente a Praça São Pedro, uma das mais importantes, localizado no centro da cidade. Um dos principais motivos que levaram à escolha deste espaço para ocupar a casa de cultura foi o valor histórico regional atribuído ao imóvel: trata-se de uma tradicional construção colonial.

A museóloga Denise Chamum Trindade escreveu um trabalho intitulado “Arqueologia e Memória: o caso da musealização do sambaqui da Tarioba” que relata o processo de musealização do sítio, após prospecção e escavação realizada pelo Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB). Apresentar a história da Casa de Cultura é fundamental, visto que o sítio arqueológico foi encontrado em seu quintal, local que abriga o museu. Deste modo, trindade afirma que:

“Este imóvel foi entregue à comunidade por ato oficial, pelo EXMº Sr. Prefeito Municipal de Rio das Ostras, Sr. Alcebíades Sabino dos Santos, no dia 14 de abril de 1997, sendo a Sra. Mara Moreira Fróes, a presidente da Fundação Rio das Ostras de Cultura a partir do dia 10 de outubro do mesmo ano. Hoje, a Casa da Cultura é a sede da Fundação. Seu valor histórico e cultural foi avaliado e estimado pelos técnicos do Instituto Estadual do Patrimônio Artístico e Cultural do Rio de Janeiro – INEPAC.” (CHAMUM, 2004, p. 37)

No mesmo ano, no mês de outubro, foi criada a Fundação Rio das Ostras de Cultura e a casa do médico Bento Costa Júnior tornou-se a primeira unidade cultural da cidade. O INEPAC (Instituto Estadual do Patrimônio Cultural) fez uma avaliação do imóvel considerando-o patrimônio histórico e cultural da cidade. A Casa foi considerada importante por ter sido um importante cenário do contexto social na história da cidade.

“Segundo depoimentos de antigos moradores da cidade, a Casa de Cultura foi no final do século XIX, um galpão e depois um armazém onde os pescadores guardavam peixes e apetrechos de pesca, servindo também para depósito de sal. Somente nos meados de 1940, o imóvel passa a ser residência do médico, Dr. Bento Costa Jr.”. (CHAMUM, 2004, 37)

Em visita guiada pelo Coordenador de eventos da Fundação, Jorge Pinheiro em abril de 2009, foi possível perceber que o momento da história da Casa as quais são feitas mais referências e norteadas a maioria das exposições refere-se a permanência do Dr. Bento Costa Jr. que se deu a partir de 1940. Deste modo, ao longo da visita, nota-se a construção de uma imagem heróica concedida ao médico por ter sido membro da tropa de saúde enviada em 1918 à I Guerra Mundial, quando milhares de pessoas eram mortas pelo vírus da Gripe Espanhola no mundo. Sendo segundo tenente do corpo de saúde do exército brasileiro e por ocupar a condição de médico e cientista foi diretor do antigo centro de estudos dos médicos do Banco do Brasil. Na Casa existem móveis e objetos originais da época em que o médico ali vivia, sendo uma sala dedicada a apresentar sua memória, contendo objetos pessoais, reportagens de jornais que o exaltam perante a sociedade local e alguns de seus documentos.

É importante ressaltar que a casa de Cultura é detentora de múltiplas identidades. Além de ser sede da Fundação Rio das Ostras de Cultura, uma autarquia da Prefeitura Municipal de Rio das Ostras, é realizada ainda uma visita guiada, como explicado acima, onde a história da casa e de seu “mais ilustre e famoso” proprietário se confundem e se inserem na história da cidade.

Além das questões que envolvem memória, história e patrimônio da cidade, é possível perceber a preocupação social da Casa de Cultura, que oferece diversos cursos e palestras para a comunidade. São cursos de pintura, contação de histórias, música etc. Além disso, é válido destacar que os trabalhos produzidos pelos alunos que frequentam os cursos oferecidos na instituição são valorizados e alguns deles ganham destaque nas exposições organizadas nos cômodos da casa. Em uma das salas, em meio a objetos e móveis que pertenceram ao antigo proprietário, estão expostos quadros pintados por uma ex-aluna de um dos cursos chamada Zuleide Fassanha. Ela retratou sete matriarcas de importantes famílias da cidade, não necessariamente por serem famílias “ricas”, mas, por sua importância na história da região.



Além desses cursos, são realizadas também palestras sobre os mais variados temas sendo, um dos principais, a história da criação do museu de sambaqui, a explicação da importância de preservá-lo, esclarecimentos acerca da arqueologia, sobretudo na região. São momentos importantes de interação entre a Casa de Cultura, a comunidade e o público do museu, que podem ser moradores, estudantes de escolas públicas e privadas, universitários, professores, pesquisadores, turistas e qualquer grupo que se interessar por conhecer um pouco mais a história da cidade, a Casa, os cursos e o Museu de Arqueologia.

### **3.5. Breve etnografia da Casa de Cultura**

Antes de conhecer o Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba percorremos as exposições da Casa de Cultura Bento Costa Júnior. A frente da casa possui uma varanda bastante aconchegante. Seguindo em frente encontra-se a sala da administração, mas a exposição começa em uma porta à esquerda da varanda.



**Figura 20 - Frente da Casa de Cultura Bento Costa Júnior - Aos fundos Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba<sup>47</sup>**

---

<sup>47</sup> Idem 19



**Figura 21 - Varanda de entrada da Casa de Cultura Bento Costa Júnior<sup>48</sup>**

Essa primeira sala de exposição era a sala da casa que vivia o médico Bento Costa Júnior. Nesta sala as exposições são itinerantes. Observamos que os trabalhos expostos estão a venda. São exposições de fotografias, pinturas e diversos trabalhos artesanais confeccionados por artistas locais. Logo na entrada existe um livro de visita, onde o visitante pode expressar sua opinião acerca do trabalho do artista. Em frente à porta de entrada está exposto um piano, parte do acervo da casa.



**Figura 22 - Primeira sala de exposição da Casa de Cultura Bento Costa Júnior<sup>49</sup>**

---

<sup>48</sup> Idem 19

<sup>49</sup> Idem 19



**Figura 23 – Detalhe Piano exposto na primeira da Casa de Cultura Bento Costa Júnior<sup>50</sup>**

Seguindo em frente encontram-se duas portas que dão para os quartos da casa. Nesses ambientes é contada a história do médico Bento Costa Júnior, último morador da casa (antes de se tornar equipamento cultural da Fundação Rio das Ostras de Cultura). Na primeira sala à esquerda encontram-se quadros pintados por Zuleica Fassanha, uma ex-aluna do curso de artes plásticas oferecido pela Casa de Cultura à comunidade. Esses quadros foram dispostos neste ambiente expositivo com a justificativa de configurarem “representações das sete mulheres das famílias mais antigas do município”. Todas essas mulheres tem seus depoimentos registrados na publicação “Terra dos Peixes”<sup>51</sup> que em entrevistas com antigos moradores da cidade, tentou reconstruir através de suas lembranças, histórias da cidade. Este espaço da Casa de Cultura procura, pois representar alguns aspectos da ocupação populacional moderna da cidade, ou seja, relacionada com o município de Rio das Ostras em sua história recente. Procuram com isto construir uma identidade de “famílias rioostrenses”. As fotos servem justamente para evocar estas famílias enfatizando o pertencimento a uma identidade local. A primeira matriarca retratada é Aladir Ferreira, denominada no livro Terra dos Peixes como “a flor mística de Rio das Ostras”. A matriarca nasceu em Duas Barras, mas foi criada em Rio das Ostras. No livro, ela diz que “não se esquece da vida dura com muito trabalho na roça, no plantio desde menina”. D. Aladir narra que se casou aos 19 anos com Bento Belo que “era pintoso, um charme só, e eu deixei até de ir aos bailes... mas

---

<sup>50</sup> Idem 31

<sup>51</sup> Fundação Rio das Ostras de Cultura. Terra de Peixes III. Rio das Ostras, 1997.

era por ciúme dele comigo” e teve 8 filhos e 7 bisnetos. A senhora tem muitas histórias para contar e uma face mística conhecida na cidade.

“Para falar a verdade, a cidade era mato puro, e aqui era chamado Lagoa dos Jacarés, tinha jacaré aqui, pode acreditar, eles passeavam pela rua, hoje esse lugar virou Praça dos Pescadores.... tudo era brejo só, tudo água, daqui até chegar a igreja que era velhinha, de pedra. Depois que ela caiu, desmancharam ela pra fazer essa outra. Nessa época, tem uma coisa que eu me lembro como se fosse agora, eu trabalhava na casa do Rego Barros, e a N. Sra. Da Conceição estava guardada lá... e eu saí de lá por causa da santa. Eu fui arrumar a casa, e obedeci uma ordem da esposa dele que me mandou limpar a santa com cuidado. Fui limpando com carinho, era uma santa linda, antiga, com um manto azul, tinha uma coroa bonita e seus pés pisavam numa cobra, e tinha uma rosa também, ah... a coroa era de ouro, muito bonita! Então fui limpando com cuidado e muito respeito, mas meu patrão entrou pela sala e disse pelo bravo! – Está fazendo o quê aqui?... eu respondi – Tô fazendo o que a esposa do Sr. mandou... Ele ficou mais brabo e falou (eu me lembro até agora...) – Larga a mão daí, você não é digna de tocar nela... Disso eu não me esqueço nunca mais! Sabe menina... eu sei de muita coisa e tenho visto muita coisa... Sou muito conhecida, porque já tive Dom para vidência e fui muito procurada pelas pessoas... eu deixei essas coisas... hoje sou evangélica... mas sempre tive vontade, uma espécie de sonho de contar minhas histórias, minhas lembranças para alguém e deixar isto registrado para sempre, porque é minha vida e tenho muito orgulho de dar este testemunho... eu estou feliz de você estar aqui me ouvindo e escrevendo o que to contando... tenho muitos causos prá contar... coisa que num dpa prá acreditar”. (FROC, 1997, p. 81 - 82)

Seguindo a exposição, a segunda matriarca retratada é Evangelina Dias de Abreu, também conhecida como D. Vanja e descrita no livro Terra dos Peixes como “uma árvore que gerou muitos frutos riostrensenses”. Mãe de 13 filhos e avó de 21 netos e 14 bisnetos. Seu depoimento conta um pouco como era a rotina da cidade, os bailes que aconteciam, inclusive em sua casa, as lendas de assombração e sobre a destruída Igreja de Nossa Senhora da Conceição.

“Rio das Ostras era toda iluminada por luz de lampião, não tinha quase nada. Para ajudar os pescadores, tinham as escaladeiras, que eram mulheres, moças e crianças que salgavam peixe para conservar. O gelo vinha do Rio de Janeiro e se pagava qualquer bagatela pelo peixe. Neste tempo era muito escuro, sem luz elétrica e nem fogão a gás, só lampião na parede... quando íamos ter neném chamávamos as parteiras. O parto naquele tempo era feito por Mãe Genor, Cota Souza, D. Maria Rufina e D. Albertina que a gente ia consultar. Meu primeiro partou foi feito com uma parteira que veio do Rio de Janeiro, a D. Eugênia... foi difícil... você pode não acreditar, mas foi feito com uma colher de panela... a vida era outra, só tinha farmacêuticos, que era o Moisés e o Sr. Gelli.” (FROC, 1997, p. 44 - 45)

Em seu relato no livro, lembra ainda os bailes da cidade. Realizava alguns em sua casa e conta que algumas moças iam escondido “para dançar e ouvir os tocadores”.

“E era uma beleza... dá muita saudade... o baile era também aqui em casa. A gente enfeitava a rua de bambu, serpentina e confete. Era muito melhor do que agora, a alegria da festa era muito maior antigamente. Nunca fui em carnaval de fora, só aqui é que era bom. O salão era grande, nesse espaço que hoje é o Sirizão. Carnaval naquele tempo, tinha a fantasia criada pelas pessoas. As fantasias dos homens era camiseta branca, com estradão vermelho na gola e, as meninas de saias azuis e blusas brancas, com as cabeças enfeitadas de grinaldas”. (FROC, 1997, p. 45)

D. Vanja destaca ainda com saudade alguns detalhes da antiga igreja, que acabou demolida na década de 1950, degradada pelo tempo.

“A santa era grande e bonita, e até as jóias da imagem dela foram roubadas. Na época das festas vinham padres do Rio de Janeiro, mas nós tínhamos a rezadeira e o rezador de ladainhas, além da procissão que era no mar, com fogos, missa... As canoas saiam enfeitadas... hoje só tem barco... nesse ponto Rio das ostras era melhor e mais bonita que agora”. (FROC, 1997, p. 46)



Figura 24 - Sala de exposição com fotografias das matriarcas e mobiliário da casa<sup>52</sup>

---

<sup>52</sup> Idem 19

A terceira matriarca retratada na exposição é Albertina Moraes, nascida no morro do Imbé, mãe de 10 filhos que segundo ela, nasceram pelas mãos do pai, nunca foi a hospital, e avó de 28 netos e 23 bisnetos. Também a partir do livro Terra dos Peixes, dispomos da informação de que ela era a parteira da cidade durante certo período. (FROC, 1997, p. 87) A matriarca em seu relato no livro relembra a antiga igreja que era “muito bonita... rica, tudo de ouro... a igreja velha daqui, essas outras não batia nela... a santa era grande, bonita, o altar era grande, tinha uma cruz e um céu no teto de verdade.” (FROC, 1997, p.87) Em seu relato, D. Albertina se lembra também dos bailes da cidade os quais costumava frequentar e um pouco do modo de vida de sua juventude, inclusive de questões ligadas ao tema racial. D. Albertina, que se auto-classifica como “mulata”, expressa saudosismo até do sabor dos alimentos, que, segundo ela, era possível senti-los muito mais do que hoje em dia.

“As moças da cidade eram claras e zombavam das mulatas de cor... mas quando nós caía no baile, não tinha prá ninguém... olha, menina... sempre trabalhei em casa pros meus pais, lá peguei no foice, no machado, na enxada... mas hoje todo o meu sofrimento é o reumatismo... no resto sou muito forte e sadia... não tenho doença. Agora, eu digo prá você, a comida que a gente come não tem mais graça. Antigamente, a gente sentia o gosto da comida, o sabor de hoje é misturado. A comida antiga dá muita saudade, o feijão com a carne seca, hoje o tomate não tem gosto mais, a laranja não tem mais aquele gosto...” (FROC, 1997, p. 87 - 88)

D. Albertina em seu relato faz menção a caçadas que eram feitas no local.

“Fazíamos caçada quando casei, lá na Califórnia, adiante de Cantagalo. Tinha lagarto, tatu (eu com barriga grande de neném), eu caçava muito, tamanduá, gambá, paca, ouriço, caixeiro, catitu... todos esses eu matava. E tinha onça nesses matos. Meu marido matou duas onças... mas eu sempre gostei disso, gostava muito de caçar, tinha muito prazer, mesmo com a barriga grande, quase não podia cavar os buracos, eu via o pé do bicho mas a barriga não deixava eu abaixar e pegar a presa... depois da caça eu vinha prá casa tratar da janta e o menino já tava nascendo... Três filhos morreram pequenos... mas naqueles tempo eu fui muito feliz”. (FROC, 1997, p. 89 e 90)



Figura 25 - Quadros expostos. Da esquerda para a direita: D. Albertina, D. Evangelina e D. Aladir<sup>53</sup>

Seguindo adiante na exposição, a quarta pintura é uma representação de D. Aurélia Moreira Jorge que nasceu em Rio das Ostras. A matriarca teve 21 filhos e é avó de 28 netos e 18 bisnetos e se casou na casa do Dr. Bento Costa, onde se hoje se encontra a Casa de Cultura. O escrivão ia até a casa realizar os casamentos da população

“A casa do Dr. Bento Costa deve ser do tempo da igreja e do cemitério. Essas três coisas de Rio das Ostras devem ter a mesma idade. Eu casei na casa do Dr. Bento Costa, ali o escrivão vinha fazer os casamentos e teve muito casamento lá, foi um armazém grande de pesca e depois passou por donos como Gastão Shuller e depois o Sr. Antônio Crespo. Essa casa serviu para o trabalho dos homens que faziam a limpeza do rio, e quando foi um armazém grande de pesca, havia uma maneira antiga de pagar com cartão no valor de dinheiro ou réis. O cartão era azul, cor de rosa ou verde e pagaram com a limpeza do rio.” (FROC, 1997, p. 58)

---

<sup>53</sup> Idem 31



**Figura 26 - Quadro representando D. Aurélia Moreira Jorge<sup>54</sup>**

Em suas lembranças, assim como das outras matriarcas registradas pelos pincéis de Zuleide Fassanha, está a velha igreja de Nossa Senhora da Conceição.

“A velha igreja de N. Sra. Da conceição era toda de pedra de mão e concha do mar e do lado de fora tinha desenhado o nome de Nossa Senhora com as mesmas conchas do mar, a porta era redonda, bem grande, com três partes, a saída da porta tinha coluna de madeira de um lado e do outro, pra dentro do corpo da igreja, com uma cortina de veludo verde, escritas com as iniciais N.S.C. A letra N era a mais importante, era branca e o desenho dela era o mais bonito. O veludo da cortina era verde-mato, e no corpo da igreja tinha uma porta e também um gavetão com roupa de padre e bispo, vermelhas, todas com enfeites dourados. O tapete vermelho saindo do corpo da igreja até o altar, fazia a beleza junto aos castiçais de metais, e a imagem da Santa bem grande, toda enfeitada de coroa de ouro de brilhante, também as imagens de São Pedro (dos pescadores, do lado de fora), e do lado de dentro, mais pequena, a de S. Benedito, D. Antônio... a imagem da Santa ficava em uma redoma de vidro com 6 anjinhos, três de cada lado, uma beleza só...” (FROC, 1997, p. 60)

Ao lado, está o retrato de D. Otacília de Souza Andrade, também conhecida como D. Tita e foi mãe de leite de toda uma geração de crianças na cidade e diz que

---

<sup>54</sup> Idem 31



esse é seu grande orgulho, ter amamentado uma “meninada que hoje são pessoas responsáveis pelo destino da cidade.” (pág 79) Uma das mais antigas moradoras da cidade é mãe de 4 (quatro) filhos e avó de 11 netos e 16 bisnetos. D.Tita não nasceu em Rio das Ostras, chegou à cidade aos 12 anos de idade com a família. Ainda menina sofre um acidente e acabou perdendo a perna esquerda.

“Eu vinha da roça, com minha mãe e ali morava um bicho brabo, uma cobra cascavel. Eu era menina e minha mãe estava com uma molandeira de farinha na cabeça, num dia de sábado, tinha uma lua nova, pintando um sereno de chuva e tinha uma picada no mato e tava fazendo um barulho batendo uma espécie de chocalho... uma cascavel... me deu uma picada... Então eu disse: Mamãe um caranguejo me mordeu... (a gente fazia cozinhadinho de caranguejo na brincadeira de criança)... Mamãe então falou: caranguejo a essa hora? (eram 7 da noite) Mamãe olhou e tava saindo um sangue preto do meu pé. Não foi guaiamum, nem caranguejo. Foi cobra... Aí desmaiei e mamãe subiu a serra comigo no colo e eu tremendo – Papai me amava muito, tinha muito amor por mim e quando mamãe falou que tinha sido picada de cobra, o bicho brabo, ela me botou em casa, na casa nova de tabuinha, e rezou, benzeu com óleo de alhambra, mas ela falou que o dente da cobra tinha ficado dentro do pé. Passou os dias e me saía sangue pelo corpo inteiro, me botavam em lençol e ele ensopava de sangue, me saía sangue pelos ouvidos, boca, nariz, por causa do veneno. Nossa casa ficou cheia de gente e meu pai nesses dias, ficava debaixo do pé de laranjeira esperando a notícia da minha morte... depois surgiu uma lua preta em redor da picada, então vovó desinfetou a tesoura e cortou o nervo do pé, tirando a parte da carne que estava podre e caindo aos pedaços... e vivi a vida sem a perna esquerda mas faço tudo”. (FROC, 1997, p. 78 - 79)

Ao lado, segue a representação de Georgina Jorge dos Santos, nascida em Rio das Ostras e casada com Alcebíades Sabino dos Santos, com quem teve 8 filhos, 14 netos e 2 bisnetos. Um de seus filhos foi Prefeito da cidade e tem o nome do pai, Alcebíades Sabino dos Santos.

Em seu depoimento, D. Georgina revela algumas características da cidade, como a fala de médicos na cidade, apenas farmácias, prevalecendo a medicina caseira. Inclusive os partos eram realizados pelas parteiras da cidade.

“A parteira que me atendeu foi a Genuína, e era de Rio das Ostras. Todos os meus filhos nasceram pelas mãos dela e muitas outras crianças daqui. Ela já morreu. Mas os meninos nasciam tudo sadios e a gente passava bem, na companhia dela por 8 dias fazendo um resguardo sério.” (FROC, 1997, p. 54)

A entrevistada relembra ainda que sua vida foi totalmente voltada para o mar, visto que seu marido era pescador, assim como a vida de diversas outras mulheres da cidade.

“Como ele era pescador, minha vida se ligou mais ao mar depois do casamento. Nós escalávamos peixe, salgávamos e vendíamos tudo pros compradores de Rocha Leão, que vinham à cavalo. O peixe fresco tinha muito, era pescada, enchova, peixe bom, e vinham lanchas de Cabo frio para comprar. Tinha tanto que tinha um cemitério de peixe e tinha de enterrar pois apodrecia tudo. Na beirinha da praia tinha muita tainha, muito camarão, acho que foi a luminosidade que chegou, que afastou os peixes, eles não gostam de barulho nem de muita luz. Quando ia pescar com meu marido, ele me pedia: - Pisa devagarinho para não assustar os peixes...” (FROC, 1997, p. 53)

Outra importante lembrança descrita por D. Georgina se refere à Igreja de N. Sra. da Conceição.

“A igreja só tinha ladainha, rezada pelo Sr. Belmiro que vinha de Rocha Leão, era no dia 8 de dezembro e no dia de São Pedro, com muitos fogos. As moças cantavam e o Sr. Belmiro apontava a ladainha, era coisa muito bonita. Prá batizar era em Barra. O casamento daqui, vinha o oficial de Barra de São João e fazia em casa o casório, a festa era o baile e muita comida, doce não tinha. Mas lembro como agora, a igreja era linda... cadê as roupas que tinha na igreja, a roupa dos padres,, de veludo vermelho e azul, com cruz no peito dourada? E as toalhas com muita renda... cadê? Sumiu tudo... N. Sra. da Conceição, nossa santa... tinha muito ouro nela, o cordão dava seis voltas no pescoço, cadê a coroa de Nossa Senhora? A igreja ficava aberta, tinha bandejas de prata, os castiçais folheados de ouro, o lustre de cristal brilhava de cegar... onde foi parar isso tudo?.” (FROC, 1997, p.54)

Por último, segue a foto de Aurélia de Souza Cabral, nascida em Cachoeiro, chegou em Rio das Ostras aos 14 anos de idade. Foi na cidade que conheceu seu marido que era pescador. A matriarca trabalhou muito na roça e ajudava seu marido na pesca.

“Meu marido fazia rede e tarrafa e eu escalava peixe na praia, pra não perder, depois os peixes eram vendidos para Rio Dourado e era trocado também por mercadoria. No inverno era duro, a pesca sumia e a gente trabalhava na lavoura. Eu fui uma sofredora disso.” (FROC, 1997, p. 70)

No depoimento descrito na publicação “Terra dos Peixes”, D. Aurélia demonstra saudade, “que hoje ela vê o que passou na vida”. Morou em uma casa com estuque tapada com sapê e palha de pindoba “chovendo dentro de casa, com as crianças

pequenas, trabalhando a dia em restaurante e antes na lavoura para criar 10 filhos”.  
(FROC, 1997, p. 71)



Figura 27 - Da esquerda para a direita, representações de D. Aurélia, D. Georgina<sup>55</sup> e D. Tita

Neste mesmo quarto, além das obras de Zuleica Fassanha, estão expostos móveis que pertenceram ao Dr. Bento Costa Júnior e objetos que enfeitam a sala, alguns deles pertencentes à Casa de Cultura.

Logo embaixo das obras de Zuleica Fassanha está uma cômoda. À sua direita está uma cadeira e à esquerda, ao lado da janela uma cadeira de balanço as duas cadeiras de madeira com os assentos e encostos trabalhados em palha. Alguns objetos se destacam na decoração da cômoda de madeira: um crucifixo ao centro, objetos de prata e um enfeite recente, colocado pela administração da Casa de Cultura, com sua logomarca.

---

<sup>55</sup> Idem 31



Figura 28 - Cômoda (móvel original da casa)<sup>56</sup>



Figura 29- Detalhe objeto prata<sup>57</sup>

---

<sup>56</sup> Idem 31

<sup>57</sup> Idem 19



Figura 30 - Detalhe cadeira<sup>58</sup>



Figura 31 - Detalhe móvel<sup>59</sup>

---

<sup>58</sup> Idem 19

<sup>59</sup> Idem 31

No centro do quarto está uma mesa em madeira com quatro cadeiras. À frente da mesa e ao lado da janela está uma estante com espelho com enfeites em prata. Em cima um quadro compõe a decoração do quarto. Ao lado desse móvel, um poste que pertencia à casa. À esquerda da mesa existe um assento de três lugares que faz conjunto com as cadeiras que estão dispostas nessa exposição permanente.



Figura 32 - Detalhe mesa de centro<sup>60</sup>



Figura 33 - Visão geral lado esquerdo do quarto (mesa de refeição e móvel ao fundo)<sup>61</sup>

---

<sup>60</sup> Idem 31

<sup>61</sup> Idem 19



Figura 34 - Sofá madeira e palha<sup>62</sup>

Seguindo para o quarto ao lado destacam-se móveis e documentos que contam a história do médico Bento Costa Júnior, último proprietário da casa. Ao lado direito da sala está uma espreguiçadeira em madeira e parece fazer parte do mesmo conjunto de cadeiras da sala ao lado. Acima, presos na parede em quadros estão documentos de Bento Costa Júnior, certificados e fotografias.



Figura 35 - Visão geral co cômodo<sup>63</sup>

---

<sup>62</sup> Idem 19



Figura 36 - Móvel de madeira e palha<sup>64</sup>



Figura 37 - Certificados e fotos<sup>65</sup>

Seguindo em frente existe uma cômoda com fotografias que a enfeitam. Acima da cômoda, como um quadro na parede, um exemplar no jornal “A Razão”.

---

<sup>63</sup> Idem 19

<sup>64</sup> Idem 31

<sup>65</sup> Idem 31





Figura 38 - Mesinha com porta retratos<sup>66</sup>



Figura 39 - Jornal "A Razão"<sup>67</sup>

---

<sup>66</sup> Idem 19

Ao lado da cômoda encontra-se a mesa de Bento Costa Júnior, com alguns enfeites e sua placa de médico.



Figura 40 - Mesa do Dr. Bento Costa Júnior<sup>68</sup>



Figura 41 - Detalhe Placa<sup>69</sup>

---

<sup>67</sup> Idem 19

<sup>68</sup> Idem 19

<sup>69</sup> Idem 19

À esquerda nesse mesmo quarto existe uma mesa com uma cadeira. O grande destaque desse espaço é para uma pasta que está acima dessa mesa com a escritura definitiva da casa.

Saindo do quarto retornamos à primeira sala de exposições e seguimos por uma varanda até uma parte externa da casa, aos fundos e saímos da casa. Fomos então, conduzidos por Jorge Pinheiro até uma loja de artesanato. Neste local são vendidas almofadas e bonecas produzidos na Fábrica de Bonecas do Município, um dos equipamentos culturais da cidade, além de cartões postais e publicações – livros e DVDs – realizados por pesquisadores interessados em estudar a história da região. Todas essas publicações foram realizadas em parceria com a Fundação Rio das Ostras de Cultura. É um espaço amplo, arejado e bem organizado, um momento em que podemos adquirir material de referência para um futuro aprofundamento no conhecimento sobre a história local, bem como adquirir material de artesanato produzido pelos artesãos da cidade.



Figura 42 - Loja de artesanato<sup>70</sup>

---

<sup>70</sup> Idem 19

Na mesma sala existe a maquete do navio alemão Wakama que está naufragado na Baía Formosa desde 1940<sup>71</sup>.

Saindo da loja, o visitante segue por um corredor e em frente está um espaço aberto em dois lados e coberto, onde funcionam os cursos oferecidos pela Fundação Rio das Ostras de Cultura. Entre seus móveis estão mesas e cadeiras escolares e um quadro para serem ministradas as aulas. São oferecidos cursos de pintura, decupagem, arte em linha, mangá, entre outros que a população pode participar.

---

<sup>71</sup> Afundado durante a 2ª guerra mundial, por cruzadores ingleses, ao tentar furar o bloqueio naval. Chegou ao Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1939, onde permaneceu ancorado até a madrugada de 11 de fevereiro de 1940 devido ao bloqueio naval imposto pela Inglaterra e França. As águas territoriais do Brasil foram consideradas zona de neutralidade pela Conferência de Neutralidade do Panamá. Apesar disso na madrugada de domingo o Wakama deixou o porto do Rio. As 14:27 h. foram captados pelas estações telegráficas do Arpoador um pedido de S.O.S. do Wakama da posição 23° 43' S e 042° 38' W. Deslocaram-se para o local os navios Arriaga Mendel e Bage, que chegando a noite não encontraram vestígios do Wakama, apenas uma pequena embarcação de salvamento. Na tarde de 12 de fevereiro atracou no Rio de Janeiro o Cruzador inglês HMS Hawkins, a bordo do qual estava o almirante Sir Henry Hardwood, que subia do estuário do rio da Prata onde participara da campanha do afundamento do encouraçado Admiral Graf Spee. Este oficial divulgou nota que as 14:00 h do dia 2 de fevereiro um dos dois aviões de reconhecimento do cruzador inglês localizou o Wakama, o cruzador Hawkins intimou o cargueiro. Em seguida a própria tripulação incendiou o navio pondo-o a pique. (<http://www.naufragiosdobrasil.com.br/naufwakama.htm> - Acesso em: 18/06/2011)

## 4. MUSEU DE ARQUEOLOGIA SAMBAQUI DA TARIOBA: A MUSEALIZAÇÃO DE UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO

### 4.1. Musealização de sítios arqueológicos

Os processos de musealização de sítios arqueológicos estão inseridos em aspectos referentes à arte de colecionar que, por sua vez, está intimamente ligada aos museus de todos os gêneros. De acordo com a museóloga Maria Cristina Bruno, podemos encontrar no mundo do colecionismo “diversos e hierárquicos gêneros de colecionadores”. Entre esses gêneros destacados pela estão os “curiosos”, “identificados em especial no século XVI por aqueles que se interessavam por tudo, pelas coisas raras e insólitas” e os “amadores”, “que escolhiam e preservavam os objetos belos, sobretudo para seu prazer. Estes últimos configuraram, especialmente, o que pode ser chamado de uma sub-categoria de colecionador, que é o colecionador - amador – mecenas”. (BRUNO, 1999, p. 38)

Deste modo, pode-se destacar o fato de que coleções e conseqüentemente o colecionismo, demonstraram ao longo do tempo, aspectos referentes ao homem e às sociedades. Ainda de acordo com Maria Cristina Bruno,

“Por um lado, a guarda, a valorização, a apropriação desenfreada dos objetos têm demonstrado a necessidade dos homens de transporem a sua própria finitude e, portanto, expõem a vulnerabilidade humana frente ao desconhecido, ao passado e ao inatingível. Por outro lado, esses mesmos objetos e coleções podem ser interpretados como fortes elementos de ostentação, de poder, de traição, de roubo, entre tantos outros aspectos que sempre evidenciaram a necessidade dos homens e das sociedades de demonstrarem a sua onipotência.” (BRUNO, 1999, p. 43)

Pomian destaca que essa “capacidade para conservar sinais e vestígios do que pertence em si a um passado já remoto não é uma característica dos seres vivos” e que “em determinadas circunstâncias, qualquer corpo se revela capaz de conservar as marcas dos seres que se encontram nas proximidades ou de acolher ou de acolher e proteger os seus restos”. Assim destaca metaforicamente a memória atribuída à Terra, afinal, é nas suas entranhas que temos a oportunidade de descobrir os fósseis desde tempos antiqüíssimos que são reunidos nas coleções constituindo precisamente marcas e

restos, imagens e relíquias dos seres vivos desaparecidos, das bactérias, até dos homínídeos. A metáfora da memória da Terra quer dizer então que nela são conservados vestígios seu passado e assim, os seres vivos, com sua capacidade exclusiva de através da memória, “reconstruir uma situação mais ou menos análoga à já verificadas no momento em que o ser ou o objeto, agora presente sobre a forma de resíduo, possuía ainda toda a sua completude originária.” (POMIAN, 2000, p. 508)

Destacamos então os processos de preservação do patrimônio arqueológico, inseridos diretamente em aspectos diferenciados de preservação e colecionamento dos objetos, visto que, em grande parte, são encontrados através de escavações realizadas por arqueólogos<sup>72</sup> que apontam a necessidade de preservação desses objetos que representam a memória e a história de povos que viveram há milhares de anos. Deste modo, os museus são fundamentais nos processos de recepção e valorização do patrimônio arqueológico, visto que nestes lugares operam diversos grupos mobilizados por objetivos e metas específicas que contribuem para a conformação daqueles processos. (SALADINO, 2010, p. 235)

Ainda assim, apesar do crescente processo de valorização dessas memórias que permaneceram por muito tempo no subterrâneo da história, a “bibliografia especializada sobre a história dos museus ainda não dedicou muitos títulos à análise da inserção da arqueologia nestas instituições”. Podemos perceber, no entanto, que as coleções arqueológicas relacionadas a períodos mais distantes, foram integradas aos museus de História Natural ou aos Museus de Antropologia. (BRUNO, 1999, p. 56)

“As coleções arqueológicas estão na gênese da história dos museus. Amparados em alguns séculos de investigação e interesse pelo passado, pelo exótico e pelo diferente, esses acervos foram constituídos, de uma certa forma, para diminuir a distância entre as sociedades que vivem em tempos distintos. Espelham, também, a colonização, o saque e a destruição de alguns povos por outros. Sobretudo, esses acervos, espalhados em museus de portes diferentes, podem sinalizar aspectos inerentes à longevidade e diversidade da herança patrimonial dos seres humanos.” (BRUNO, 1999, p. 36)

Deste modo, é possível identificar dois modelos de museus arqueológicos tradicionais: primeiramente destacam-se os museus arqueológico-artísticos que estão

---

<sup>72</sup> Para desenvolver pesquisa de campo em sítios arqueológicos é preciso obter autorização do IPHAN. A legislação exige que o estudo seja realizado por arqueólogos. ([www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br))

estruturados em torno de análises estéticas, no âmbito da história da arte, voltados para a preservação das coleções da Antiguidade Clássica, ou das culturas andinas e mesoamericanas. Destacam-se também os museus arqueológico-tecnológicos, responsáveis pela musealização dos vestígios pré-históricos e vinculados aos estudos da antropologia e das ciências naturais. De novos processos de musealização resultam os museus ao ar livre, museus comunitários, ecomuseus, museus de cidade, museus de território, museu de sociedade, entre outros, são igualmente integrados por acervos arqueológicos. (SALADINO, 2010, p. 230)

“Os museus arqueológicos vinculados à preservação do passado pré-histórico identificados como tecnológicos, inauguraram um novo tipo de instituição, ou em certos casos impuseram a constituição de outros departamentos dentro dos já consagrados museus. Esta foi, portanto, uma divisão tipológica no âmbito da Arqueologia, que conduziu estes museus por diferentes e, às vezes, inconciliáveis caminhos. Estudar, preservar e comunicar coleções referentes à Antiguidade, obrigou as instituições e seus profissionais a procurarem parceria entre os historiadores, filósofos e filólogos; enquanto que as instituições que tratavam dos períodos paleolítico e neolítico (ou períodos paleoíndio, arcaico e formativo) buscaram conforto intelectual entre etnólogos, geólogos, geógrafos, biólogos (ou seja, naturalistas)”. (BRUNO, 1999, p. 57-58)

Assim, ainda de acordo com Maria Cristina Bruno,

“As mudanças que começaram a ser constatadas nas exposições correspondem ao desenvolvimento das pesquisas arqueológicas, que se espalharam pelos diversos continentes, evidenciando os vestígios dos grupos humanos, física e culturalmente diferentes da sociedade fruidora deste processo de comunicação que, no início do século, estava adentrando no auge da industrialização e consolidando-se em diferentes e impenetráveis camadas sociais. Ao mesmo tempo, os museus lançaram os seus sustentáculos na área educacional, passando a dar importância à vulgarização científica. Desta forma, inicialmente, as exposições foram consideradas como instrumentos de informação e educação e, gradativamente, as instituições foram organizando setores para atendimento especializado do público infante-juvenil. (BRUNO, 1999, p. 61)

Esses museus, que fazem o papel também de instituições de pesquisa e preservação dos bens culturais, foram instalados, inicialmente, na capital e, em seguida, se espalharam por diversas regiões do país. Deste modo, identidades locais, regionais e nacionais têm se valido muito dos museus arqueológicos. As últimas décadas assistiram ao crescimento destas instituições em espaços construídos ou a partir da reconstituição

de sítios arqueológicos. Também neste tipo de musealização é possível reconhecer fortes relações com o local do desenvolvimento das pesquisas. (BRUNO, 1999, p. 70)

Abordar brevemente o processo de musealização de sítios arqueológicos é fundamental. Os museus têm sido instituições fundamentais nesse movimento de preservação do patrimônio arqueológico. São instituições que além de guardar e preservar objetos e até mesmo sítios arqueológicos – nesse caso, tratando-se de museus “in situ” – servem como centros de pesquisas que buscam justamente valorizar e preservar histórias e memórias até então não oficiais, abrindo novos caminhos em direção à divulgação científica.

#### **4.2. A “descoberta” do Sambaqui da Tarioba**

“O Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba foi descoberto por acaso”. Essa frase é repetida diversas vezes em artigos, notícias e, até mesmo por funcionários desse equipamento cultural, ao contarem sua história. Oficialmente, as escavações no sítio arqueológico tiveram início em 1997, após essa descoberta “ocasional”. Segundo Mara Fróes, Presidente da Fundação Rio das Ostras de Cultura nessa época “apareceu um senhor com uma pedra na mão”, daí começou o interesse em pesquisar o que era aquele objeto e por quê estava ali. Na mesma época, seria construído no quintal dos fundos da Casa de Cultura um teatro para que um grupo local pudesse ensaiar e se apresentar. Quando iniciou-se as escavações para construção do equipamento cultural, foram encontrados vestígios que pareciam ser de populações antigas. Juntou-se ao objeto encontrado nos arredores do museu e surgiu a curiosidade em descobrir o que era aquilo. Descobriu-se então que naquele local estava um sítio arqueológico que já havia sido mapeado pela equipe do Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB) em 1967. Dos doze sítios arqueológicos<sup>73</sup> identificados na região, foi o último a ser encontrado e mapeado por pesquisadores do Instituto<sup>74</sup> que realizavam Programa Litoral Fluminense, que era dedicado a esta área específica de trabalho, que enquadrava-se em um projeto maior denominado Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA)

---

<sup>73</sup> Entre eles: Sítio Santa Luzia, Sítio Casa da Pedra, Sítio Arqueológico Serramar, Sítio Arqueológico do Salgado, Sítio da Jaqueira, Sítio Casa Rosa, Sítio Pasto do Cemitério, Sítio Massangana, Sambaqui de Itapebus

<sup>74</sup> Instituição privada de caráter científico localizada em uma fazenda de café do século XVIII, na av Suburbana, no Rio de Janeiro



patrocinado pelo Smithsonian Institution e realizado com autorização e apoio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) (CHAMUM, 2004, 39).

“Na ocasião, a equipe parou na Praça São Pedro, que era bem mais ampla, sem muitas das construções que hoje circundam a referida praça, contando somente com a casa que hoje abriga a sede da Fundação Rio das Ostras de Cultura. Verificaram neste local um monte de terra preta com muitas conchas e observaram que se tratava de um sambaqui. A equipe tratou de batizar o sambaqui, já que não havia um nome para identificar aquele local. Indagou-se sobre o nome daquela concha específica encontrada no sambaqui – Anomalocardia – que é conhecida pela população local como Tarioba. Daí o nome Sambaqui da Tarioba.” (CHAMUM, 2004, 37-38)<sup>75</sup>

De acordo com o Coordenador de Eventos da Fundação Rio das Ostras de Cultura, Jorge Pinheiro não foram realizados investimentos em escavações até a criação da Casa de Cultura, pois o Dr. Bento Costa Jr., antigo proprietário da casa não permitiu. Deste modo, o sítio foi encontrado e redescoberto ocasionalmente durante as escavações para a construção de um palco e os camarins de um Teatro ao ar livre nos fundos da Casa de Cultura, que era uma necessidade da cidade na época.

“Nessa localização que hoje se encontra o museu, a gente ia fazer um palco porque era o local mais alto do quintal da casa. A idéia era fazer um palco para manter umas atividades nos finais de semana, de teatro, de música... Aí tirando, começamos a pensar como seria o palco, aí aparece uma pessoa que achou uma lâmina de machado, ela chegou com uma pedra, falando que era uma pedra, uma lâmina de machado que encontrou na raiz da árvore da Rua da Jaqueira, uma jaqueira antiga em uma rua que tem aqui atrás. Eu fui procurar os institutos de arqueologia, o museu histórico, até para saber a procedência, o que seria aquilo, confirmaria se era um objeto pré-histórico. Rodei alguns lugares e tive contato com o pessoal do Instituto de Arqueologia Brasileira. Eles mandaram um técnico aqui em Rio das Ostras e para nossa surpresa ele estava com um mapa na mão e nesse local, no quintal da casa, tinha um sítio registrado desde 1967, quer dizer, já tinha 30 anos de registro de um sítio arqueológico no local da casa.” (Mara Moreira Frões – Presidente da Fundação Rio das Ostras de Cultura)<sup>76</sup>

Após o contato entre a Fundação Rio das Ostras de Cultura e o Instituto de Arqueologia Brasileira

---

<sup>75</sup> Segundo Chamum (2004), em escavações mais recentes foi encontrada uma quantidade maior de Ostrea e a Tarioba (Anomalocardia) aparece com menor frequência, no entanto, o IAB reconheceu e registrou como Sítio Arqueológico Sambaqui da Tarioba, pois havia a preocupação de preservar o nome local.

<sup>76</sup> Transcrito de: PREFEITURA DE RIO DAS OSTRAS. Fundação Rio das Ostras de Cultura. **Sambaqui da Tarioba: Preservar é Preciso**. Rio das Ostras, 2004. (30 min)

“...as autoridades municipais contataram a equipe de pesquisadores do Instituto, para avaliar a situação do sítio, sua delimitação e possibilidade de tal expansão. Verificou-se então, que somente a parte do sítio que ficava no quintal daquela casa, permanecem em bom estado de conservação, exceto por decapagens superficiais provenientes da capina do terreno, enquanto que todo o restante foi ocupado por inúmeras outras construções.” (CHAMUM 2004, 39)

Deste modo, para que o museu fosse preservado, a parceria entre a Fundação Rio das Ostras de Cultura e do Instituto de Arqueologia Brasileira foi fundamental:

“Essa parceria vai se dar por muito e muito tempo porque todo o material exposto precisa de uma manutenção constante, com técnicos e museólogos do Instituto, que vem sendo feito periodicamente em vitrine, nos enterramentos, em todo o material.” (Juber Decco – Técnico em Pesquisa Arqueológica/IAB)<sup>77</sup>

O objetivo do museu é apresentar a cultura do homem sambaquiano que habitou a região de Rio das Ostras há 5500 anos enfocando sua distribuição espacial, suas características biológicas e o método de trabalho adotado pelos arqueólogos na pesquisa de campo. Segundo o Presidente do Instituto de Arqueologia Brasileira, Ondemar Dias, *“Desde o princípio já havia essa intenção de deixar o sítio em exposição e fazer realmente uma exposição didática, ou seja, para qualquer pessoa leiga saber o que é um sambaqui”<sup>78</sup>.* Tal fato despertou na equipe de criação do museu a preocupação em apresentar à população qual era a importância do museu, como expressou Mara Fróes:

“Eu tinha que explicar a uma população o que eu estava fazendo dentro de um monte de buraco. E era difícil, a matéria é difícil explicação, fazer a população entender que aquilo ali, que o pessoal que morava aqui antes de todo mundo tá aqui. Aí eu tava falando, a gente estudava a história, tentando ir a fundo e descobrir os grandes navegadores, todo mundo que passou aqui, quantos anos poderia ter esse município. Difícil, a gente achava três linhas assim em um livro e de repente se percebeu o grande passado que estava na sua cara, entendeu? Então optou-se na época quando eles começaram a fazer prospecção, a primeira prospecção foi uma surpresa, que eles acharam ossada, o professor Ondemar também que é um ícone desse país de arqueologia, Beltrão também veio aqui... Nossa tanta gente passou por aqui. Então nós definimos na época, o Ondemar achou a melhor lógica e eu posso dizer que ele que definiu e eu fiz assim ó: tá bom, tá ótimo! Que poderia a gente fazer um museu de sítio, deixar a escavação aparente. Eu consegui na época dinheiro prá fazer uma cobertura porque eles não trabalhavam fora da cobertura, o pessoal me mata também, arqueólogo é fogo na roupa. Arrumei um capim, parecia uma tapera, o negócio começou a voar, começou a entupir ralo dos vizinhos o negócio ficou igual a um tapete mas aí vinha naquele ímpeto, né: achamos uma descoberta prá região aqui fenomenal. Sabendo que

---

<sup>77</sup> Idem 76

<sup>78</sup> Idem 76

em Araruama tinha cento e tantos sítios, Saquarema tem mais não sei quantos sítios catalogados e de repente Rio das Ostras a gente faz um achado desse achando que o lugar era um local de passagem. Mesmo você pensando que é super aprazido, não ia ter população aqui? Mas assim, nem historicamente você tinha índio que pudessem comprovar os índios daqui, né? Assim índios que estavam aqui... Você via Goitacazes ali em Campos, Tamoios prá lá e aqui a gente ficou em um local meio neutro, assim, estranho. Então isso veio comprovar tudo, né? Tinha ocupação, a ocupação vinha, acontecia aqui, aconteciam em vários lugares aqui do município, na zona rural, entendeu?” (Entrevista com Mara Moreira Fróes - Pesquisa de Campo 09 de setembro de 2010)

Apesar de ser um Sítio Arqueológico onde viviam povos sambaquianos, está exposta na entrada do espaço do museu uma urna funerária da tradição Tupiguarani<sup>79</sup> e, de acordo com Jorge Pinheiro era utilizada para a realização dos sepultamentos feitos pelos índios Goitacá. Ao entrar no museu a área das escavações desperta a atenção de quem visita<sup>80</sup>.

“O processo de escavação foi feito da seguinte forma: um longo corte, com todo o comprimento necessário, acompanhando um muro alto (atualmente existente), que divide o sítio ao meio e o separa das casas vizinhas, utilizado como parede do museu. Afastado um metro e meio de tal parede, o corte tem a largura de dois metros e toda a profundidade do sítio, onde necessário. Como de praxe, para localização do material, foram divididos setores identificados em 4m<sup>2</sup>. Objetivando a mostra ao público, nos setores onde ocorreram estruturas e evidências de importância, a escavação foi – total ou parcialmente – paralisada, permanecendo as mesmas em campo, submetida às mesmas medidas de segurança que foram julgadas necessárias.” (CHAMUM, 2004, 40)

Durante as escavações foram encontradas vinte e enterramentos dos quais quatro estão expostos da maneira como foram encontrados, apresentando uma das características mais marcantes do Sítio Arqueológico: o fato de ser “in situ”, ou seja, todo o material exposto é deixado da maneira como foi encontrado. De acordo com Jorge Pinheiro, nesta área pode-se observar que os arqueólogos mapearam e quadricularam local escavando unidades de 1mx1m, analisando e aumentando o perímetro do espaço a ser explorado dependendo do material que for encontrado. Deixaram alguns quadrantes mais altos para destacar o tamanho das cascas de Ostras encontradas no local que são muito grandes. A divisão foi feita em cinco camadas

---

<sup>79</sup> Tupiguarani é grafado junto quando se refere à tradição arqueológica.

<sup>80</sup> Mais informações sobre povos indígenas e sambaquieiros ver: GASPAR (2004), TENÓRIO (2004), GASPAR, BUARQUE, CORDEIRO e ESCÓRCIO (2007).

estratigráficas e a areia encontrada no fundo é parecida com a areia da praia. A argila encontrada foi trazida de outros lugares pelos sambaquianos que habitavam a região.

Sobre a exposição, Juber Decco, Técnico em Arqueologia do Instituto de arqueologia Brasileira diz que *“Foi pensado desde o início a posição, aonde ia ser feita a escavação, aonde ia ser colocado vitrine, aonde ia ser feito tudo. Isso foi um projeto anterior da escavação.”*<sup>81</sup> É importante destacar que foi constatado que os povos sambaquianos habitavam este local devido a facilidade de alimentos oferecida pelo mar na região.

“Até certo ponto essa facilidade de alimentos conteve as mudanças culturais. Então você observa que os sambaquis são ocupados às vezes três mil anos e a população que estava lá no início é muito parecida com a população que estava no final da ocupação do sítio, fazendo os mesmos artefatos, utilizando a mesma potencialidade da natureza e com muito pouco padrão de modificação cultural. Quando nós fizemos a escavação no Sambaqui da Tarioba, nós pudemos notar exatamente essa peculiaridade. Ele foi ocupado por mais de mil anos e não se nota praticamente nenhuma diferença no acervo cultural, dos níveis mais profundos para o nível mais recente. Pesquisas arqueológicas posteriores mostraram que até pelo menos o século XVII povos de cultura sambaquiana continuaram vivendo no estado do Rio de Janeiro.” (Ondemar Dias – Presidente IAB)<sup>82</sup>

Não se sabe bem a causa do desaparecimento dos povos que habitavam os sambaquis. A hipótese mais provável é que tenham sido dizimados em disputas por territórios ou incorporados pelas tribos guerreiras provenientes do interior do país, que ocupavam toda a costa brasileira na época do descobrimento.

“O esvaziamento populacional, ele se dá fundamentalmente por uma razão: os portugueses precisavam da força de trabalho indígena. Os demógrafos da Escola de Berkeley dizem que o que aconteceu aqui foi a maior catástrofe demográfica de toda a história da humanidade. Nunca um continente foi esvaziado com tanta violência e com tanta rapidez como o nosso.” (José Ribamar Bessa Freire)<sup>83</sup>

A história do Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba apresenta grupos, tais como, pesquisadores, professores e moradores da cidade de Rio das Ostras que acreditam na importância de preservar histórias e memórias literalmente subterrâneas de

---

<sup>81</sup> Idem 76

<sup>82</sup> Idem 76

<sup>83</sup> Idem 76

povos que viveram na região há milhares de anos. Nessas histórias existe a tentativa de contar a história da ocupação local, através de vestígios deixados por povos indígenas e sambaquianos, seja na cerâmica, seja através de enterramentos, que apresentam características peculiares, como veremos a seguir. No próximo subcapítulo, apresento uma etnografia de uma visita ao Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba.

### **4.3. Etnografia da visita ao Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba**

Visitar um museu onde todo o material exposto pertence a um período pré-colonial, à pré-história da ocupação do espaço desperta curiosidade. São enterramentos, artefatos, carapaças de moluscos que contam uma pré-história brasileira desconhecida por muitos. Esse material que faz parte da exposição foi encontrado nas escavações realizadas no local e mantido da mesma maneira, o que faz com que o museu seja caracterizado como “in situ”.

Visitei o Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba pela primeira vez em abril de 2009 com o grupo de pesquisa do projeto Museus do Rio. Ao chegarmos lá fomos recepcionados por Jorge Pinheiro, Coordenador de Eventos desses equipamentos culturais e demonstrou grande entusiasmo com a nossa visita. Ainda do lado de fora do terreno, Pinheiro começa a contar um pouco a história da Casa de Cultura, do Museu de Arqueologia e da cidade. O Museu consiste em um pequeno prédio aos fundos da Casa de Cultura e abriga uma única exposição permanente. Para chegar à entrada desta exposição, a visita se inicia na Casa de Cultura Bento da Costa Junior. Atrás desta Casa fica um pátio onde se localiza o Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba.



**Figura 43 - Pátio aos fundos da Casa de Cultura Bento Costa Jr - Caminho para o Museu de Sítio Arqueológico Sambaqui da Tarioba<sup>84</sup>**

Atravessando a Casa de Cultura Bento Costa Júnior chegamos a um pátio externo nos fundos. Olhando para o lado direito avistamos uma construção em uma elevação do terreno, com paredes de vidros, que concede um visual leve ao ambiente, harmonizando o prédio ao local. O caminho até o museu consiste em um terreno amplo com chão de terra, onde podemos encontrar muitas conchas e plantas rasteiras, além de algumas árvores. Caminhando em direção ao prédio que abriga o museu é possível avistar também, ainda no pátio externo uma ossada de baleia e o que parecia ser uma ruína de alguma construção. No caminho, a escultura de uma ostra feita em cimento enfeita o local.

---

<sup>84</sup> Idem 19



**Figura 44 - Ostra em cimento<sup>85</sup>**

Aproximamo-nos dos objetos expostos no pátio e um deles parecia ser a representação de ruínas de alguma igreja, provavelmente da região. Ao lado, uma ossada de baleia chamou nossa atenção. Estão expostos partes das nadadeiras, da mandíbula e da espinha dorsal do animal que impressiona pela grandiosidade.



**Figura 45 - Ruínas da Igreja<sup>86</sup>**

---

<sup>85</sup> Idem 19

<sup>86</sup> Idem 19



Figura 46 - Ruínas da Igreja (Lateral)<sup>87</sup>



Figura 47 - Ossada da baleia<sup>88</sup>

---

<sup>87</sup> Idem 19

<sup>88</sup> Idem 19



Seguimos então para o Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba. Olhando pelo lado de fora, o museu suspenso e todo trabalhado em vidro se destaca na paisagem. Em frente ao Museu, uma placa o apresenta.



Figura 48 – Placa de Apresentação<sup>89</sup>

Para entrar no museu subimos uma rampa de madeira e uma gravação que explica um pouco sua história de criação e dos povos que viveram na região começou a tocar. Logo ao chegar ao museu percebemos que a exposição está disposta como se fosse um percurso, onde podemos observar objetos encontrados em diversos sítios arqueológicos expostos em vitrines, e o sítio arqueológico propriamente dito.

Na entrada do museu está exposta uma urna funerária proveniente de pesquisas e escavações realizadas no Sítio Arqueológico Serramar, doada por Saulo Ferreira Gaspar e Neuza Paulino Gaspar. De acordo com a placa indicativa, essa é uma urna de tradição Tupiguarani e foi confeccionada para fins utilitários ou especialmente para o sepultamento.

---

<sup>89</sup> Idem 31



Figura 49 - Urna Funerária<sup>90</sup>



Figura 50 - Placa Explicativa - Urna Funerária<sup>91</sup>

---

<sup>90</sup> Idem 19

<sup>91</sup> Idem 19

Seguindo o caminho da visita ao museu, virando para o lado direito está disposta em um canto a Placa de Inauguração do espaço.



Figura 51 - Placa de Inauguração<sup>92</sup>

Do mesmo lado, encontra-se a primeira vitrine de material exposto. Neste primeiro espaço, estão expostos objetos encontrados em sítios arqueológicos históricos em prospecções realizadas pelo Instituto de Arqueologia Brasileira. Apresenta ainda uma breve descrição sobre o assunto. Os vestígios expostos estão bem organizados e numerados de acordo com a legenda.

<sup>92</sup> Idem 31



Figura 52 - Vitrine (Lateral)<sup>93</sup>



Figura 53 - Vitrine - Frente<sup>94</sup>

<sup>93</sup> Idem 19

<sup>94</sup> Idem 19

“Os sítios históricos são vestígios materiais de ocupações humanas posteriores ao “descobrimento” até os dias atuais.

Nas prospecções que o IAB vem desenvolvendo em Rio das Ostras, foram registrados até o momento cinco sítios históricos, são eles:

- Sítio Casa da Pedra
- Sítio Casa Rosa
- Sítio da Jaqueira
- Sítio Pasto do Cemitério
- Sítio Rua Nova Friburgo

Dentre as peças expostas, destacamos a lucerna (lâmpada) em cerâmica procedente do norte da África (Cartago), mundo greco-romano. Foi encontrado no município de Rio das Ostras e doada à Fundação Rio das Ostras de Cultura no ano de 2001.

Esta é uma pequena amostra do acervo do material histórico encontrado no município.

- Sítio Pasto do Cemitério

- 1- Louça
- 2- Metal
- 3- Cerâmica vitrificada
- 4- Vidro
- 5- Cerâmica neo-brasileira

- 1- Lucerna (lâmpada)
- Sítio Nova Friburgo

- 1- Cerâmica vitrificada
- 2- Louça
- 3- Cerâmica (neo-brasileira)
- 4- Vidro
- 5- Metal (colher e espora)” (Transcrição Vitrine)

Em frente, destacada em uma vitrine está uma tigela proveniente do Sítio Arqueológico do Salgado e assim como a urna funerária, o indicativo da placa e da visita é de tradição Tupiguarani.

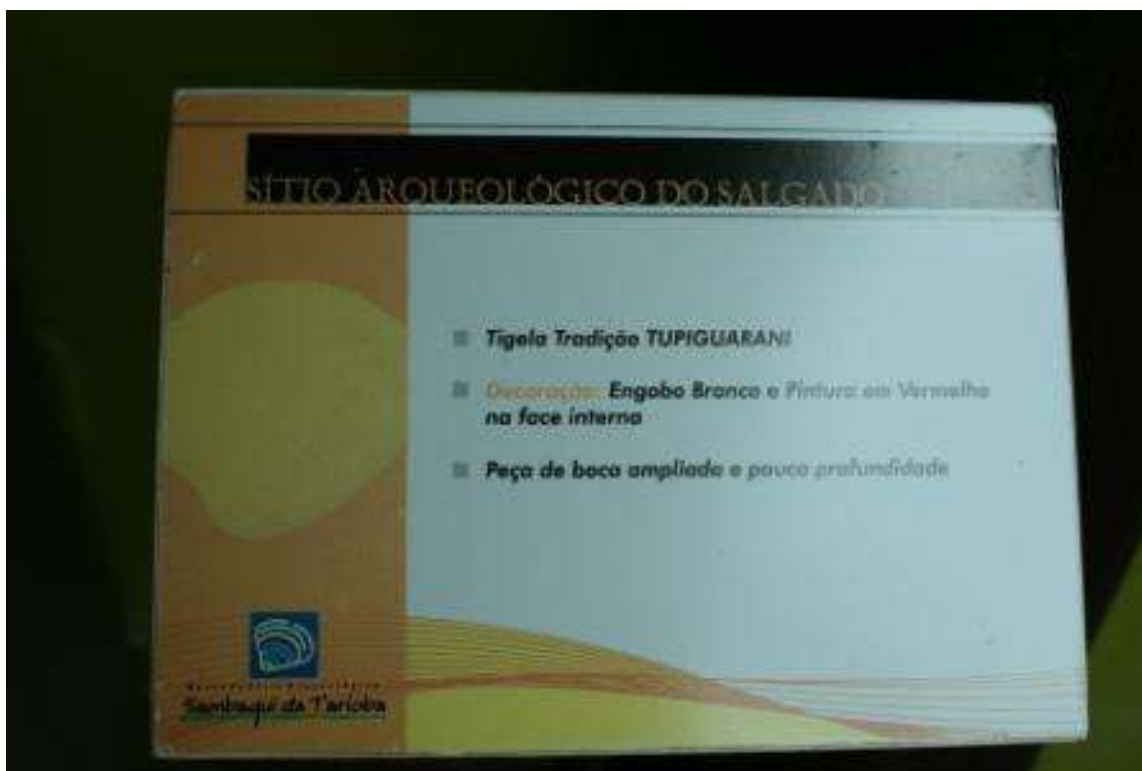


Figura 54 - Placa Tigela<sup>95</sup>



Figura 55 - Tigela<sup>96</sup>

---

<sup>95</sup> Idem 19

<sup>96</sup> Idem 19

Enfim o visitante chega à área do sítio arqueológico. Na parede, em todo o circuito existe uma pintura: a obra do artista Francisquete pintada na parede se destaca e desperta a atenção. Em toda a parede na parte posterior do sítio arqueológico está há pintura de uma representação de como seria o espaço natural da região no imaginário do artista através das pesquisas realizadas pela equipe do museu e do Instituto de Arqueologia Brasileira. Neste momento, podemos observar como seria aquela região em sua pré-história, observar a disposição dos animais, uma onça que parece acompanhar-nos com o olhar desperta curiosidade.



**Figura 56 - Sítio Arqueológico<sup>97</sup>**

As camadas estratigráficas do sítio são evidenciadas no perfil. Em cada camada está representado um tipo de material e um tipo de solo. Percebemos que existem linhas dividindo os tipos de materiais expostos e cada um deles representa uma época de ocupação ou eventos distintos. Em cada quadrante existe uma placa explicativa para que o visitante possa compreender um pouco essa história de ocupação Pré-Histórica da

---

<sup>97</sup> Idem 19

região. O espaço do sítio arqueológico é aberto e cercado com corrimão em madeira para que o público possa se apoiar e visualizar melhor a exposição.



Figura 57 - Sítio Arqueológico<sup>98</sup>

Na primeira divisão estão expostas carapaças de moluscos marinhos ou fluviais. Este espaço está um pouco mais elevado do que as outras camadas. O propósito deste ambiente é nos mostrar a os restos malacológicos.

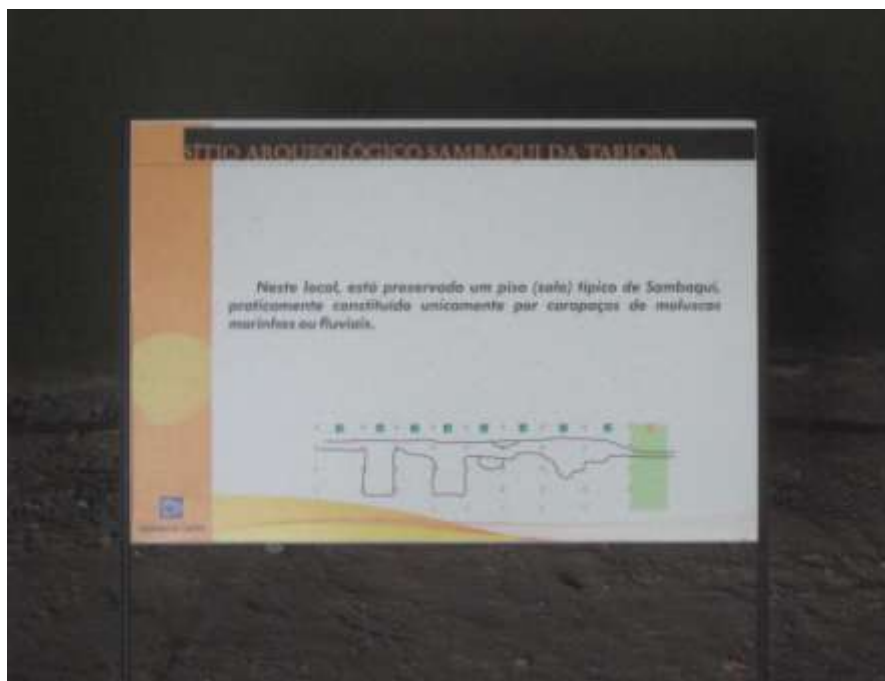


Figura 58 - Primeira Placa da escavação<sup>99</sup>

<sup>98</sup> Idem 19



“Neste local, está preservado um piso (solo) típico de Sambaqui, praticamente constituído unicamente por carapaças de moluscos marinhos ou fluviais.” (Transcrição Placa)



Figura 59 - Primeira etapa da escavação<sup>100</sup>

Em seguida, em uma camada abaixo, foi preservado o solo de argila.



Figura 60 - Segunda placa da escavação

<sup>99</sup> Idem 19

<sup>100</sup> Idem 19

“Em muitas ocasiões, ao longo da ocupação local, seus habitantes traziam de outros pontos, argila com a qual forravam o lugar. Aqui foi mantido um piso desse tipo. Algumas vezes a argila era carregada naturalmente pelos agentes do meio ambiente (chuva, ventos, etc) se interpondo, assim entre as camadas provenientes da ocupação humana.” (Transcrição Placa)



Figura 61 - Segunda parte da escavação - piso em argila<sup>101</sup>

O espaço seguinte foi escavado mais profundamente do que os outros e nessa camada encontram-se ostras coletadas provavelmente no rio “Leripe” ou das “Ostras”.



Figura 62 - Terceira placa da escavação<sup>102</sup>

<sup>101</sup> Idem 31

<sup>102</sup> Idem 19

“Neste setor foi preservado um trecho da superposição – a “Estratigrafia” das camadas de ocupação. Observa-se o predomínio de ostras provavelmente coletadas no rio “Leripe” ou das “Ostras” que deu o nome à cidade.” (Transcrição Placa)



Figura 63 - Escavação - Predomínio de ostras<sup>103</sup>

A camada seguinte é mais superior do que a anterior, existe um solo que se assemelha a um “solo Lunar”, de acordo com informações da exposição. Nota-se buracos nesta camada, os quais provavelmente eram fixadas estacas ou postes para cobertura ou proteção contra os ventos.



Figura 64 - Quarta placa da escavação<sup>104</sup>

<sup>103</sup> Idem 31

<sup>104</sup> Idem 19

“Esta superfície que se assemelha a um “solo Lunar” resultou da habitação sobre uma camada de argila, com conchas, onde foram fixados inúmeros “postes” ou “estacas”. Provavelmente, para coberturas ou como proteção contra os ventos. Muitas vezes e em diversas ocasiões delas só se conservando os buracos que fizeram ao serem enterradas na argila. Além de tornar a habitação mais confortável, o solo da argila suportava melhor as fogueiras e os fogões, cujas cinzas eram também usadas para servirem de cama ou lugar de repouso.” (Transcrição Placa)



Figura 65 - Escavação - solo semelhante ao lunar<sup>105</sup>



Figura 66 - Quinta placa da escavação<sup>106</sup>

---

<sup>105</sup> Idem 19

Em seguida é possível observar uma das ossadas expostas no museu. Neste enterramento o crânio deslocou-se do local em que foi encontrado e foi preservado sendo envolvido em vitrine, para evitar novos deslizamentos.

#### “ENTERRAMENTO Nº 3

Os habitantes do Sambaqui enterravam seus mortos no lugar de habitação, o envolviam em argila e colocavam os artefatos de uso diário do indivíduo na sua cova. Como a maioria dos enterramentos deste sítio é do tipo “primário”, ou seja, o corpo era depositado diretamente na cova, sem tratamento preliminar. O “acompanhamento funerário” deste indivíduo pode ser visto na vitrine. Era homem adulto e pertence a ocupação recente: cova de 2.500 – 2.000 anos antes do presente. O crânio deste sepultamento foi deslocado da posição original devido ao sedimento que escorreu da cova para um nível mais profundo. Apresenta acentuado desgaste dentário tanto no maxilar como na mandíbula.” (Transcrição Placa)



Figura 67 - Enterramento<sup>107</sup>

---

<sup>106</sup> Idem 19

<sup>107</sup> Idem 31

Ao lado do enterramento está a camada mais profunda, onde é possível observar o solo do sítio arqueológico com resíduos que de acordo com a placa informativa da exposição seriam restos de moluscos.

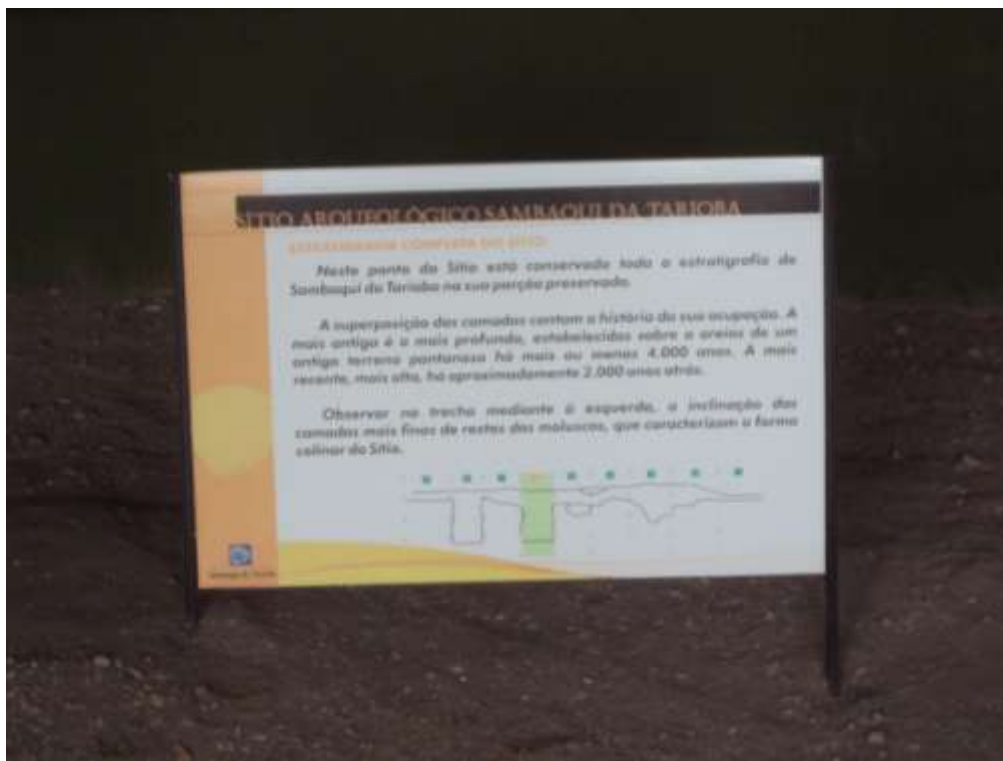


Figura 68 - Sexta placa da escavação<sup>108</sup>

#### “ESTRATIGRAFIA COMPLETA DO SÍTIO

“Neste ponto do Sítio está conservada toda a estratigrafia do Sambaqui da Tarioba na sua porção preservada. A superposição das camadas contam a história da sua ocupação. A mais antiga é a mais profunda, estabelecidas sobre a areias de um antigo terreno pantanoso há mais ou menos 4.000 anos. A mais recente, mais alta há aproximadamente 2.000 anos atrás. Observar no trecho mediante à esquerda, a inclinação das camadas mais finas dos restos dos moluscos, que caracterizam a forma colinar do Sítio.” (Transcrição Placa)

<sup>108</sup> Idem 19



Figura 69 - Estratigrafia completa do sítio<sup>109</sup>

Em seguida mais um enterramento exposto no sítio arqueológico. Nesse momento percebemos que a posição das duas ossadas expostas é a mesma.



Figura 70 - Sétima placa da escavação<sup>110</sup>

<sup>109</sup> Idem 31

<sup>110</sup> Idem 19

## “ENTERRAMENTO Nº2

Este é um sepultamento distendido, primário e em cova de argila. Indivíduo masculino adulto, maduro com acompanhamento funerário, que pode ser visto na vitrine. Restos de um habitante da ocupação mediana recente do Sítio, há menos de 3.000 anos.” (Transcrição Placa)



Figura 71 – Enterramento<sup>111</sup>

No camada seguinte é possível observar alguns resíduos deixados pelos povos sambaqueiros que viveram na região,



Figura 72 - Oitava placa da escavação<sup>112</sup>

<sup>111</sup> Idem 31

<sup>112</sup> Idem 19



“Outra visão da composição estratigráfica de Sambaqui com a superposição de camadas formadas pelos restos de ocupação humana do Sítio. As camadas, neste caso, são constituídas por conchas inteiras e fragmentadas, moluscos e restos de caça. Outras por material moído da mesma procedência e algumas por solo de argila. Preservam-se fogueiras, fogões, os artefatos inteiros e fragmentados e restos esqueléticos, além de evidências de estacas e esteios. No mais profundo dos cortes, as areias originais do terreno pantanoso encontrado pelos primeiros habitantes locais.” (Transcrição Placa)



**Figura 73 - Camada composta por conchas inteiras e fragmentadas<sup>113</sup>**

A última camada estratigráfica exposta no sítio arqueológico está o último tipo de solo encontrado, sendo o mais recente do local, com menos de 2.000 anos. Neste espaço, pudemos observar uma grande quantidade de cascas de ostras.

---

<sup>113</sup> Idem 31



**Figura 74 - Nona placa da escavação<sup>114</sup>**

“Aqui se conservou o último e mais recente solo do Sítio Arqueológico, antes do seu abandono, provavelmente há menos de 2.000 anos.” (Transcrição Placa)



**Figura 75 - Mais recente solo do sítio arqueológico<sup>115</sup>**

---

<sup>114</sup> Idem 19

Diante do sítio arqueológico possui uma vitrine com o tema “Acompanhamento Funerário”, explicando brevemente como as sociedades antigas realizavam os ritos funerários e expondo alguns objetos encontrados nos enterramentos.



Figura 76 - Vitrine "Acompanhamento funerário"<sup>116</sup>

“Nas sociedades antigas, como nas modernas, a morte era vista como uma etapa importante na existência de uma pessoa, o tratamento e a deposição do morto variava de sociedade para sociedade.

Os ritos funerários configuram-se no Sambaqui da Tarioba como tradicionais, peculiares e por vezes elaborados, refletindo aspectos ideológicos das populações pré-históricas do litoral fluminense.

Os corpos eram arrumados para que ficassem semi-fletidos com a face sobre o terreno, alguns com elaborados acompanhamentos funerários (objetos de uso pessoal, ritual ou votivo, depositados intencionalmente em um sepultamento) seixos, adornos, pigmentos, entre outros objetos, os quais fazem referência ao status daquela pessoa que tinha falecido, demonstrando assim a crença em algo sobrenatural.

Pelo estudo dos restos mortais e dos acompanhamentos funerários, os arqueólogos podem tirar deduções sobre a estrutura social e a organização das sociedades pré-históricas.”

<sup>115</sup> Idem 19

<sup>116</sup> Idem 19

Do lado oposto dessa vitrine pudemos observar outra onde encontramos “Artefatos e Adornos” encontrados nas escavações e que eram usados pelos sambaqueiros no cotidiano para caçar, pescar, coletar vegetais entre outras atividades.



**Figura 77 - Vitrine "Artefatos e adornos"<sup>117</sup>**

“O homem do sambaqui sobrevivia caçando, coletando vegetais e pescando, únicas formas primitivas de conseguir alimento. Na pré-história, grande parte da alimentação vinha de raízes, folhas, frutas, animais de pequeno porte e peixes, que podiam ser obtidos sem muito esforço.

Usavam ferramentas simples, naturais, sem modificações ou com pequenas adaptações como a ponta óssea para furar ou caçar, a concha para escamar o peixe e tirar o couro do animal, anzol produzido a partir da carapaça do caramujo e da espátula utilizada na pintura corporal.

Os artefatos demonstram grande capacidade artesanal e o perfeito domínio das técnicas, são importantes por si mesmos, por sua utilização, pelas informações que encerram e como demonstração de um processo tecnológico.

Os animais terrestres eram consumidos em grande escala. Dos ossos (incluindo dentes e unhas), o indígena fabricava adornos de formas variadas. O mesmo se passava em relação aos moluscos, de cujas carapaças eram produzidos belos pingentes de formatos variados e dos vegetais, utilizavam especialmente as sementes. Retiravam as matérias-primas e os motivos de sua arte da terra, da floresta, dos rios e do mar.

Alguns adornos podiam ter apenas a finalidade de enfeitar; outros poderiam ter caráter cerimonial (amuletos, talismãs)” (Transcrição Placa)

<sup>117</sup> Idem 19

Seguindo o circuito da exposição observamos um busto, que seria a representação do homem que viveu no local. De acordo com informações da exposição, a peça foi desenvolvida pela artista plástica Clara Arthaud a partir do crânio de um indivíduo adulto, masculino, encontrado nas escavações. A justificativa para que essa reconstituição fosse realizada se deu porque para os pesquisadores e idealizadores do museu foi necessário conhecer o homem sambaquiano que ali vivia. Na exposição, estão alguns relatos da artista plástica sobre o trabalho.



**Figura 78 - Reconstituição do busto do homem sambaquieiro (lateral)<sup>118</sup>**

“Vejo como um grande desafio esta proposta de reconstituição. Utilizei-me de várias pesquisas em livros anatómicos, revistas, e observei detalhes, muito bem acentuados pelos arqueólogos, lancei-me neste resgate. Todo escultor tem como início do seu trabalho a imagem do personagem que irá modelar, neste caso, é o inverso: inicia-se com o crânio e superpõe-se toda a musculatura. A imagem aparece de dentro para fora. Constituindo uma surpresa. É evidente que alguma interpretação se faz necessária, mesmo porque não é possível a total referência dos traços com veracidade. O trabalho feito através do crânio original, teve sua musculatura modelada em plastilina colorida. Concluída e aprovada pelos arqueólogos, fiz através de

---

<sup>118</sup> Idem 19

um molde de silicone, a réplica em poliéster. Sua aparência se apresentou altiva e forte como de fato temos em nossos subconscientes. Sinto que este desafio foi vencido, tal qual os que me inspiraram. Os desafios são feitos para que nossas vitórias existam. Estas pessoas, que aqui habitaram, estiveram em constantes desafios. Com certeza, venceram muitos deles e permanecem aqui em memória dessas suas histórias, que nos permitem sentir um pouco do que foi este período.” (Reproduzido da legenda da peça)



**Figura 79 - Reconstituição do busto do homem sambaqueiro (frente)<sup>119</sup>**

E uma vitrine maior está exposta uma maquete que seria a representação de como era a região que atualmente está localizado o Sambaqui da Tarioba. A maquete apresenta características físicas e naturais do local, além de representar alguns modos de vida das sociedades que ali viviam.

---

<sup>119</sup> Idem 19



**Figura 80 - Maquete (lateral)**<sup>120</sup>

“Com o olhar do artista plástico Roberto Sá a maquete reproduz a vida cotidiana no Sambaqui da Tarioba.

Este trabalho artístico foi desenvolvido a partir de fotografia aérea do ano de 1954, data que antecede a dragagem do rio das Ostras. Nesta época, via-se ainda o manguezal na sua forma primitiva, o mar, mais próximo deste local e o rio serpenteando entre os dois.

Muito depois do “ótimo climático”, período quente e úmido, ocorrido há mais ou menos 6000 anos AP, caracterizado por elevação do nível das águas e rápida expansão da Mata Atlântica e da Floresta Amazônica, o mar começou a subir, até atingir o nível que está hoje. Desde essa época o litoral começou a ser ocupado por povos que vivam do que o mar oferecia.

O alimento era tão abundante que esses povos não precisavam mudar constantemente de local, caçavam pequenos animais e coletavam alimentos vegetais como frutos, sementes raízes e tubérculos, a dieta principal era constituída por vários tipos de moluscos que eram abertos no fogo. As conchas vazias eram deixadas no chão e iam se acumulando, com o passar dos anos, foram se formando verdadeiras montanhas de conchas. Chamamos essas montanhas de sambaquis, palavras de origem tupiguarani – tamba = monte – ki = conchas - , na realidade constituem o resultado do acúmulo progressivo dos restos dessas comunidades de pescadores-caçadores-coletores.

Sabemos que os homens tinham, em média, 1,63m de altura, enquanto as mulheres tinham em torno de 1,52m. A média de vida geralmente não ultrapassava os 40 anos. Eram bastante fortes com uma cabeça volumosa e membros superiores mais desenvolvidos, decorrente do trabalho muscular intenso. Uma das características encontradas nos dentes é o grande volume e o acentuado desgaste.

Além de acumular os restos faunísticos e morar nos sambaquis, os sambaquieiros tinham o hábito de enterrar os seus mortos nesse mesmo lugar. Deixavam ao lado do indivíduo alguns objetos (acompanhamento funerário), como lâminas de machado, colares de conchas, pontas de ossos. Esses povos trabalhavam a pedra picotando e polindo. Os instrumentos de ossos como agulhas, anzóis, adorno de dentes são mais numerosos do que os de pedra. Não faziam cerâmica, porém utilizavam a argila para armazenar a carne de pequenos mamíferos, para construir outras estruturas e para forrar a cova para depositar o corpo do indivíduo morto. A madeira deve ter servido para a

<sup>120</sup> Idem 19

fabricação de utensílios, mas não a encontramos nos sambaquis por ser pouco resistente e perecível.

Os sambaquis devem ter abrigado uma população numerosa. À época da chegada dos primeiros europeus no litoral já não eram tão vigorosos. Haviam sido conquistados por poucos que detinham uma tecnologia superior: fabricavam cerâmica e controlavam a produção de seu alimento - os agricultores.

O ritual de enterramento apresenta um comportamento tradicional e revela crenças, idéias, atitudes e sentimentos das pessoas que o praticam. Enterravam seus mortos no lugar de habitação, forravam a cova e envolviam o morto em argila.

O fogo era muito importante e nas escavações, os arqueólogos sempre encontram grandes fogueiras que serviam para protegê-los do frio, para afastar os animais selvagens, para tostar a carne da caça e da pesca e também para fabricar instrumentos. Também coletavam frutos silvestres.

Este grupo humano ocupou o litoral aproveitando os rios, lagoas, praias e restingas. Vemos nesta cena que também aproveitaram o mangue para sobreviver, coletavam moluscos, crustáceos e peixes.

Fabricavam artefatos de pedra, retiravam lascas de blocos maiores e, com essas lascas, faziam objetos retocados. Outros artefatos eram confeccionados em osso: agulhas, anzóis e adornos. Estavam próximos do rio e a atividade de pesca e coleta de moluscos era constante.” (Transcrição Placa)

Ao final da primeira escavação e diante das vitrines alguns quadros estão expostos ao lado direito de quem segue o circuito. O primeiro deles explica brevemente a escavação e suas camadas estratigráficas.





Figura 81 - Quadro com a descrição das camadas estratigráficas<sup>121</sup>

- “- Camada IVb
- Superfície atual
- Terra Preta com conchas fragmentadas
- Espessura média de 10 cm (Max. De 45 cm) setor 6
  
- Camada IVa
- Conchas inteiras soltas com areia e terra preta
- Variações ao longo do Sítio – locais com predomínio de terra preta
- Carvões e covas – espessura média de 30 cm (máxima de 35 cm) setor 5
- Enterramentos 3 e 2
- deixadas nas extremidades de escavação como testemunho
  
- Camada III
- Terra preta com argila – conchas inteiras e fragmentadas (mais clara do que a I)
- Muito perturbada por covas nos setores 3 e 4
- Intrusões de bolsão de carvão e de conchas
- Datada de 3.300 anos A.P.
- Espessura máxima de 30 cm
- Tendência colinar de 30 cm encobrindo a camada II
  
- Camada II
- Camada de argila – composição variável
- Concha – terra preta
- Enterramento 3 – Estruturas mais evidentes do sítio
- Buracos de estacas – cinzas – fogões e fogueiras
- Espessura média – 40 cm (máxima de 90 cm) – Setor 3

<sup>121</sup> Idem 19

- Datações de 3620 a 3440 A.P. (Beta 122050 e 122047)
- Tendência colinar
  
- Camada I
- Terra preta com concha – areia local
- Espessura média – 40 cm (máx de 50 cm) Tendência Plana.
  
- Base
- Areia amarelada provavelmente mangue ou terreno pantanoso”(Transcrição Placa)

Ainda na parede, podemos observar um mapa ilustrado de Rio das Ostras. É bastante colorido e indica rios, estradas, igrejas, porto e vários símbolos comuns aos mapas, no entanto de uma maneira divertida e que despertou nossa atenção,

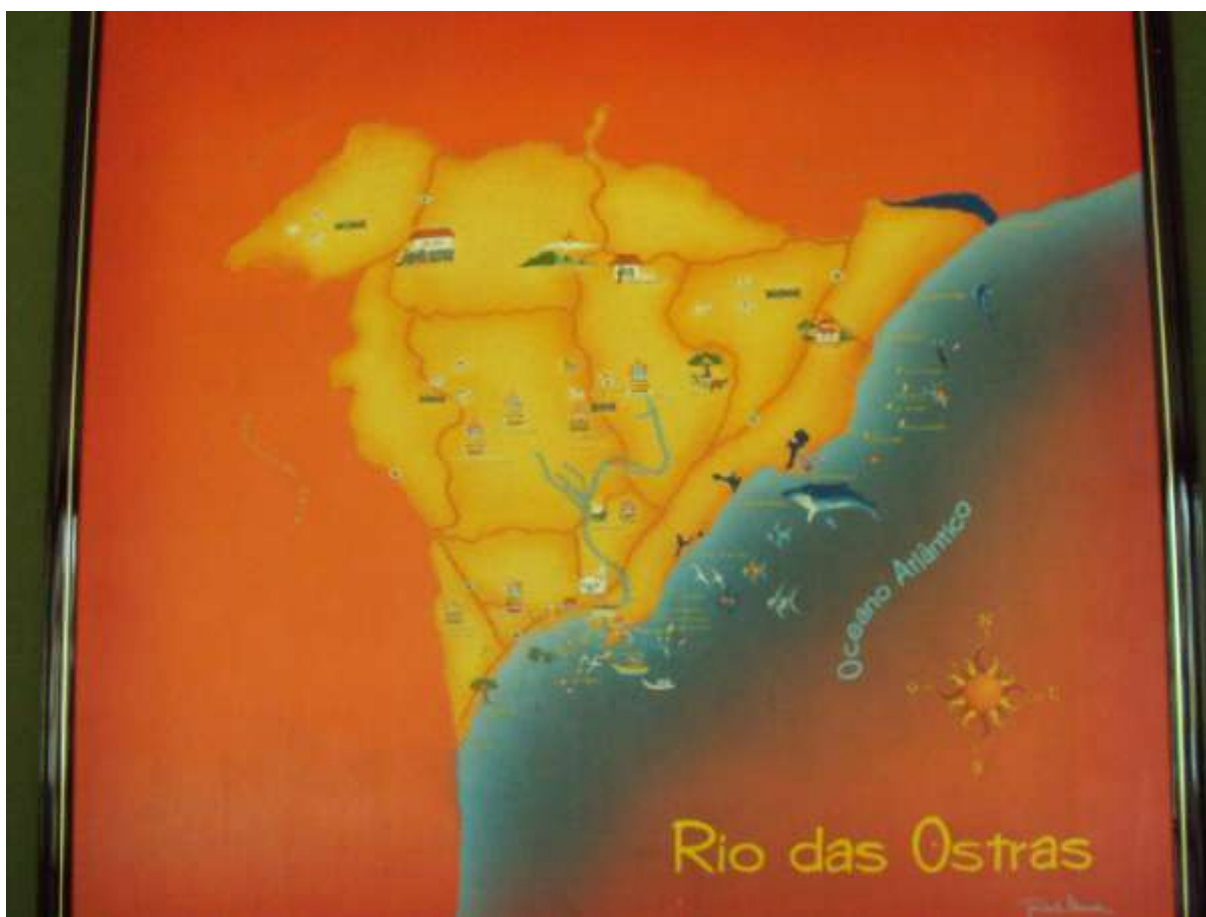


Figura 82 - Mapa de Rio das Ostras<sup>122</sup>

Ao lado do mapa da cidade de Rio das Ostras está exposto um mapa intitulado “Rotas Prováveis de expansão do paleo-índio 18.000 – 13.000 A.P.”

<sup>122</sup> Idem 31

“A recomposição da tropicalidade teve repercussões marcantes na vida e no destino dos grupos indígenas – herdeiros diretos dos paleo-índios sul-americanos. Uma nova cadeia de fatos físicos, ecológicos e bióticos aconteceu na América Tropical, comportando variações regionais significativas. A expansão da umidade, acompanhando um sensível aumento geral das taxas de calor, atingiu quase 90% do espaço total do atual território brasileiro. No sistema de reintegração das paisagens e dos tecidos geocológicos tropicais úmidos, o fato principal ocorrido foi uma forte carga de sedimentos finos nos rios e nas várzeas com uma oferta generalizada de argilas como nova matéria-prima posta à disposição por uma nova natureza, plena de diversidade biológica e ofertas de alimentação. Os rios, antes intermitentes sazonais, passam a ser extensivamente perenes. Agora, a beira-rio tornou-se essencial para os herdeiros dos paleo-índios tardios. A beirada alta dos rios era um sítio dotado de particular importância, ficava entre o rio piscoso, a várzea – dotada de barreiros imensos – e as terras firmes florestadas onde a diversidade biológica se desdobrava pelo reino da vegetação arbórea e pela presença de animais dos mais diversos portes. Essa aproximação à beira-rio, após milênios de caça e coleta, marcou-se pela descoberta da fertilidade das terras aluviais e pela presença do barro para a cerâmica. Entre seis e cinco mil anos AP, deslanchou-se a sedimentação de finos bordos internos de lagunas e sistemas lagunares. Logo apareceram e se expandiram planícies-de-mares capazes de redistribuir os produtos mais finos da decomposição das rochas, criando pântanos salinos, em ambientes de baixadas quentes e úmidas, onde vieram a se estender grandes manguezais. Uma rápida adaptação ao ambiente dos litorais tropicais conduziu os grupos a uma longa caminhada de Sul para Norte até o Baixo Amazonas, quase fechando o círculo, deixando pelo caminho as marcas de sua rica e simbólica toponímia.” (Transcrição Placa)



Figura 83 - Quadro "Rotas prováveis de expansão no paleo-índio"<sup>123</sup>

<sup>123</sup> Idem 19

Na última parte do circuito da exposição pudemos observar mais um enterramento. Nessa escavação vimos duas ossadas: uma que parecia ser uma criança e outra parecia ser um adulto. A interpretação que tivemos da cena é de que seria o enterramento de mãe e filho.



**Figura 84 - Enterramento mãe e filho<sup>124</sup>**

Finalizando nossa visita ao Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba. Os objetos ali expostos foram denominados “Material Histórico Associado ao Sambaqui da Tarioba”.

“Esta casa foi no início do século XIX um galpão/armazém onde se guardavam apetrechos de pesca, servindo também para depósito de sal. Somente em meados da década de 40, o imóvel passa a ser residência do Dr. Bento Costa Jr.

Em 1997, este imóvel passou à Fundação Rio das Ostras de Cultura. O seu valor histórico e cultural foi avaliado e estimado pelos técnicos do Instituto Estadual do Patrimônio Artístico e Cultural do Rio de Janeiro – INEPAC. Nesta época (1997), foi escavado o Sambaqui da Tarioba e todo o material histórico resgatado está relacionado com as primeiras ocupações da casa.”

---

<sup>124</sup> Idem 19



Figura 85 - Vitrine "Material Histórico Associado ao Sambaqui da Tarioba"<sup>125</sup>

#### 4.4. O Narrador

“O narrador é alguém que retoma o passado no presente na forma de memória; ou que aproxima uma experiência situada num ponto longínquo do espaço. A narrativa sempre remete a uma distância no tempo ou no espaço. Essa distância é mediada pela experiência pessoal do narrador. Para Benjamin, os grandes modelos de narradores eram o velho artesão que conhecia as tradições de sua aldeia, e o marinheiro, que narrava suas experiências, adquiridas em viagens”. (GONÇALVES, 2009, p.171-172)

Quando fui ao Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba pela primeira vez, estava acompanhada pela equipe do projeto “Museus do Rio”. Escolhemos esse museu pois era a representatividade de sintomas de um movimento que parte de pesquisadores, arqueólogos, historiadores, museólogos, cientistas sociais, professores e, até mesmo, comunidades, onde histórias e memórias até então deixadas no subterrâneo da história oficial estavam sendo valorizadas e trazidas para o público. É um museu onde pudemos encontrar vestígios de povos que viveram na região onde hoje se localiza a cidade de

---

<sup>125</sup> Idem 19

Rio das Ostras, despertando a curiosidade para pensarmos em como esses povos chegaram ao Brasil.

Para contar essa história, encontramos Jorge Pinheiro, coordenador de eventos que nos apresentou o museu e a história e memória nele guardados. Pinheiro foi nosso narrador. Pudemos perceber em seu discurso durante o circuito do museu que sua experiência no museu se dava prioritariamente à pesquisa e à transmitir os conhecimentos adquiridos para os visitantes, em muitos momentos concedendo informações que iriam além da exposição, citando teorias e pesquisas de diversos estudiosos de todo o Brasil. “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores” (GONÇALVES, 2009, p.198) e no caso de Jorge Pinheiro, a experiência da pesquisa é consolidada a arte de narrar. Percebemos que Jorge Pinheiro é o principal narrador do museu e, nas palavras de Walter Benjamin, seria o chamado “camponês sedentário”. “Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições.” (GONÇALVES, 2009, p. 198 e 199). Deste modo, Jorge Pinheiro citou diversas teorias e autores os quais pesquisou para que pudesse enriquecer com informações cada vez mais completas as visitas ao museu.



**Figura 86 - O narrador Jorge Pinheiro<sup>126</sup>**

---

<sup>126</sup> Idem 19

A visita ao Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba inicia após percorrermos a Casa de Cultura Bento Costa Júnior até chegarmos ao quintal localizado aos fundos da casa, composto por plantas rasteiras e conchas no chão. Avistamos o museu, um prédio envolvido em vidro, o que concede leveza à construção que se localiza em uma parte superior do terreno. No caminho está exposta uma maquete que de acordo com nosso narrador foi construída por uma professora local chamada Maria Paula e representa as ruínas da primeira igreja construída na cidade e que, segundo Jorge Pinheiro, foi destruída no século XVII, provavelmente num conflito que envolveu os índios Goitacá. Essas ruínas ficaram em frente ao poço de pedra na praça José Pereira Câmara. Para fazer essa maquete foi usada uma fotografia antiga, visto que essas ruínas não existem mais e uma nova igreja foi erigida no local.



**Figura 87 - Representação ruínas igreja<sup>127</sup>**

Ainda do lado de fora do museu encontra-se uma ossada de baleia que, ainda segundo Jorge Pinheiro, encalhou no 3º Distrito do Município. As informações fornecidas pelo narrador da exposição contam que a mandíbula do animal exposto pesa aproximadamente 300 kg, sendo uma apresentação da proporção de seu tamanho. Está exposta também uma parte da espinha dorsal e uma das nadadeiras. No mesmo local está exposta também uma mandíbula de um animal menor. Jorge Pinheiro narra que pode ser um animal que estava na barriga da baleia ou estava acompanhando-a. O

---

<sup>127</sup> Idem 19

animal quando nasce pesa uma tonelada e quando adulto pode pesar 35 toneladas e medir 17 metros.



**Figura 88 - Ossada da baleia<sup>128</sup>**

Após conhecermos a parte externa da exposição, seguimos em direção ao museu. Na entrada está exposta uma urna funerária que pela placa explicativa é de tradição Tupiguarani e foi encontrada em cidades vizinhas. Jorge Pinheiro afirma que este objeto não tem muita relação com o museu porque na região existem dois tipos de sítios arqueológico: o ceramista e museu de sítio arqueológico Pré-Histórico<sup>129</sup>. Nesse momento da visita, Pinheiro nos explicou como eram realizados os enterramentos funerários na urna:

“Essa urna funerária, era utilizada para o sepultamento dos índios Goitacá e então, vem uma pergunta a nossa cabeça: de que maneira eles faziam esse sepultamento? Em dois estágios: eles colocavam o falecido em cova rasa, enrolado em folha de bananeira e, deixava os tecidos se decomporem. Ele

---

<sup>128</sup> Idem 31

<sup>129</sup> Informação baseada na fala de Jorge Pinheiro em visita guiada realizada para o estudo do caso.



contava o tempo pelas luas. Após a decomposição dos tecidos, os ossos, somente os ossos eram retirados e colocados aqui em uma urna exatamente igual a essa, que eu vou lhes mostrar a reconstituição gráfica na segunda vitrine daqui a pouco. Havia uma diferença cultural do sepultamento do homem pré-histórico e do índio e, segundo alguns autores, as duas etnias se confrontam mais ou menos em meados do século II, o povo tupi-guarani, provavelmente Goitacá, como o índio, conhecia o arco e a flecha, segundo Eduardo Fonseca Jr., por exemplo e a própria Denise Chamum, o índio prevalece esse homem que aqui está sepultado, aqui foram encontradas 21 ossadas das quais quatro estão expostas, de um home velho, a expectativa de vida de um homem, segundo etnólogos que são estudiosos no assunto, era de 50 anos aproximadamente, embora eles já sejam homo sapiens como nós, mas ele é considerado pré-histórico, que viviam aqui durante o Oceano Médio<sup>130</sup> até a chegada dos índios no século II. Como o índio Goitacá, por exemplo, que era muito aguerrido, conhecia o arco e a flecha, segundo alguns autores, ele prevalece, e esse homem de biologia distinta, e biologicamente desconhecido, a gente vai ver o busto dele daqui a pouco, eu vou deixar que cada um pense o que achar interessante mas, de qualquer maneira, ele é um tipo biológico bastante diferenciado do ameríndio que como todos sabem o ameríndio é de origem mongólica” (Transcrição Jorge Pinheiro)

Na entrada do Museu, em frente a essa urna, Jorge Pinheiro nos contou algumas teorias de ocupação:

“Esse homem que viveu aqui, segundo Denise Chamum e outros autores, teriam chegado aqui durante o oceano Médio, inclusive um crânio que nós temos exposto ali na sepultura, ele teve a sua estrutura toda reconstituída, onde se fez um busto que ficou muito parecido com o da Luzia que foi encontrada lá em Lagoa Santa em Minas Gerais, busto esse que está exposto no Museu da quinta da Boa Vista, uma outra cópia em um museu que tem lá na própria Lagoa Santa, mas proximidades de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais e, o original está com os ingleses. Aquela tese de que o povoamento dos dois continentes deu-se somente pelo estreito de Bering, onde fala-se em duas datas: fala-se em 300 mil anos atrás e fala-se em 64 mil anos atrás que a Niède Guidon, a francesa, que trabalha lá no Piauí, no sítio Arqueológico de São Raimundo Nonato, na Serra da Capivara, justamente. Ela defende a tese de 64 mil anos, é a que eu gosto também de me situar. Já esse povo de origem negróide, segundo Eduardo Fonseca Jr. teria chegado aqui vindo pela Paraíba, eu vou lhes mostrar o mapa depois, porque a Paraíba tem o Cabo Branco que é a ponta mais próxima que nós temos da África. Então, aparentemente, esse negróide, no caso, a Luzia, teria chegado aqui em terras brasileiras, cruzando o Atlântico num barco rudimentar há aproximadamente 40 mil anos atrás, é a tese que alguns arqueólogos e historiadores aceitam, outros não. Agora, vem a pergunta: como que se poderia cruzar o Atlântico em um barco rudimentar? Isso, nós sabemos que houve a pangéia e dizem que os continentes se afastam dia-a-dia.” (transcrição Jorge Pinheiro)

Após a fala inicial de Jorge Pinheiro, seguimos adiante na exposição. Ao lado direito da urna está o livro de visitantes e uma placa de inauguração do espaço e a

---

<sup>130</sup> O narrador se refere, provavelmente, ao período geológico Holoceno Médio.

primeira vitrine da exposição que, de acordo com nosso narrador, não tem muita relação com as demais exposições dispostas no circuito do museu.

“Agora, essa vitrine aqui, ela não tem muita coisa a ver com o nosso trabalho de arqueologia, mas ela tem haver com a história do Brasil. Vejamos: são peças que foram encontradas em diversos outros sítios arqueológicos, onde, eu comentaria com os senhores o seguinte: todas essas peças são catalogadas pelo IPHAN, os senhores podem observar aqui o número.” (transcrição Jorge Pinheiro)

Em seguida, antes de iniciar a visita às escavações, Jorge Pinheiro chama a atenção para uma obra pintada por toda a parede onde está localizado o sítio arqueológico.

“Eu quero chamar a atenção dos senhores, antes de nós começarmos a mostrar as escavações, prá essa obra do artista Francisquete. Ele leva 21 dias para pintar esses cinco painéis e então os senhores terão uma ideia de como o artista achava que era a Baía Formosa na época que esse povo vivia por aqui. São cinco painéis, aqui nós temos quatro, aquela Jaguatirica ali, por exemplo, ele usa nela a mesma técnica que foi utilizada por exemplo, para pintar a Monalisa, de qualquer lugar que nós estejamos no museu, ela está nos olhando olho no olho. Já p gambá em cima da árvore, sabe que se descer vira almoço está com uma expressão de medo, e não sai de lá.” (transcrição Jorge Pinheiro)

Ainda antes de explicar o sítio arqueológico para que pudéssemos compreender melhor os vestígios expostos, Jorge Pinheiro retoma a história da descoberta do sítio arqueológico:

“Isso aqui foi descoberto por acaso, porque na época a idéia era de se construir o palco e os camarins do teatro ao ar livre que seriam implantados aqui no fundo da Casa de Cultura. Agora, tem um dado curioso: O sítio arqueológico segundo o Dr. Ondemar Dias Jr. que é o presidente do Instituto de Arqueologia Brasileira, ele foi catalogado em 1967, mas ele fica em *stand by* até a época em que foi criada a Fundação Rio Das Ostras de Cultura porque conta-se que o Dr. Bento Costa na época, não deixou fazer essas escavações, e aí quando se foi fazer as escavações para a construção do palco é que começou a aparecer esse material malacológico e aí uma lâmina de machado que foi encontrada aqui nas adjacências, um machado pré-histórico um pouco maior que essas que eu vou lhes mostrar daqui a pouco, foi levado ao Instituto de Arqueologia Brasileira, e eles vieram fazer a pesquisa, foi feito um acordo a autoridade municipal e com a Fundação Rio das ostras de Cultura. E aí nós temos esse trabalho hoje que é muito importante para a história do município, a história do Brasil e, praticamente a história da humanidade porque, para que os senhores tenham uma idéia, nós estamos sempre recebendo visitas de pessoas que vem de outros países para conhecer esse lugar.”

Após apresentar parte da exposição disposta nas vitrines e contar um pouco a história desde a descoberta do sítio arqueológico em 1967 até a criação do museu, nosso

narrador inicia seus comentários e sua explicação referenciando o sítio arqueológico, desde as questões científicas organizacionais, explicitando como foi dividido, por exemplo, quanto pela parte científica e cultural, analisando a forma como os enterramentos foram realizados, as formas em que os esqueletos foram encontrados, tamanhos das cascas de ostras etc.

Ao mostrar o primeiro crânio exposto, Jorge Pinheiro explica que de acordo com análise das características apresentadas, é o enterramento de um homem idoso. Tal crânio estava alinhado ao restante do corpo, no entanto, ocorreu um deslizamento de terra no local, uma sedimentação, fazendo com que se separassem, e, por se tratar de um museu “in situ”, os arqueólogos do IAB preferiram manter a ossada da maneira que ficou, criando uma espécie de “aquário”.

Os povos sambaquieiros que viviam na região eram enterrados com seus pertences e de acordo com Jorge Pinheiro, a posição do corpo estava situada de acordo com a posição do sol não havendo como saber até o momento se esse ato possui alguma motivação religiosa. No entanto, os pesquisadores perceberam que os indivíduos encontrados ali, em geral, possuem a dentição completa e uma possível justificativa se dá ao observar a alimentação desses povos que eram basicamente peixes e moluscos, estes últimos sãóricos em cálcio. Foi constatado pelos arqueólogos que a noção de organização espacial é singular. Os enterramentos, por exemplo, eram feitos no mesmo local onde os indivíduos viviam. Mudavam-se somente quando havia escassez de alimentos que fazia com que fossem para outros lugares. Pinheiro diz ainda que de acordo com os pesquisadores, provavelmente os grupos espalhavam cascas de ostras no chão ao redor do perímetro do acampamento talvez com a ideia de se promover a defesa do grupo, pois ao pisar em uma casca de ostra, tanto recente quanto petrificada, os pés são cortados, além disso, é emitido o som da casca rompendo, sendo o aviso de que alguém está entrando no local.

“Eu quero chamar a atenção dos senhores primeiro para o seguinte ponto: esses quadrantes<sup>131</sup> aqui são chamados de piquetes<sup>132</sup>, então os arqueólogos fazem, vão cavando no centro e analisando o material que vai saindo e, dependendo do que for encontrado, esse perímetro é ampliado e,

---

<sup>131</sup> Unidades de escavação, em geral, têm 1mx1m.

<sup>132</sup> Piquetes que delimitam as unidades de escavação e sustentam as linhas, ou barbantes, que definem o perímetro das quadrículas.

esses desníveis que foram deixados aqui propositalmente, tem sempre um propósito, por exemplo, aqui eles deixaram mais alto para que nós pudéssemos chamar a atenção dos senhores para o tamanho dessas cascas de ostras, Já viram desse tamanho em algum lugar? Elas datam também do Oceano Médio. Observem aquela que está encravada ali no barranco, já viram uma ostra desse tamanho? Eu nunca vi, só aqui. Bem, por que esse homem vem viver aqui? Claro que os senhores vão notar que são cinco camadas estratigráficas e a areia do fundo é semelhante a areia da praia. Agora, o mais, essa argila que nós podemos observar, misturadas com as cascas de ostras era trazida de outros lugares aqui da região para que ele pudesse aterrar o manguezal, como você pode ver na fotografia, perdão, na pintura, por isso que eu lhes chamei a atenção primeiro, que é prá poder sequenciar o tema, então, essa era a área, então ele traz argila de outros lugares para poder aterrar o piso e viver próximo a sua principal fonte de alimento que são os moluscos. Evidentemente que ele já conhecia o fogo, porque aqui, nesse exato local, segundo o técnico em arqueologia Jubert Deco, foram encontrados também restos de fogueiras, então eles já conheciam o fogo. Mas, aparentemente, não para cozer os alimentos, a idéia que se tem é que ele ingeria tudo cru, por isso, a facilidade de eles se alimentarem das cascas de ostras, então, os senhores vão observar o seguinte, esse desnível aqui foi deixado propositalmente para que nós víssemos os dois buracos aqui que seguravam o teto do que o índio quando chega chama de sambaqui que era a habitação deles. A gente não sabe que tipo de habitação era, se era uma oca parecida com a do ameríndio, ou se era alguma outra coisa, o fato é que esse homem era habituado a viver em caverna mas ele precisava de um abrigo, então, ele constrói, esses dois buracos aqui foram deixados propositalmente e, curiosamente, esse é o crânio do homem velho que tem aproximadamente 3 milênios e que deu origem àquele reconstrução que ficou muito semelhante a reconstrução da Luzia que eu já lhe comentei, de aparência mais negróide do que mongólica, e, vc vai observar o seguinte, é um homem velho, mas não tem uma cárie na boca, mas ele tem a arcada dentária muito gasta, inclusive a arcada inferior, vira uma lâmina. Por que que os dentes dele são resistentes? Porque ingeria muito cálcio que é o principal componente químico das ostras. Esse crânio estava colocado lá em cima, com a sedimentação do terreno, ele desce e vai ficar nessa posição. Como o sítio é feita a musealização “in situ”, eles preferiram fazer essa espécie de aquário de areia para manter o crânio na posição em que ele foi encontrado. Ele estava lá em cima porque curiosamente as outras ossadas estavam sempre diferentemente do índio, sepultadas dentro do sambaqui com todos os seus pertences e, sempre com a cabeça virada para o oriente e os pés para o poente. Alguma evidência religiosa? Ninguém sabe porque eles não deixam nada escrito.”

Pinheiro comenta ainda, a presença das cascas de ostras e seu uso pelo homem sambaquiiano.

“A base da alimentação deles é o cálcio que é contido nas ostras que quando, talvez o sedimento dos mangues provoque uma reação química, o cálcio das ostras se transforma em calcário que é aquela parte branca que os senhores podem observar ali junto com aquela camada de ostras lá na frente, de cascas de ostras, e ele se transforma em calcário, estão vendo aquela parte branca? Que é o principal componente químico do cimento e que vai promover aqui e mais ali na frente que eu vou lhes mostrar em seguida, uma pavimentação natural, estão vendo lá, aquela parte branca, tudo isso é o calcário, que resultou na decomposição química das cascas de ostras e que fez preservar essas ossadas durante anos, milênios aí todos, tão a flor da terra. Os técnicos no assunto comentam que, provavelmente, ele espalhava as cascas de ostras

em volta do perímetro do acampamento deles, talvez para promover uma defesa, para auxiliar na defesa, porque quando nós pisamos aqui descalços, seja numa casca de ostra recente ou em uma que já está petrificada, nós vamos cortar os pés do mesmo jeito e vai fazer barulho.”

No mesmo sítio arqueológico são encontradas outras ossadas e Pinheiro explica algumas teorias que levaram a serem colocadas na posição em que foram encontradas e sobre sua localização no sítio arqueológico.

“Ali nos temos um indivíduo com 20 a 25 anos que os dentes são até maiores e, temos uma criança com entre 7 e 8 anos também nessa mesma posição que lhes digo [referindo-se ao último enterramento encontrado no museu], cabeça pro lado que o sol nasce e os pés para o poente. Sempre o joelho fletido do jeito que os senhores estão vendo aí. Muito bem, agora vindo por aqui, eu lhes chamo atenção dessa outra ossada que não se manteve tão intacta como esta do homem e como a do elemento do jovem que tem ali na frente e da criança então, você observa que ela está bastante deteriorada e dá para ter uma idéia de que é um ser humano e você vê lá a camada de calcário, essa parte branca, porque antigamente era desse jeito aí. Agora, a pergunta que vem é a seguinte, ele não tinha uma cultura de ter cemitério, ele não tinha cemitério, ele sepultava os seus falecidos e continuava morando do lado. Quando havia escassez do alimento é que ele ia embora para outros lugares, posteriormente ele voltava, quando a natureza se encarregava de repor tudo, ele então, vinha morar talvez até sobre o sepultamento de um ancestral dele.”

Pinheiro destaca as vitrines que seguem a exposição, a recomposição do crânio que aparentou semelhanças à Luzia<sup>133</sup>, encontrada em Lagoa Santa no estado de Minas Gerais e à maquete construída para ser uma representatividade de como seria a região quando os povos sambaquianos ali viveram.

“Agora, todo o material que os senhores vêem aqui foram encontrados junto com os sepultamentos, porque, de repente, numa maneira egípcia de ser, talvez, eu vou lhes mostrar na maquete do artista Roberto Sá a maneira pela qual eles sepultavam seus mortos e colocavam todos os seus pertences junto com o falecido, e, depois, sepultavam também a habitação e o índio quando chega, chama de sambaquí, que é uma palavra que vem do tupi-guarani, que tamba ou samab é monte e qui é ostra. Desse outro lado, também vale a pena chamar a atenção dos senhores para, pelo menos três peças aqui, a número três, é utilizada para afiar as duas número oito que são lâminas de machado, de pedra, são peças também que tem alto teor de ferro. De onde veio isso? Aqui não tem minas de ferro. E, aqui a idéia dos arqueólogos de como eles poderiam fixar a lâmina de pedra na ferramenta para montar o machado pré-histórico, porque não tem prego na época, então a opção era só o cipó, agora, haja paciência de dento para quando o trabalho está atrasado, por isso que a arcada dentária daquele crânio que eu lhes mostrei ainda a pouco, está muito

---

<sup>133</sup> Esqueleto humano encontrado na década de 1970 na Lapa Vermelha, Minas Gerais. Após estudos nos anos 1990 pela equipe do pesquisador W. Neves da USP constatou-se ser o esqueleto de uma mulher que representa a primeira leva migratória a ocupar o continente americano há cerca de 11.000 anos a.p. O nome Luzia é uma homenagem ao famoso esqueleto “Lucy” encontrado na África. (Neves, W.A. & Piló, L.B. – O Povo de Luzia: em busca dos primeiros americanos. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2008)

gasta, mas não tem uma cárie, ao contrário da Luzia, que teve pelo menos 20% de cárie nos dentes, já que ela foi encontrada em Minas Gerais, e lá não tinha a acessibilidade ao cálcio que esse povo que vivia aqui tinha. Aqui, na obra da Clara Artó, os senhores observam essa foto que é aquele crânio, e, que após a reconstituição em um trabalho gráfico, e de computação, evidentemente e artístico, resultou nesse rosto. Segundo um autor que eu já lhes citei que é o Eduardo Fonseca Jr. esse rosto parece mais de um sumério do que de um ameríndio, concordam? Está muito parecido com o da Luzia. Só que quando ela termina o trabalho, ele ficou assim, aí ela achou que ficou muito feio e resolveu dar uma afinada nas feições dele e que ficou até parecido com um estadista egípcio da nossa era que os senhores já devem ter ouvido a respeito que é Anwar Al Sadat. O Egito tem dois mulatos na história, tem o faraó Tutancamon e o Anwar Al Sadat.”

Seguindo ao final da exposição, observamos ainda outro sepultamento que talvez seja o mais importante do museu. São dois indivíduos: uma criança com aproximadamente oito anos de idade – concluem essa idade, pois ainda apresenta um dente de leite – e o outro indivíduo que tem cerca vinte e cinco anos de idade. Acredita-se que seja uma mulher, em função da observação de características físicas distintas. A posição desses corpos é a mesma da ossada vista anteriormente. Esse sepultamento foi realizado há cerca de 2800 anos.

“Então aqui, esse é o sepultamento mais importante que tem no museu. São dois indivíduos, claro, desculpem o mato aí, é porque somente o pessoal do Instituto de Arqueologia Brasileira pode descer aí para fazer a manutenção e eles já foram chamados porque esses matinhos aí cresceram de repente, então, eu peço desculpa aos senhores. Nós não podemos descer aí para limpar, somente os técnicos em arqueologia. Aqui é uma criança com 7 a 8 anos aproximadamente porque tem ainda um dente de leite. Esse indivíduo aqui tem entre 20 e 25 anos. Observem a posição: o joelho fletido, a cabeça virada para o oriente e os pés para o poente. Quer dizer, das 21 ossadas que foram encontradas aqui, e outros sítios arqueológicos que são dessa mesma época encontrados em todo o continente brasileiro, eles estão sempre nessa posição. Aqui eu comento com os senhores um sepultamento executado a 2800 anos atrás.”

Pinheiro faz ainda uma discussão sobre gênero das ossadas, explicando como podemos concluir o sexo e a idade que tinham os indivíduos quando foram enterrados. Nesse momento por se tratarem de ossadas de uma criança e uma mulher, refletimos sobre a história daquele povo através desses vestígios: quem eram eles, afinal? São respostas que a ciência busca responder através de técnicas, exames, indícios, pesquisa sobre os vestígios, mas de fato, ainda há muito o que estudar sobre os modos de vida desses povos.

“Acredita-se que seja feminino por causa do osso da bacia que é muito largo, então, um dia desses nós recebemos aqui a visita de um médico que trabalha

na área, ele é um ortopedista e ele falou: olha pode ser uma mulher, mas aqui nós não conseguimos ainda fazer o teste de DNA que seria o ideal, mas só que para fazer o DNA de uma ossada dessa de quase três milênios, eu não sei se há a possibilidade.”

E Pinheiro finaliza nossa visita guiada apresentando a última vitrine do museu:

“Essa vitrine aqui não difere muito daquela outra vitrine que eu lhes mostrei, são peças que foram encontradas em outros sítios arqueológicos, sendo que, na minha opinião pessoal, as peças mais importantes são essa chave que pode ter pertencido a um navio negreiro já que havia desembarque de contrabando de escravos aqui na Baía Formosa, bem aqui na praia do centro, e esse fundo de garrafa que está escrito aqui: Antônio da Rocha Leão, que é uma garrafa de vinho do Porto que é, evidentemente, já que ele morreu ainda no século XIX, é uma peça bastante antiga. Porque o Antônio da Rocha Leão, como eu lhes comentei na visita à casa, é aquele cidadão que consegue com D. Pedro II fazer a parada intermediária entre Macaé, parada de trem, estação ferroviária, entre Casimiro de Abreu e Macaé. E aí essa parada hoje foi transformada em museu também e que é administrada pela Fundação Rio das Ostras de Cultura. Mas fica no 3º distrito e são 22 km daqui até lá.”

No museu, encontramos vitrines com objetos e utensílios encontrados na região, vitrines com quadros explicativos que mostram como viviam os povos sambaquianos, um maquete que retrata como deveria ser a região no período em que esses povos ali viviam, além de mostrar como realizavam algumas. Além dessas exposições no museu existe também um mapa explicativo sobre as teorias de como se deu a ocupação no local, além de apresentar um busto com a reconstituição do rosto de um dos crânios expostos no sítio arqueológico feita pela artista plástica Clara Arthaud, explicando que este apresenta características “negróides”. Apresenta ainda um mapa que faz parte da exposição do museu e explica as teorias da ocupação do litoral do Rio de Janeiro além de mostrar uma maquete da região montada por Roberto Sá, um artista local. A visita ao circuito desse museu nos faz viajar no tempo e refletir sobre como esses povos viviam? Quem eram eles? Quais eram seus hábitos? Perguntas que durante a visita buscamos a resposta em nosso imaginário. Buscamos as respostas nas reproduções de como seria aquele ambiente há milhares de anos atrás.

#### **4.5.Outras visitas e o ritual de visita de professores**

Além da visita realizada com a equipe do projeto Museus do Rio, fui ao museu mais duas vezes. Uma para pesquisa de campo no feriado de 7 de setembro de 2010 e a outra quando ministrei uma aula em um curso de história regional para professores da Rede Pública de Ensino de Cabo Frio em abril de 2011. As duas experiências tem suas semelhanças e diferenças com a primeira.

De fato, na primeira visita ao museu nosso narrador Jorge Pinheiro analisou mais especificamente essa história de ocupação da região. Na segunda visita no feriado, Pinheiro estava sozinho, não podendo se ausentar da Casa de Cultura que fica à frente do terreno. Nos guiou por este espaço, no entanto, a visita ao Museu de Arqueologia fizemos sozinhos. Percebemos que é deste modo que funcionam visitas não agendadas, como as realizadas por turistas e mesmo por habitantes da cidade. Neste caso, ouvimos um CD que explica a exposição durante a visita ao espaço. Apesar desta visita ter sido agendada, por tratar-se de feriado, não houve a possibilidade de ser realizada com Jorge Pinheiro narrando as histórias.

Durante esse momento da pesquisa de campo, outros narradores surgiram no contexto. São alunos do curso de Produção Cultural do campus da Universidade Federal Fluminense localizado em Rio das Ostras e uma pessoa da comunidade, que passava as férias no local e resolveu mudar-se para a cidade após a aposentadoria. Não cabe neste trabalho fazer uma análise social da relação da comunidade com o museu. O que fiz nessa visita foi buscar um panorama que pudesse complementar algumas informações que ficaram vagas na primeira pesquisa de campo. Algumas das questões se referiam quanto ao teatro ao ar livre que seria construído nos fundos da casa: como era seu projeto? De quem era esse projeto? Outra questão fundamental se dá na relação da comunidade com o museu: a comunidade acha importante preservar um sítio arqueológico? Eles se reconhecem naquele museu (uma das impressões que o discurso oficial deseja divulgar)? Como se dá a visitação no museu? Outras questões surgiram ao longo da entrevista, como por exemplo, acerca da conservação do material exposto, como é feita e com que frequência? Outro ponto fundamental que motivou o retorno ao campo foi o intuito de acompanhar uma nova visita guiada, preferencialmente para alunos de ensino fundamental ou turistas e relacionar com a visita realizada anteriormente.

Deste modo, nesse segundo momento da pesquisa de campo, além de revisitar o museu com novos olhares e aberta a conhecer novas histórias, tive também a oportunidade de entrevistar e conhecer pessoas que fazem parte da comunidade, tais como alunos do curso de Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense de Rio das Ostras, uma moradora da região e Mara Moreira Fróes, que foi presidente da



Fundação Rio das Ostras de Cultura, sendo uma das idealizadoras da criação do Museu de Arqueologia.

Ao chegar ao museu fui novamente recepcionada por Jorge Pinheiro. Por ser sábado ele estava sozinho cuidando tanto da Casa de Cultura quanto do Museu de Arqueologia, deste modo, não poderia fazer novamente uma visita guiada completa. Sendo assim, Pinheiro guiou pela Casa de Cultura, contando novamente sua história em um discurso muito semelhante ao realizado anteriormente em abril de 2009.

Ainda nesse primeiro dia de pesquisa de campo, entrevistei a Produtora Cultural, formada pela UFF, Mariah Guedes, que desenvolveu seu trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Gestão Cultural no Município de Rio das Ostras (RJ): Breve análise da atuação da Fundação Rio das Ostras de Cultura”, já citado nesta dissertação.

Tanto a entrevistas com Mariah Guedes, quanto seu trabalho de conclusão de Curso serão ferramentas fundamentais para auxiliar na compreensão das leis que norteiam Rio das Ostras culturalmente, bem como, a gestão cultural da Fundação Rio das Ostras de Cultura.

No dia 05 de setembro de 2010, me dirigi novamente ao museu. Neste dia, último o qual poderia visitá-lo, tendo em vista que não funcionaria no dia 06 por ser segunda-feira e dia 07 de setembro, feriado. Mais uma vez Jorge Pinheiro estava sozinho e não pôde acompanhar novamente uma visita pelo museu de arqueologia, pois este está localizado aos fundos da Casa de Cultura, no entanto, pude fazer questões pontuais que ainda serão transcritas e devidamente analisadas. Reparei que no final de semana, apesar de serem dias movimentados por conta do feriado prolongado, a visitação do museu foi baixa. Ao observar o livro de visitas, pude perceber que o grande público do museu é efetivamente visitantes com visitas guiadas agendadas, notoriamente escolas, universidades e grupos de professores.

Neste mesmo dia, ainda no museu, entrevistei uma aluna do curso de Produção Cultural da UFF, Ana Luiza Barbosa. Um dos assuntos referentes ao museu que todos os entrevistados se referiram foi referente a manutenção, afinal, apenas arqueólogos do Instituto de Arqueologia Brasileira podem fazê-la e, por uma série de dificuldades –

entre elas transporte – não é realizada com frequência e isso, pareceu ser uma preocupação dos entrevistados.

Em seguida, segui para um bar chamado Taberna para entrevistar Regina Muniz, moradora da cidade, que frequentava o local como veranista na infância e, após a aposentadoria resolveu mudar-se. Em seu relato, fez algumas comparações da gestão da FROC e, notoriamente do museu atualmente e, da gestão anterior, além de gestão pública da cidade.

No dia seguinte, a entrevista foi realizada com Juliana Azevedo, Produtora Cultural pela UFF e professora da rede Pública de Ensino de Rio das Ostras que apresentou uma outra visão do discurso estabelecido no Museu de Arqueologia pela Fundação Rio das Ostras de Cultura, com um olhar mais voltado para as escolas e o trabalho realizado dentro delas. Relatou a dificuldade de levar os alunos até o museu, seja por falta de transporte, seja por questões administrativas das escolas e, até mesmo, da própria cidade.

Neste mesmo dia, após tentar diversas vezes contato sem muito sucesso, encontrei Mara Moreira Fróes, antiga presidente da Fundação Rio das Ostras de Cultura, no momento do processo de musealização do sambaqui da tarioba. Apresentou um relato com conteúdo denso e muito importante para esta pesquisa, principalmente no que se refere à musealização do sambaqui. A questão que mais afligia e que eu necessitava tentar esclarecer se dava no sentido de que eu precisa saber sobre os motivos da “mudança de planos”, afinal, anteriormente nos fundos da Casa de Cultura Bento Costa Júnior seria construído um teatro ao ar livre. Segundo Mara Fróes, este seria um “teatrinho”, pequeno, que seria construído porque naquele momento, na cidade, ainda não havia outros equipamentos culturais, que acabaram sendo construídos posteriormente (entre eles uma concha acústica e um teatro), no entanto, ao ser descoberto o sambaqui, eles decidiram construir um museu “in situ” juntamente com o IAB. Este foi o momento da entrevista que neste trabalho, deve ser destacado, no entanto, ressalto que esta entrevista possui muitos outros pontos importantes a serem analisados, sendo um rico material o qual pretendo aproveitar para pesquisas futuras.

Em minha última visita ao Museu de Arqueologia sambaqui da Tarioba em maio de 2011, tive a oportunidade de acompanhar a visita com um grupo de professores da Rede Pública de ensino da cidade de Cabo Frio que fazem um curso de História Regional realizado pelo Instituto Federal Fluminense.

Antes da visita ao museu, ministrei uma palestra sobre a ocupação indígena na região e, principalmente, sobre o Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba. Ao final da palestra, propus uma oficina chamada “Deixe sua marca na Terra” onde os alunos deveriam se dividir em grupos. A oficina ocorreu em dois momentos: no primeiro usaram massa de modelar (solicitada previamente) para os grupos criarem um vestígio para deixarem para as gerações futuras. Em um segundo momento, cada integrante dos grupos traçou seus pés e/ou suas mãos em folha de papel ofício, colorindo e deixando uma mensagem dizendo o que esperam do mundo no futuro.

O objetivo da oficina foi mostrar que a todo o momento deixamos nossos registros para as próximas gerações e, com certeza a sociedade que vivemos hoje, será entranhada e pesquisada por historiadores no futuro. Antes da oficina apresentei a música “Esperança” da Banda Casaca, que justamente fala sobre preservação do meio ambiente e sobre o que deixaremos para as próximas gerações



**Figura 89 - Professores participando da oficina em palestra que ministrei no IFF em Cabo Frio<sup>134</sup>**

---

<sup>134</sup> Fotografia de Renata de Almeida Oliveira em oficina no Instituto Federal Fluminense em maio de 2011.

Sáimos de Cabo Frio após o almoço. Os alunos seguiram para a visita guiada com Jorge Pinheiro já compreendendo um pouco o funcionamento do museu e sua história e memória ali guardadas. Com o grupo de professores, a visita não foi tão extensa nem tão detalhada quanto a visita realizada pela equipe do projeto Museus do Rio, vinda da Universidade. Jorge Pinheiro disse em entrevista que a especificidade da visita ocorre de acordo com o grupo e o tempo disponível por eles.



**Figura 90 - Professores visitando o Sambaqui da Tarioba<sup>135</sup>**



**Figura 91 - Professores em visita guiada por Jorge Pinheiro<sup>136</sup>**

---

<sup>135</sup> Fotografia de Renata de Almeida Oliveira em oficina e palestra realizada no Instituto Federal Fluminense – Visita dos professores ao Museu de Arqueologia sambaqui da Tarioba.

O diferencial e a grande surpresa dessa visita foi não encontrar os enterramentos ditos como os mais importantes do museu: a mulher e a criança, a mãe e o filho. O Instituto de Arqueologia Brasileira havia os esqueletos desde janeiro de 2011 para manutenção, visto que, de acordo com Jorge Pinheiro, na localização em que se encontram no museu, recebem forte influência dos raios solares, além do lodo acumulado na escavação.



Figura 92 - Escavação sem enterramento que estava em fase de restauração e higienização<sup>137</sup>



Figura 93 - Aviso explicando a ausência do enterramento<sup>138</sup>

<sup>136</sup> Idem 135

<sup>137</sup> Idem 135

Esta foi a última vez em que visitei o museu. Com certeza ainda o visitarei muitas vezes para pesquisa, para descobrir e conhecer mais. Em cada visita uma nova descoberta, um novo fato. O trabalho realizado pela Fundação Rio das Ostras de Cultura no Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba é realizado com muita seriedade e pesquisa, tornando cada visita interessante.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o decorrer dessa pesquisa, percebemos que é nítido o investimento no sentido de valorizar a memória e a história dos povos indígenas que viveram e vivem no estado do Rio de Janeiro. A arte de narrar essa história se dá no sentido de demonstrar que o estado foi palco da trajetória de grupos humanos importantíssimos – indígenas e sambaquieiros, neste caso – para o entendimento dos processos de ocupação do território nas Américas.

É possível observarmos então, a formação de uma rede de pesquisadores que se debruçam sobre este tema em diversas instituições de pesquisa e museológicas no estado do Rio de Janeiro. Relacionando com o conjunto da pesquisa que nos levou à descoberta do Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba, percebemos que é crescente o número de museus que focalizam o tema da presença e da memória de povos indígenas no estado do Rio de Janeiro (Museu Arqueológico de Araruama, Solar do Colégio, Museu Vivo do São Bento, Museu Arqueológico de Itaipú, Museu do índio). Podemos falar numa mudança no imaginário da memória fluminense, onde cada vez mais este passado indígena pré-histórico aflora com força. Podemos afirmar então que o Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba não representa um caso isolado, mas uma tendência no estado do Rio de Janeiro.

É importante reiterar então o contexto histórico e social os quais se inserem essas pesquisas. Não são fatos repentinos e, sim conseqüências de processos históricos e o surgimento contínuo de novas pesquisas sobre o assunto que se complementam. O estado do Rio de Janeiro possui uma importância muito grande na história do país, afinal, abriga a região onde se localiza a cidade, também com o nome de Rio de Janeiro, que foi durante muito tempo capital nacional. Neste sentido tem uma longa tradição de cronistas e historiadores regionais ocupados com a escrita de suas histórias e memórias e os museus fazem parte deste processo. Deste modo, é possível perceber que os contextos os quais tanto o estado do Rio de Janeiro, quanto a cidade com o mesmo nome se inserem em memórias e histórias regionais, locais e nacionais com diferentes ênfases, sendo fundamentais no crescimento das pesquisas acerca das outras regiões mais afastadas da capital do estado.

Percebemos com esta pesquisa, o surgimento de movimentos de valorização de memórias diferentes das memórias nacionais e oficiais, acionadas e legitimadas em processos hegemônicos, e que foram pouco a pouco construindo um imaginário sobre o Rio de Janeiro como lugar de progresso e modernidade. Tratamos aqui então, destas memórias "subterrâneas", conceito formulado pelo historiador Michael Pollak que se referiu a memórias que teriam ficado soterradas em narrativas e discursos hegemônicas de processos, civilizatórios, políticos e sociais. No caso dos povos sambaquieiros, houve o desaparecimento físico de toda a população, não tendo sido possível a reconstrução das memórias deste grupo por si próprio através da oralidade como vem ocorrendo com muitos outros grupos sociais. A memória, neste caso, literalmente ficou em estado "subterrâneo", soterrada junto com o desaparecimento do grupo, podendo apenas ser construída a partir de vestígios da cultura material e dos restos humanos. Esta especificidade leva a que esta memória subterrânea possa ser acessada apenas por meio de mediadores, especialmente pesquisadores das áreas de arqueologia, museologia, história e afins<sup>139</sup>.

Deste modo, é possível compreender Pomian (2000, p. 509) destacando então que “quando a reconstrução do passado se funda em vestígios, imagens ou relíquias” estes são apenas suportes das memórias coletivas que são indiretas, imperfeitas e incertas. A construção dessas outras histórias trazem à tona povos que viveram há milhares de anos, e representa uma ressignificação na produção científica e na criação de instituições museológicas. Muitas dessas instituições surgiram justamente para apoiar e fomentar tais pesquisas no âmbito da arqueologia. O aumento de pesquisas arqueológicas e o incremento das coleções representam o surgimento de novas possibilidades de pesquisa.

Neste contexto, os museus com suas exposições e conjuntos de acervos são importantes agentes narrativos. A ideia desta pesquisa em conjunto com a pesquisa sobre o Panorama Museal do Estado do Rio de Janeiro está justamente refletindo sobre este processo de criação de museus e seus diferentes significados no contexto do estado.

---

7 Ver POLLAK (1992, p.03)



Deste modo, destacamos o Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba, principal objeto de estudo deste trabalho. Os protagonistas do museu estão comprometidos com este novo olhar que foi surgindo no estado e contribuíram para uma representação absolutamente nova da história e da memória fluminense. Os idealizadores fizeram um grande esforço na busca por informações sobre a pré-história do município de Rio das Ostras, em uma tentativa de elevar a história da cidade à uma importância nacional. Esses idealizadores buscaram as informações entrando em contato com pesquisadores, historiadores, arqueólogos, além de instituições como o Museu Histórico e o Instituto de Arqueologia Brasileira, que já havia mapeado o sítio arqueológico em 1967 e até hoje apóia o museu com pesquisas e manutenção.

Deste modo, conclui-se que esta pesquisa teve como objetivo apresentar questões referentes à valorização da memória e da história indígena e sambaquieira no estado do Rio de Janeiro, tendo como objeto o Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba, fazendo uma análise da visita guiada. Existe um duplo sentido ao longo da visita guiada completa. Efetivamente ocorre em dois equipamentos culturais distintos – a casa de Cultura Bento Costa Júnior e o Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba – que ocupam o mesmo terreno. Percebemos a existência de uma estranheza entre estas “duas” exposições que habitam o mesmo espaço. Enquanto a primeira está focalizando a ocupação de uma população cujo objetivo é a colonização do local em moldes de progresso e civilização; a segunda exposição focaliza a ocupação de uma população de povos sambaquieiros que estiveram na região há mais de 2000 anos. Não observamos nenhuma problematização ou tentativa de relacionamento entre as duas exposições. Elas co-habitam o mesmo espaço como elementos estranhos um ao outro. A exposição dos quadros com pinturas que retratam mulheres que fazem parte de famílias importantes na cidade na casa de cultura é curiosa na medida em que enfatiza o aspecto de pioneirismo não apenas do colonizador local, mas de mulheres que se destacaram na região. Há também uma ênfase em alguns casos para o relato de bravura de mulheres negras ou mestiças. Embora não haja uma grande problematização deste tema, ele se impõe nas imagens e nos relatos do livro “Terra dos Peixes III” com os depoimentos de habitantes idosos locais. Outra questão importante é a diferença organizacional entre de um lado, a casa de cultura que funciona como uma espécie de centro cultural; e o museu que adota os princípios de uma instituição museológica. Na primeira, há uma ênfase no processo de construção da identidade do rioostrense com ênfase no papel dos artesãos e

produtores culturais que são muito estimulados neste espaço. Já no Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba há uma busca de “cientificidade” e de trazer uma reflexão calcada nos estudos arqueológicos. O grande narrador do museu, o historiador Jorge Pinheiro e outros funcionários deste espaço chamaram a atenção diversas vezes para a necessidade de realização de estudos sobre a passagem dos povos sambaquieiros na região. Chegaram inclusive a produzir alguns livros apoiados pela Fundação Cultural de Rio das Ostras, o que demonstra um interesse na pesquisa sobre este tema. Há nitidamente a tentativa de inserir a construção da identidade rioostrense no contexto de evolução do homem americano, trazendo uma aura especial para aquele local na medida em que ali se encontraram vestígios importantes da passagem daqueles que ocuparam o mesmo espaço há milhares de anos atrás.

Não pretendi com este trabalho esgotar as possibilidades de pesquisa sobre este tema nem sobre o Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba especificamente. Ainda existem questões a serem exploradas, sobretudo referente a questões referentes à população local. Destacamos neste trabalho discursos Institucionais, que partiram de funcionários ligados ao museu e à Casa de Cultura. As entrevistas com os estudantes do curso de Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense e de uma moradora podem ser o ponto de partida para outras pesquisas, sendo questionado, por exemplo, de que modo a população se apropria desses equipamentos culturais (o Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba e a Casa de Cultura Bento Costa Júnior)? O discurso institucional de valorização dessas memórias indígenas e sambaquieiras é aceito pela população? É importante para a população local manter aquele museu? Essas histórias e memórias guardadas no Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba e na Casa de Cultura Bento Costa Júnior são importantes para quem: a população ou apenas institucionalmente? Este trabalho pode gerar também outro mais amplo, podendo ser o início de um mapeamento mais profundo sobre museus que tenham essa perspectiva de valorização de memórias indígenas e sambaquieiras tanto no Rio de Janeiro quanto no Brasil.

## 6. REFERÊNCIAS

**ABREU, Regina. Museus Etnográficos e Práticas de Coletamento: Antropofagia dos sentidos. In: CHAGAS, Mario de Souza (org.) Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - *Museu: antropofagia da memória e do patrimônio*.**

Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, n° 31, 2005.

ABREU, Regina. **Tal Antropologia, qual museu?** In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario de Souza, SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. (orgs.) **Museus, coleções e patrimônios: Narrativas Polifônicas.** Rio de Janeiro: Garamond, MinC/IPHAN/DEMU, 2007.

ABREU, Regina. **Patrimônios Etnográficos e Museus: uma visão antropológica.** In: ABREU, Regina e DODEBEL, Vera (orgs.). **E o Patrimônio?** Rio de Janeiro: Contra Capa/Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2008.

ABREU, Regina. **Cartografando o Rio de Janeiro e seus museus: notas sobre a etnografia dos percursos.** 2009 (*mimeo*)

ABREU, R. & CHAGAS, M. (orgs.) **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos.** 2. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2009.

BRANDÃO, Cristina de Jesus Botelho. **A cena do índio na TV.** Museu do Índio. Rio de Janeiro, 2010.

BRUNO, Maria Cristina. **A Musealização da Arqueologia.** Cadernos de Sociomuseologia n° 17, 1999.

Buarque, A. – A Cultura Tupinambá no Estado do Rio de Janeiro. In: Tenório, C. (Org.) **Pré-História da Terra Brasilis.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999, pp.307-320.

CHAMUM, Denise. **Arqueologia e Memória: O caso da musealização do Sambaqui da Tarioba**. 3.ed. Rio das Ostras: Fundação Rio das Ostras de Cultura: Gráfica Iriri, 2004.

COUTO, Ione Helena Pereira. **A tradução do objeto do “outro”**. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario de Souza, SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. (orgs.) **Museus, coleções e patrimônios: Narrativas Polifônicas**. Rio de Janeiro: Garamond, MinC/IPHAN/DEMU, 2007.

Dias Junior, O.F. – A Tradição Itaipu, costa central do Brasil. In: Meggers, B.J. (Ed.) – Prehistoria sudamericana: nuevas perspectivas. Washington: Taraxaxum, 1992, pp,161-176.

FONSECA Jr, Eduardo. **Sambaquis e quilombolas nas terras fluminenses**. 1.ed. Rio das Ostras: Gráfica e Policromia Iriry, 2004.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Os Índios em Arquivos do Rio de Janeiro (2vols.)**. Rio de Janeiro : Pró-Índio/NAPE/UERJ, 1996.

\_\_\_\_\_. **Tem índio no Rio**. UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2001.

FREIRE, José Ribamar Bessa e MALHEIROS, Maria Fernanda. **Aldeamentos Indígenas do Rio de Janeiro**. Programa de Estudos de Povos Indígenas. Departamento de extensão/SR-3. UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 1997.

FUNDAÇÃO RIO DAS OSTRAS DE CULTURA. **Terra dos peixes – Volume II**. Projeto Memória. Fundação Rio das Ostras de Cultura. Prefeitura Municipal de Rio das Ostras. 2 Ed. Rio das Ostras, 1997.

GASPAR, Maria Dulce. **Sambaqui: Arqueologia do Litoral Brasileiro**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GASPAR, Maria Dulce, BUARQUE, Angela, CORDEIRO, Jeanne, ESCÓRCIO, Eliana. **Tratamento dos Mortos entre os Sambaqueiros, Tupinambá e Goitacá que ocuparam a Região dos Lagos, Estado do Rio de Janeiro.** *In:* Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo nº17: 2007.

GONÇALVES, José Reginal Santos. **Os Museus e a Cidade.** *In:* ABREU, R. & CHAGAS, M. (orgs.) **Memória e Patrimônio:** ensaios contemporâneos. 2. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2009.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

IBGE. **Mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju.** Fundação Instituto Nacional de Filosofia e Estatística em colaboração com a Fundação Nacional Pró-Memória. Rio de Janeiro: IBGE, 1987. 94p.:mapa.

LADEIRA, Maria Inês. **"O Caminhar sob a Luz"** – O Território Mbyá à Beira do Oceano - Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais (Antropologia), PUC, SP, 1992.

\_\_\_\_\_. **Espaço Geográfico Guarani-MBYA:** Significado, Constituição e Uso. Maringá, PR: Eduem: São Paulo: Edusp, 2008.

LAMEGO Alberto R. **O homem e a restinga.** Rio de Janeiro: IBGE, 1946.

LÉRY, Jean de. **Viagem à Terra do Brasil.** Edusp: São Paulo, Itatiaia: Belo Horizonte. 1980.

L'ESTOILE, Benoit De. **Le goût des autres.** De l'exposition coloniale aux arts premiers, Flammarion, 2007, nova edição de bolso, 2010.

LIMA, Maria da Glória d'Almeida. **Pérola entre o rio e o mar:** História de Rio das Ostras. 3.ed. Rio das Ostras: Poema, 1998.

Lima .T.A. – Em busca dos frutos do mar: os pescadores-coletores do centro-sul do Brasil. Revista da USP. Antes de Cabral: Arqueologia Brasileira II, vol.44, 270-327, 1999-2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **O (bom e velho) Caderno de Campo**. Sexta Feira (São Paulo), São Paulo, v.1, 1997.

\_\_\_\_\_. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v.17, n. 49, 2002.

MELATTI, Júlio Cezar. **Índios do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

MONTARDO, Deise Lucy Oliveira. **Através do Mbaraka: Música, Dança e Xamanismo Guarani**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

NEVES, W.A. & Piló, L.B. – O Povo de Luzia: em busca dos primeiros americanos. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2008

NORA, Pierre. Entre **Memória e História**: a problemática dos lugares. In: *Projeto História, nº 10*. São Paulo: PUC-SP, dezembro/1993.

NUNES, Pedro Sol de Abreu. **Uma experiência audiovisual no Museu Vivo do São Bento: Memória e resignificação do território em Duque de Caxias, RJ**. Monografia de Graduação em Geografia. Rio de Janeiro: PUC, 2009. (*mimeo*)

OLIVEIRA, Renata de Almeida. **A Memória Visual do Patrimônio Musical Guarani Mbyá**. Monografia de Graduação em História. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2009. (*mimeo*)

POLLAK, M. “Memória e Identidade Social” In: *Estudos Históricos*. Volume 5, nº10. Rio de Janeiro: FGV, 1992. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>> Acesso em: 15 jan. 2009.>

POLLAK, M. “Memória, Esquecimento, Silêncio” In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: FGV, 1992. Disponível em: < <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2009.

POMIAM, K. **Sistemática** In: *Enciclopédia Einaudi (volume 42)*. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000.

RIBEIRO, Berta. **O índio na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: UNIBRADE/UNESCO, 1987.

RIBEIRO, Darcy. **Os Índios e a Civilização: A integração das Populações indígenas no Brasil Moderno**. 5. Ed. Petrópolis. Vozes, 1987.

SALADINO, Alejandra. **Prospecções: o patrimônio arqueológico nas práticas e trajetórias do IPHAN**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, 2010.

SIMÕES, Ricardo Simões. **Atlas Geográfico do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Entorno, 2010. (CD-Rom)

SOARES, Blanca Dian Brum. **Memória, Esquecimento e Discurso: Um estudo de caso Tupinambá**. UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. PPGMS – Programa de Pós-Graduação em Memória Social. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, 2005.

STADEN, H. **Duas viagens ao Brasil**. Edusp: São Paulo, Itatiaia: Belo Horizonte. 1975.

TENÓRIO, Maria Cristina. **Identidade Cultural e Origem dos Sambaquis**. In: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo, nº 14: 2004.

\_\_\_\_\_. Os amoladores-polidores fixos. *Revista da SAB*, São Paulo, 2003,16: 87-108.

THEVET, A. **As singularidades da França Antártica**. Edusp: São Paulo, Itatiaia: Belo Horizonte. 1978.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

#### FONTES AUDIOVISUAIS

Acervo do Projeto Memória, Cultura, Transformação Social e Desenvolvimento: Panorama Museal do Estado do Rio de Janeiro.

Baixadas Litorâneas: Fita 4A - Costa do Sol; Fita 4B - Costa do Sol; Fita 4C- Costa do Sol; Fita 4D - Costa do Sol

PREFEITURA DE RIO DAS OSTRAS. Fundação Rio das Ostras de Cultura. **Sambaqui da Tarioba**: Preservar é Preciso. Rio das Ostras, 2004. (30 min)

#### FONTES DA WEB

FUNDAÇÃO RIO DAS OSTRAS DE CULTURA.

<http://www.culturariodasostras.com.br/> - Acesso em: 06. Abr. 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE).

<http://www.ibge.gov.br/home/> - Acesso em: 11. Mai. 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM)

[http://museus.ibram.gov.br/sbm/cnm\\_apresentacao.htm](http://museus.ibram.gov.br/sbm/cnm_apresentacao.htm) - Acesso em: 11. Jun. 2011.

MUSEUS DO RIO

<HTTP://www.museusdorio.com.br> - Acesso em: 13. Jul. 2011.

INEPAC

<http://www.inepac.rj.gov.br/arquivos/RiodasOstras.pdf> - Acesso em: 02. Mar. 2011,



## ANEXOS

ANEXO A – Transcrição das filmagens - pesquisa de campo no Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba em 03 de abril de 2009. – Jorge Pinheiro

TRANSCRIÇÃO de Renata Oliveira

**Regina Abreu:** Bem, então estamos aqui no Museu de Arqueologia...

**Jorge Pinheiro:** Sambaqui da Tarioba.

**Regina Abreu:** Sambaqui da Tarioba. Então eu queria que o senhor de apresentasse e falasse um pouquinho desse museu.

**Jorge Pinheiro:** Senhoras e Senhores muito bom dia! Sejam todos bem-vindos em nome da Prefeitura Municipal de Rio das Ostras e da Fundação Rio das Ostras de Cultura, a Casa de Cultura Dr. Bento da Costa Júnior onde nós encontramos por acaso um sítio arqueológico pré-histórico e que já era chamado pelos índios Goitacá de sambaqui, que era uma palavra do tupi-guarani que vem justamente dizer que é um monte de casca de ostras, porque esses homens que vieram do “oceano”<sup>140</sup> médio que viveram até o século II aproximadamente segundo Denise Chamum. Eu tenho que dizer logo a bibliografia porque às vezes algumas informações são controversas. De maneira que quando a Fundação Rio das Ostras de Cultura foi criada em 1994 após a emancipação do município, a sede da fundação veio para esta casa que é a primeira em alvenaria erigida aqui nessa terra que já foi chamada de Terra dos Peixes de Vila Rainha. Hoje como todos nós sabemos é Rio das Ostras. De maneira que aqui ficou funcionando a Fundação Rio das Ostras de Cultura durante muitos anos e quando se pensou em fazer aqui nos fundos, em criar um teatro ao ar livre, porque não tínhamos o Teatro Municipal como temos hoje e tão pouco a concha acústica que está ali. Depois se ele quiser mostrar pro pessoal; e mais o Parque de Exposições, e mais a Tela, não tínhamos nada disso aqui ainda, então, a Presidente da época, a senhora Mara Fróes resolve criar aqui nos fundos um teatro ao ar livre e o palco seria justamente onde está

---

<sup>140</sup> Não foi possível compreender a palavra

instalado o museu que é aquela cobertura toda envidraçada que nós podemos ver lá nos fundos.

**Regina Abreu:** Quer dizer que aqui moravam os índios Goitacás?

**Jorge Pinheiro:** Goitacá.

**Regina Abreu:** Ah, que interessante!

**Jorge Pinheiro:** Goitacá porque o plural no tupi-guarani fomos nós que colocamos. Na realidade, quando eles se apresentavam eles diziam que eles eram os Goitacá. Nós é que colocamos o... então, às vezes eu brinco com as pessoas que visitam que o tupi-guarani é que nem italiano, não tem S no plural.

**Regina Abreu:** Quer dizer que a gente vai conhecer um pouquinho dessa história, dessa pré-história do Rio de Janeiro?

**Jorge Pinheiro:** Da história... da nossa equipe aqui, né? Nós vamos falar da história aqui da antiga Terra dos Peixes de Vila Rainha e que era chamada pelos índios Goitacá e por outras etnias que por aqui passaram, por exemplo, como os Coroados, por exemplo. É... Eles chamavam aqui de Leripi. Depois que com a passagem do europeu, o mais importante que por aqui passou, duas vezes, que foi justamente Américo Vespúcio, que passa em 1501 e retorna em 1504. Aí já mais ou menos no século XVII eles já chamavam aqui de Rio das Ostras.

**Regina Abreu:** E esse museu ele é Municipal?

**Jorge Pinheiro:** Esse museu, ele é um próprio da Fundação Rio das Ostras de Cultura e essa fundação, evidentemente é uma autarquia da Prefeitura Municipal de Rio das Ostras.

**Regina Abreu:** Então vamos conhecer o museu?

**Jorge Pinheiro:** Exatamente. Agora vale a pena ressaltar que todo aquele material que está exposto, já que ele foi encontrado no subsolo pertence ao Governo Federal. Nós

sabemos que tudo o que está no subsolo pertence ao Governo Federal. A nossa entidade é apenas fiel depositária.

**Regina Abreu:** Quer dizer, é tombado pelo IPHAN?

**Jorge Pinheiro:** O IPHAN está em processo de tombamento porque o escritório de Cabo Frio vem sempre nos visitar aqui e fazendo o trabalho deles.

**Regina Abreu:** Pinheiro, antes de entrar, apresentar aqui a equipe: Professora Vera Dodebei, Renata Oliveira, Aline Cadaxo, Carolina Givigi, Aline Beatriz, Rafaela, Pedro Sol e Renato Vallone, ta. Então, vamos conhecer o Museu?

**Jorge Pinheiro:** Vamos lá então! Primeiro eu gostaria de lhes apresentar a casa e a equipe que trabalha conosco. Então eu gostaria também de chamar a atenção dos senhores para o fato de que essa casa segundo a maioria dos autores, um desses autores é o Eduardo Fonseca Júnior, que escreveu para nós o livro “Samabaquis e Quilombos”. Segundo ele, inclusive, essa casa foi erigida em fins do século XIX. Então, essas telhas são feitas ainda pelos escravos que por aqui passaram e são chamadas, pelo nome pejorativo de “telha feita nas coxas” porque elas são moldadas nas pernas dos escravos. Eram moldadas, né? Porque como os senhores professores de história se lembram, a Lei Eusébio de Queirós foi assinada em 1850, e a partir daquele entonces então, já em 1852, os navios negreiros passam a desembarcar em enseadas remotas, como Porto de Galinhas no grande Recife, na Praia do olho d’água na Ilha de São Luís, no Maranhão, outra enseada famosa também, além de Porto de Galinhas é Angra dos Reis aqui, e lá na Bahia é a Praia do Chega Nego que hoje é chamada de Praia do Rio Vermelho. Então, de 1852 até 1980 mais ou menos, esse tráfego de navios negreiros continua, e vale ressaltar que embora os ingleses tentassem impedir, mas esse tráfego continua e a grande curiosidade nisso tudo é que eles também desembarcavam aqui na baía Formosa bem nessa praia, nessa enseada aqui que os senhores estão vendo, que faz parte da Baía Formosa que ela abrange as cidades de São Pedro da Aldeia, Cabo Frio, Arraial do Cabo e Armação dos Búzios. Antes de nós começarmos a visita eu gostaria de lhes apresentar a casa e as pessoas que aqui trabalham. Aqui é a nossa secretaria e essa é a minha colega de trabalho, a professora Nicélia que é nossa coordenadora de arte. Ela está atendendo uma ligação porque a Fundação Rio das Ostras de Cultura, ela ministra alguns cursos aqui para a comunidade. Agora mesmo nós estamos ministrando um curso

de Darte em Linha, o curso de desenha em Mangá e a Decupagem que quem não conhece é aquele material que está ali em cima do sol<sup>141</sup>.

**Jorge Pinheiro:** Professora Nicélia...

**Nicélia:** Bom dia!

**Regina Abreu:** Tudo bem? Regina... a gente está vindo lá da UNIRIO, é um grupo da UNIRIO em parceria com o IPHAN também, do Departamento de Museus do IPHAN e aqui, professora Vera Dodebei que é professora também da UNIRIO do Programa de Memória Social e a gente veio conhecer o museu porque estamos fazendo uma pesquisa e um filme sobre os museus do Estado do Rio de Janeiro.

**Nicélia:** Sejam bem-vindos, espero que aproveitem bem a visita e nos desculpem os transtornos da casa desarrumada, porque começa uma exposição hoje que é uma exposição de fotografias. Nós estamos começando hoje esse trabalho e ontem tivemos também um dia bastante agitado, vamos ter também um curso de gestão de museus e a gente está adequando a casa a receber essas pessoas, em torno de 60 pessoas que virão e mais os cursos que estão começando que é de Decoupage, Arte e Linha e desenho em Mangá, vai começar, começa dia 13.

**Regina Abreu:** E a atuação aqui do museu é uma atuação muito focada na cidade, para as escolas, para turismo, como é que é o público-alvo do museu?

**Nicélia:** Com certeza, o turista também é bem focado porque eles vêm e visitam a casa e divulgam o trabalho da cidade, o trabalho da Fundação Rio das Ostras de Cultura. E nós temos também o nosso foco voltado para as escolas municipais e particulares. Eles vêm em grupos visitar o museu, visitar a casa, as pessoas da cidade e municípios vêm fazer cursos... Então a gente mantém a casa sempre em movimentação. Não só o foco na visita do museu ou do mobiliário da casa, como também fazendo melhores aproveitamentos em cursos gerando recursos inclusive.

---

<sup>141</sup> Não foi possível compreender a palavra

**Regina Abreu:** Ah, então a sustentabilidade do museu também é uma questão presente para vocês, ou ela tem um dotação da secretaria, como é que é isso?

**Nicélia:** Olha, a casa vem da Fundação Rio das Ostras de Cultura que é uma autarquia da Prefeitura, entendeu? E nós mantemos a casa não com essa visitação, não com esses cursos porque o de desenho e Mangá, por exemplo, vai ser pago R\$30 (trinta reais) direto ao professor, nós cedemos o espaço. Decopagem e Arte em Linha é que será gratuito, é mantido pela Fundação.

CORTE

**Regina Abreu:** ...a casa de cultura.

**Nicélia:** Para os cursos, a exposição dos móveis da casa e no que estávamos começando uma obra para fazer uma escola de teatro e, possivelmente, um pequeno teatro também, foram descobertas algumas peças que deram origem ao sítio arqueológico. Então fomos impedidos de continuar as obras, ficou tudo paradinho, não se pode tocar em nada porque, a importância desse sítio é muito grande.

**Regina Abreu:** E há uma equipe de arqueólogos que dão uma consultoria para esse trabalho

**Nicélia:** Do IPHAN, que dão uma consultoria e, também, um controle de tudo. Nada se mexe sem que eles vejam, observem e autorizem.

**Regina Abreu:** Quem seria, que vocês falam muito, Denise Chamum?

**Jorge Pinheiro:** Denise Chamum, mas, quem nos visita muito é técnico em arqueologia Jober Decco. Claro que eles são liderados pelo doutor Odemar Dias Júnior, que os senhores já devem ter ouvido falar dele porque é considerado o Indiana Jones brasileiro.

CORTE

**Regina Abreu:** ... a Casa de Cultura e o Museu, existem duas vertentes desse trabalho. Quer dizer, falar da pré-história e também do hoje, contemporaneidade.

**Jorge Pinheiro:** Da pré-história, da história e da arte recente por causa dos cursos que ministramos aqui na casa.

**Nicélia:** Vamos ter agora palestra Mari Oliveira falando sobre moda (corte) porque moda também é cultura, carnaval também é cultura. Nós tivemos a exposição de carnaval com fantasias belíssimas, vamos sempre ter uma movimentação, tempos expositores, hoje começa aí essa exposição de fotografia. Então, há uma movimentação na casa constante que trás, inclusive, o cliente que veio conhecer o museu arqueológico, e que às vezes nem ouviu falar, não sabe o que é a arqueologia, não sabe da importância disso para o município, para o país em si. Então, nós damos a cultura e, ao mesmo tempo, o lúdico, que é a diversão, é a presença, gerando aqui sempre. É o jovem, é a criança, é o adulto, sem limite de idade, nem para começar, nem para terminar.

**Regina Abreu:** Está ótimo! Parabéns pelo trabalho!

**Jorge Pinheiro:** Agora, só corroborando com o que a professora Nicélia falou, nos dias 27, 28 e 29 nós teremos aqui uma oficina que será liderada pela Dona, ou professora, Luciele Figueiredo, que é a coordenadora do Sistema Estadual de Museus que pertence a secretaria de Estado e de Educação.

## CORTE

**Jorge Pinheiro:** Eu gostaria de apresentá-los a outro membro de nossa equipe. Alexandre Marinho é o nosso lutiê e conserta instrumentos de corda e trabalha em outro próprio nosso que é a Escola de Fundação, Cerâmica, Artes e Ofícios. Então ele é o lutiê, fabrica, ensina e conserta instrumentos de corda.

**Regina Abreu:** Nós estamos aqui, visitando o museu, somos uma equipe da UNIRIO, da Universidade do Rio de Janeiro, são alunos da Escola de Museologia, de História e da Memória Social e nós estamos fazendo uma pesquisa sobre os Museus do Estado do Rio de Janeiro, então nós viemos aqui para conhecer o Museu de Arqueologia

Sambaqui da Tarioba. Eu gostaria de saber de você que é uma pessoa da comunidade de Rio das Ostras, como é a relação da comunidade com esse museus.

**Alexandre:** A relação, a princípio teve uma demora para que as pessoas viessem conhecer e isso é uma cultura da cidade, do estado e até do país, porque qualquer descoberta que conseguirmos encontrar com qualidade, a gente tenta sempre passar a frente essa informação. De repente tem gente até na própria cidade que não conhece, entendeu? Então, imagina pessoas de outras cidades. Então a busca é sempre direcionada a esse lado: informação. Eu acho que qualquer tipo de informação é boa. Nós estamos sempre preocupados com o presente, com o futuro, mas o passado é o que faz estarmos aqui hoje.

**Regina Abreu:** E o seu trabalho de lutiê, você encontra qui na Casa de Cultura um apoio para o seu trabalho, como é isso, sua relação de trabalho com a Casa de Cultura?

**Alexandre:** Em 2002 eu tive o prazer de iniciar um curso através da UNESCO, eu optei por essa profissão, já trabalhava com música, mas, eu não tinha conhecimento e nem sabia o que era a luteria e eu demorei ainda a descobrir. Em 2003, com um ano de curso eu já fiz o meu primeiro instrumento. Eu já estou a sete anos, caminhando para o oitavo ano. É a minha profissão, é o que eu gosto de fazer, me dá prazer e me sinto bem e me dá prazer em transformar uma matéria-prima que muita gente... Vou dar um exemplo, tem gente que transforma madeira em carvão, outro em mesa, tem gente que senta em uma mesa e nem percebe que aqueça mesa é de madeira, que ela um dia foi uma árvore, e me dá muito prazer transformar em um violão, dá na mão de uma pessoa que toca e ver tirar uma nota bonita. Dá muito prazer.

**Regina Abreu:** E você está formando outros profissionais?

**Alexandre:** Sim. Esse ano iniciou um projeto, um cartão Cultural, Jovem Cidadão, que são jovens de até 19 anos e, teve um outro projeto, chamado verão das artes que vai retornar agora, talvez antes do próximo semestre, que não tem idade, são pessoas de 40, 50 anos de idade, que tocam também instrumentos, mas, que não teriam conhecimento da estrutura do violão e, tem um outro projeto, que é a Casa de Música aqui da cidade, aonde pessoas que estudam violão clássico, violão popular, também não tem

conhecimento da estrutura do instrumento que é importante. Inclusive, essa oficina foi montada para dar apoio à Casa de Música. E hoje, estamos trabalhando... Eu sinto prazer também porque eu parei aqui para aprender e agora quero passar isso prá frente, não aquela visão: só eu sei essa profissão, não vou ensinar a ninguém. Eu não penso assim, eu penso o contrário, eu quero que todo mundo venha a descobrir essa profissão, essa arte.

**Regina Abreu:** Está bom. Então vamos continuar nossa visita aqui ao museu. Vamos lá Pinheiro! Pinheiro que vai comandar a nossa visita. É o nosso guia.

**Alexandre:** Muito obrigado!

**Regina Abreu:** Obrigado!

**Jorge Pinheiro:** Então, como a Nicélia já comentou com os senhores, aqui, hoje nós iremos iniciar uma exposição de fotos cujo título é “Fatos e Fotos de Rio das Ostras” que vai ser realizada por um advogado que é fotógrafo nas horas vagas, chamado Antônio Jorge. Os senhores estão vendo a decoração. Claro, aqui alguns móveis foram colocados em outras dependências e, eu gostaria, evidentemente, de comentar um pouco com os senhores, a respeito de duas pessoas: uma, é a Zuleica Fassanha que é uma ex-aluna nossa de artes plásticas, que pintou as sete mulheres das famílias mais antigas do município. Inclusive uma, é a mãe de um deputado estadual, a outra é a mãe de um vereador aqui do município e, mais o patrono da casa, que é o Dr. Bento Costa Júnior.

**Regina Abreu:** Essa casa foi construída por quem?

**Jorge Pinheiro:** Essa casa foi construída ainda pelos escravos como eu já comentei antes, em fins do século XIX, alguma coisa em torno de 1875, 1870, por aí, não temos uma data precisa, agora, com certeza nós sabemos que ela foi adquirida pelo Dr. Bento da Costa Jr. em 1940, que é um herói de guerra, da I Guerra Mundial, muita gente desconhece esse detalhe, já que o Brasil enviou uma tropa de saúde, à Europa no fim da I Guerra Mundial, exatamente, em 1918, quando o vírus da gripe espanhola assolava o mundo naquela pandemia, que todo professor de história sabe disso. Então, por aqui, por favor.



**Jorge Pinheiro:** Vamos ver aqui a obra da Zuleica Fassanha e alguns móveis que pertenceram à família do dr. Bento. Aí são as sete matriarcas talvez, mais importantes da cidade, não por causa do poder aquisitivo, mas, por sua importância histórica, inclusive a dona Aurélia, a segunda de lá para cá, ela está numa escultura do artista Roberto Sá que é daqui da região e que tem uma maquete no museu que é uma obra dele também, bem como a estátua que é do município em tamanho natural, que são as baleias, homenageando a passagem das baleias aqui pela Baía Formosa em direção a Abrólios na Costa Sul do litoral da Bahia onde elas vão ter o seu filhote por causa da temperatura da água.

**Regina Abreu:** Elas passam por aqui e vão lá...

**Jorge Pinheiro:** Inclusive nós vamos mostrar aos senhores uma ossada desse animal daqui a pouco e a história são a seguinte: Ela vem da Antártida para cá sempre nos meses de junho e julho, entram na baía Formosa, ficam de três a quatro dias, aqui acontece esse fenômeno da ressurgência<sup>142</sup> que é o encontro das águas quentes que vem do norte com as frias que vem do sul, por isso, o nome Cabo Frio cujas terras são banhadas também pela Baía Formosa, então as baleias entram na nossa Baía, ficam de três a quatro dias se alimentando do krill que é aquele camarão que só tem na Antártida, mas, nessa época, as correntes trazem esses alimentos então ela se farta fica de três a quatro dias e depois ela segue até a costa sul do estado da Bahia onde tem o Parque Nacional de Abrólios para ter o seu filhote, fica lá até setembro, então ele cria uma capa de gordura, e ela retorna. Por isso, que o município de Rio das Ostras tem uma estátua em tamanho natural das baleias, com 17 metros e é feito em bronze. Vamos por aqui então ver a sala do Dr. Bento da Costa Jr. Agora aqui eu gostaria de lhes apresentar algumas reminiscências do patrono da casa, que é esse médico que eu falei antes, em 1918, nessa foto ele está segundo tenente do corpo de saúde do exército brasileiro e nessa condição de médico e cientista porque ele também dirigiu o antigo centro de

---

<sup>142</sup> ocorre em raros pontos dos oceanos da terra. Em Arraial do Cabo, a ressurgência ocorre como resultado da ação dos ventos do quadrante leste/nordeste aliado ao movimento de rotação da terra, que provoca o afastamento das águas quentes da Corrente do Brasil que descem pela costa do nordeste em direção ao sul. Quando essas águas afastam-se da costa, há uma subida das águas frias da Corrente das Malvinas que correm em sentido contrário as águas do corrente do Brasil ou seja, se deslocam do sul em direção ao nordeste. <http://www.arraialdocabo.fot.br/ressurgencia.htm>

estudos dos médicos do Banco do Brasil. Aqui nós vemos a guarnição que o Brasil envia à Europa no fim da I Guerra Mundial e, aqui nós temos o passaporte da época. Para vocês terem uma idéia, o passaporte naquele entonces era um pergaminho, não era aquela carteirinha verde bonitinha, que se usa hoje. Aqui o Dr. Bento em primeiro plano, na época em que ele adquire a propriedade, ele devia ter aqui, talvez uns 40 anos, aproximadamente, 45...

**Regina Abreu:** E é de que época a foto?

**Jorge Pinheiro:** Essa foto é de 1940, da época que ele adquiriu a propriedade. E, aqui, esse jornal “A Razão”, foi publicado no dia em que ele nos deixou, no dia 29 de março de 1973, aos 80 anos, homem digno, detentor de uma vida profícua, muito respeitado pela comunidade.

**Regina Abreu:** E era o proprietário dessa casa?

**Jorge Pinheiro:** Era o proprietário da casa que quando ele adquire, era um galpão, que era utilizado desde a época da sua construção até os anos 40 como um depósito do peixe e material de pesca que era pescado e salgado, colocado aqui dentro, junto com o material de pesca. Isso dura até 1940 aproximadamente. A partir dessa época que o Dr. Beto adquire a propriedade, e vai construir essas paredes internas que nós podemos ver aqui.

**Regina Abreu:** E depois ele doa para o município? Por que vira a Casa de Cultura?

**Jorge Pinheiro:** Não, ela virou Casa de Cultura por causa da localização e, na época em que a Fundação Rio das Ostras de Cultura foi criada, em 1994, a Prefeitura municipal do município recém emancipado, de Casimiro de Abreu, a nossa emancipação data de 1992, precisava de um lugar para abrigar a sede da Fundação, então, a Prefeitura resolve adquirir essa propriedade, não houve desapropriação, ela foi adquirida realmente.

**Vera Dodebei:** Adquirida pela Prefeitura...

**Jorge Pinheiro:** Adquirida pela Prefeitura Municipal de Rio das Ostras para a brigar a sede da Fundação Rio das Ostras de Cultura que hoje como o nosso colega Alexandre

comentou com o senhores, nós temos alguns endereços. Nós temos o Museu do Trem no distrito de Rocha Leão, nós temos a Escola de Fundação, Cerâmica, Artes e Ofícios que funciona no Bairro Colinas, nós temos o Centro Integrado de arte Cênica, Música e Dança, onde se ministram cursos de dança, artes cênicas aqui na cidade, fica na Praça José Pereira Campos.

**Regina Abreu:** O Sr. tem algum folheto dessa história da Fundação, prá gente, prá nossa pesquisa, isso que o Sr. Acabou de contar?

**Jorge Pinheiro:** Eu devo conseguir alguma coisa, eu devo ter uma monografia aí.

**Regina Abreu:** Que é interessante essa história da Fundação...

**Jorge Pinheiro:** Muito bem, então vindo por aqui, aqui são as demais dependências da casa, digo aos senhores que tenham cuidado com a cabeça, porque o pé direito, desse lado, aonde dizem que o sal era estocado é muito baixo, então cuidado aqui com a cabeça. Eu gostaria de... como eu vou falar com os senhores da nossa bibliografia, eu gostaria de antes de nós irmos ao museu, que nós déssemos uma passagem pela nossa loja, onde estão expostos todo o material que a Nicélia citou, produzido na Fundação, e, mais os livros, que nós vamos citar como bibliografia daquilo tudo que nós estamos contando para os senhores. Então eu gostaria de lhes apresentar primeiro a loja por causa da bibliografia que é muito importante. Nós temos uma loja e os senhores vão notar que até a estrutura dela é feita de madeira artesanal. Então nós vamos observar que até aqui foi utilizado artesanato, até na estrutura da casa. Por exemplo, voltando a nossa história um pouquinho, a maquete de um navio alemão que está naufragado aqui dentro da Baía Formosa a partir de 1940 também, essa data marca muito a história da casa, porque esse navio era chama Wakama<sup>143</sup> e era um navio que foi transformado pelo ditador da época da Alemanha em navio de carga porque ele era um navio de passageiros, então no carnaval de 1940, ele foi atacado pelos ingleses aqui dentro da nossa Baía e o navio naufragou. A história desse navio é contado nesse livro “O mistério do Wakama” que também é narrada nesse DVD “O mistério do Wakama” também. Outro livro que vale a pena ressaltar “A pérola entre o Rio e o mar” de Maria

---

<sup>143</sup> Mais informações: <http://www.naufragiosdobrasil.com.br/naufwakama.htm>

da Glória de Almeida Lima. Esse livro sobre o Wakama é de autoria de Rômulo Sérgio Vieira Ribeiro, ele é um mergulhador e historiador também. “Sambaquis e Quilombos” de Eduardo Fonseca Jr. E o livro de uma arqueóloga e museóloga que é membro do Instituto de Arqueologia Brasileiro e que nos dá o apoio técnico lá no museu que é a Denise Chamum, ela escreve para nós “Arqueologia e Memória: o caso da musealização do Sambaqui da Tarioba”. Além de outros autores que não estão aqui, como Roberto Lamego, que a gente lê muito para poder passar as informações com segurança. Roberto Lamego é como todos sabem um geólogo que é mais etnólogo e historiador do que geólogo propriamente dito. Então, ele escreve quatro livros: “O homem e a Guanabara”, “O homem e a serra”, “O homem e o brejo” e “O homem e a restinga”, são livros também que devem fazer parte da bibliografia de qualquer professor de história e geografia.

**Regina Abreu:** E esses livros a gente pode adquirir para nossa pesquisa?

**Jorge Pinheiro:** Esses livros são vendidos em média, por R\$10 cada um.

**Jorge Pinheiro:** Aqui, essas bonecas são fabricadas na nossa fábrica de bonecas que fica situada no distrito de Rocha Leão aonde uma estação de trem que foi inaugurada em 1877 pelo comendador Antônio da Rocha Leão, essa estação de trem foi toda reformada e ali foi montado um museu da nossa ferrovia que passava por aqui naquela época.

**Regina Abreu:** E esse museu da ferrovia fica aqui pertinho?

**Jorge Pinheiro:** Não, ele fica um pouco distante, ele fica no nosso 3º distrito, aliás, no 2º distrito de Rio das Ostras que dista 22 km aqui da sede.

CORTE

**Jorge Pinheiro:** Agora, aqui nesse espaço é que são ministrados os cursos que a coordenadora Nicélia falou conosco ainda a pouco: decoupage, arte em linho e outros cursos acontecem por aqui. Então vamos conhecer o museu?

**Jorge Pinheiro:** Ainda dando uma passagem pela nossa história, eu gostaria de comentar com os senhores essa maquete que representa as ruínas da primeira igreja construída aqui na Terra dos Peixes de Vila Rainha e que foi destruída pelos índios Goitacá no século XVII. Então essas ruínas ficaram lá em frente ao poço de pedra na outra praça, a praça José Pereira Câmara e é claro que a professora Maria Paula partiu de uma foto muito antiga para fazer essa espécie de maquete naquelas ruínas. Hoje nós temos uma igreja que os senhores devem ter visto quando passaram por aqui, foi uma das indicações que eu dei para nos alcançarem. Agora aqui, eu gostaria de chamar a atenção dos senhores para essa ossada de baleia que está exposta aqui desde 2000. É um animal que na vinda de Abrólios para cá, encalhou em nosso 3º distrito que é mar do norte. Para que os senhores tenham uma idéia da magnitude desse animal, esse osso é a mandíbula. Ele pesa aproximadamente 300 kg. E aqui é mais ou menos um terço da espinha dorsal, uma das nadadeiras, porque são duas, e, ali, a mandíbula de um animal menor, provavelmente o que estava na barriga dela, ou que já vinha acompanhando-a, porque esse animal quando dá a luz, o filhote nasce com uma tonelada aproximadamente. Ela quando adulta pesa 17 toneladas, perdão, pesa 35 toneladas, e mede 17 metros, por isso que esse osso da mandíbula pesa aproximadamente 300 kg. Sobrevivia apenas no mar e, a natureza tão sábia, que ela não é carnívora, que ela só come o krill e, o que ela consegue filtrar, ela ingere e o que vem com água ela expele por aquele esguicho que a gente vê. Muito bem, vamos então entrar no museu.

**Jorge Pinheiro:** Aqui dentro do museu, esse como a Nicélia havia comentado com os senhores, é o único museu de arqueologia “in situ”, quer dizer, o material lítico e o material malacológico que aqui está exposto, está do jeito que foi encontrado. Inclusive eu vou chamar a atenção dos senhores para umas linhas que estão esticadas na posição horizontal que marcam as diversas épocas de ocupação e que os profissionais da área chamam de camadas estratigráficas. Essa urna funerária é uma urna da tradição tupi-guarani, ela não tem muita coisa haver com o nosso museu porque aqui na região existem dois tipos de sítio arqueológico: existe o sítio arqueológico ceramista, que é aquele que foi legado pelos índios, e existe o museu de sítio arqueológico pré-histórico, onde você, como nós vamos ver em seguida aqui nas escavações, não encontra vestígios de cerâmica. É um dado curioso, porque, esse homem que viveu aqui, segundo Denise Chamum e outros autores, teria chegado aqui durante o oceano Médio, inclusive um

crânio que nós temos exposto ali na sepultura, ele teve a sua estrutura toda reconstituída, onde se fez um busto que ficou muito parecido com o da Luzia que foi encontrada lá em Lagoa Santa em Minas Gerais, busto esse que está exposto no Museu da quinta da Boa Vista, uma outra cópia em um museu que tem lá na própria Lagoa Santa, mas proximidades de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais e, o original está com os ingleses.

**Jorge Pinheiro:** Aquela tese de que o povoamento dos dois continentes deu-se somente pelo estreito de Bering, onde fala-se em duas datas: fala-se em 300 mil anos atrás e fala-se em 64 mil anos atrás que a Niède Guidon, a francesa, que trabalha lá no Piauí, no sítio Arqueológico de São Raimundo Nonato, na Serra da Capivara, justamente. Ela defende a tese de 64 mil anos, é a que eu gosto também de me situar. Já esse povo de origem negróide, segundo Eduardo Fonseca Jr. teria chegado aqui vindo pela Paraíba, eu vou lhes mostrar o mapa depois, porque a Paraíba tem o Cabo Branco que é a ponta mais próxima que nós temos da África. Então, aparentemente, esse negróide, que a senhora citou, no caso, a Luzia, teria chegado aqui em terras brasileiras, cruzando o Atlântico num barco rudimentar há aproximadamente 40 mil anos atrás, é a tese que alguns arqueólogos e historiadores aceitam, outros não. Agora, vem a pergunta: como que se poderia cruzar o Atlântico em um barco rudimentar? Isso, nós sabemos que houve a pangéia e dizem que os continentes se afastam dia-a-dia e, é bom comentar com os senhores, que recentemente um paulista de origem libanesa cruzou o Atlântico em um barco a remo, lembram o nome dele? Amyr Klink e, ele escreve para nós aquele livro “Cem dias entre o céu e o mar” que eu recomendo a leitura, o livro é muito bem escrito. Agora, essa vitrine aqui, ela não tem muita coisa haver com o nosso trabalho de arqueologia, mas ela tem haver com a história do Brasil. Vejamos: são peças que foram encontradas em diversos outros sítios arqueológicos, onde, eu comentaria com os senhores o seguinte: todas essas peças são catalogadas pelo IPHAN, os senhores podem observar aqui o número e, no dia 04 de janeiro de 2006, nós tivemos a felicidade de receber uma professora de história do Marrocos e que atestou prá nós a autenticidade dessa peça que é uma lamparina africana que foi encontrado no vestígio de outro sítio arqueológico e que com certeza é usado no Marracos até hoje desde a época Cristo. O nome dessa professora é Mérian Hazagui<sup>144</sup> que nos visitou em 04 de janeiro de 2006.

---

<sup>144</sup> Não encontrei a ortografia desse nome.

Eu gostaria de lhes apresentar também, os senhores professores da Universidade Federal, a nossa comunicóloga, a Cássia Liu, ela também faz parte da equipe da Fundação Rio das Ostras de Cultura. Ela é assessora de imprensa da Fundação Rio das Ostras de Cultura. Voltando nessa urna que eu estava comentando com os senhores, eu fiz um parênteses para mostrar aqui essa vitrine, que eu acho muito importante. Essa urna funerária, era utilizada para o sepultamento dos índios Goitacá e então, vem uma pergunta a nossa cabeça: de que maneira eles faziam esse sepultamento? Em dois estágios: eles colocavam o falecido em cova rasa, enrolado em folha de bananeira e, deixava, os tecidos se decomporem. Ele contava o tempo pelas luas. Após a decomposição dos tecidos, os ossos, somente os ossos eram retirados e colocados aqui em uma urna exatamente igual a essa, que eu vou lhes mostrar a reconstituição gráfica na segunda vitrine daqui a pouco. Havia uma diferença cultural do sepultamento do homem pré-histórico e do índio e, segundo alguns autores, as duas etnias se confrontam mais ou menos em meados do século II, o povo tupi-guarani, provavelmente Goitacá, como o índio, conhecia o arco e a flecha, segundo Eduardo Fonseca Jr., por exemplo, e a própria Denise Chamum, o índio prevalece esse homem que aqui está sepultado, aqui foram encontradas 21 ossadas das quais quatro estão expostas, de um home velho, a expectativa de vida de um homem, segundo etnólogos que são estudiosos no assunto, era de 50 anos aproximadamente, embora eles já sejam homo sapiens como nós, mas ele é considerado pré-histórico, que viviam aqui durante o Oceano Médio até a chegada dos índios no século II. Como o índio Goitacá, por exemplo, que era muito aguerrido, conhecia o arco e a flecha, segundo alguns autores, ele prevalece, e esse homem de biologia distinta, e biologicamente desconhecido, a gente vai ver o busto dele daqui a pouco, eu vou deixar que cada um pense o que achar interessante mas, de qualquer maneira, ele é um tipo biológico bastante diferenciado do ameríndio que como todos sabem o ameríndio é de origem mongólica

**Jorge Pinheiro:** Eu quero chamar a atenção dos senhores, antes de nós começarmos a mostrar as escavações, prá essa obra do artista Francisquetti. Ele leva 21 dias para pintar esses cinco painéis e então os senhores terão uma idéia de como o artista achava que era a Baía Formosa na época que esse povo vivia por aqui. São cinco painéis, aqui nós temos quatro, aquela Jaguatirica ali, por exemplo, ele usa nela a mesma técnica que foi utilizada, por exemplo, para pintar a Monalisa, de qualquer lugar que nós estejamos no museu, ela está nos olhando olho no olho. Já p gambá em cima da árvore, sabe que se

descer vira almoço está com uma expressão de medo, e não sai de lá. Voltando às escavações arqueológicas, como a minha colega Nicélia comentou com os senhores isso aqui foi descoberto por acaso, porque na época a idéia era de se construir o palco e os camarins do teatro ao ar livre que seriam implantados aqui no fundo da Casa de Cultura. Agora, tem um dado curioso: O sítio arqueológico segundo o Dr. Odemar Dias jr. que é o presidente do Instituto de Arqueologia Brasileira, ele foi catalogado em 1967, mas ele fica em “stand by” até a época em que foi criada a Fundação Rio Das Ostras de Cultura porque conta-se que o Dr. Bento Costa na época, não deixou fazer essas escavações, e aí quando se foi fazer as escavações para a construção do palco é que começou a aparecer esse material malacológico e aí uma lâmina de machado que foi encontrada aqui nas adjacências, um machado Pré-histórico um pouco maior que essas que eu vou lhes mostrar daqui a pouco, foi levado ao Instituto de Arqueologia Brasileira, e eles vieram fazer a pesquisa, foi feito um acordo a autoridade municipal e com a Fundação Rio das ostras de Cultura. E aí nós temos esse trabalho hoje que é muito importante para a história do município, a história do Brasil e, praticamente a história da humanidade porque, para que os senhores tenham uma idéia, nós estamos sempre recebendo visitas de pessoas que vem de outros países para conhecer esse lugar, como eu lhes comentei agora a professora Merin Hazali do Marrocos. Eu quero chamar a atenção dos senhores primeiro para o seguinte ponto: esses quadrantes aqui são chamados de piquets, então os arqueólogos fazem, vão cavando no centro e analisando o material que vai saindo e, dependendo do que for encontrado, esse perímetro é ampliado e, esses desníveis que foram deixados aqui propositalmente têm sempre um propósito, por exemplo, aqui eles deixaram mais alto para que nós pudéssemos chamar a atenção dos senhores para o tamanho dessas cascas de ostras, Já viram desse tamanho em algum lugar? Elas datam também do Oceano Médio. Observem aquela que está encravada ali no barranco, já viram uma ostra desse tamanho? Eu nunca vi, só aqui. Bem, por que esse homem vem viver aqui? Claro que os senhores vão notar que são cinco camadas estratigráficas e a areia do fundo é semelhante a areia da praia. Agora, essa argila que nós podemos observar, misturadas com as cascas de ostras era trazida de outros lugares aqui da região para que ele pudesse aterrar o manguezal, como você pode ver na fotografia, perdão, na pintura, por isso que eu lhes chamei a atenção, primeiro, que é prá poder seqüenciar o tema, então, essa era a área, então ele traz argila de outros lugares para poder aterrar o piso e viver próximo a sua principal fonte de alimento que são os moluscos. Evidentemente que ele já conhecia o fogo, porque aqui, nesse exato local, segundo o



técnico em arqueologia Jubert Decco, foram encontrados também restos de fogueiras, então eles já conheciam o fogo. Mas, aparentemente, não para cozer os alimentos, a idéia que se tem é que ele ingeria tudo cru, por isso, a facilidade de eles se alimentarem das cascas de ostras, então, os senhores vão observar o seguinte, esse desnível aqui foi deixado propositalmente para que nós víssemos os dois buracos aqui que seguravam o teto do que o índio quando chega chama de sambaqui que era a habitação deles. A gente não sabe que tipo de habitação era se era uma oca parecida com a do ameríndio, ou se era alguma outra coisa, o fato é que esse homem era habituado a viver em caverna, mas ele precisava de um abrigo, então, ele constrói, esses dois buracos aqui foram deixados propositalmente e, curiosamente, esse é o crânio do homem velho que tem aproximadamente três milênios e que deu origem àquela reconstituição que ficou muito semelhante a reconstituição da Luzia que eu já lhe comentei, de aparência mais negróide do que mongólica, e, vc vai observar o seguinte, é um homem velho, mas não tem uma cárie na boca, mas ele tem a arcada dentária muito gasta, inclusive a arcada inferior, vira uma lâmina. Por que os dentes dele são resistentes? Porque ingeria muito cálcio que é o principal componente químico das ostras. Esse crânio estava colocado lá em cima, com a sedimentação do terreno, ele desce e vai ficar nessa posição. Como o sítio é feita a musealização “in situ”, eles preferiram fazer essa espécie de aquário de areia para manter o crânio na posição em que ele foi encontrado. Ele estava lá em cima porque curiosamente as outras ossadas estavam sempre diferentemente do índio, sepultadas dentro do sambaqui com todos os seus pertences e, sempre com a cabeça virada para o oriente e os pés para o poente. Alguma evidência religiosa? Ninguém sabe porque eles não deixam nada escrito.

**Regina Abreu:** agora engraçado esses dentes também porque eles comiam as conchas que tinha muito cálcio...

**Jorge Pinheiro:** Exatamente, a base da alimentação deles é o cálcio que é contido nas ostras que quando, talvez o sedimento dos mangues provoque uma reação química, o cálcio das ostras se transforma em calcário que é aquela parte branca que os senhores podem observar ali junto com aquela camada de ostras lá na frente, de cascas de ostras, e ele se transforma em calcário, estão vendo aquela parte branca? Que é o principal componente químico do cimento e que vai promover aqui e mais ali na frente que eu vou lhes mostrar em seguida, uma pavimentação natural, estão vendo lá, aquela parte

branca, tudo isso é o calcário, que resultou na decomposição química das cascas de ostras e que fez preservar essas ossadas durante anos, milênios aí todos, tão a flor da terra. Ali nos temos um indivíduo com 20 a 25 anos que os dentes são até maiores e, temos uma criança com entre 7 e 8 anos também nessa mesma posição que lhes digo, cabeça pro lado que o sol nasce e os pés para o poente. Sempre o joelho fletido do jeito que os senhores estão vendo aí. Muito bem, agora vindo por aqui, eu lhes chamo atenção dessa outra ossada que não se manteve tão intacta como esta do homem e como a do elemento do jovem que tem ali na frente e da criança então, você observa que ela está bastante deteriorada e dá para ter uma idéia de que é um ser humano e você vê lá a camada de calcário, essa parte branca, porque antigamente era desse jeito aí. Agora, a pergunta que vem é a seguinte, ele não tinha uma cultura de ter cemitério, ele não tinha cemitério, ele sepultava os seus falecidos e continuava morando do lado. Quando havia escassez do alimento é que ele ia embora para outros lugares, posteriormente ele voltava, quando a natureza se encarregava de repor tudo, ele então, vinha morar talvez até sobre o sepultamento de um ancestral dele. Os técnicos no assunto comentam que, provavelmente, ele espalhava as cascas de ostras em volta do perímetro do acampamento deles, talvez para promover uma defesa, para auxiliar na defesa, porque quando nós pisamos aqui descalços, seja numa casca de ostra recente ou em uma que já está petrificada, nós vamos cortar os pés do mesmo jeito e vai fazer barulho. Então era uma maneira de defesa também. Aqui os senhores podem observar essa vitrine, eu lhes comentava no início da nossa visita que aqui nós temos uma ossada e um sepultamento indígena que é feito em dois estágios: primeiro na terra e, depois que decompõe o tecido, os ossos são colocados nessa urna funerária porque, esse número quatro que está em posição fetal, que eu tenha conhecimento, somente os marajoaras sepultam os seus falecidos em urnas maiores do que essa e na posição fetal, são urnas grandes, que inclusive merecem um capítulo do Eric Von Daniken no seu livro “Eram deuses os astronautas?”, então ele dedica quase que um capítulo inteiro a cerâmica marajoara que sepulta os seus mortos dessa maneira. Aqui, na sequência os senhores têm um acompanhamento fotográfico de um desenterramento de um homem sambaquiano ou caçador e coletor como também são chamados tecnicamente. Aqui um colar feito com dente de Boto, havia boto na Baía Formosa antigamente, olha a técnica de 3 mil anos atrás para fazer o furo, a paciência.

**Regina Abreu:** Boto e golfinho é a mesma coisa?

**Jorge Pinheiro:** Não, o boto é da mesma espécie mas é de outra variedade, os botos são maiores do que os golfinhos.

**Regina Abreu:** e atualmente não há nem golfinhos?

**Jorge Pinheiro:** Não, não há nem um nem outro, só quando ele vem perdido aí por causa da corrente que eu citei ainda a pouco, que trás o kril para as Baías mas é muito difícil, eles ficam muito lá por Santa Catarina. Essa pedra número 4, tem alto teor de óxido de ferro, e é com que ela que ele quando vive em caverna faz aqueles desenhos rupestres que chegam aos dias de hoje. Agora, todo o material que os senhores vêm aqui foi encontrado junto com os sepultamentos, porque, de repente, numa maneira egípcia de ser, talvez, eu vou lhes mostrar naquele do artista Roberto Sá a maneira pela qual eles sepultavam seus mortos e colocavam todos os seus pertences junto com o falecido, r, depois, sepultavam também a habitação e o índio quando chega, chama de sambaqui, que é uma palavra que vem do tupi-guarani, que tamba ou samba é monte e qui é ostra. Desse outro lado, também vale a pena chamar a atenção dos senhores para, pelo menos três peças aqui, a número três, é utilizada para afiar as duas número oito que são lâminas de machado, de pedra, são peças também que tem alto teor de ferro. De onde veio isso? Aqui não tem minas de ferro. E, aqui a idéia dos arqueólogos de como eles poderiam fixar a lâmina de pedra na ferramenta para montar o machado pré-histórico, porque não tem prego na época, então a opção era só o cipó, agora, haja paciência de dento para quando o trabalho está atrasado, por isso que a arcada dentária daquele crânio que eu lhes mostrei ainda a pouco, está muito gasta, mas não tem uma cárie, ao contrário da Luzia, que teve pelo menos 20% de cárie nos dentes, já que ela foi encontrada em minas gerais, e lá não tinha a acessibilidade ao cálcio que esse povo que vivia aqui tinha. Aqui, na obra da Clara Artó, os senhores observam essa foto que é aquele crânio, e, que após a reconstituição em um trabalho gráfico, e de computação, evidentemente e artístico, resultou nesse rosto. Segundo um autor que eu já lhes citei que é o Eduardo Fonseca Jr. esse rosto parece mais de um sumério do que de um ameríndio, concordam? Está muito parecido com o da Luzia. Só que quando ela termina o trabalho, ele ficou assim, aí ela achou que ficou muito feio e resolveu dar uma afinada nas feições dele e que ficou até parecido com um estadista egípcio da nossa era que os

senhores já devem ter ouvido a respeito que é Anwar Al Sadat. O Egito tem dois mulatos na história, tem o faraó Tutancamon e o Anwar Al Sadat.

**Jorge Pinheiro:** Aqui eu quero chamar para os senhores o seguinte; Cabo Branco na Paraíba, a ponta mais próxima que nós temos da África, encontrou-se com vestígios de caçadores e coletores no interior do nordeste até o Piauí onde trabalha a Niède Guidon, nas caatingas e no cerrado em Minas Gerais onde foi encontrada a ossada da Luzia. Provavelmente, eles são nômades e chegam até aqui, onde nós estamos, porque nós sabemos que durante muito tempo a tese do povoamento dos dois continentes foi defendida como pelo estreito de Bering lá de cima, pelo Canadá, vindo toda a vida da África, por isso tanto o nosso índio quanto o americano é de origem mongólica, por isso as feições bem semelhantes às dos japoneses, por exemplo. Aqui são provas da capacidade artesanal deles, tem restos de cascas de ostras e anzóis feitos também com cascas de ostras. Deste lado, são restos de alimentos, parece que eles ingeriam de tudo um pouco, são restos de ossos de aves, de roedores e, de frutos do mar, evidentemente e mais alguma coisa de peixe também. Bom agora aqui, primeiro eu quero lhes mostrar a maquete do Roberto Sá e, depois, vou mostrar aquele último enterramento. Acredita-se que eles sepultavam os seus falecidos dessa maneira: fazia uma cova em argila, cobria com esse resto de argila aqui, e, depois, sepultava a própria casa já que esse trabalho era feito dentro daquilo que ele utilizava como habitação, aqui você tem a nossa praia, a praia do centro, aonde nós estivemos na hora que os senhores chegaram, o morro do limão atrás do iate clube, essa obra é do Roberto Sá que é o autor lá da estátua da baleia, aqui o curso do Rio das ostras que o índio chamava de rio leriipe, aqui, esse mesmo sítio arqueológico, mas com outras cenas do que nós acreditamos fossem o modo de vida desses povos que viveram aqui na região. A obra é feita de silicone e de poliéster ele coloca a maré alta e o rio não consegue penetrar então ele vem sedimentar toda a área de manguezal que é como eles encontraram quando aqui chegaram. Claro que isso aqui é uma idéia artística, como idéia artística é a reconstituição, como também a musealização eu lhes comentei que ela é a única no Brasil feita assim em “in situ”.

**Regina Abreu:** isso é importante de ser dito. É o único museu “in situ” no país.

**Jorge Pinheiro:** É o único museu “in situ” que eu tenha conhecimento.

**Regina Abreu:** E na América Latina teriam outros?

**Jorge Pinheiro:** Dizem que têm outros sim, no Peru, mas eu não li nada concreto ainda, bem que eu tenho procurado.

**Regina Abreu:** Quer dizer que foi uma iniciativa própria.

**Jorge Pinheiro:** Então aqui, esse é o sepultamento mais importante que tem no museu. São dois indivíduos, claro, desculpem o mato aí, é porque somente o pessoal do Instituto de Arqueologia Brasileira pode descer aí para fazer a manutenção e eles já foram chamados porque esses matinhos aí cresceram de repente, então, eu peço desculpa aos senhores. Nós não podemos descer aí para limpar, somente os técnicos em arqueologia. Aqui é uma criança com 7 a 8 anos aproximadamente porque tem ainda um dente de leite. Esse indivíduo aqui tem entre 20 e 25 anos. Observem a posição: o joelho fletido, a cabeça virada para o oriente e os pés para o poente. Quer dizer, das 21 ossadas que foram encontradas aqui, e outros sítios arqueológicos que são dessa mesma época encontrados em todo o continente brasileiro, eles estão sempre nessa posição. Aqui eu comento com os senhores um sepultamento executado a 2800 anos atrás.

**Regina Abreu:** Dá para saber se é feminino ou masculino?

**Jorge Pinheiro:** Boa pergunta! Acredita-se que seja feminino por causa do osso da bacia que é muito largo, então, um dia desses nós recebemos aqui a visita de um médico que trabalha na área, ele é um ortopedista e ele falou: olha pode ser uma mulher, mas aqui nós não conseguimos ainda fazer o teste de DNA que seria o ideal, mas só que para fazer o DNA de uma ossada dessa de quase três milênios, eu não sei se há a possibilidade. Bem, deve ter porque fizeram da Luzia que tem 11500 anos, mas, deve ser uma coisa muito cara. Esse desnível foi deixada propositalmente para que nós víssemos a marca da estaca que segurava o teto da habitação deles, aí ele juntava a terra, sepultava o falecido primeiro e depois sepultava a própria habitação. Então, o índio quando chega encontra esses montes e vai havendo a sedimentação do terreno e vai ficar novelado porque as cascas de ostras se transformam em calcário e vai pavimentar naturalmente a área aqui. Agora, vale a pena ressaltar, somente para exemplo, que o sítio arqueológico pré-histórico mais importante que tem em todo litoral brasileiro é o

de Joinville em Santa Catarina. O de lá tem 30 metros de altura, só que o material lítico que são as ossadas e o material malacológico que são cascas de ostras, restos de alimentos, que já estão petrificados, eles são retirados, catalogados e colocados em um museu feito na cidade e em vitrines, não é um museu “in situ” como o nosso. Bom, eu acho que é isso que eu tinha para comentar com os senhores, essa vitrine aqui não difere muito daquela outra vitrine que eu lhes mostrei, são peças que foram encontradas em outros sítios arqueológicos, sendo que, na minha opinião pessoal, as peças mais importantes são essa chave que pode ter pertencido a um navio negreiro já que havia desembarque de contrabando de escravos aqui na Baía Formosa, bem aqui na praia do centro, e esse fundo de garrafa que está escrito aqui: Antônio da Rocha Leão, que é uma garrafa de vinho do Porto que é, evidentemente, já que ele morreu ainda no século XIX, é uma peça bastante antiga. Porque o Antônio da Rocha Leão, como eu lhes comentei na visita à casa, é aquele cidadão que consegue com D. Pedro II fazer a parada intermediária entre Macaé, parada de trem, estação ferroviária, entre Casimiro de Abreu e Macaé. E aí essa parada hoje foi transformada em museu também e que é administrada pela Fundação Rio das Ostras de Cultura. Mas fica no 3º distrito e são 22 km daqui até lá.

**Vera Dodebei:** É um museu o que do trem, ferroviário?

**Jorge Pinheiro:** É um museu Ferroviário.

**Regina Abreu:** Enfim, eu acho que vocês estão de parabéns, é um museu tão bonito, interessante, com tudo tão bem documentado.

**Jorge Pinheiro:** É, pelo menos essa parte da equipe que a senhora já foi apresentada, faz esse trabalho aqui com prazer.

**Vera Dodebei:** Foi bom inclusive ter sido o primeiro museu que nós visitamos nessa região da Costa do Sol, para ficar de modelo.

**Jorge Pinheiro:** Muito obrigado, então!

ANEXO B – Transcrição das filmagens - pesquisa de campo no Museu de Arqueologia  
Sambaqui da Tarioba em 04 de setembro de 2010 – Jorge Pinheiro

TRANSCRIÇÃO de Heloísa Magalhães

**Jorge Pinheiro:** Então ele realmente pede prá fazer a visita à (...) <sup>145</sup>. Aqui é o batalhão de saúde, são médicos. São quase todos do exército, mas, curiosamente tem dois da marinha, são os dois de uniforme escuro. E aqui tem a guarnição. Então muito pouca gente sabe que o Brasil teve uma participação ainda que não, diria, de frente, mas na primeira guerra mundial também, né? Porque esses cadáveres insepultos que resultaram da primeira guerra mundial o surto da pandemia que assolou o mundo.

**Renata Oliveira:** Fala um pouco a história da Fundação. Lá nos fundos não seria um museu, seria um teatro... Esse sítio já havia sido registrado...

**JP:** Esse sítio havia sido registrado pelo Ondemar em 1967. Naquela época, essa região aqui era muito afastada da sede do município que era Casimiro de Abreu e não havia interesse em investir na educação. De maneira que em 1967 o Dr. Ondemar Dias Júnior passou por aqui demarcando todos os sítios arqueológicos da região que são os ceramistas e os pré-históricos. A diferença entre os dois é que o ceramista, aquele que foi legado pelo índio que é mais moderno e o pré-histórico não tem vestígios de cerâmica. Mas na época a propriedade já pertencia ao Dr. Bento da Costa Júnior, que é esse cavalheiro que eu estava falando a respeito ainda há pouco, e aí ele não permitiu que se escavasse no terreno dele, ele disse: na minha terra ninguém vai cavar não! E aquilo caiu no campo do esquecimento. A região se emancipa de Casimiro de Abreu em 1992 e em 1995 é criada a Fundação Rio das Ostras de Cultura e a sede veio a ser fixada aqui nessa propriedade. Dois anos depois em 1997 a então presidente da Instituição, senhora Mara Fróes resolve fazer aqui, nesse espaço nos fundos o teatro ao ar livre lá onde foi encontrado ou redescoberto o sambaqui seria o palco desse teatro ao ar livre. Começam as escavações e um morador daqui das adjacências informou pro engenheiro que dirigia as obras prá ter cuidado porque ele tinha conhecimento que aquilo ali era um sítio arqueológico porque ele, o morador tinha encontrado um machado de pedra

---

<sup>145</sup> Não é possível compreender.

lascada por ali. E aí o engenheiro muito consciencioso começou a trabalhar com mais cuidado e aí o material que está lá foi aparecendo devagarzinho e causou muito espanto na comunidade arqueológica da época por causa das ossadas que foram encontradas aqui, número de 21 das quais 4 que estavam melhor preservadas por causa da decomposição do carbonato de cálcio essas ossadas chegaram intactas praticamente até os dias de hoje porque como ele tem o hábito de se alimentar de moluscos e as ostras, depois ele vai espalhar as cascas em volta do perímetro. As cascas são compostas de carbonato de cálcio que vai com a sedimentação do terreno e com o passar do tempo, estou falando aqui de entre 2 e 4 milênios, essas cascas de ostras se transformam em calcário, primeiro bicarbonato de cálcio e depois calcário que é o principal componente do cimento, seja o calcário de origem animal ou mineral, ambos servem prá fazer o cimento. Então ele cria ali uma laje natural e essa laje natural vai preservar as ossadas até os dias de hoje impedindo que as bactérias atacassem. Por isso que lá você vai notar que são cinco camadas estratigráficas, a primeira camada é areia igual a da praia e por cima são sedimentos do mangue, argila que o homem sambaquiiano teria trazido de outros lugares prá aterrar aquela parte do mangue e possibilitar a ele viver assim mais próxima da sua principal fonte de alimento que eram os moluscos já que tinha uma grande dificuldade em conseguir fogo.

**Renata Oliveira:** Então o Bento Costa Júnior não deixou escavar... Quem adquiriu a casa, foi a Prefeitura?

**Jorge Pinheiro:** Foi a Prefeitura. Ele morre, a casa passa para a família e depois a Prefeitura adquire a propriedade para fazer aqui a sede da Fundação, mas, na época em que a Prefeitura adquiriu a propriedade, não se sabia da existência do sambaqui porque como eu disse tinha caído no esquecimento.

**Renata Oliveira:** Então o Instituto de Arqueologia Brasileira não chegou a passar prá Prefeitura na época, não se comunicaram...

**Jorge Pinheiro:** Na época não. Ou se passou, a Prefeitura era outra, a Prefeitura era na sede do município em Casimiro de Abreu há quase 40 km de distância. Não havia assim grande interesse, acredito eu, não vivia aqui na época ainda, mas acredito que não havia



tanto interesse em investir na parte cultural da região como houve depois que o distrito de tornou município.

**Renata Oliveira:** E por que quando criou o teatro, quem estava aqui achou importante fazer o museu, achou importante preservar essas ossadas?

**Jorge Pinheiro:** É porque em função do Instituto de Arqueologia Brasileira ter sido chamado aí se revelou a comunidade científica a importância de preservar esse local. Então hoje nós temos como meta incentivar que outros sítios arqueológicos sejam transformados em museu também. Prá se ter uma idéia nós recebemos aqui funcionários de distritos, de outros municípios do estado do Rio e até do Espírito Santo que tem Sambaqui, ou Sítio Arqueológico, a gente não sabe se ele é ceramista ou não, mas é um sítio arqueológico que eles querem também transformar em museu. Então, eles estão sempre nos visitando aqui com o propósito de adquirir informações, saber como proceder e, inclusive, prá ver se está de acordo com a lei.

**Renata Oliveira:** Então, porque existia um projeto antes prá construir o anfiteatro. Quem fez esse projeto, o projeto era de quem?

**Jorge Pinheiro:** O projeto para se construir o teatro não tenho certeza, mas acredito eu que seja da Mara Fróes que era Presidente na época e da atual Presidente que é a Selma Rocha.

**Renata Oliveira:** Então na verdade essa mudança de planos não teve nenhum problema?

**Jorge Pinheiro:** Tanto que... Veja bem, hoje a Fundação tem oito unidades, entre elas as mais importantes talvez seja o Centro de Artes Cênicas, Música e Dança que lá na Praça José Pereira Câmara, aquele prédio bonito, chamado carinhosamente de onda, sabe qual é, né? É lá na outra praça. Você vai na parede, tem uma onda estilizada na parede dele, é uma obra de arte, praticamente. Então, essa é uma unidade, a outra unidade que tenho certeza ser a menina dos olhos da direção da Fundação Rio das Ostras de Cultura é o nosso Sítio Arqueológico porque em termos de musealização feita ou executada em cima das escavações, esse é o único. Por exemplo, existem sítios

arqueológicos importantes também como o da serra da Capivara no Piauí, aonde trabalha a arqueóloga Niède Guidon, uma francesa famosa, está lá há 25 anos sendo até ameaçada por fazendeiros do entorno do Sítio Arqueológico. O de Joinville, por exemplo, tem 30 metros de altura. Mas nesses dois lugares o trabalho de musealização é feito de maneira diferenciada. O nosso aqui foi mantido “in situ”, do jeito que foi encontrado. Lá não, lá eles vão retirar o material lítico, o material malacológico, vão catalogando, passando pelo teste do carbono 14 e colocando em vitrines.

**Renata Oliveira:** nos feriados o museu costuma ter muita frequência?

**Jorge Pinheiro:** Depende do feriado. Esse feriado agora, por exemplo, vai ser fraco. Hoje pagante mesmo só entrou um casal até agora. Vieram professores, professor não paga, estudante não paga, agora, pagante mesmo só recebi dois até agora.

**Renata Oliveira:** E os cursos daqui? Ainda estão tendo os cursos?

**Jorge Pinheiro:** são esses daqui!

**Renata Oliveira:** E qual é o período desses cursos?

**Jorge Pinheiro:** É curso livre. Você começa e termina quando quiser.

**Renata Oliveira:** Ah, então fica direto?

**Jorge Pinheiro:** Fica direto, se você quiser cursar durante 5 anos e sair sabendo mais que o monitor.

**Renata Oliveira:** São sempre os mesmos monitores ou acontece de mudar?

**Jorge Pinheiro:** Não, por exemplo, o Wilson Rolins já está conosco há muito tempo nas Artes Plásticas, óleo sobre tela. E a Roseli era aluna nossa aqui. Mas tem um bom número de alunos.

**Renata Oliveira:** E elas são pessoas da comunidade mesmo?

**Jorge Pinheiro:** Da comunidade. Porque as pessoas não vem de fora estudar aqui porque pesa. A logística da coisa prá quem mora em outro município fica pesada.

**Jorge Pinheiro:** Agora eu vou falar na Segunda Guerra Mundial. No carnaval de 1940, o navio alemão Wakama que era um barco de passageiros que foi transformado pelo esforço de guerra nazista em navio cargueiro. Ele vai voltando para a Alemanha levando uma carga muito preciosa para o esforço de guerra dos alemães que se compunha olha só: material, café, linhaça, níquel, cristal de rocha, seis toneladas de cristais de rocha, gordura vegetal, cereais, algodão, óleo ferro seria prá fazer os tanques que infernizaram a vida do monte (...) <sup>146</sup> na África. Era o monte (...) de um lado e o (...) de outro. O cristal de rocha era importante prá fazer a alça de lira e óculos de grau. Hoje é feito de resina, mas naquele tempo era com cristal de rocha, então era um material mineral muito importante. De maneira que quando ele sai do porto do Rio de Janeiro no domingo de carnaval de 1940 à meia-noite em ponto ele vem fazendo uma navegação de pequena (...) <sup>147</sup>, ou seja, navegando bem junto a costa prá poder tentar escapar do bloqueio que os ingleses já faziam. Quando chega aqui em frente à Baía Formosa ele foi cercado pelos ingleses e recebeu voz de prisão. Então o comandante da embarcação alemã não se rende, ele simplesmente meteu fogo no barco e o navio afundou. Os ingleses prenderam a tripulação e eles foram confinados na Austrália até o final da segunda guerra mundial. A história dele é contada nesse livro, todo documentado com fotos de jornais da época, é um livro que foi escrito pelo Rômulo Sérgio Vieira Ribeiro e pelo Ronaldo Foz que são dois mergulhadores daqui da região. E aqui tem fotos da época, de jornais, olha só... Os restos dele estão há 26 milhas dessa costa, dessa praia aqui, e 50 metros de profundidade. Mistério do Wakama porque durante muito tempo os pescadores da região pensavam que era só lenda, por isso o título do livro. Os outros livros são esses daí.

**Renata Oliveira:** E quem são os autores dos livros?

**Jorge Pinheiro:** Eduardo Fonseca Júnior é um historiador muito respeitado, aqui tem um pouco da vida dele. Eu diria prá vocês que é o professor de história mais negro que eu conheço.

---

<sup>146</sup> Não foi possível compreender.

<sup>147</sup> Não foi possível compreender.

**Renata Oliveira:** Ele mora aqui em Rio das Ostras?

**Jorge Pinheiro:** Não. Mas olha, “das tetas fartas de uma escrava negra nasceu uma nação mestiça onde os avós eram negros ou brancos que foram alimentados pelo leite materno escravo, assim se fez o Brasil”. Então tá aqui uma negra, amamentando uma criança branca que era comum, no Brasil escravocrata. Arqueologia e Memória da Denise Chamum; “pérola entre o rio e o mar que é de outra historiadora, essa é de Niterói também.

**Renata Oliveira:** ela mora em Niterói?

**Jorge Pinheiro:** É. Maria da Glória de Almeida Lima. Muito interessante, olha a bibliografia que ela pesquisa. Aqui, por exemplo, vocês vão aprender que a primeira feitoria fundada no Brasil pelo homem branco não foi São Vicente não, foi Cabo Frio, 1504 por Américo Vespúcio que veio com o cartógrafo da 3ª expedição que era comandada por Gaspar de Lemos.

ANEXO C – Transcrição das filmagens - pesquisa de campo no Museu de Arqueologia  
Sambaqui da Tarioba em 05 de setembro de 2010 – Jorge Pinheiro

TRANSCRIÇÃO de Heloísa Magalhães

**Renata Oliveira:** Você é daqui da cidade mesmo, Jorge?

**Jorge Pinheiro:** Não, sou de Petrópolis.

**Renata Oliveira:** E como veio parar aqui em Rio das Ostras?

**Jorge Pinheiro:** Ah... A minha esposa, foi convidada para trabalhar na Prefeitura, eu vim junto com ela, aí uns 3 anos depois eles precisaram de um técnico de turismo, para fazer um trabalho para a Prefeitura, eu fiz, tinha alguém da Fundação presente, e me convidou pra trabalhar aqui.

**Renata Oliveira:** Mas você tem formação em turismo?

**Jorge Pinheiro:** Não, eu sou de história.

**Renata Oliveira:** como é que você foi parar na Bahia, se você era de Petrópolis?

**Jorge Pinheiro:** Eu era da aeronáutica. Eu corri o Brasil todo, e peguei uma comissão lá, que eu fiquei muitos anos. Eu queria fazer direito, mas não deu, só tinha vaga para história, aí eu falei, já to aqui mesmo, é de graça, de graça até injeção na testa.

**Renata Oliveira:** Ah, mas aí gostou da história...

**Jorge Pinheiro:** Gostei, eu já gostava, aí...

**Renata Oliveira:** acabou gostando mais ainda.

**Jorge Pinheiro:** Eu acho que quando você faz o que você gosta, você é um bom profissional.

**Renata Oliveira:** Ah, com certeza. Aqui na Fundação, você é o que?

**Jorge Pinheiro:** Eu sou coordenador de eventos.

**Renata Oliveira:** Coordenador de eventos?! Ah legal.

**Jorge Pinheiro:** Eu ajudo a montar essas Vernissages aí. E como visitaçãõ de colégio, é considerado um evento, eu que recebo a turma.

**Renata Oliveira:** E só tem você para receber todo mundo?

**Jorge Pinheiro:** Só, inclusive, domingo quando eu não venho, eles fecham a casa né. Domingo passado mesmo, eu precisei faltar e ficou fechada.

**Renata Oliveira:** Mas você acha que dá conta, só você para receber as pessoas?

**Jorge Pinheiro:** Ddeveria ter mais uma pessoa né, que é pra eu poder levar o pessoal lá em cima e explicar né. Mas não tem né, e não adianta reclamar.

**Renata Oliveira:** Mas você que tinha que ter mais alguém para levar lá, em cima, ou mais para ficar aqui embaixo tomando conta?

**Jorge Pinheiro:** Ou um, ou outro. Porque aqui na frente, qualquer pessoa dá conta. Agora lá em cima, tem que ter um certo conhecimento.

**Renata Oliveira:** Ah, é verdade.

**Jorge Pinheiro:** Levar uma pessoa lá em cima, pra dizer que é ossada de índio, vai pegar mal né?!

**Renata Oliveira:** Uma moça estava falando que tem uma lenda aqui na cidade que essa ossada, é que o Dr. Bento Costa era barbeiro e as pessoas morriam e ele enterrava aí atrás, risos. Você sabe dessa história?

**Jorge Pinheiro:** Essa aí eu nunca ouvi não.

**Renata Oliveira:** Não ouviu ainda não?! Eu estava conversando, falando que estou fazendo um trabalho aqui, aí a moça disse que tem as lendas da cidade. Todas as cidades tem suas lendas...

**Jorge Pinheiro:** Eu nunca ouvi essa aí. Eu sei dizer que aqui aparece toda noite uma mulher toda de branco né?!

**Renata Oliveira:** Ah é?!

CORTE

**Renata Oliveira:** Então essa visita guiada é basicamente você que conhece bem a história.

**Jorge Pinheiro:** O povo trabalha aqui comigo a 4, 5 anos, ficam ouvindo a mesma história toda hora, acaba decorando.

**Renata Oliveira:** risos. Como que é feita a divulgação assim do museu?

**Jorge Pinheiro:** Ah, internet, os eventos, quer dizer, a gente faz propagando assim tipo assim estabelecimento<sup>148</sup>. Essa é uma das atrações da cidade né. Tem no mapa, mapa turístico do município, tá assinalado. Não há interesse em fazer uma propaganda comercial. Até porque 2 reais aqui não paga nem a luz né.

**Renata Oliveira:** E como aqui se mantém?

**Jorge Pinheiro:** Verba da prefeitura né. Aqui é uma unidade municipal. A gente vende artesanato. Todo expositor doa um quadro pra Casa, para depois leiloar. Mas isso não...

**Renata Oliveira:** Não é o bruto?!

**Jorge Pinheiro:** Não é o bruto. O bruto vem da Prefeitura né.

---

<sup>148</sup> Não foi possível compreender

ANEXO D – Transcrição das filmagens - pesquisa de campo no Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba em 06 de setembro de 2010 – Entrevista com Juliana Ramos

TRANSCRIÇÃO de Fabio Simini

**JULIANA RAMOS:** Meu nome é Juliana Ramos. Eu sou professora da rede municipal de Rio das Ostras. Eu sou produtora cultural, acabei de me formar, e já trabalho na educação em torno de quatorze anos. Oito anos nesse município, mas quatorze anos de educação. Eu já trabalhava *num* município vizinho, que é Casimiro de Abreu – que é minha cidade natal – e, eu vim morar aqui em função do meu trabalho, em função da<sup>149</sup>. Eu vim para cá há... Vai fazer quatro anos agora em 2011. Mais ou menos isso... Tenho trinta e um anos... E só...

**RENATA OLIVEIRA:** Então eu queria continuar falando dessa questão das escolas, da visitação... É bom ter também uma professora falando, *né?*

**J.R.:** É, eu acho assim... A gente não desmerece a importância do museu. Ele é fundamental sim! Acho que a cidade precisa estudar e entender um pouco mais desta história dela. Dessa relação com os povos indígenas, mas isso ainda não se deu de forma concreta. Então, quando alguém te disser: “Ah, a gente se identifica com os povos indígenas.” Não, isso não é real quando a gente *tá* falando da população. Primeiro, porque Rio das Ostras, nos últimos cinco anos, triplicou de tamanho. A gente tem mais de 100.000 habitantes nessa cidade. Há mais ou menos cinco anos atrás, a gente tinha em torno de trinta e poucos mil, se chegava a isso tudo. A gente sente esse impacto porque as escolas recebem aluno o ano todo. Então, não tem como a gente não sentir, durante todo o ano a gente *tá* recebendo gente que veio morar aqui, que veio *prá* cá. E aí, já começa com a questão da identidade. A cidade não tem só pessoas que viveram aqui vinte anos, trinta anos, quarenta anos... Ela *tá* recebendo gente de tudo quanto é local. E, essas pessoas não vão vir imbuídas da identidade indígena que a cidade tinha. Impossível isso! É até estranho falar que uma pessoa que veio de fora vai trazer... Ela pode trazer, sim, as raízes de sua própria cidade, mas daqui não. Então, o museu é fundamental *prá* lembrar *prá* gente que a gente tem um histórico indígena muito forte

---

<sup>149</sup> Não foi possível compreender



aqui e em todas as populações vizinhas. Cabo Frio, Casimiro, Macaé, Campos e se você for olhar, se você for estudar o vocabulário dessas cidades, você vai ver a quantidade de palavras que foram reaproveitadas: os nomes de bairros, de ruas... são todos mesmo de línguas indígenas. Então, existe sim uma raiz. Mas daí a ter essa conexão todo tempo, isso daí é uma outra questão. Não existe essa conexão ainda não. Eu acho que de todas as cidades vizinhas aqui, Casimiro de Abreu ainda é a que tem um pouco mais de ligação com essa história, com esse passado indígena. *Existem* um pouco mais de estudo. Mas ainda é um estudo muito... muito raso também, ainda não é alguma coisa consistente, *do tipo*: “Vamos entender quais eram as tribos, que relações a gente tinha com essas tribos?, de que forma elas foram dizimadas?, por que foram dizimadas?” Nada disso é muito claro *prá* população.

**R.A.:** Mas quem faz esses estudos em Casimiro de Abreu?

**J.R.:** Em Casimiro, a Fundação de Cultura faz. Que lá, assim como aqui, é uma fundação. Facilita bastante porque, até *prá* a própria captação de parceria e de recursos, a fundação é melhor do que a secretaria. E é feito pela fundação, eles tem alguns historiadores que *tão* há algum tempo estudando isso... Aqui, isso é feito pela fundação, em especial pela casa... Eu não sei se você conheceu todos os espaços... Tem aqui, *ô*... A fundação é aqui na frente, aqui tem o museu, lá em baixo tem a escola, aonde fica... aonde é o prédio da onda mesmo, é lá embaixo... que é a escola de dança, música e teatro. É uma escola de nível técnico... E aí, eles dividem... dividem esses espaços todos e cada espaço estuda a sua linguagem artística. Eles ficam por conta daqui mesmo do espaço do museu. Que é uma espécie de galeria de museu... Abriga os dois... Eu não sei se tem nenhuma exposição aqui agora, mas eles abrigam algumas exposições aqui. E... basicamente é isso! Durante o ano, algumas escolas fazem visita, elas tem acesso ao museu, a população tem acesso ao museu. Só que não existe uma divulgação em massa, existe divulgação institucional que não vai alcançar a população. Isso assim, em qualquer espaço, em qualquer local, acho que do Brasil, você não vai ter uma divulgação que consiga efetivamente alcançar as pessoas se ela não for uma divulgação televisiva, se ela não for uma divulgação através do rádio, que aqui no interior funciona muito! É o que eu acho que mais funciona, *prá* você saber de qualquer coisa na cidade. Então, vez ou outra, você vai ouvir uma chamada na rádio *prá* visitar os equipamentos,

*prá* visitar os espaços. Isso é muito pouco... Por que as pessoas: “Ah...”<sup>150</sup> as pessoas não virão de forma espontânea. Elas só virão se você tiver conquistando, se você chamando... É como o trabalho que a gente faz na escola: você não viria conhecer o espaço do museu se você não se sentisse encantada por ele, se você não tivesse... é... se apaixonado pela ideia de entender que história é essa. Então, nenhum museu é visitado se você não *tá* apaixonado. Você vai porque é obrigado ou, então, porque se apaixonou por aquela história, por aquele museu, pelo que ele conta. Eu acho que aqui em Rio das Ostras é mais ou menos isso que acontece. [*pausa*] Basicamente é isso! Falando o quadro negativo... Mas isso não é só um quadro da cidade de Rio das Ostras, é um quadro nacional. A gente tem hoje muitos museus pelo país que não são realmente visitados porque as pessoas tem ideia de que, a ideia muito errada, *de que* o museu é um espaço aonde você vai e *tá* tudo estático e é só aquilo. Nos últimos anos, nos últimos dez anos, a gente *tá* melhorando esse conceito. A população, de um modo geral, os estudos de vocês, que cada vez que você estuda, cada vez que você discute o tema e trás isso *pruma* dissertação, *pruma* tese de doutorado, você *tá* trazendo *prás* pessoas um esclarecimento de que aquilo ali não é um espaço fechado, não é um espaço parado, *num* precisa ser estático. Pode ser bem melhor do que é. E... E é isso, assim... Basicamente é isso que eu tenho *prá* dizer daqui.

**R.O.:** É... Com relação à manutenção do museu, você...

**J.R.:** É... Eu *num*... Eu num sei...

**R.O.:** ... Parcerias...

**J.R.:** ... Eu não sei quem são os parceiros desse museu. Eu não tenho esse contato. Eu nunca... Eu nunca parei *prá* conversar efetivamente com a fundação sobre esse contato em relação ao museu. O que eu sei do museu é de visitadora mesmo, é de espectadora, é como professora, como plateia e... Eu não sei exatamente se a fundação fechou algumas parcerias ou não. Então, eu não vou te dar nenhuma informação *prá* que você não dê nenhuma informação errada. *Prá* que você não passe adiante alguma informação que seja equivocada ou que não seja completa.

---

<sup>150</sup> Não foi possível compreender

**R.O.:** *Aham...* Você já trouxe alguma turma? Você é professora de quê?

**J.R.:** Eu trabalho nos primeiros anos. Do primeiro ao quinto ano. Então eu dou todas as disciplinas e, como eu tenho formação em teatro, agora eu estou trabalhando na área de teatro. Dou aula de teatro com as minhas crianças. Eu vim acompanhando um grupo de alunos logo no começo, logo assim que eu entrei. Acho que foi em dois mil e... dois mil e sete mais ou menos... Um tempinho já... Depois disso a gente não retornou, mas não porque... O transporte é complicado. Porque funciona assim: *prá* você trazer a escola, você precisa dispor de um transporte. Porque a fundação não tem esse transporte *prá* buscar. E aí, você tem que encontrar outros parceiros, *prá* trazer as crianças, *prá* levar de volta. E com criança é mais complicado... Que você precisa de autorização, tem todos os instrumentos legais. Não transporta uma criança de um espaço *pro* outro sem as devidas autorizações e tem infinitas complicações. Então, *prá* gente na escola fica até mais difícil transportar e trazer as crianças *prá* cá. A gente recomenda que elas venham com os pais, recomenda que elas venham com um tio, um primo, vizinho, com quem elas quiserem.

**R.O.:** Uma das meninas que eu entrevistei falou que existe um material produzido pela fundação que é doado às escolas...

**J.R.:** É... existe sim...

**R.O.:** Como que é o uso?

**J.R.:** É assim... Eles doam... tem, se não me engano, são dois ou três livros que discutem o assunto, não só sobre o museu mas também sobre a cidade de Rio das Ostras. Sobre como é a cidade; Sobre como foi o passado da cidade em relação à colônia de pescadores também, que é um passado que estão buscando resgatar e que acredito que tenham mais até do que o nosso passado indígena. E... Esse material é usado nas escolas como pesquisa, como fonte de pesquisa mesmo. Na minha escola é usado na biblioteca, a gente tem uma biblioteca própria *prá* isso. E o material fica disponível *prás* crianças assim que elas precisarem acessar.

**R.O.:** E existe algum incentivo aos professores *prá* falar essa história da cidade, *prá* incentivo, algum curso, alguma capacitação...

**J.R.:** Atualmente não! Mas em momentos anteriores, em gestões anteriores, nós tínhamos capacitações *prá* isso e trabalhávamos toda a questão do folclore da cidade. A gente tinha, inclusive na Secretaria de Educação, um coral que trabalhava cantando, a regente até trabalha na Escola de Música hoje – que é a [Dore Viane] – e ela trabalhava as lendas da cidade. Todas as lendas que a cidade sempre contou através de canções com um coral imenso de crianças de todas as escolas. E isso era muito bacana, porque durante todo o ano ela passava ensaiando, treinando, estudando essa história e, forçosamente, mas de forma divertida, as crianças aprendiam. E você acaba se encantando também e a própria rotina das escolas traziam o tema. E aí, a gente estudava um pouco mais... Hoje em dia, a gente *tá* um pouco mais desligado nisso, desse panorama. Que é uma outra gestão, as coisas mudam e aí, não é a prioridade.

**R.O.:** Tem a ver com a mudança de prefeitura?

**J.R.:** TOTALMENTE!

**R.O.:** Mudança na presidência da Fundação...

**J.R.:** Tem... Tem muito a ver com a mudança na presidência da Fundação. Tem muito a ver com a mudança da nossa Secretaria. Porque com a mudança na Prefeitura, muda a Secretaria de Educação e todos os secretários e propostas vão se alterando. Algumas permaneceram modificadas outras foram instituídas e, como qualquer gestão pública, a gente passa por esse processo, leva um tempo *prá* se adaptar. Perde algumas coisas fundamentais, relevantes, importantes. Eu acho que esse próprio incentivo que a gente perdeu um pouco. Hoje a gente tem uma divulgação menor nas escolas dos equipamentos e da própria estrutura. Mas ganha em outros aspectos também.

**R.O.:** Tudo tem um pró e um contra.

**J.R.:** É... como em qualquer local, *né*?

**R.O.:** Bom, tem mais alguma coisa... Que eu acho que a parte principal é a questão de você ser professora da rede pública e *tá* aqui diretamente, *né?*<sup>151</sup>

**J.R.:** É, a gente *tá* intimamente ligado, porquê... O que acontece é até engraçado falar disso. A gente tem um número de crianças migrando de uma escola *prá* outra durante o ano inteiro. Porque a criança entra na escola, porque ela precisa estar matriculada, é obrigatório pra ela... Porque ela *tá* em idade escolar. E aí, durante o ano, a Secretaria vai reorganizando, *prá* essa criança ficar um pouco mais perto de casa. Quanto mais perto ela *tiver* de casa, melhor *prá* ela porque ela pega o transporte escolar, leva menos tempo no trânsito, entre outras coisas. Então, a gente vê que existe até uma circulação e uma rotina e que os projetos que as escolas instituem, de certa maneira, nem sempre saem como a gente gostaria, porque as crianças ficam migrando de uma escola *prá* outra. Você não tem como impedir essa migração porque o pai tem livre acesso a colocar e tirar a criança da escola no momento em que ele achar conveniente. A gente não pode segurar essa criança na escola e nem, também não pode deixar de receber essa criança na escola. Isso é uma coisa nociva no aspecto cultural, que isso altera a própria rotina da escola, altera o que a criança está aprendendo, porque a cada escola você tem uma rotina diferente de projetos e de relação com os equipamentos da cidade, com a própria estrutura da cidade, com tudo... *num* quadro geral. Um exemplo disso é a escola de formação aqui esse ano. Ela forma as crianças em nível técnico, *prá* dança, *prá* teatro, *prá* música.

**R.O.:** É *prá* que idade essa escola?

**J.R.:** Eu acho que eles pegam a partir dos oito anos, mas eu não tenho certeza. Que cada escola, cada escola tem uma... um modo próprio de receber as crianças. A escola de música tem uma estrutura, a de dança tem uma, a de teatro tem uma... E pega, a partir dos oito, mais ou menos, e depois disso eles agrupam por idade. Você faz um teste, agora em janeiro tem teste, a criança que... a criança, o adolescente ou o adulto que passar no teste, ele vai estudar gratuitamente, durante... de quatro a cinco anos, dependendo do que ele escolheu. Dependendo do instrumento que ele escolher, dentro da modalidade de dança que ele escolher... E aí a Fundação abre, durante o ano todo... –

---

<sup>151</sup> Não foi possível compreender

quem não passa nesse teste – eles abrem curso livre durante o ano inteiro. Curso livre de dança, curso livre de teatro, curso livre de música... É um trabalho muito bom. O Estado, esse ano, *tá* reconhecendo como nível técnico. Agora os alunos vão sair daqui com formação técnica. O que é bem legal! Eu acho que isso foi um ganho *prá* cidade, porque imagina, você trás a criança pra fazer o Ballet, ela *tá* pertinho de casa – eu dou sempre o exemplo do Ballet porque minhas alunas são apaixonadas pelo Ballet, tenho um monte de alunas aqui – e aí, elas vem fazer o Ballet, ficam enlouquecidas e, dali a cinco, seis anos, sete, oito anos – dependendo da modalidade que ela escolher – ela saí formada. Isso, *pruma* cidade do interior, isso é uma coisa fantástica. Porque a gente tá gerando profissional e profissional de qualidade.

**R.O.:** É verdade!

**J.R.:** É uma coisa bem legal isso... Que mais que eu posso dizer pra te ajudar?

**R.O.:** Eu acho que...

**J.R.:** Tem uma outra coisa que tem a ver é o clima da cidade... A praia influencia muito na forma como as pessoas visitam os equipamentos. O que *tá* mais perto da orla, a gente tem mais acesso, por quê? Porque as pessoas vem aqui, vão tomar uma cerveja, ou então vão sentar, vão... vão conversar ou vai trazer o filho ao parquinho... Aí percebe que tem aquele espaço. A pessoa vai quase que de forma espontânea. O teatro já não vai acontecer isso, porque o teatro, não sei se você teve oportunidade de visitar, ele é na rua da feirinha. Daí você tem que ir até o final da rua da feirinha *prá* chegar ao teatro. Então, o acesso a ele é mais complicado. Você não vai vê-lo da pista, você não vai saber onde ele está... e aí, as pessoas, praticamente, passam por ele despercebidas. Que já não é o que acontece aqui com a casa que *tá* pertinho de tudo, todo mundo acaba vendo ou entrando.

**R.O.:** A casa, apesar de *tá* pertinho de tudo, tem uma frequência bem pequena, não tem?

**J.R.:** Eu acho que o problema é divulgação.

**R.O.:** E o museu menos ainda. O museu... Ontem eu vi... a gente entrou na casa, mas não fui...

**J.R.:** ... Não foi *pro* museu... Tem isso também... O que acontece é que, em vários setores, eu não sei se é o que acontece aqui, mas em vários setores públicos, você tem também a questão do preparo do profissional que trabalha naquele espaço. O profissional que trabalha no museu, ele não pode ser uma pessoa que vê alguém chegar e não conquista essa pessoa. Porque você *tá* trabalhando com o ser humano, então, você precisa conquistar essa pessoa... Trazer essa pessoa pra você, porque, a cada uma pessoa que sai feliz daquele espaço público, ela divulga *prá* mais dez. E assim você consegue divulgar o espaço, porque no boca-a-boca é muito mais fácil você divulgar e ter um reconhecimento daquele espaço do que o geral. E aí, se a pessoa não *tá* encantada por aquele espaço, ou então se ela já se acostumou com aquilo ali, ou então, de repente ela não *tá* assim tão encantada, ela foi colocada ali como... sei lá... não sei os tramites legais, acho que a fundação aqui faz concurso, mas, de qualquer maneira, a pessoa pode passar no concurso e, de repente, não *tá* tão satisfeita. Isso também contribui *prá* que o museu não seja um espaço aberto, não seja um espaço divertido ou reflexivo. É igual na loja, a gente entra *numa* loja *prá* comprar uma bota. Mulher é demais com isso... Entrou na loja e olhou uma bota que você adora, se o atendente vem e fala com você: “Oi, bom dia... Olha, nós temos essa, mas nós temos de outras cores...” Você acaba se encantando e compra mais do que devia... Mas, se o atendente não fala com você, você desiste da bota e vai embora. Então, isso também funciona em qualquer setor público. E no interior, a gente tem um problema sério em relação à receptividade. Eu acho que assim, não sei se você passa por isso, mas, eu acho que no Rio as pessoas estão mais aptas a receber. Aqui, no interior, você ainda tem essa coisa do receber, mas não recebe assim como deveria. Então, a pessoa fica meio assim... Entra, vê o quadro, você vê o quadro mas ninguém discutiu o quadro com você, ninguém conversou sobre o quadro com você, ninguém falou *prá* você quem fez aquele quadro, se o artista é da cidade, se o artista não é... Existe uma placa identificando, você vai ler... Tá, mas você não quer só ler... Você quer entender aquilo, você quer discutir aquilo. Eu acho que falta isso também, eu acho que falta um pouco de preparo.

**R.O.:** Nos dias que a gente veio, só tinha uma pessoa no museu... Que é o coordenador dos eventos do museu e não da casa. Ele fica ali no museu e na casa...

**J.R.:** E aí, a pessoa tem que se desdobrar... Porque ele ficou preocupado com a casa... Porque ele não pode deixar a casa sozinha. Tem isso também, não há uma manutenção desse profissional... Não existe ninguém além daquele conjunto ali... Então, você tem que se desdobrar e fazer todo o trabalho. Isso também influencia muito, porque você acaba... fica sobrecarregado, gerando desprazer no seu espaço de trabalho e sem você conseguir alimentar um ou dois espaços, dependendo de onde você esteja. Isso acontece, infelizmente, na maioria dos setores públicos do país. Eu gostaria de dizer que isso só acontece na nossa cidade, ficaria triste de ser só aqui. Mas, se fosse só aqui, a gente diria: “Em algum momento isso vai consertar.” Mas, infelizmente, não é! É a realidade brasileira. As pessoas acumulam trabalho, no setor da cultura então, é essa coisa de você ser... Quando você trabalha com artista ou quando você trabalha com artesanato, quando você trabalha com material, qualquer tipo de material, que a pessoa vai manusear, em geral, você faz isso... Quando você chama um eletricista, um pedreiro em sua casa, você pergunta *prá* ele: “Quanto vai custar?” Mas quando você chama alguém *prá* cantar, você não pergunta quanto vai... quanto vai ser, você diz assim: “Ah, você pode cantar ali no barzinho *prá* mim?” ou então: “Você pode fazer o favor de fazer uma pecinha pra mim?” ou então: “Poxa, você faz artesanato? Ah, você vai lá em casa fazer uma bolsa *prá* mim?” É como se aquele... você não valora aquele trabalho, você não dá um valor aquilo. Você acha lindo, acha que é fantástico, mas, você não pergunta quanto é... E isso acaba gerando uma... uma... uma desvalorização do profissional... Quem trabalha na cultura também é assim! Mesmo quando não é o artista. Então: “Ah não, dá *prá* ele fazer isso daqui... Dá *prá* ele fazer isso também” “Não, mas olha, pede a ele que ele também pode fazer isso” ou ele cuida da casa, cuida do museu... Aí quando a faxineira não está, ele também varre aquele espaço e por aí vai... É bem complicado!

**R.O.:** E, com relação ao petróleo, né? Em Macaé e tudo... Como é que tá a população daqui? Qual é a visão da população daqui? Como é que tá o crescimento populacional aqui? A relação dessas pessoas que *tão* vindo *prá* cá com a cultura não tem relação nenhuma?

**J.R.:** Olha que coisa legal... Que coisa bacana de você discutir... É uma grande ilusão a indústria do petróleo no interior. Porque quando se fala de Macaé, Campos, Rio das Ostras... As pessoas tem a sensação de que são espaços milionários e que vão receber uma quantidade infinita de verba que nunca vai se acabar e que elas serão aplicadas em



seus devidos locais. Eu sei que os royalties são recebidos, sim! E que eles são em grande quantidade. Mas, em se tratando de aplicação nos espaços, eu deixo *prá* você uma grande interrogação. Porque eu, como moradora, eu não vejo essas grandes aplicações não. E a cidade de Macaé tá degradada, sim! É um desperdício, porque é uma cidade pequena. É uma cidade que tinha que ser banhada a ouro, pela quantidade de royalties que aquela cidade recebe. Ela tinha que tratar o seu morador carregando ele no colo. Não tem uma explicação *prá* cidade de Macaé ser tão degradada como ela é. Rio das Ostras não é degradada, é uma cidade linda, bem cuidada, bem tratada. Mas, que tem um crescimento populacional descontrolado. Como a gente não pode impedir que as pessoas se mudem *prá* cá, até porque se isso acontecesse eu também não poderia ter vindo – eu só sou moradora a quase quatro anos. Você recebe essa pessoa, mas sem uma estrutura, porque Rio das Ostras não *tava* preparado *pro* boom que aconteceu. Então as pessoas vieram na ilusão de que teriam emprego, na ilusão de que elas poderiam se dar bem, de que elas teriam onde trabalhar, de que os filhos teriam onde estudar e de que elas ficariam *num* El Dorado. Essa cidade não é um El Dorado se você não tem capacitação profissional. Por que? Não existem indústrias instaladas nessa cidade, as indústrias estão em Macaé e, se você não for uma mão-de-obra qualificada, não vai adiantar. Porque você vai perder quando você for fazer um concurso ou quando você for apresentar o seu curriculum *prá* contrato. A grande maioria das empresas só aceita quem fala um outro idioma além do português, em geral é o inglês; só se você tiver um curso técnico nas áreas em que eles pedem. Na maioria das vezes, se seu curriculum não for muito bom e você não for contratado, você só vai entrar através de concurso. Então, a pessoa vem com a ideia de que ela tem trabalho e ela chega aqui, ela vê que ela não é tão qualificada, que ela não vai ter onde morar – e aí ela vai *pros* bairros que são mais populosos e que ela vai cada vez mais acrescentar o número de pessoas com dificuldade financeira *prá* cidade, ela não vai gerar renda nem *prá* si, nem *prá* cidade. Vai ficar desempregada e, conseqüentemente, isso pode gerar marginalidade entre outras coisas. Isso não quer dizer que o sujeito que vem, *tá* procurando emprego, seja o sujeito que vai trazer a violência. Não é isso que eu quero dizer, mas que, quando você não tem trabalho, você não tem como se manter, você *tá* passível sim a se tornar um sujeito marginal, que vai viver à margem daquela sociedade, daquele espaço. A nossa cidade ainda tem muito *prá* crescer. Mas ela não pode continuar crescendo dessa forma. *Me* preocupa muito que a geografia da cidade não ajuda também. Porque ela cresceu... A gente tem essa rua direto, que essa principal, avenida principal e ela [a

cidade] foi crescendo do lado, do lado, do lado... Ela não se expandiu *prá* trás, porque diz que o mar desse lado e do lado de lá o espaço pequeno. Então, tudo cresceu no entorno dessa rodovia. Agora, é que as pessoas começaram a dar conta de que existem outros espaços e a gente foi alargando *pro* lado de Macaé. *Tá* quase emendando, a gente *tá* quase uma cidade só. Agora, se você for *prá* lá de dia, você vai conseguir perceber que o espaço entre a gente e Macaé já não existe mais, já estamos coladinhos já. E... O royalty vai chegar agora com muito mais força, em função do pré-sal, que a gente não viu ainda, não sabe a quanta vai andar a votação na câmara dos deputados e no senado. Se realmente vai ter uma parcela específica *prá* educação, uma parcela específica *prá* cultura que era o que a gente queria. Mas isso já são discussões até maiores e que, a gente nem vai poder discutir isso daqui agora, mas que eles já colocaram *prá* debaixo do pano. A gente viu que vai andar a passos curtos. Mas eu acho uma pena porque as empresas *tão* aqui, o pacto ambiental... o impacto ambiental *tá* aqui e a gente agora vai ter que dividir o nosso lucro com todos os outros estados, mas o impacto ambiental, a gente não vai dividir com ninguém. Ele vai ficar só nosso mar, ele vai ficar só na nossa biodiversidade, vai ficar só nas nossas populações, só no nosso crescimento de criminalidade, na nossa, entre aspas, falta de emprego mesmo, falta de trabalho.

**R.O.:** E dividindo ainda, se não inaudível<sup>152</sup> o que ficar não for bem investido também na cultura...

**J.R.:** É

**R.O.:** ...na educação, no bem-estar, né?

**J.R.:** É, e porque o royalty tem uma limitação. Ele não é uma verba que você possa aplicar em qualquer local, por isso que ele é tão perigoso. Ele existe com uma rubrica específica. Você não vai poder pagar qualquer coisa com ele. Então, isso também gera uma certa... um certo desconforto porque você não pode simplesmente dizer: “Ah, eu vou construir a escola, pagar o pessoal que está dentro daquela escola e... e comprar o material *prá* colocar lá e funcionar”. Não funciona assim. O royalty é específico *prá* construções, e determinadas construções não podem ser feitas e aí, a gente acaba meio

---

<sup>152</sup> Não foi possível compreender.

que andando... pisando em ovos. E essa determinação vai ser feita pela gestão pública, a gestão que vai determinar. Aqui em Rio das Ostras, a gente tem o orçamento participativo. Uma vez por ano, acho que é no período de agosto a setembro – não me recordo exatamente quando –, você tem a secretaria de planejamento coloca em votação o que que a população deseja que seja mais... eles já vem fazendo isso a uns três anos ou quatro anos. O que a população deseja que seja construído *pro* ano seguinte. O que a população quer que seja... a área mais... mais... como é que eu posso dizer?

**R.O.:** Mais investimentos?

**J.R.:** É, a área que seja de fato mais incentivada no ano seguinte. Eles fazem uma votação nas escolas, tem um projeto muito bacana que é o projeto de Orçamento Participativo Jovem. Eles vão nas escolas, perguntam as crianças o que é que *tá* faltando, o que que elas gostariam que fosse feito no ano seguinte, em que área elas gostariam que o dinheiro fosse aplicado, se é saúde, se é educação... E fazem isso também com a população, deixam em alguns postos da cidade *prá* você votar aonde você quer e fazem sessões abertas de votação. A votação acontece, mas nem sempre no ano aquilo que foi solicitado é concretizado porque depende da quantia em dinheiro, depende das questões todas de governo que nem convêm comentar. Mas que vai depender mesmo a quantas vai andar a gestão...

**R.O.:** Mas a população participa?

**J.R.:** Participa. Eu acredito que a cada ano isso *tá* melhorando. Nesse ano eu achei que o projeto foi às escolas, discuti com as crianças. Então, as crianças estão habituadas a falar disso e elas são multiplicadoras, porque como elas aprendem na escola elas passam isso *pros* pais. Os pais acabam se sentindo responsáveis também, porque como elas fazem a votação, então, o pai também se sente responsável por votar. Esse ano a gente teve uma participação bem bacana. *Me* lembro que quando fui votar na urna, na urna que eu fui votar tinha bastante gente. Pessoal achou bacana a ideia de participar. Porque também não adianta se sacrificar, né? Quando existe a oportunidade de você dar o seu voto, de você fazer a sua interferência, você não vai, não tenta pelo menos, “ah, não vou votar porque não vai acontecer”. Não, Você não sabe se vai acontecer porque você ainda não fez, você não foi lá, você não votou. Brasileiro tem o hábito disso, *né?* A

gente tem que tomar muito cuidado porque a gente acaba fazendo isso. “Não vou fazer porque não funciona”. Mas poxa, você não tentou! Tenta! A gente vai tentar. Tem que tentar até o último...<sup>153</sup>

**R.O.:** Você já viu funcionar alguma coisa assim?

**J.R.:** Já! Basicamente algumas coisas sim! Acho que a população dessa cidade já pediu muito a instalação da rede de esgoto. Isso é uma coisa que eles tem investido bastante nos últimos anos. Ainda não está em todos os bairros mas, *tá* melhorando. E a própria... o encanamento de água. Rio das Ostras sempre teve problema com água assim... Milênios a gente tem problema com a água. E alguns bairros já tem água fornecida pela CEDAE e isso melhorou bastante, mas ainda tem muitos bairros que definitivamente não vão ter água por agora. E ainda essa é uma das grandes solicitações da população. Mas é uma cidade pequena, é uma cidade que dá *prá* crescer com qualidade. Se a gestão pública *tiver* séria, *tiver* de fato olhando *prá* população essa cidade tem grande condições de se tornar uma cidade maravilhosa de se viver, eu sou suspeita *prá* falar porque eu sou apaixonada por Rio das Ostras. Eu acho que o que pode melhorar é só olhar direitinho *prá* população que *tá* aqui. É só cuidar direitinho de... dessas pessoas que *tão* vindo, qualificar o profissional. A gente tem uma universidade pública aqui, foi por onde eu me formei, a gente tem instituição de nível técnico em Macaé, que é pertinho. Então, tem que se qualificar, tem que estudar *prá* gente melhorar a condição de vida da população daqui e trazer benefício só *prá* cá mesmo.

**R.O.:** E você acha que essas instituições suprem a demanda do local ou ainda precisa...?

**J.R.:** Eu acho que precisa muito mais. Porque com uma população, assim... A gente acabou de fazer o censo, *né?* O censo aconteceu agora. O IBGE deve dar o resultado ainda esse ano e eu acredito que Rio das Ostras deve *tá* com mais de cento e cinco mil habitantes. Então, não supre... não vai suprir a demanda ainda. A gente precisaria de pelo menos mais cinco instituições de nível técnico *prá* gente conseguir suprir. Mas, já é alguma coisa se a população se conscientizar que tem que estudar e se os adolescentes

---

<sup>153</sup> Pequeno trecho inaudível pois ambas falam juntas.

saírem do ensino fundamental direto *prá* escola técnica e quem *tá* saindo do ensino médio fizer o vestibular já ajuda bastante. Porque o que é que tem acontecido aqui na universidade pública é que a grande maioria das vagas *tá* ficando *prá* gente que vem de fora da cidade. Porque você não tem como dizer assim: “Essa pessoa não vai concorrer”. Concorre à universidade pública qualquer pessoa do país pode concorrer. Isso aí é questão democrática! Só que, quando você vai a uma sala de aula e você pergunta quantos alunos tem – como aconteceu no meu curso de produção cultural – quantos eram da cidade e quantos eram de fora, você tem trinta e cinco alunos: cinco são da cidade, trinta são de fora. Tem uma disparidade aí que você tem que consertar... Que não vai ser a universidade que vai consertar, quem tem que consertar isso é a população. Se conscientizar de que precisa que o jovem vá lá e faça o vestibular *prá* passar, *prá* ocupar essa vaga.

**R.O.:** Vão se formar profissionais aqui e que vão sair...

**J.R.:** Exatamente! Alguns até se apaixonam pela cidade, acabam se envolvendo e ficam. Mas isso é uma regra, não é obrigado a ficar.

**R.O.:** Então, você acha que: A população da cidade, o quanto valoriza essa questão da cultura?

**J.R.:** Eu acho que a população valoriza bastante. Mas, assim... A ideia de cultura é muito diversa, ela é muito variada. Então, depende de que faixa da população a gente *tá* falando. Por exemplo: a alguns anos atrás, nós tínhamos os mega-shows. Que essa cidade sempre atraiu muitas gente *prá* cá em função de receber grandes artistas e fazer mega-shows. E aí, você dispõe de um dinheiro muito grande *prá* pagar um artista famoso e fazer um super-show e receber trinta mil, quarenta mil pessoas. Quando você fala disso, a população inteira... uma parcela muito pequena diz que não quer. A grande maioria quer. Mas eu acho e acredito, que a gente tem projetos menores muito mais fundamentais e muito mais importantes *prá* cidade. A própria escola de formação, a própria manutenção do teatro que existe, que é um teatro popular, essa concha acústica que foi construída com a intenção de receber artistas locais e não-locais também, mas com a intenção de divulgar o artista local. A gente tem uma boa galeria de arte que a gente ainda não tem, que seria fundamental a construção. Aliás, esse é um projeto que

eu alimento com o maior carinho. Algum tempo que eu venho enchendo... todo mundo, o ouvido de todo mundo que eu posso *prá* gente fazer uma campanha *prá* construir uma galeria de arte nessa cidade *prá* receber o trabalho do artista local. A própria feirinha que é um espaço onde o artesanato tem... tem... tem a sua valorização. As pessoas adoram a feirinha. A feirinha é bem visitada, tem um espaço que eu acho que as pessoas reconhecem como um espaço...

**R.O.:** E é da fundação, *né?*

**J.R.:** A feirinha foi instituída *prá* receber os artesãos daqui. Aí eles vão... Eles pagam uma taxa pequena, eu não sei qual é o valor, e ficam ali em suas barraquinhas vendendo o que eles produzem. Só vão vender o que eles produzem, aí você tem: artesanato, você tem culinária, você tem é... trabalho com tecidos, com estamparia e é muito visitada. A feirinha é visitada o ano inteiro. Nem sempre as pessoas consomem, porque tem isso também. Tem muita gente as vezes, mas as vendas nem sempre são tão grandes. As pessoas passam só *prá* ver, mas, tem muita gente frequentando. Engraçado, é um espaço que todo mundo adora. As pessoas vão *prá* comer, vão *prá* conversar, vão *prá* comprar, vão só *prá* passear. Se vai ver pessoas de todas as idades, muito bebezinho passando com pai, com mãe... A feirinha é a sensação da cidade.

**R.O.:** Aqui, onde é o museu, ia ser um teatro ao ar livre. E aí, um morador achou uma chave ou um machado, então, comentou de que isso tinha sido mapeado. Essa história você deve conhecer, *né?*

**J.R.:** Conheço. A gente teria que retirar o espaço inteiro do entorno ali e, se a gente for pensar direitinho, a gente *tá* em cima disso tudo aqui também. Nessa parte aqui, já nem tanto, como o terreno é bem arenoso, eu acredito que o mar acabe puxando isso e retirando, grande parte já deve ter levado. Mas, ali aonde *tá*, que é um pouco mais distante que aqui...Se mexer, a gente tem um grande espaço de sítio arqueológico.

**R.O.:** E aí eles resolveram que era importante preservar o sambaqui, *né?* E não fazer o teatro. Como que você vê isso, assim, como que você acha que as pessoas aqui veem isso daqui?

**J.R.:** Eu acho que as pessoas entenderam bem isso, porque outro teatro foi construído, que é o Teatro Popular. Então, as pessoas não se sentiram logradas. Porque o problema de você tirar uma coisa, deixar de construir um teatro *prá* mostrar um espaço de museu, as pessoas ficariam muito aborrecidas porque elas iam *tá* perdendo alguma coisa. Elas não perderam nada. Aquele espaço foi preservado pelo museu e o teatro foi construído. Então, acredito que a população não tenha ficado com essa sensação de: “poxa vida, podia ter construído um teatro aqui e tem um museu!”

**R.O.:** Com um monte de osso...

**J.R.:** É, com um monte de osso que a gente não sabe *prá* que que serve, ou então... Não! Acredito que não.

**R.O.:** <sup>154</sup>Fundação? Até porque o projeto do teatro era de alguém, e aí um outro alguém descobriu... que ali tem um sítio arqueológico... e aí o alguém que ia fazer.<sup>155</sup>

**J.R.:** Isso eu não tenho como te dá a informação. A gente não lidou, a gente não lida no dia-a-dia com essas pessoas. Então, não tem como a gente saber como elas reagiram. Mas, eu não sei, eu acredito que a pessoa deva ter entendido a importância disso. Porque, num quadro geral, ainda que a gente não tenha conseguido buscar essa identidade, trazer essa identidade de volta e se é que é necessário trazer essa identidade – porque eu me questiono sobre isso também – porque muitas vezes a gente fala precisa resgatar, aquela palavra que a gente detesta e não usa hoje em dia. Você precisa trazer a tona essa identidade, entender essa identidade, mas não porque você queira viver essa identidade na íntegra, mas que a gente precisa entender o passado da gente *prá* ser quem a gente é. E, a gente fica se perguntando: “Será que é tão necessário assim puxar isso?” Se a gente for puxar o passado, você não pode puxar só o passado indígena porque os pescadores tem uma história fantástica.

**R.O.:** Na verdade são os sambaqueiros.<sup>156</sup>

---

<sup>154</sup> Não foi possível compreender.

<sup>155</sup> Inaudível pois ambas falam juntas.

<sup>156</sup> Não foi possível compreender.

**J.R.:** De tudo, de tudo... Então, você vai tentar entender a história por um olhar completo. Não dá *prá* você desmembrar e entender só isso daqui. E como você pegar, um exemplo grosseiro, como se você pegar o osso de um tiranossauro, e pegar um único osso e tentar entender o conjunto inteiro. Você não vai montar uma espinha dorsal com um único osso. Há coisa muito mais a fundo. Então, eu acho que tem que ter um estudo. Eu não sei se esse estudo já começou, acho que é o desejo da fundação cada vez fazer mais, mas não tenho acesso a nenhum estudo que tenha feito isso. Mas, de entender esse processo com o passado, e esse desligamento. Porque é como se tivesse acontecido uma ruptura violenta, não sei se você que vem de fora sente isso. É como se essa cidade tivesse passado um trator por cima desse passado. A gente fez assim: “Tinha tudo, aí você colocou um barro por cima...”<sup>157</sup> Passou o barro por cima e aí você... Agora a gente vai fazer o que? A gente vai simplesmente tocar nossa vida, nós somos a cidade do progresso e *cabou*.

**J.R.:** Ou então: “Poxa, podia ser assim...” *Tá* certo que a maioria das pessoas só quer criticar e não quer construir? *Tá* certo, mas tem muita gente querendo construir. E é com essas pessoas que a gestão pública tem que contar. Aqui em Rio das Ostras você vai ouvir muito dessa coisa de gestão democrática. Você deve ter ouvido essa palavra algumas vezes. Mas aí a concretização disso no dia-a-dia não é, nem sempre é, uma gestão tão democrática, não. É uma gestão bem... bem<sup>158</sup> mesmo. Mas isso melhora, eu acho que isso vai melhorando... Nós debutamos há pouco tempo. Nós temos dezoito anos só, a gente *tá* bem recente ainda. Vai melhorar, a Mariah deve ter comentado sobre isso, porque ela fez a monografia dela sobre gestão e ela encontrou muitos entraves nesse processo de estudar a gestão.

**R.O.:** A tese documental, *né?*

**J.R.:** Aham... Difícil... E não só porque quisessem dar acesso, existem documentos que não existem, simplesmente não foram feitos ou então alguns documentos não foram guardados, outros as pessoas não conseguem ver. Por exemplo, *pra* você conseguir uma planta dessa cidade, dependendo de qual local que você quer, realmente é um mito. A gente que é da área de produção cultural tem um problema sério porque a gente é meio

---

<sup>157</sup> Parece ser interrompida

<sup>158</sup> Não foi possível compreender



mexeriqueiro, né? A gente tem que ficar enfiando o nariz em tudo quanto é lugar. Porque você trabalha com cultura, trabalha com gente, você trabalha com a manutenção dessa cultura, do espaço da cultura, com o produto cultural. Você tem que ver as pessoas, você tem que discutir com as pessoas, você tem que entender as pessoas. Então, você ouve todo mundo, você ouve a pessoa que é... o gestor, você ouve a pessoa que usufrui o espaço, você ouve a pessoa que... que o artista que vai levar o trabalho dele *praquele* espaço. Então, a gente *tá* no meio dessas conversas paralelas todas, tirando as nossas próprias conclusões do que que pode melhorar. Toma muita porrada, *tá?* Porque você quer mesmo fazer, vem preparada. Vem preparada *prá* apanhar porque a gente apanha, depois é muito bom. Engraçado que a gente fala apanhar, mas fala apanhar rindo, em nenhum momento eu falo apanhar triste não. Mas é isso... Eu acho que é isso, apesar desses problemas todos que a gente conversou, eu acho que a gente *tá* caminhando *prá* um estudo mais sério. Ainda precisa melhorar muito, muito mais detalhado esse estudo. A fundação tem que abrir mais concurso pra receber mais profissionais qualificados, profissionais com nível de formação, não só tecnológico, não só formação de nível médio, eu falo profissionais de todas as áreas. A gente ficou muito aborrecido com um concurso que aconteceu e a vaga de produtor cultural foi retirada e aí houveram algumas explicações sobre o porquê essa vaga ser retirada, mas isso não justifica, então. Seria fundamental ter produtores culturais trabalhando no espaço da fundação. Então, acho que só tem a contribuir. Fechar uma parceria com a universidade, ter historiadores dentro da própria fundação. Você tem que trocar esse conhecimento, não é um conhecimento *prá* você, *prá* você guardar, *prá* você encerrar, quanto mais gente *tiver* ali, melhor...

[J.R. e R.O. são avisadas de que o local da entrevista vai fechar.]

ANEXO E – Transcrição das filmagens - pesquisa de campo no Museu de Arqueologia  
Sambaqui da Tarioba em 06 de setembro de 2010 –Ana Luiza

TRANSCRIÇÃO de Heloísa Magalhães

**Ana Luiza:** Eu sou Ana Luiza, eu sou estudante de Produção Cultural, tô terminando agora o curso. Tô no 8º período, e moro em Rio das Ostras a 4 anos, também trabalho aqui com educação ambiental. E conheci o Museu assim que eu cheguei na cidade, né, tive curiosidade de conhecer os...

**Renata Oliveira:** E porque que você veio pra cá? Pra estudar?

**Ana Luiza:** Eu vim para estudar...

**Renata Oliveira:** Você é de onde?

**Ana Luiza:** Eu sou do interior de Minas, de Governador Valadares.

**Renata Oliveira:** E você pretende ficar aqui?

**Ana Luiza:** Não sei ainda. Tô aqui ainda trabalhando né, e não tem como eu saber. Na hora de eu fazer o mestrado dependendo, eu vou ter que sair entendeu? Então não tenho, não sei qual a perspectiva ainda né. Por enquanto eu tô aqui ainda, trabalhando nos projetos, e ou eu vou conseguir continuidade no meu trabalho aqui ou não. Ou eu vou para outro lugar, ver se eu consigo outra coisa mais interessante. Não estou presa à cidade. Mas eu gosto muito daqui. É ótimo. Então, é eu conheci os equipamentos culturais de Rio das Ostras, assim que eu cheguei, que eu sempre tive interesse em conhecer né. Não sei até que ponto, não tenho idéia nenhuma de como é a frequência aqui. Se as pessoas que moram aqui, têm algum conhecimento, se elas têm acesso, se sabem que existe, entendeu? Aí quando eu conheci, eu achei até interessante né. Uma casa que tem... é a Casa de Cultura, que tem exposições periódicas, tal. E o museu que tem, é.. um acervo muito interessante, mas que eu percebo que tem dificuldades para ser mantido. Pra fazer manutenção essas coisas. Porque realmente, exige um grande investimento naquilo pra manter. A gente vê que o acervo está começando a ter

problemas né. De decomposição, lodo, né. Os organismos, eles se apropriam também do acervo e tem que fazer uma manutenção. Não sei porque é feita a manutenção, que não é feita. Tentei em pesquisas da faculdade, a gente mapeou todos os equipamentos culturais do município e, a gente tem um pouco de dificuldade de fazer pesquisa sobre esses equipamentos como o Museu, como a Casa de Cultura.

**Renata Oliveira:** Que tipo de dificuldade?

**Ana Luiza:** De achar essas informações, como por exemplo esses documentos que você conseguiu, a gente não conseguiu. E não vejo nenhuma movimentação, das escolas aqui, nunca vi. As vezes eu passo aqui dia de semana, sempre passo aqui pra ir trabalhar, nunca vejo. Não sei como é o acesso, se tem algum trabalho conjunto com a Secretaria de Educação, né isso aí tem que procurar saber. E, o uso aqui da Casa de Cultura ele é para exposições né, exposições aleatórias na verdade. Não tem nenhuma lógica, não existe nenhum edital né, em que artistas locais, ou artistas da região possam participar para expôr suas obras aqui. Eu não sei como é a política de curadoria, de procura, de acervo para ser exposto na Casa de Cultura. Porque não existe nada como um edital público esse tipo de coisa. E, eu sinto, eu vejo também pouca divulgação do equipamento. Existe, sempre tem uma exposição nova, mas que a gente não fica sabendo por nenhum meio de comunicação do município, pelos jornais, pela televisão, pelo rádio, a gente não tem como saber. E a Casa também é usada de vez em quando para eventos internos da Fundação. Pra Festa Junina, Festa de Fim de Ano, essas coisas todas né.

**Renata Oliveira:** E, é aberto pra comunidade?

**Ana Luiza:** Em boa parte não, mas alguns eventos são, como por exemplo em 2007 teve o Encontro Latino Americano de Poetas aqui em Rio das Ostras, e teve algumas atividades aqui na Casa. Mas essas ativi.. esses eventos internos da Fundação, é só pra funcionários e alunos da Fundação. Os alunos da Fundação, são do Centro de Formação artística. E de vez em quando tem desfile de moda também.

**Renata Oliveira:** Ah, interessante. E é aberto?

**Ana Luiza:** É aberto, mas eu não sei como é esses desfiles, as vezes eu passo aqui na frente e vejo que está tendo um desfile. Vejo que cada dia está tendo uma cor diferente também na parede, não sei se isso é uma preocupação, é dentro e fora. Eu não sei como é que é, como é que vêm, a gestão do equipamento vê a questão da preservação da imagem original da Casa né, porque a Casa era do... inicialmente essa casa era usada para guardar apetrechos de pesca, guardar rede, produzir redes, essas coisas todas. Depois foi uma casa pra é.. pra armazenar sal, depois no século XX, só no século XX pelo Dr. Bento Costa Jr. né, que é o nome.. quem deu o nome pra Casa. E eu sei que na cozinha, as telhas da cozinha são feitas pelas cochas dos escravos, as outras telhas já foram todas renovadas. Isso aí é o que eu sei, não sei, não tenho certeza disso né, mas quem já trabalhou aqui, que eu conheço, que eu já tive contato, quem era da cidade já a muitos anos também, tem, me fala isso né. E, o que mais, não sei.

**Renata Oliveira:** Você não costuma vir ao Museu, assim, ou você já veio ao Museu? Quando você se mudou pra cá...

**Ana Luiza:** Quando eu me mudei pra cá eu vim, cheguei a vir outras vezes para visita, visita técnica, e tal, da faculdade. E vim outras vezes para eventos aqui. Vim para o Encontro Latino Americanos de Poetas, vim para algumas oficinas, que aqui de vez em quando tem algumas oficinas em parceria com a Secretaria de Estado de Cultura, aí eu já participei, reuniões. Aí eu venho com essa frequência.

**Renata Oliveira:** E o que que você acha desses eventos, desses cursos promovidos pela Fundação? A relação da Fundação com a comunidade como que se dá.

**Ana Luiza:** mas você tá falando só da Casa, só do Museu ou geral?

**Renata Oliveira:** Não, geral.

**Ana Luiza:** Olha, os cursos lá do Centro de Formação Artística são muito bons né. As pessoas dizem que antes era muito melhor, porque usavam métodos mais sofisticados, né, método Villa Lobos, junto com a escola Villa Lobos, né. E, mas até hoje todo mundo fala muito bem. Eu não fui aluna do Centro de Formação Artística, mas tenho amigos que estudaram lá e que gostam muito entendeu? Mas são poucos alunos diante

de toda a população da cidade, e eu fico um pouco preocupada é com a questão do acesso, do resto da população aos equipamentos culturais do município. Porque não existe uma política de uso. Quem pode usar são somente os alunos do Centro de Formação. Se um grupo de teatro independente do município, isso acontece muito, quer se apresentar no Teatro Popular de Rio das Ostras, ele tem que pagar um aluguel entendeu? E aí complica, porque é um grupo independente, que não tem patrocínio, não tem nada, não tem recurso né, já tem que se preocupar com figurino, com as aulas, com os ensaios, com espaço pra fazer os ensaios, e não tem aonde se apresentar, né, é um pouco difícil, então existe uma, uma aflição muito grande assim, pelo que eu percebo dos artistas independentes da cidade. Eles, não vêem muito espaço para utilizarem os equipamentos culturais da cidade. Achem que tinham que ter uma política melhor de uso, com editais, como vários outros municípios fazem né. Pra, pra os equipamentos também serem utilizados, apropriados pelos artistas independentes, não somente pelos alunos da Fundação.

**Renata Oliveira:** E mesmo com os alunos da Fundação, qual a frequência das atividades culturais, qual o acesso das pessoas para assistirem aos espetáculos, ou é pago? As pessoas de fora pagam entrada?

**Ana Luiza:** Não, a maior parte é de graça. A maior parte é gratuita né. Aqui na Praça São Pedro, já é tradicional da cidade, é feito o Alto de Natal, a Paixão de Cristo né. Então uma vez por ano, ocorrem esses dois espetáculos, que são grandes produções, que são feitas pela Fundação e pelos alunos. Alunos do teatro, da música, se apresentam. Eles também tem de vez em quando, antigamente tinha com mais frequência, hoje em dia não mais, é, são os festivais né, os festivais de música, os festivais de teatro, que não tem ocorrido, não ocorreram esse ano. Ano passado teve de teatro. Tem o Festival de Jazz aqui, o Festival de Jazz é um super Festival, um super evento né. Uma grande produção, é espalhado pela cidade o evento né. Até o ano passado que era o sétimo ano o ano passado, ele foi em três palcos diferentes na cidade. Dois durante a tarde, um na Lagoa do Giriri, outro na Praia da Tartaruga e o Palco principal na Costa Azul, no canto de Costa Azul, não sei se você conhece. Lá tem um espaço grande, que era um camping, e agora é um terreno que é da Prefeitura, e ocorre o Festival anualmente, sempre no feriado de Corpus Christi. É um Festival ótimo, só artistas, os melhores do mundo sabe, artistas internacionais. E na verdade está se tornando agora no Brasil, referência para

esse tipo de música. Vem gente de todo o país, vem gente de outros países também, da América Latina, para participar do Festival. São quatro dias de shows, quatro dias de festa, e a cidade lota, com um público selecionado, que é o público que gosta mesmo de Jazz. Enfim, é um festival ótimo, mas a gente só ouve jazz na cidade enquanto ele existe. Não existe nada pra pra agregar os músicos locais, entendeu?! Os músicos locais assistem mas eles não tem acesso à alguma ação continuada né, de formação pra jazz, alguma coisa assim, né. Esse evento é organizado pela Secretaria de Turismo, somente pela Secretaria de Turismo, não existe uma política pública integrada com a Fundação de Cultura, com a Secretaria de Educação, não existe isso.

**Renata Oliveira:** Ah, então, a Fundação não sabe....

**Ana Luiza:** só que a Fundação desde de 2008, ela tem participado do Festival de Jazz, mas, de uma forma limitada. Ela tem a Casa do Jazz. Que é uma casa que fica lá no mesmo terreno do palco principal, mas é que fazem a exposição de alguns artesanatos né, que são feitos pelas pessoas envolvidas com a Fundação. E é umas duas noites do Festival tem também shows de banda local, né. Só que o show da banda local, ocorre ao mesmo tempo que o show da banda principal lá no palco ao lado e não existe divulgação. Então as pessoas não vêem, quem vai assistir o show dessas bandas locais, são só os amigos, porque fica sabendo porque o cara que vai tocar é o amigo...

**Renata Oliveira:** Aí vão os amigos solidários...

**Ana Luiza:** É, então as pessoas não ficam sabendo o que que existe de música na cidade, não conseguem, não existe nada que dê visibilidade, né, pros artistas locais. E eu penso que tinha que ter também uma ação continuada né, pra além do Festival entendeu?

**Renata Oliveira:** é que teve a Mônica né, que trabalhou aqui...

**Ana Luiza:** É, a Mônica trabalhou aqui, ela foi estagiária da Fundação, ela e a Larissa Mercadante, que também é estudante de Produção Cultural. A Mônica tem o contato da Larissa, eu não tenho. A Larissa talvez seja interessante também, porque a Larissa é da cidade entendeu?! Ela cresceu aqui. Eu a Mônica, a gente tá aqui a pouco tempo. As

duas trabalharam aqui, fizeram estágio aqui na Casa de Cultura e elas tentaram muito fazer umas ações mais eficazes, mais completas, como a gente pensa a ação cultural. Mas elas tiveram muitas dificuldades porque todas as idéias que tinham não conseguiam parcerias, não conseguiam nada sabe. Tentaram fazer parceria com a Secretaria Municipal de Educação para trazer os alunos das escolas públicas pra casa, pra fazer uma visita guiada, né. Elas tentavam fazer uma ação de Educação Patrimonial assim, mais reflexiva, mais crítica sobre a história da cidade, né, pra muito além da visita com o cd passando, que não transmite muita informação. Mas não conseguiram, né, elas lutavam pra fazer essa parceria. Vê a possibilidade de fazer uma ação que não fosse pontual, que não somente a vinda da criança para o museu, mas que o professor também tivesse em sala de aula, trabalhando aquela temática entendeu? Mas tiveram muita dificuldade para executar essas atividades. Aí eu penso isso, eu acho que... eu não vejo uma boa utilização desse equipamento, dava para ser melhor divulgado. E eu acho que pra educação, o equipamento tem um grande potencial, pra ação educativa pra educação patrimonial, só que não explora muito bem, não usufrui muito bem desse potencial.

**Renata Oliveira:** E como você acha que poderia ter uma divulgação melhor aqui, como você acha que podia fazer um plano de mídia. Que tipos de mídia se poderia usar, na cidade né, pra população. A população acha importante? Ou de vez em quando vai fazer um passeio de fim de semana e vem aqui? Tem essa consciência, tem essa consciência dessa população que viveu de sambaquianos que... existe alguém com essa consciência, ou você não vê aqui na cidade?

**Ana Luiza:** Olha, eu não conheço ninguém, de boa parte das pessoas que eu conheço, elas não tem muita noção de qual é a história da cidade. Né, porque boa parte, aí já pra uma questão mais ampla até que é o desenvolvimento do município, o desenvolvimento da região na verdade, né. Que a cidade ela teve um crescimento muito rápido, e desordenado, tem gente de todo paí aqui nessa cidade, por conta da atividade do petróleo aqui na região. É, houve essa, a todo momento uma propaganda imensa que Rio das Ostras era a terra prometida, que Rio das Ostras é um lugar bom de morar, que aqui você vai encontrar um bom emprego, que aqui você vai ter qualidade de vida. Mas as pessoas vieram e elas não encontraram essa satisfação. Quem tinha qualificação conseguiu bons empregos na cadeia do petróleo, mas quem não tinha foi morar em espaços que não tinham condições de habitação. São bairros, é, existem grandes bairros

periféricos aqui da cidade, que não tem saneamento básico, não tem equipamento público adequado, não tem estrutura para por exemplo, pra se der uma chuva. É época de chuva os bairros ficam debaixo d'água, entendeu?! Como que ela tem acesso ao centro da cidade, como que ela tem acesso a básico, assim o básico pra ela.... O foco, o foco da cadeia do petróleo é Macaé né. É lá que tem a ligação direta com as plataformas né. Mas Rio das Ostras tem, é um espaço onde as pessoas, vêm pra morar, dormir. Por alguns anos ela era uma cidade dormitório praticamente. As pessoas, só dormiam aqui. Hoje em dia já tem uma dinâmica diferente. As pessoas já começaram a vir com as famílias, os filhos já estudam aqui, já vivem aqui. E aí as pessoas já começaram a chegar na cidade né, e a cidade começou a se desenvolver a partir dessa demanda né. Por muitos anos e até hoje, a gente tem muita demanda de prestação de serviço, serviços básicos, de supermercado, de banco né. A gente não tem muito estrutura pra isso, transporte né. Mas aí a partir da demanda começou a se desenvolver também essa parte de prestação de serviço, de comércio e tal. Foi criada a zona especial de negócios que é ali antes de entrar em Macaé, ainda é território de Rio das Ostras, que é um lugar que está crescendo absurdamente, assim, são a gente chama de nave gigantesca. Quando a gente passa lá, no mês seguinte já está totalmente diferente. É um espaço só pra indústria que está trabalhando diretamente com o petróleo. E lá tá meio, eu to achando meio assustador, porque está começando a abafar a zona rural do município. Né, e eles estão sofrendo bastante com isso. Porque estão sendo invadidos, tá tendo muito problema. Mas aí também a cidade tá com produção relacionada a petróleo por causa da zona especial de negócios. E também prestação de serviços para quem trabalha diretamente ligado ao petróleo.

**Renata Oliveira:** Acho que é isso, você abordou os temas principais, que eu to pesquisando.

**Ana Luiza:** Aí é o que a Adriana mandou né. Então a gente vai te passar então, que a gente fez em dois mil e... acho que foi no primeiro semestre de 2009. Não, foi segundo semestre de 2008. A gente fez um grupo da Produção Cultural que fez um mapeamento cultural do município de Rio das Ostras. Falando sobre todos os equipamentos, né. Lógico que com a nossa visão né, sem ter acesso aos dados. Então a gente fala sobre os equipamentos, sobre todas as regiões do município sabe, as regiões periféricas, as regiões de classe média, a zona rural, os acessos aos equipamentos culturais e as ações



culturais nas diferentes regiões do município. A gente fala sobre a gestão da Fundação. Foi um trabalho que a gente fez pra uma disciplina, é muito grande.

**Renata Oliveira:** Você tem ele?

**Ana Luiza:** tenho que posso te passar por e-mail.

**Renata Oliveira:** Ai que bom, eu vou ficar muito feliz

**Ana Luiza:** pode usar.

**Renata Oliveira:** é bom a gente manter esse contato que aqui só tem aqueles livrinhos né, e aí não tem gente fazendo outros trabalhos. E assim, meu olhar é diferenciado. Porque eu sou de fora, eu não moro aqui, eu não tenho nenhuma relação com Rio das Ostras né, e aí tentando contar um pouco da história da cidade. E é bom ter o olhar de fora talvez, eu acho, também, que aí eu falei....

ANEXO F – Transcrição das filmagens - pesquisa de campo no Museu de Arqueologia  
Sambaqui da Tarioba em 04 de setembro de 2010 – Regina Muniz

TRANSCRIÇÃO de Heloísa Magalhães

**Regina Muniz:** A fundação fez um excelente trabalho aqui.

**Renata Oliveira:** Tem muito tempo?

**Regina Muniz:** Foi na época do Sabino, quer dizer, tem quase seis anos do Carlos Augusto, antes tinha oitos anos do Sabino né. Então foi fundada a escola, foi fundado o Teatro Municipal, não tinha Teatro aqui. É o que mais... Tinha o Cinema de Rua que era excelente. O que mudou é que era tudo ali na praça São Pedro. Então o Cinema de Rua, o Festival de Dança, o Festival de Gastronomia. Então o que que acontecia quando era na praça? O teatro era na praça, os shows eram na praça, a população é, participava né. Quando se formou o Teatro Popular, você tem que pagar o ingresso, você tem que se vestir, você tem que... afastou a população mais humilde, então a história de formação de platéia, dançou nessa. Tirar da praça, pra um teatro, pro pro (...?...) de costa azul, levando os eventos pra lá. Mas sem dúvida a fundação fez um trabalho fabuloso aqui, tentando descobrir os artesãos, criando a casa da mulher...

**Renata Oliveira:** E o funcionamento desses, dessas outras instituições criadas assim, tem por acaso um lugar onde eles fabricam as bonecas, onde eles fabricam os instrumentos...

**Regina Muniz:** É, tem a... a parte de instrumentos eu não como está agora. Tinha a loteria, muita gente se formou ali, é, tinha ali uma sala de cinema que também acabou, e parte de artesanato, principalmente o Rocha Leão foi bem incentivado. Mas o que que aconteceu agora, existem outras instituições e associações que já estão andando sozinhas, né. Tem a Fundação<sup>159</sup> que...

**Renata Oliveira:** Mas são instituições da Fundação? Ou...

---

<sup>159</sup> Não foi possível compreender.

**Regina Muniz:** Não, não são independentes.

**Renata Oliveira:** Independentes...

**Regina Muniz:** São associações que...

**Renata Oliveira:** A Acra...

**Regina Muniz:** Tem a Acra que, tem um no Âncora muito bom, muito bom, que tá trabalhando muito bem com educação, com arte, com ... tem a Maré que tem natação e de ecologia e tal, que iincentiva fazer reciclagem, com os alunos da natação, é uma mistura de ... ela pegou o pessoal da natação e criou uma associação com esse pessoal, então... é a Maré. E tem a Casa do Artesão, que aí sim foi da prefeitura, que é lá na entrada da cidade, ali eu não sei se a associação está ligada agora à fundação. Mas ela foi crida pela fundação. Então os artistas se revezam e ficam lá<sup>160</sup>, fazendo sua arte e mostral e tal lá no ponto turístico. O carnaval aqui, ficou muito fraco, após o Carlos Augusto, proibição de ensaio de blocos e tal. Eles aproveitavam muito mais a arte e o artesanato da população para fazer a decoração da cidade e aproveitar nos blocos e tal, e agora isso tá meio caído. Então eu acho que é isso, que a Fundação também nesse momento, eu acho que não tem muita verba, então. Mas eu não posso falar bem porque eu não to lá dentro, eu não sei, posso até estar sendo leviana em falar.

**Renata Oliveira:** Assim como moradora, o que você acha, o que você vê, porque as vezes tem o discurso institucional. E efetivamente , como funciona isso, todas essas instituições que a Fundação criou, o Teatro, como efetivamente isso funciona para a população? Como a população faz uso do Museu da Tarioba. É importante pra população aquele museu? A população sabe que existe um Museu de Arqueologia?

**Regina Muniz:** As escolas incentivam os alunos a irem lá, se não me engano é... O turista não, o turista chega lá e tal, geralmente tá fechado domingo, entendeu? Tem pouca coisa pra chamar o turista pra lá. Mas a população sim, usa porque as escolas

---

<sup>160</sup> Não foi possível compreender.

incentivam os alunos a participar de peças de teatro, a ir ao teatro e ao museu. Mas tirando a escola, a população em geral não vai não.

**Renata Oliveira:** Não vai, e tudo isso também porque não tem um ...

**Regina Muniz:** não tem informação, não tem divulgação não tem é, o teatro tá meio caído também. Tem é, o Festival de Teatro, mas tirando isso as peças não são muito divulgadas. Falta muita divulgação. O acesso é muito ruim e é um lugar onde tem muita violência, assalto, roubo de carro.

**Renata Oliveira:** Onde fica o Teatro?

**Regina Muniz:** O teatro fica na Rua Amazonas.

**Renata Oliveira:** É no centro?

**Regina Muniz:** É, é no centro, em cima do, da biblioteca. Então, não tendo boas atrações e pouca segurança né, e não tem transporte, quem não tem carro...

**Renata Oliveira:** Não tem uma conversa com a prefeitura prá colocar segurança ali, pelo menos durante o espetáculo?

**Regina Muniz:** Eu não participo ali, mas eu tenho meus amigos que trabalham, que são... tem o iluminador, a pessoa do som... e... até o administrador do Teatro<sup>161</sup>, então a reclamação deles é essa.

**Renata Oliveira:** A segurança...

**Renata Oliveira:** O que tá acontecendo aqui é que<sup>162</sup>, o que tá acontecendo também, é que a Prefeitura e a Fundação não pode fazer tudo né. Então como ela ta meio caidinha, as que estão resistindo, restaurantes, bares, estão fazendo um movimento cultural. É o caso da praia, trazem artistas, agora tem a casa do blues, rock, blues e rock.

---

<sup>161</sup> Não foi possível compreender.

<sup>162</sup> Não foi possível compreender.

**Renata Oliveira:** É eu acho que eu vi.

**Regina Muniz:** Tem o <sup>163</sup>, eu que também faço alguns eventos. Tem Sarau de Poesias, Encontro de Músicos. Tem o chorinho ali aos domingos, de 15 em 15 dias. Aquele (moço?) lá, trabalha no Teatro, ele faz a parte da iluminação, é o Carlão. Então, então é isso, a população vai se virando né, como pode né, pra... porque aqui é uma cidade pequena, tão carente de eventos culturais, de diversão, que se você fizer assim a noite da pipoca, enche, porque....

**Renata Oliveira:** Porque é uma cidade turística e é estranho, deveria ter mais opção...

**Regina Muniz:** Ela é muito pouco explorada no turismo, o que tinha eram veranistas que eram muito mais interessantes do que agora os turistas.... (não meu amor, obrigada, tudo certo).... onde é que eu estava?

**Renata Oliveira:** Que era melhor quando os veranistas...

**Regina Muniz:** É, o potencial da cidade é turístico né, mas ... os restaurante não estão preparados, as pousadas não estão preparadas, o mar não é explorado. No verão te uma banana, tem um barquinho, um barco, um barquinho não, um barco que faz passeio. Uma escuna, uma escuna.

**Renata Oliveira:** Só tem uma?

**Regina Muniz:** uma escuna que faz passeio, e não tem, não tem ... a Praia da Joana, você vai não tem um quiosque, tem um quiosque caindo aos pedaços só. E também não tem acesso sabe, tem muito pouca visão de explorar isso aqui pro turista. Não tem estrutura pra ter turista. Os turistas que vêm aqui são os que não podem ir pra Cabo Frio, Búzios e Arraial do Cabo, entendeu? São de menor poder aquisitivo

**Renata Oliveira:** Então aqui são mais baratas as coisas, hospedagem, assim pra turista...

---

<sup>163</sup> Não foi possível compreender.

**Regina Muniz:** É eles alugam casa pra 20 pessoas, trazem isopor, churrasqueira e pronto. A Costa Azul tem um pouco mais de estrutura né, agora a Tocolandia, então ali tem um aluguel de bicicleta, tem que ter essas coisas...

**Renata Oliveira:** Sim

**Regina Muniz:** Os adolescentes, a criançada, tem que ter o que fazer. Ali mal tem aquele parquinho. Deus me livre! Ali da praça São Pedro. Aliás essa obra foi o ó bo bobó, horrível, descaracterizou a cidade, tiraram as árvores todas, e é um calor desgraçado ...

**Renata Oliveira:** Não fez sentido?!

**Regina Muniz:** Não fez sentido. Aquele espaço enorme pra medir a maré não funciona, fica cheio de água, com criança, um dia alguém ainda vai carir ali. Porque as crianças brincam ali, não tem função entendeu?! Um espaço enorme, calor danado porque tiraram as árvores todas e descaracterizaram a cidade, entendeu?! Eu (?), fotografado, antes, durante e agora depois, porque eu quando vi o projeto, quando vi sendo realizado, eu quase infartei, literalmente. Foi muito triste. Bom, e então tem essas coisas. Não tem mais aluguel de cavalo. Tem que ter essas coisas.

**Renata Oliveira:** Antes tinha aluguel de cavalo?

**Regina Muniz:** Tinha, antigamente tinha aluguel de cavalo. Agora nem sei se comporta mais, com o trânsito que tá a cidade, talvez lá em Cantagalo. Tem uma parte rural de Rio das Ostras que dá pra fazer isso. Mas também que ter transports pra lá, ter uma certa estrutura.

**Renata Oliveira:** Aqui é meio ruim o transporte?

**Regina Muniz:** Não tem transporte. Tem umas vans, kombi...

**Renata Oliveira:** São legalizadas?

**Regina Muniz:** São, algumas são. Mas não tem, pra eu sair daqui e ir até o mercado eu tenho que andar kilometro pra ir e voltar. Não tem, não tem transporte. Depois que fizeram a praça, foi muito interessante um negócio. A rua vinha direto, aí fizeram a praça e cortaram o fluxo de carro, então esse pedaço aqui, os turistas inicialmente chegam aqui. Porque ainda por cima o trânsito é pra lá, pra cá é contra mão...

**Renata Oliveira:** Ah é?!

**Regina Muniz:** Então quem sabe, só o morador que sabe por onde andar, por onde que chega até aqui, ou as pessoas que andam a pé. Entendeu? Ficou... nem carnaval, ali lotado e tal, a Costa Azul aqui<sup>164</sup>. Eu até gosto...

**Renata Oliveira:** Pra quem não gosta da bagunça do carnaval... mas por outro lado também pro comércio né.

**Regina Muniz:** É, eu acho que a questão do comércio... o comércio faz propaganda. Mas eu achei interessante como é que... o que aconteceu com a praça, essa praça, o que que ela fez com essa parte daqui...

**Renata Oliveira:** Uhum...

**Regina Muniz:** O que acontece. Aqui, tá tendo mais assalto...

**Renata Oliveira:** Fica mais deserto....

**Regina Muniz:** Fica mais deserto, então vira e mexe, tem assalto, de garotinho de canivete e carro e tal...

**Renata Oliveira:** Foi uma mudança na estrutura né, da cidade e tal.

**Regina Muniz:** Foi a mudança da praça...

---

<sup>164</sup> Não foi possível compreender

**Renata Oliveira:** E esse material de filmagem assim que a senhora tem, é muito pessoal ?

**Regina Muniz:** Não, eu doei pra Fundação, era Super 8, era as fotos, as coisas que eu tinha. Se transformaram em DVD. Emprestei pro pessoal da UFF, por sinal, eles fizeram uma montagem que eu mesma não gostei no final, não editaram né, montagem é... editaram, eu não gostei porque eles mesmos fizeram da cabeça deles, mas eles não sabiam o que era importante e o que não era. Então eles acharam bonitinho um cara trocando pneu, e cortaram<sup>165</sup> da cidade.

**Renata Oliveira:** Ah entendi.

**Regina Muniz:** Nessa edição, mas não é pessoal não, tá aí pra quem quiser... Vou te pegar as fotos, pra ver...

**Renata Oliveira:** Ah tá.

**Regina Muniz:** Agora o filme, eu mesma não tenho mais o filme, tá rolando por aí. O pessoal da UFF tem, e a Fundação tem.

A partir de 19:29 minutos fica incompreensível por causa do som alto.

---

<sup>165</sup> Não foi possível compreender.



ANEXO G – Transcrição das filmagens - pesquisa de campo no Museu de Arqueologia  
Sambaqui da Tarioba em 04 de setembro de 2010 – Regina Muniz

TRANSCRIÇÃO de Renata Oliveira

**Mara Fróes:** Sou Mara Moreira Fróes, aí você quer que eu me apresente o que, ex? Então eu posso dizer que eu sou uma co-idealizadora do Museu de Sítio Arqueológico Sambaqui da Tarioba porque eu tive o privilégio, acho que é um privilégio, né? Porque em 1997, de constatar que já havia sido registrado aquele sítio arqueológico tanto no município de Rio das Ostras especificando a história de Rio das Ostras, a gente vai tentando desencavar um pouco de história aqui nessa cidade, e essa cidade é um local de passagem, o espaço era um local de passagem, e eu ainda falo até hoje assim, isso em off, ainda continua um pouco. Eu vou ter que, foi você que escreveu alguma coisa sobre o museu já?

**Renata Oliveira:** Eu já escrevi, já publiquei em congresso.

**Mara Fróes:** Então foi você que falou mal a beça do trabalho?

**RO:** Não.

**MF:** Não, porque alguém falou mal a beça do trabalho.

**RO:** Não, eu só apresentei o museu...

**MF:** Vou saber com a Selma, ela vai falar, vou ligar prá ela... Não é porque agora que eu estou lembrando que alguém falou isso. Então, por acaso, nós achamos a equipe do Instituto de Arqueologia, procurei o pessoal do estado e no INEPAC, o órgão estadual de patrimônio histórico que é um órgão muito simpático, não é eficaz mas é simpático, já foi muito eficaz, poderia ser simpático mais eficaz, né? Mas como tudo o que se relaciona com a vida pública, é muito complicado, né? A coisa pública ela é boa prá você fazer grandes coisas, ela propicia você a fazer grandes coisas, por exemplo, de repente um sítio arqueológico desse fosse iniciativa privada, ele não ia existir como museu, certo? Ia ficar quieto, achamos as caveirinhas ali, fica quieto, isso aqui vale uma

grana, mas ao mesmo tempo a coisa pública foi feita também para não dar certo. É muito difícil você faz um negócio e manter aquele trabalho todo, entendeu? Em todas as instâncias, principalmente uma coisa que não está assim na, como que vou dizer... na memória, acessível ao público, você que está fazendo arqueologia, você há de convir que é uma tese difícil, até você ir em escolas, as pessoas te passam, os professores te passam, ditam as matérias, não é verdade? Porque primeiro porque é difícil explicar e segundo que ninguém tem nada in vitro<sup>166</sup> que nem a gente tem aqui. Quer dizer, as escolas aqui deveriam aproveitar à beça disso, né? E aproveitam muito pouco. A gente recebia mais visita de fora, visitaçãõ de fora, de escolas de fora, Cabo Frio, Rio de Janeiro, vem gente visitar, do que o próprio pessoal aqui da cidade, fazia pouco trabalho, eu sempre achei pouco e a gente sempre tinha guia, pessoa para direcionar. Antes de revitalizar assim, nós começamos era uma tapera, eu costumo falar que era uma tapera, parecia um... Não era nem um curral, era uma tapera mesmo, bem indígena nosso iglu, quando a gente começou aquilo ali. Porque a gente não tinha dinheiro e o Instituto na época, voltando pro estado, eu vou lembrando de um monte de coisa e vou falando, estou fazendo considerações prá você, tá? Depois você pode chegar às suas conclusões... Eu sou muito crítica, eu vou falando e lembrando das coisas que eu acho que poderiam dar mais certo. Então, esse instituto eu tinha amigos lá dentro, conhecidos, que também você tem que ter em todos os lugares prá você conseguir fazer alguma coisa, alguém simpático à causa, senão não dá certo não. Aí falou assim: Ah, tem uma pessoa que eu vou mandar lá prá você. Apareceu um senhor com uma pedra na mão, que a pedra, eu to brigando com ele até hoje porque ele ficou com ela. Ele botou num (...) <sup>167</sup> e mostra prá todo mundo: Olha aqui a pedra que eu achei. Na verdade a outra moça que achou a pedra mandou me entregar, aí ele ficou com a pedra que ele tem uma pousada. Uma coisa boba assim, entendeu? Só que um patrimônio do sítio, da municipalidade, não é dele. Só que aí o cara ele acha que é dele. Então ninguém faz nada, nem INEPAC, nem IPHAN, só ficam enchendo o saco prá fazer uma prospecção... cadê sua autorização? Você está salvando alguma coisa. Na época o Instituto Brasileiro de Arqueologia era completamente voluntário, eles não recebiam nada, hoje já não é, já não somos, como dizem... Mas na época eram voluntários que a gente também não tinha um tostão, então, por acaso apareceu o cara do instituto de Arqueologia, uma sorte porque prá ir prá lá tem que ter estrela também...

---

<sup>166</sup> Não foi possível compreender a palavra.

<sup>167</sup> Não foi possível compreender a palavra.

**RO:** Foi o professor Ondemar ou o Juber?

**MF:** Não, foi o Juber. O Juber é cedido... O Juber é funcionário da secretaria de estado 'de cultura, é funcionário do INEPAC especificamente, ele é cedido pro Capão, como o Capão é do estado, então o estado cede prá administrar então tem o Juber, tem dois funcionários do estado, tem outro lá, acho que é Antonio, se eu não me engano. Então nessa época eles eram voluntários, a gente pagava hospedagem, alimentação prá eles poderem virem fazer pesquisa. E por sorte do destino, o Juber chega lá com um mapinha na mão falando: tem dois sítios arqueológicos mapeados, tem um no Remanso que ele que tinha feito até a descoberta o próprio Juber, um sítio de cerâmica ali bem no remanso e um sítio aqui nessa aqui, dona Deolinda, é aqui atrás... Foi aquele negócio, aquela comoção... O sítio foi registrado pelo professor Ondemar. O professor Ondemar apareceu, logo depois disso. E ele veio poxa, ele veio fazer um trabalho aqui de medições na época e... prá mapear os sítios arqueológicos na costa do norte fluminense. Ele estava com essa incumbência junto com o Instituto. Ele falou que entrou pela praia, o relato dele é esse, que era bom você pegar também porque eu acho que isso não tem em livro não. Ele entrou ali pela praia, pelo Iate Clube que era um monte de terreno baldio e não tinha esse monte de construção atrás, ele entrou e chegou lá no quintal da casa de cultura que tinha uma cerquinha só, aí ele veio mapeando que tinha sítio arqueológico lá da encosta que era muito provável, você que é estudiosa, você sabe que o único morrinho que tem ali na frente é o morro do limão. Aonde é o Iate clube hoje era um morro, provavelmente esse índio... Aí do lado tem um morro, tem, um morro, tem praia aqui e praia aqui... e ele como é que ele abrigava? Lógico atrás do morro porque índio não era bobo, não tá certo? Os índios faziam os abriguinhas, eles procuravam local que tinha comida em abundância, casca em abundância, protegidos, né? Apesar de segundo Ondemar aquele sítio foi do período de abundância, era um ótimo climático. E ele considera, terminologia do Ondemar, dividiu em fases, você deve saber disso, essa época que viveu o sambaquiano era o ótimo climático. Você não tinha ventos em excesso, não tinha calor em excesso, era o éden. Então eles começaram, eles vinham voluntariamente, a gente não tinha um tostão prá começar. Eu fazia comida em casa e levava prá eles, entendeu? A gente conseguia assim, por exemplo, a casa emprestada do fulano de tal prá hospedar todo mundo, aí conseguia uma pessoa prá ir lá fazer comida, ficava na casa da cultura, a gente mesmo fazia comida, Selma Rocha que

é a presidente hoje fazia altas galinhas ao molho pardo, entendeu? Aí tinha galinhada depois e tinha a cachaçada também na hora que acabava o trabalho... Isso é brincadeira, né? Então era uma equipe assim, inclusive imensa. Eu posso dizer que foi um privilégio aqui, que foram os maiores historiadores: Lilia, que morreu, (...) <sup>168</sup> nossa querida Lilia, esqueci o nome dela, que foi mestre, bambambam de ossada no Brasil, ela sabia tudo. Ela pegava um osso e fazia assim ó: indivíduo feminino, tem aproximadamente 40 anos... Faleceu infelizmente. Eu inclusive não vejo aonde que vai chegar a arqueologia nesse país porque o curso de arqueologia acabou, agora tem integrado à História não é isso? À faculdade de História e tem arqueologia junto.

**RO:** Na história não tem arqueologia não...

**MF:** Mas você não faz arqueologia pura?

**RO:** Não, você tem que fazer uma pós-graduação.

**MF:** Isso que eu to falando, antigamente tinha Arqueologia pura. Então até acabaram com o curso de arqueologia.

**RO:** Agora tem Mestrado e Doutorado em arqueologia.

**MF:** Mas eu acho uma loucura, né? Porque o legal é o trabalho de campo. Eu inclusive falava assim: eu virei uma arqueóloga. Por quê? Eu tinha que explicar a uma população o que eu estava fazendo dentro de um monte de buraco. E era difícil, a matéria é difícil explicação, fazer a população entender que aquilo ali, que o pessoal que morava aqui antes de todo mundo tá aqui. Aí eu tava falando, a gente estudava a história, tentando ir a fundo e descobrir os grandes navegadores, todo mundo que passou aqui, quantos anos poderia ter esse município. Difícil, a gente achava três linhas assim em um livro e de repente se percebeu o grande passado que estava na sua cara, entendeu? Então optou-se na época quando eles começaram a fazer prospecção, a primeira prospecção foi uma surpresa, que eles acharam ossada, o professor Ondemar também que é um ícone desse país de arqueologia, Beltrão também veio aqui... Nossa tanta gente passou por aqui.

---

<sup>168</sup> Não foi possível compreender a palavra.

Então nós definimos na época, o Ondemar achou a melhor lógica e eu posso dizer que ele que definiu e eu fiz assim ó: tá bom, tá ótimo! Que poderia a gente fazer um museu de sítio, deixar a escavação aparente. Eu consegui na época dinheiro prá fazer uma cobertura porque eles não trabalhavam fora da cobertura, o pessoal me mata também, arqueólogo é fogo na roupa. Arrumei um capim, parecia uma tapera, o negócio começou a voar, começou a entupir ralo dos vizinhos o negócio ficou igual a um tapete mas aí vinha naquele ímpeto, né: achamos uma descoberta prá região aqui fenomenal. Sabendo que em Araruama tinha cento e tantos sítios, Saquarema tem mais não sei quantos sítios catalogados e de repente Rio das Ostras a gente faz um achado desse achando que o lugar era um local de passagem. Mesmo você pensando aque é super aprazido, não ia ter população aqui? Mas assim, nem historicamente você tinha índio que pudessem comprovar os índios daqui, né? Assim índios que estavam aqui... Você via Goitacazes ali em Campos, Tamoios prá lá e aqui a gente ficou em um local meio neutro, assim, estranho. Então isso veio comprovar tudo, né? Tinha ocupação, a ocupação vinha, acontecia aqui, aconteciam em vários lugares aqui do município, na zona rural, entendeu? Então isso foi importantíssimo prá isso. Tem um pesquisador do IAB, é diretor do IAB, de pesquisa, João Paulo Seda, nós fizemos um esforço assim brutal nosso e eu acho que acredito deles também assim, que ali o pessoal era voluntário, hoje eles não são mais. Hoje assim, se não tiver 50 mil não escava mais nada. Por que? Fizeram vigorar a Lei de Arqueologia que qualquer área que tenha sambaqui ou áreas que tenham algum interesse arqueológico tem que ter arqueólogo, se a Petrobrás vier escavar ali, tem que ter arqueólogo.

**RO:** São poucos profissionais também, né?

**MF:** Não, mas aí eu fico brincando com eles: vocês ficaram bem, né? Ganham dinheiro, não querem fazer mais nada voluntariamente. E a gente tinha um acordo entre sítio e manutenção também, por exemplo, nenhum leigo entra dentro da instalação, não pode. Então eu precisava deles na época, continua precisando de darem manutenção, então é isso que eu tava falando, a época a coisa fica complicada porque o cara está lá esperando receber e eu acho um absurdo pagar porque na realidade foi um acordo, um convênio de um instituto com uma fundação deles darem manutenção e a fundação fazer o que fez. Então tem uma coisa meio assim. Ai gente, por quê eu falei isso? Esqueci... Eu falei tanto, né? Eu começo a falar disso fico empolgada. Ah, isso, eles

ajudavam. Depois que a gente descobriu o sítio a gente montou essa primeira questão tapera aí o Prefeito passado, da gestão que a gente descobriu o sítio, falava assim: você construiu um galinheiro, você construiu um galinheiro, está parecendo um galinheiro... Porque eu arrumei umas telas prá proteger, ué, lógico, cachorro, gato... Imagina, a casa era invadida por tudo. Aí a minha filha escreveu uma monografia, ela é comunicóloga, ele fez assim... Ela achava que aquilo ali não condizia, foi até legal que ela me deu um toque, não condizia com a importância do lugar, o espaço estava mal arrumado. Na verdade a monografia dela, eu vou te dar, prá você levar e dar uma olhada, os toques dela levaram a essa reforma do sítio, por quê, o que aconteceu? Primeiro tinha que ter apelo popular porque se você está trabalhando em uma coisa pública, vocês está fazendo uma coisa e está vendo que a população não está nem aí: chegava um falava assim: desenterraram um monte de presunto aí, era muito engraçado, na época que a gente fazia a escavação chegava um e falava assim: ih, na minha casa a gente achava muita cabeça, gente! O pessoal achava que a gente estava inventando, que eu era louca e que eu estava inventando. Ou que o dono da casa era maluco e enterrou cachorro, enterrou cavalo, enterrou não sei o que... tinha gente que tava falando que era isso. Então, quer dizer, eu fui dizer que a importância do espaço físico não poderia ser tão primitivo que nem a gente fez achando que ia preservar também, por quê? Precisa a população entender também prá ganhar mais respeito. Um fenômeno foi isso, que a gente tinha um problema sério assim: entrava todo mundo da praia e o pessoal que trabalha ficava assim: ah Mara, eu não sei o que eu faço, o pessoal entra molhado, sem camisa, eu acho uma falta de respeito está pedindo, enchendo o saco... Manda fazer tabuletinha “não pode isso, não pode aquilo...”. Se eu for escutar vocês, vai ter um rastro de não pode até chegar no sítio. Tem coisa mais desagradável do que não pode? Vamos fazer uma coisa, vamos mudar o espaço, quando mudei o espaço, coisa de um ano, mandava ofício prá escola dizendo que tinha revitalizado o sítio arqueológico, que está maneiro, que está com peças novas e nesse processo a gente mapeou mais sete sítios se não me engano, por que eu contratei o IAB na época, eles foram contratados prá fazer uma geral no município todo, então eles deram uma geral no município todo.

**RO:** E existe essa documentação?

**MF:** Existe.

**RO:** Fica na Fundação?

**MF:** Tem um mapa com todos esses sítios marcados.

**RO:** Eu vi que tem no filme...

**MF:** O mapa tem Fundação, chega lá e pede, eles vão te dar... Ou eles vão te dar ou te vender... Então mapeou-se tudo e continuou o trabalho. O terreno atrás que eu sabia que era sítio arqueológico no terreno atrás, o resto foi invadido mesmo, é casa da filha do pescador, aí um pega um pedacinho, outro pega outro pedacinho... Atrás do sítio arqueológico tem um prédio. Então a gente ficou com 1/3 do sítio arqueológico que cientificamente eu posso dizer que, qual a importância desse cientificamente? Tem outros bem mais importantes. Você tem sítios assim, que faz uma cova e descobre 10 enterramentos. A gente aqui descobriu um enterramento que é raro, aquele da criança com um adulto, é raro. Na época a gente estava fazendo a obra, quando descobriu aquele enterramento a obra já mudou. Umass coisas de maluco, então você trabalhar com coisa pública é muito difícil e não pode mudar porque muda a população fala: tá levando dinheiro! Fez um aditivo na obra, é mais ou menos assim, entendeu? Então o Paulo Seda que é o diretor de pesquisa do IAB, falou assim... Eu tive uma discussão com ele em público... Ele disse: porque esse sítio não tem importância... é claro que tem muita importância! Assim, importância científica: porque tem lugares que tem sítio arqueológico, que você sabe, do porongó e do malhada que se você pegar... é o que eu tava falando, não sei quantos enterramentos, por enterramento. Agora é importante da gente ter conseguido fazer um museu, é a coisa mais importante, que você deixou vivo prá população saber que existiu uma população aqui. Em Araruama tem mais de 100 de ninguém fez nada, há pouco tempo eles criaram a casa lá, é mal direcionada.

**RO:** Aquele Museu de Arqueologia que tem lá?

**MF:** É, então quer dizer... Você conhece o de Saquarema da Lilia?

**RO:** Não, conheço o de Araruama...

**MF:** O de Saquarema é igual o nosso, assim... Mas o de Saquarema é ao ar livre mesmo.

**RO:** Mas é um museu?

**MF:** É. Os enterramentos começaram a entrar água, deu maior confusão, uma pena. Aí parece que eles iam trocar e colocar réplica dos enterramentos, o que eu tinha vontade de fazer aqui também, inclusive, eu tenho a réplica prontinha prá colocar no lugar. Eu tenho, eu falo como se eu estivesse lá... Eu tinha, porque eu já não estou mais, muito trabalho... então eu mandei fazer as réplicas idênticas, porque você preserva o objeto tirando, entendeu? Porque ali tinha vandalismo assim, que nem eu tava te falando da gente revitalizar e depois que eu revitalizei melhorou, comecei a cobrar... Foi fenomenal. Foi uma coisa assim que nunca mais ninguém entrou sem camisa, nunca mais ninguém entrou pingando. Eu não precisei colocar uma plaquinha, só comecei a cobrar R\$1,00 (um real), impressionante. Aí as pessoas começaram a mandar torpedo pro Prefeito porque tava cobrando R\$1,00 prá entrar no sítio, Aí a dificuldade de trabalhar com coisa pública.

**RO:** Agora tá R\$2,00... (risos)

**MF:** Antes de sair eu coloquei a R\$2,00. (risos)

**RO:** Estudante paga meia, né? (risos)

**MF:** Porque olha só, os velhinhos todos entram e dão carteirada, né? Infernal, gente... Vocês não sabem o que é negócio, o que foi essa lei. É lei eleitoreira, né? Porque era só melhorar o salário dos velhinhos. De quem aposenta? É só não descontar tanto o salário do cara, mas é gente! Porque olha só, você faz um espetáculo teatral, o espetáculo é R\$10,00 o velhinho paga R\$5,00, você tem um teatro com 200 lugares, você vai ter aí R\$2000,00? Nunca! Lá no sítio é assim, eles chegavam e queria pagar R\$0,50 gente. Aí foi o negócio de passar prá R\$2,00. Em qualquer lugar do mundo você vai... Eu entrei em um museu arqueológico em Portugal: nove euros pra entrar e na época o euro tava R\$3,00 eu paguei R\$27 prá entrar em um museu. E esse nosso aqui é muito mais atrativo, é muito mais de perto. Aí é o que eu falo, infelizmente o pessoal não sabe fazer



turismo, não sabe que com os R\$2,00 você faz um panfleto, te cobrar mais prá dar manutenção àquilo que a coisa pública é difícil. Em um ano o Prefeito não vota aquele orçamento porque tem dinheiro prá... aí de repente uma coisa desbarranca lá, tem que fazer uma obra ali... É difícil, entendeu?

**RO:** É eu reparei a manutenção...

**MF:** Não vai me falar de mato, heim! Não vai falar nada disso que eu falo mal disso aí, heim... Eu acho bacana te posicionar da parte política da história, de administrar um sítio arqueológico. Tava falando do próprio chefe de pesquisa falou isso, ah, da importância, o Ondemar emendou, ele falou que nunca viu na época pessoas assim tão interessadas e até o próprio Prefeito na época interessado porque eram pessoas que gostavam da história de Rio das Ostras, queriam descobrir a história, entendeu? Quer dizer, hoje se você hoje quiser fazer um roteiro turístico na cidade, o sítio arqueológico é uma princesa. Até isso colabora, mas eu acho que as pessoas dão muito pouco importância ainda pro passado. A gente está em uma cidade que de repente a importância desse sítio é muito maior do que as pessoas imaginam porque a gente está em um lugar que passa gente, Rio das Ostras continuou um lugar de passagem como eu falei no início, entendeu? Assim, o pessoal vem buscando... Uma coisa, né? Chega aqui não encontra. Eu estava falando: eu sei que desde que eu abri isso aqui tive gente do Maranhão, da Bahia, aqui trabalhando, que ficam passando. Todo mundo deixou um filho, deixou... Então é muito difícil, as pessoas passam, aí vira meio terra de ninguém. Então prá mim aquilo ali é uma referência para a comunidade, sabe? É uma grande referência. É aquela coisa assim: eu tenho passado. Não importa se é meu, se é teu, se você é descendente aqui e o mais interessante assim, é você encontrar na rua, você olhar aquele rosto que foi feito do sambaquiano, aquilo é uma réplica feita no mesmo processo da Luzia, já ouviu falar da Luzia? Então o processo que a gente fez é idêntico, a única coisa que a gente não pode estimar, que foi feito pelas características da população foi a boca e o nariz, né? Porque a cavidade você não consegue porque você não tem osso dimensionado. Então você encontra assim... Essa moça que fez esse trabalho, ela acabou de fazer, eu olhei e falei: É o Zeca Machado. E isso que foi fenomenal, o Zeca Machado é um cara daqui, um descendente daqui, negro, quer dizer, o sambaquiano não era negro, entendeu? Se o olhar é o Zeca Machado. E você vê várias pessoas aqui que nasceram na região a semelhança... exatamente. Tipo de cabeça, tipo

de estatura... Aí então a gente fala assim: ah! Eles foram dizimados, as pessoas foram também... Foram se reciclando, né? Entendeu? Daqui a pouco misturou, por exemplo, o índio, o próprio escravo quando, o negro quando veio pro Brasil, né? Eles tinham que estar encontrando essas pessoas: índios, que de repente eram sambaquianos, que de repente eram... Quando a gente fala que parou registros é porque precisa de pessoas prá pesquisar aquela parte da história, concorda? É que nem arqueologia, quer dizer, os caras estão lá até hoje nas pirâmides do Egito. E contam, você vê filme falando de arqueologia, de quantos anos, 1000 anos? E continuam... Vão ficar a vida inteira fazendo escavação no deserto, vão descobrir coisas e o passado está aí prá mostrar prá gente que ele mudou, não continua a mesma coisa... Os hábitos alimentares, estatura, aqui dos sambaquianos é um negócio fenomenal, aí tem aquelas coisinhas todas, né? Inclusive o chefe lá do museu que é o Sr. Pinheiro que você conheceu, é um perigo, né? Porque ele adora falar de história, ele tem um achismo, quando começa a falar do estreito de Bering, ele não falou prá você não??? Dos mongóis... Pinheiro, aqui é um lugar... Gente. Tem a parte que você pode dizer lúdica da história, entendeu? Você pode contar isso assim: na minha posição de leigo. Eu fico prá ele assim, ele é muito engraçado. Ele estava com um grupo lá um dia desses, e ele entusiasmado, ele gosta também, aí ele entusiasmado, estava falando do naufrágio do navio, do Wakama, aí ele estava falando: porque aí todos os coisas foram levados prá Austrália. Peraí: 1945, 1942, Segunda Guerra Mundial, domínio inglês, estava lá na Austrália, eu quero matar o Pinheiro. Pinheiro, Pinheiro... “Não, eu li, eu tenho certeza que eu li em um livro...”. África do Sul, Pinheiro, África do Sul... aí eu falei: as pessoas não perceberam mas que entende um pouquinho de história, você vai pagar mico, cara, que você tá falando? Muito engraçado. E por aí vai, né? É uma pessoa que gosta, então, até esses lugares precisam de uma pessoa que nem o Pinheiro.

**RO:** Sábado e domingo ele fica sozinho, né?

**MF:** Pois é, quantas pessoas tinham lá quando vocês foram?

**RO:** Bem poucas...

**MF:** Então, na verdade como coisa pública tem dificuldades. Funcionários... Funcionário público não quer... O Pinheiro é cargo de confiança. O funcionário público

não quer trabalhar final de semana, não quer ganhar hora extra, entendeu? Então infelizmente, como é que você mantém prá todo mundo ver um sítio aberto sábados, domingos e feriados? É complicado, esse negócio da coisa pública, você fica contratando pessoas porque os funcionários que entraram no concurso já não querem trabalhar. Um vive falando: isso é minha função? Outro falando: é minha função? Então você tem dificuldade... Incrivelmente tem o Pinheiro, que é um cargo de confiança da presidente que é um coordenador que não ganha nem tão bem prá fazer isso tudo, mas aí vai ficar sábado, domingo... E gosta. Porque se depender da coisa pública, funcionário concursado que todo mundo fala: vai ter concurso! Com concordo com tudo isso. Agora tinha que ter outras leis prá esse cara não se sentir tanto nadando de braçada. É complicado. Você tem uma loja lá, a funcionária abre quando ela quer. Se você chegar na loja está fechada. Se você quer ver as coisas da loja... E a Fundação precisa arrecadar. Com o dinheiro que ela recebe da Prefeitura não faz todos os programas dela, entendeu? Aí chega lá, a menina tem que falar: dá prá abrir? Aí você nem consegue ver o que tem lá dentro prá pedir prá abrir, entendeu? Aí vai levando. Eu vejo a dificuldade que passei, que é difícil prá caramba. Você manter essas coisas, de manter essas coisas... Por isso que você acaba tendo pessoas prá cumprir a inoperância de um, a inoperância do outro, é Prefeito que muda, é a cidade que tem uma calamidade, entendeu? Aí é que sempre pega, o dinheiro que vai prá essas coisas. O dinheiro que vai ser cortado pode ter certeza que é o dinheiro que vai prá um sítio arqueológico, que vai prá um teatro.

**RO:** Eu queria falar um pouco da criação do museu, no sentido que antes seria um teatro, de quem era esse projeto do teatro virou um museu...

**MF:** Não, menina. Menina, teatrinho assim... teatro foi uma brincadeira, não era teatro. A gente conseguiu desapropriar aquela casa, não tinha dinheiro, não se pagou a casa, entramos na marra, porque era a casa mais antiga do município e já ia ser vendida para ser um condomínio de Teresópolis, uma coisa assim. Aí a gente entrou assim, meio que... entendeu? Logo depois que a gente entrou na casa, dois meses, não sei o que, tirei uma plantinha do quintal em cima, porque tinha uma parte alta, assim mais alta no terreno, aí eu falei: Pô, aqui vai ser legal a gente fazer uma atividade final de semana, fazer um palquinho aqui, ganhou uns tijolos de cimento e meu marido é arquiteto ainda brincava comigo assim: pelo amor de Deus Mara, não vai fazer puxadinho não, vai ficar horroroso. Ele detesta puxadinho, eu adoro puxadinho. Ainda mais puxadinho que não

sabe, né, fazer? Eu ganhei, o cara ia fazer tudo, não ia passar por Prefeitura, passar por técnico nem nada. Aí tinha um garoto lá, Lé que eu falei: ô menino vem... Aí ele começou a tirar uma planta que tinha lá na frente prá botar o palco, aí ele começou a cavar um monte de concha. Foi tudo do mesmo jeito: concha, ossada, falei: gente, será que não sei o que... Aí tinha um relato de um conhecido meu que era meio parente do pessoal que morava lá: Ih, isso é cachorro do titio, titio enterrava os cachorros da titia todo aí. Mas eu fiquei com aquele negócio na cabeça, aí me aparece esse senhor da pousada, uma menino foi lá me procurar, não achou e ele falou: deixa comigo que eu vou lá entregar prá Mara que eu to com ela todo dia, um velhinho da pousada ali atrás chamada Pousada das Jaqueiras, se você falar com ele não fala meu nome, tá, que a gente tem horror mútuo por causa disso. Brincadeira, isso tá velho também. Aí ele chegou com uma lâmina de pedra deste tamanho. Era linda a pedra, é linda a pedra. Eu fico danada porque ela devia estar no sítio e não está por causa da besteira dele. Quando eu olhei eu me liguei e falei: para com esse negócio aí. Peguei a pedra, fui saber o que que era, fui para no Museu Histórico com um saco plástico com a pedra, enroladinha dentro da bolsa. Quando eu chego lá, falei: vou procurar alguém, né? Marquei horário, uma coisa, não sei o que... Quer dizer, na verdade eu tinha que ir lá pro museu da quinta, né? Mas fui parar no museu Histórico, essas coisas que acontecem, né? Quando parei no Museu Histórico tinha uma exposição lá “Arte pré indígena... nanana Brasileira”. Quando eu entro tinha uma vitrine cheia da pedra igual a minha, cheia de lâmina de machado, aí eu peguei a pedra e fiquei olhando, aí alguém falou: a senhora... – Ih! Essa pedra é minha. Depois eu falei: essa mulher tá roubando a pedra do museu? Maluca? E eu comparando porque umas tinham não se o que, outras não tinham. É tão rudimentar a pedra porque ela não tinha forquilha, coisa prá nada, era só, de dedo mesmo, você vê que eles não faziam nem, eles não eram habilidosos prá botar madeira nem nada não porque, 4000 mil anos mesmo, entendeu? Então era só aquela marca de madeira quando o cara... o batedor mesmo. Então foi assim que eu trouxe o Jubber aí começou tudo. Então na verdade o teatro não era um teatro, era um palquinho que a gente ia fazer, a gente tinha um grupo, final de semana, que a gente ia fazer, a gente não tinha... Começando um trabalho, não tinha nada nesse município, não tinha uma concha Acústica, nada. Não tinha nem um lugar pro pessoal se reunir, um coral prá ensaiar com um coral, ensaiava na igreja, era um escândalo porque as mulheres dançavam no altar, não tinha lugar. Então aconteceu isso tudo. E foi combinado o seguinte: pelo tipo de coisa que a gente estava achando, fazer uma prospecção, fazer primeiro uma

prospecção, fizemos duas prospecções no quintal todo, aí depois convencionou-se: vai ser nesse lugar aqui que é o lugar mais alto, era mais alto porque era um sambaqui, né? Tinha um morro que ia até na praia.

**RO:** Tem foto disso, como era antes?

**MF:** Ah, tem! Na Fundação tem muita foto, muita coisa. Tem muita foto assim, o terreno sem nada, só com muro, aquele prédio atrás, a tal da Tapera que eu fiz que eu te falei, entendeu? Um monte de coisa, fotografia tem um monte. Aí foi definido que ia se fazer um museu porque tinha que mostrar à população que era uma coisa que fizeram em Araruama, Araruama é completamente privado. Lilia que resolveu fazer, ela morreu logo depois, não sei nem que tá tomando conta hoje do sambaqui. Era uma doadeira o negócio dela mas era super legal, né? Se preservou assim meio restringa, bem interessante você ir lá também. Lá em Saquarema. E ninguém sabe onde é, onde fica. Não tem placa, não tem nada. Aí eu descobri assim, quando eu fui lá fui perguntando assim: sabe onde que é o sambaqui? Não sabe não. Sabe onde tem Ah, logo ali!

**RO:** Ali então no museu vocês fizeram prospecção no quintal todo ou apenas naquela parte?

**MF:** No quintal todo. Foi feito só naquele, atrás que você vê agora que foi feito depois, foi feito a partir de dois mil e... que eu consegui o cara não deixava eu entrar no terreno não. Aí eu soube que o terreno dele tava em litígio, tava com ação na justiça, o terreno tava em litígio, aí a gente conseguiu desapropriar o terreno, aí eu paguei barato no terreno, comprei o terreno e depois nós fizemos prospecção, e ali atrás, foi encontrado o mesmo material do sítio, a gente já sabia. Só que tem um trabalho geológico também interessante ali sobre a posição do rio das ostras, porque o rio das ostras mudou o curso, mudaram o curso do rio das ostras. Ele passava exatamente ali atrás da casa de cultura, entendeu? Então ele mudou a configuração de v[Arias coisas ali. E além disso esse trabalho geológico foi uma coisa muito interessante que fizeram ali também prá ilustrar aí em sua monografia foi que... foi feito um estudo ali seriíssimo de água de lastro e biologia. Água de lastro é o que fala assim, navios que vem de outros lugares e trazem moluscos, coisas no casco, infiltração e deixam nos lugares, aí eles chamam de água de lastro. E aqui, por exemplo, pesquisaram, o mexilhão aqui. O mexilhão não é oriundo

daqui, não tinha um mexilhão no sítio arqueológico. Pesquisaram e viram que o mexilhão chegou... Teve uma tese também, levaram prá Londres, foi interessantíssimo o negócio. A menina fez um trabalho no sambaqui... Foi comprovado no sambaqui aqui que o mexilhão não existia.

**RO:** Existe um trabalho sobre isso?

**MF:** Existe. Julieta Viela.

**RO:** Só mais uma coisa... o museu e a casa de cultura estão no mesmo terreno e a Fundação Administra e tem várias outras instituições: a casa de cultura, o teatro, o museu... Como que é a relação da casa de cultura com o museu?

**MF:** É a mesma instituição. O que que foi colocado? Toda vez que eu... eu fiz um esforço brutal prá separar o trabalho do sítio arqueológico da casa da cultura. Todo mundo depois falou que foi a maior burrice que eu fiz porque a casa de cultura é o lugar que as pessoas iam. Mas o sítio arqueológico é aonde? Na casa da cultura. Entendeu? A gente mesmo fazia esse trabalho... Deixa eu pegar o livro lá prá você. Entendeu? Aí fizeram o tombamento. E o museu em si não é tombado o que é tombado é o sítio, entendeu? Não tem tombamento do museu, é tombado... O museu é municipal, não tem necessidade de tombamento do museu. Ninguém vai chegar lá e meter uma picareta, entendeu? Desmanchar o museu. Aí você já tem um apelo popular prá isso. A própria importância do fato das coisas que existem lá já preserva, né? Agora tem isso, de vez em quando recebe crítica porque tá mal tratado, tá nascendo mato, mas ninguém pode entrar, então tem que esperar o arqueólogo chegar prá tirar o matinho que nasce, é um matinho que nasce, entendeu, as pessoas falam, até limo, aquele liminho que nasce ali, porque um, da terra, de vez em quando os esqueletos estão tudo verdinhos assim com limo, entendeu? Vamos embora... As meninas estão querendo me matar...

ANEXO H – Quadro de visitantes da Casa de Cultura em 2004

MÊS	INSTITUIÇÕES	PESSOAS
MAIO	5	182
JUNHO	8	275
JULHO	3	134
AGOSTO	4	148
SETEMBRO	4	128
OUTUBRO	12	196
NOVEMBRO	4	123
DEZEMBRO	1	12

ANEXO I – Quadro de visitantes da Casa de Cultura em 2005

MÊS	INSTITUIÇÕES	PESSOAS
FEVEREIRO	1	113
MARÇO	4	162
ABRIL	2	44
MAIO	4	151
JUNHO	5	151
JULHO	NÃO TEVE	NÃO TEVE
AGOSTO	3	178
SETEMBRO	5	133
OUTUBRO	2	89
NOVEMBRO	NÃO TEVE	NÃO TEVE
DEZEMBRO	3	119

ANEXO J – Quadro de visitantes da Casa de Cultura em 2006

MÊS	INSTITUIÇÕES	PESSOAS
JANEIRO	1	8
FEVEREIRO	1	27
MARÇO	6	167
ABRIL	7	159
MAIO	4	154
JUNHO	6	144
JULHO	2	68
AGOSTO	7	238
SETEMBRO	6	242
OUTUBRO	6	301
NOVEMBRO	7	252
DEZEMBRO	NÃO TEVE	NÃO TEVE



ANEXO L – Quadro de visitantes da Casa de Cultura em 2007

MÊS	INSTITUIÇÕES	PESSOAS
JANEIRO	2	90
FEVEREIRO	NÃO TEVE	NÃO TEVE
MARÇO	7	156
ABRIL	7	220
MAIO	10	255
JUNHO	7	182
JULHO	1	30
AGOSTO	5	126
SETEMBRO	2	96
OUTUBRO	3	75
NOVEMBRO	3	157
DEZEMBRO	NÃO TEVE	NÃO TEVE

ANEXO M – Quadro de visitantes da Casa de Cultura em 2008

MÊS	INSTITUIÇÕES	PESSOAS
JANEIRO	2	51
FEVEREIRO	4	61
MARÇO	2	43
ABRIL	8	200
MAIO	5	204
JUNHO	3	80
JULHO	5	127
AGOSTO	6	134
SETEMBRO	10	161
OUTUBRO	4	56
NOVEMBRO	3	100
DEZEMBRO	2	65

ANEXO N – Quadro de visitantes da Casa de Cultura em 2009

MÊS	INSTITUIÇÕES	PESSOAS
JANEIRO	5	75
FEVEREIRO	NÃO TEVE	NÃO TEVE
MARÇO	6	160
ABRIL	13	369
MAIO	6	138
JUNHO	5	107
JULHO	5	115
AGOSTO	1	5
SETEMBRO	3	39
OUTUBRO	7	136
NOVEMBRO	1	22
DEZEMBRO	2	22

ANEXO O – Quadro de visitantes da Casa de Cultura em 2010<sup>169</sup>

MÊS	INSTITUIÇÕES	PESSOAS
JANEIRO	2	47
FEVEREIRO	NÃO TEVE	NÃO TEVE
MARÇO	6	199
ABRIL	4	126
MAIO	17	474
JUNHO	2	50
JULHO	2	51
AGOSTO	5	144
SETEMBRO (Até dia 6)	2	71

ANEXO P – Quadro de visitantes do Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba


ANO	QUANTIDADE DE VISITANTES
2007	89
2008	2066
2009	1925
2010	1364

<sup>169</sup> Como esses dados foram adquiridos na pesquisa de campo dos dias 3 ao dia 7 de setembro de 2010, tenho apenas os números até essa data;

ANEXO Q – Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos

19/12/11

Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos - Impressão

<p><b>Ministério da Cultura</b></p> <p><small>Sistema Nacional de Informações Culturais - SNIC</small></p>	<p><b>Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos</b></p> <p><b>CNSA / SGPA*</b></p>	 <p><b>IPHAN</b></p> <p><small>INSTITUTO NACIONAL DE HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA</small></p> <p><b>Centro Nacional de Arqueologia - CNA</b></p>
--	--	---

- CNSA RJ00373 -

**Nome do sítio:** Sambaqui da Tarioba

**Outras designações e siglas:**

**CNSA:** RJ00373

**Município:** Casimiro de Abreu

**UF:** RJ

**Descrição sumária do sítio:**

**Sítios relacionados:**

**Comprimento:** 0m      **Largura:** 0m      **Altura máxima:** 0m      (a partir do nível do solo)

**Área:** 0m<sup>2</sup>      **Medição**       Estimada       Passo       Mapa       Instrumento

**Unidade geomorfológica:**

**Compartimento topográfico:**

**Altitude:** 0m (com relação ao nível do mar)

**Água mais próxima:**

**Distância:** 0m

**Rio:**

**Bacia:**

**Vegetação atual**

- |  |  |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Floresta ombrófila  | <input type="checkbox"/> Savana (cerrado)            |
| <input type="checkbox"/> Floresta estacional | <input type="checkbox"/> Savana-estéptica (Caatinga) |
| <input type="checkbox"/> Campinarana         | <input type="checkbox"/> Estepa                      |
| <input type="checkbox"/> Capoeira            | <b>Outra:</b>  |

**Uso atual do terreno**

- |   |  |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Atividade urbana     | <input type="checkbox"/> Pasto         |
| <input type="checkbox"/> Via pública          | <input type="checkbox"/> Plantio       |
| <input type="checkbox"/> Estrutura de fazenda | <input type="checkbox"/> Área devoluta |
| <b>Outro:</b>                                 |  |

**Propriedade da terra**       Área pública       Área privada       Área militar       Área indígena

**Outra:**

**Proteção legal**       Unid. de conservação ambiental

**Em área tombada**       Municipal       Estadual       Federal       Patrim. da humanidade

**Categoria**

- |  |  |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Unicomponencial   | <input checked="" type="checkbox"/> Pré-colonial |
| <input type="checkbox"/> Multicomponencial | <input type="checkbox"/> De contato              |
|  | <input type="checkbox"/> Histórico               |

**Tipo de sítios:** Sambaqui, berbigueiro, concheiro

**Forma:**

**Tipo de solo:**

**Estratigrafia:**

**Contexto de deposição**       Em superfície       Em profundidade

**Exposição**       Céu aberto       Abrigo sob rocha       Gruta       Submerso

Outra:

\* Em atendimento ao determinado na Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos.

**Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos\***

Sist. Nac. de Patrimônio Cultural - SNPC

- CNSA ID00373 -

Centro Nacional de Arqueologia - CNA

**Estrutura**

- Área de refugio
- De lascamento
- De Combustão  
(Fogueira, forno, fogão)
- Funerárias
- Vestígios de edificações
- Vestígios de mineração
- Alinhamento de pedras
- Manchas pretas
- Canais tipo trincheiras, valetas
- Círculos de pedra
- Estacas, buracos de Fossas
- Fossas
- Muros de terra, linhas de argila
- Palaftas
- Paliçadas
- Concentrações cerâmica - quant.:

Outras:

**Artefatos**

- Lítico lascado
- Lítico polido
- Sobre material orgânico
- Cerâmico
- Sobre concha

Outros vestígios líticos:

Material histórico:

Outros vestígios orgânicos:

Outros vestígios inorgânicos:

Arte rupestre:

 Pintura: Gravura: Ausente:**FILIAÇÃO CULTURAL**

Artefatos líticos:

Tradições:

Fases:

Complementos:

Outras atribuições:

Artefatos cerâmicos:

Tradições:

Fases:

Complementos:

Outras atribuições:

Artefatos rupestre:

Tradições:

Estilos:

Complementos:

Outras atribuições:

Datações Absolutas:

Datações Relativas:

Grau de integridade

 mais de 75% entre 25 e 75% menos de 25%

Fatores de destruição

 Erosão eólica Erosão fluvial Vandalismo Erosão pluvial Atividades agrícolas Construção de estrada Construção de moradias

Outros fatores naturais:

Outros fatores antrópicos:

Possibilidades de destruição:

Medidas para preservação:

Relevância do sítio

 Alta Média Baixa

Atividades desenvolvidas no local

 Registro Sondagem ou Corte estratigráfico Coleta de superfície Escavação de grande superfície Levantamento de grafismo rupestre

Nome do responsável pelo registro:

Data do registro: 30/12/1899

Ano do registro:

\* Em atendimento ao determinado na Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos.

**Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos\***

Sist. Nac. de Patrimônio Cultural - SNPC

- CNSA 000373 -

Centro Nacional de Arqueologia - CNA

**Nome do projeto:****Documentação produzida (quantidade)**

Mapa com sítio plotado:	0	Foto preto e branco:	0
Croqui:	0	Reprografia de imagem:	0
Planta baixa do sítio:	0	Imagem de satélite:	0
Planta baixa dos locais afetados:	0	Cópia total de arte rupestre:	0
Planta baixa de estruturas:	0	Cópia parcial de arte rupestre:	0
Perfil estratigráfico:	0	Ilustração do material:	0
Perfil topográfico:	0	Caderneta de campo:	0
Foto aérea:	0	Video / Filme:	0
Foto colorida:	0	Outra:	0

**Bibliografia****Responsável pelo preenchimento da ficha:** Rosana P. Najjar**Data:** 23/12/1997**Localização dos dados:****Atualizações:**


---

 Assinatura

\* Em atendimento ao determinado na Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos.